



SOB O VÉU DO TEMPO

THE GRAHAM SAGA 01

UM ENCONTRO
DUAS ALMAS
TRÊS SÉCULOS DE DIFERENÇA.

ANNA
BELFRAGE

cherish
BOOKS



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



SOB O VÉU DO TEMPO

THE GRAHAM SAGA 01

UM ENCONTRO
DUAS ALMAS
TRÊS SÉCULOS DE DIFERENÇA.

ANNA
BELFRAGE

cherish
BOOKS



Table of contents

1. Capa
2. Copyright
3. Sumário
4. 1. Capítulo 1
5. 2. Capítulo 2
6. 3. Capítulo 3
7. 4. Capítulo 4
8. 5. Capítulo 5
9. 6. Capítulo 6
10. 7. Capítulo 7
11. 8. Capítulo 8
12. 9. Capítulo 9
13. 10. Capítulo 10
14. 11. Capítulo 11
15. 12. Capítulo 12
16. 13. Capítulo 13
17. 14. Capítulo 14
18. 15. Capítulo 15
19. 16. Capítulo 16
20. 17. Capítulo 17
21. 18. Capítulo 18
22. 19. Capítulo 19
23. 20. Capítulo 20
24. 21. Capítulo 21
25. 22. Capítulo 22
26. 23. Capítulo 23
27. 24. Capítulo 24
28. 25. Capítulo 25
29. 26. Capítulo 26
30. 27. Capítulo 27
31. 28. Capítulo 28
32. 29. Capítulo 29
33. 30. Capítulo 30
34. 31. Capítulo 31
35. 32. Capítulo 32
36. 33. Capítulo 33
37. 34. Capítulo 34
38. 35. Capítulo 35
39. 36. Capítulo 36
40. 37. Capítulo 37

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)
3. [Contents](#)



ANNA
BELFRAGE

SOB O VÉU
DO TEMPO

THE GRAHAM SAGA 01

UM ENCONTRO
DUAS ALMAS
TRÊS SÉCULOS DE DIFERENÇA.

cherish
BOOKS



Título original: A Rip in the Veil

Copyright © 2017 por Anna Belfrage

Copyright da tradução © 2020 por Cherish Books Ltda

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicado mediante acordo com a autora.

Tradução: AJ Ventura

Preparação: Ana Flávia Bitencourt

Revisão: Evelyn Santana

Diagramação: AJ Ventura

Capa: Letícia Kartalian

Belfrage, Anna

Sob o véu no tempo/ Anna Belfrage; tradução de AJ Ventura. Rio de Janeiro: Cherish Books, 2019.

1. Ficção americana I. Ventura, AJ. II. Título.

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Cherish Books

E-mail: cherishbooksbr@gmail.com

<https://cherishbooksbr.wixsite.com/site>

Sumário

Capa

1. Capítulo 1
2. Capítulo 2
3. Capítulo 3
4. Capítulo 4
5. Capítulo 5
6. Capítulo 6
7. Capítulo 7
8. Capítulo 8
9. Capítulo 9
10. Capítulo 10
11. Capítulo 11
12. Capítulo 12
13. Capítulo 13
14. Capítulo 14
15. Capítulo 15
16. Capítulo 16
17. Capítulo 17
18. Capítulo 18
19. Capítulo 19
20. Capítulo 20
21. Capítulo 21
22. Capítulo 22
23. Capítulo 23
24. Capítulo 24
25. Capítulo 25
26. Capítulo 26
27. Capítulo 27
28. Capítulo 28
29. Capítulo 29
30. Capítulo 30
31. Capítulo 31
32. Capítulo 32
33. Capítulo 33
34. Capítulo 34
35. Capítulo 35
36. Capítulo 36
37. Capítulo 37

Nota Histórica

O rádio foi o primeiro a parar de funcionar. Houve uma explosão de estática e a tela ficou preta. As luzes do painel se apagaram uma a uma. O volante travou, o motor tossiu e a BMW parou ao lado de uma encruzilhada.

— Ei — disse Alex Lind. — Você é um carro alemão de alta classe, então não seja temperamental comigo, ok? — Ela pisou no acelerador e girou a chave algumas vezes.

— Oh, inferno! Eu não tenho tempo para isso. — Retirou a chave, limpou-a contra o jeans e a reinseriu. — Vamos, vamos lá, vamos lá...

Nada; nem um pouco de zumbido.

— Merda! — Alex bateu no volante e saiu.

À sua esquerda, o chão se elevava em ondas em direção aos pântanos, a vegetação mudando de marrom escuro para o verde e depois para o mais profundo púrpura, enquanto à sua direita a terra descia em meio a confinamentos de rochas e penhascos íngremes. Nenhum sinal de civilização, apenas a encruzilhada, muito espaço vazio e cinco ovelhas.

— Poderia ser pior — disse ela à ovelha mais próxima. Sim; um pedregulho poderia ter se desprendido do alto da encosta e descido em velocidade transformando-a em mingau. — Não que você se importe, não é?

A ovelha contraiu uma orelha.

Alex enfiou a mão no bolso e pegou seu celular, recém-adquirido.

— Viu? — Ela mostrou para as ovelhas. — As maravilhas da tecnologia.

Em algum lugar entre seus contatos estava o número da assistência. Só que o telefone dela estava tão inútil quanto seu carro, não havendo um lampejo de qualquer coisa parecida com vida eletrônica piscando em sua tela, não importando quantos botões ela pressionasse.

Isso era estranho; primeiro o carro, depois o celular. Foi o mesmo com seu laptop; morto para o mundo. Não era exatamente uma ajuda o fato de estar insuportavelmente quente também. O calor do Saara na Escócia.

Okay, isso era um exagero, mas não estava longe, com nuvens sombrias à espreita cobrindo todo o solo à vista. Ela chutou o chão,

enviando uma pequena pedra saltitante sobre o asfalto. Uma das ovelhas soltou o que parecia um som de desaprovação, mais duas seguiram o exemplo e, assim, foram embora, cinco montes de lã sujos correndo pela estrada e desaparecendo pelo campo.

— Certo.

Ela não podia ficar ali o dia todo, então abriu o capô. Até onde podia ver, não havia cabos desconectados, nada para explicar por que o carro havia parado. Alex deslizou de volta para o assento de couro e respirou fundo. Talvez o carro precisasse de um pouco de descanso, e agora, quando ela girasse a chave, ele roncaria para a vida. Nada. E ela nem conseguiu levantar o capô de novo. Lixo alemão. Da próxima vez ela pegaria um japonês.

— Eu te odeio — ela disse ao conversível quando saiu. Se ela, e em particular a apresentação em PowerPoint em seu laptop, não estivessem em Edimburgo dentro de uma hora, sua chefe provavelmente a demitiria. Provavelmente? Diane estaria em seu ouvido tão rápido que haveria marcas de derrapagem por todo o novo tapete da sala dela. Alex fez um cálculo rápido; voltar para a aldeia mais próxima levaria uma hora ou mais, mas se ela se lembrava corretamente, havia uma fazenda alguns quilômetros à frente. Pelo menos eles teriam um telefone funcionando.

Uma gota de chuva desabou sobre o metal quente ao lado dela, seguido por várias outras. Havia um pequeno grupo de árvores no lado oposto da encruzilhada, e quando a chuva aumentou de intensidade, Alex vestiu a jaqueta, tirou a mochila do banco da frente e dirigiu-se para os amieiros atrofiados.

Ela nunca chegou ao outro lado. Uma pontada de dor — a mãe de todas as dores de cabeça — fez com que ela parasse, piscando em um esforço para aliviar a pressão crescente atrás de seus olhos. Os cotovelos e a nuca arrepriaram-se, ela sentiu-se tonta e enjoada, como nas poucas vezes em que experimentou a montanha-russa em Blackpool. Devia ser o calor, esse maldito calor que a fazia suar como um pedaço de queijo Cheddar deixado ao sol. O primeiro trovão a fez estremecer. O ar tinha gosto de ferro e sal, e seu coração era como um martelo contra suas costelas.

A estrada parecia estar se movendo sob seus pés, uma massa inconstante de cores que rodopiavam em espirais apertadas em direção ao centro da encruzilhada. Alucinações de calor; ela fechou os olhos por um instante antes de se deixar cair sobre o reconfortante asfalto. Não estava lá. A pista desapareceu diante de seus olhos, substituída por estranhas faixas verdes e azuis, que ondulavam e giravam em torno de seus pés, arrastando-a na direção de um... buraco?

Com um som estridente, um enorme funil se abriu a seus pés,

derramando luz tão brilhante que machucou seus olhos. E o barulho! O arranhar que parecia com riscas de giz sobre um quadro-negro aumentou um zilhão de vezes. Alex ergueu os braços para proteger o rosto e tentou recuar, mas a estrada desintegrou-se abaixo dela e a fez deslizar para lá e para cá, como uma patinadora bêbada num declive de gelo. Merda! O que estava acontecendo? Um terremoto? Nenhum terremoto, apenas um... um... Alex gritou, recuando da beira do vazio em rápida expansão.

O próximo trovão a lançou contra toda aquela luz, e por um instante ou dois ela ficou suspensa, antes de bater no chão com tanta força que sentiu que perdia o fôlego. Os céus se abriram e, em questão de segundos, ela ficou encharcada. Ela estava atordoada, olhando para o raio que iluminava o céu. Seu cabelo estava eriçado de eletricidade estática, e seus braços e pernas pesavam muito, quase se separando do resto de seu corpo. Ela tentou mover a mão e viu os dedos enlameados se contraírem em resposta. Lama? Ela testou com seus pés. Que estranho; não havia buraco, não havia luz ofuscante e definitivamente não havia asfalto, apenas uma estreita estrada de terra.

O trovão rugiu alto, e Alex gemeu quando atravessou o caminho lamacento, indo até a encosta. Não tinha ideia de onde estava indo, só que tinha que... a estrada, era perigoso ficar na estrada. Um raio relampejou pelo céu diretamente acima de sua cabeça. Ela gritou por seu pai quando a corrente percorreu seu corpo, levantou-a no ar e a arremessou colina acima, onde a cabeça de Alex bateu com toda a força contra o chão.



— ISSO É INACEITÁVEL — disse Diego Sanderson, franzindo a testa para John Orrock e Diane Wilson. — Eu vim de longe para esta reunião.

— Eu sinto muito, Sr. Sanderson. — Diane parecia confusa, a pele pálida em seu peito e pescoço se manchando em tons de vermelho.

John foi até a janela, olhando através da cortina de chuva para a rua congestionada bem abaixo. Alex deveria estar ali agora. Ele tentou telefonar para ela de novo, ciente dos olhos de seu cliente fixos nas costas dele. Nada.

— Hã. Então, onde ela está? — Sanderson recostou-se, sua grande estatura parecendo apertada na elegante poltrona de madeira.

Boa pergunta; onde ela estava? Não deveria ter levado mais do que duas horas para atravessar os pântanos, e agora — John lançou um olhar para o relógio — passaram-se quase quatro horas desde que ele ouvira notícias dela, assim que saiu de Moffat.

— Ela pode ter tido problemas com o carro. — Diane parecia

genuinamente preocupada, uma bochecha sugada para dentro. Isso surpreendeu John. Diane e Alex se toleravam devido ao benefício mútuo, mas não mais que isso. Alex precisou dos trabalhos que Diane colocou em seu caminho para voltar aos trilhos depois de uma ausência inexplicada três anos atrás, e Diane conhecia potencial quando via. Ainda assim, elas tinham sido amigas — melhores amigas, até — e ele supunha que de vez em quando, ambas sentiam falta uma da outra.

— Se ela está tendo problemas com o carro, ela ficará presa por algum tempo — disse Sanderson. — Veja como a chuva está caindo. Não parece que vai parar tão cedo.

John ficou de pé.

— Eu vou procurá-la, algo deve ter acontecido.

— Sim; ela pode ter se afogado — Sanderson murmurou.

John lançou lhe um olhar sombrio; isso não era engraçado.

Sanderson levantou-se.

— Eu irei com você. Afinal, sem ela não há sentido ter essa reunião, não é?

— Realmente, senhor Sanderson — disse Diane —, você não precisa fazer isso. Deixe-me convidá-lo para jantar, em vez disso.

Sanderson sacudiu a cabeça.

— Eu vou com John. Essa sua consultora está viajando por aí com minha nova rede de segurança em seu laptop e planejo garantir que ela não esteja danificada.

John franziu a testa.

— Eu posso cuidar disso sozinho, eu acho.

— Eu vou com você — Sanderson insistiu, olhando John.

— Tudo bem. — John encolheu os ombros. — Eu só tenho que ligar para a babá primeiro.

Eles ficaram em silêncio no caminho para o sul. Sanderson pedira que parassem em seu hotel, perto de Grassmarket, e agora vestia jeans e *Timberlands*. Ele estudou a paisagem com uma expressão de desagrado.

— Desolador, não é? Muito espaço, sabe? — Ele fez uma careta. — Prefiro mil vezes uma cidade do interior de Chicago.

Eles subiram uma pequena colina e na frente deles a estrada seguia em linha reta. Nenhuma curva fechada, nenhum obstáculo, apenas uma linha preta de asfalto que dividia a paisagem ao redor deles como se tivesse sido desenhada com a ajuda de uma régua.

Estava ficando escuro e a chuva continuava caindo, mas agora em um ritmo relaxante. As nuvens pendiam muito perto do chão e, mesmo com o ar-condicionado ligado, o calor filtrava-se pelo chassi de metal do carro.

— Nossa, está quente. — Sanderson se abanou com um mapa,

grunhindo quando John freou.

— Esse é o carro dela! — John apontou para uma forma vermelha parada no meio da colina. Ele se jogou para fora do carro, atravessando a rua. — Alex? Alex! — ele gritou, subindo a encosta. — O que o carro está fazendo aqui, a quase vinte metros da estrada?

— Talvez ela tenha calculado mal e acabado aí — disse Sanderson atrás dele.

— Alex é uma excelente motorista, e mesmo que tenha deixado o carro, isso é muito íngreme. Ela não teria chegado tão longe.

Sanderson pareceu concordar, estreitando os olhos enquanto examinava a vegetação.

— Nenhuma marca de pneu, nada. É como se o carro tivesse sido jogado aqui.

O conversível estava vazio, a chave, ainda na ignição. O rosto de Sanderson empalideceu quando ele colocou a mão no assento de couro.

— Está seco.

John não entendeu a princípio, mas se inclinou para tocar o encosto. Seco.

— Mas não pode ser, está chovendo a tarde toda. Ainda está chovendo.

— Não aqui, não aqui onde o carro está — disse Sanderson.

John ficou arrepiado e aproximou-se de Sanderson.

— Como?

— Eu não sei — disse Sanderson, o rosto ficando corado. — Como diabos eu deveria saber?

Sanderson cambaleou a poucos metros do carro. Ele parecia doente, todo o corpo balançando.

— Parece meio encenado, você não acha? — ele disse.

— Encenado? Como encenado? Ela sofreu um acidente.

— Okay, certo; olhe para isto. Não há um arranhão na pintura, não há nada fora de lugar...

Sanderson parecia prestes a desmaiar, o suor se acumulava no lábio superior e na testa, e ele se abraçou, meio curvado como se estivesse com dor.

— Você está bem? — John se moveu para ele.

— Temos que ir. — Sanderson agarrou o braço de John. — Chame a polícia e peça que procurem por ela, mas temos que ir.

John se soltou.

— Agora que estamos aqui, podemos muito bem procurá-la. Ela deve estar em algum lugar por perto, talvez esteja ferida. — Ele lançou um olhar preocupado para Sanderson; o homem parecia prestes a desmoronar. — Por que você não se senta?

Sanderson sacudiu a cabeça.

— Estou apenas um pouco tonto, pode ser *jetlag* ou algo assim. — Ele se endireitou, soltou os braços de sua cintura. — Estou bem — sua declaração soou muito em desacordo com seu rosto cinza. — Vamos seguir em frente, ok?

Eles procuraram por toda parte por ela. A garganta de John estava doendo de chamar seu nome, seus jeans estavam molhados até os joelhos depois de se enfiar no meio da vegetação, entre samambaias encharcadas, mas ele simplesmente não conseguia parar de procurar. Ela tinha que estar ali em algum lugar. A certa altura, Sanderson levantou uma mochila.

— Dela? Está muito queimada... parece que o zíper se fundiu.

John afundou no chão, segurando a mochila preta do laptop. Sanderson se agachou ao lado dele e escondeu a cabeça entre as mãos por um momento antes de levantar o rosto na direção de John.

— É perigoso aqui — disse ele, levantando-se de novo. — Temos de ir. Agora!

— Quão perigoso?

— Apenas é, ok? Você não vê como o chão todo está pulsando?

— Não — John bufou —, é claro que não está.

— Que fedor! — Sanderson saltou pela encosta.

John inspirou surpreso ao notar que Sanderson estava certo. Um fedor de metal torcido e queimado, de pneus queimando, pairava no ar.

— Além disso, você nunca a encontrará — gritou Sanderson da estrada. — Ela se foi.

— Se foi? Ela não se foi. — John se arrepiou.

— Claro que sim! Como se fosse aquela maldita mãe dela. *Ay, ¡Dios mío!* — ele gemeu e se encolheu, as mãos pressionadas contra os lados da cabeça.

— Mercedes? Você conhece Mercedes?

— Não, eu nunca tive o prazer. Ela meio que desapareceu antes que eu tivesse a oportunidade de conhecê-la. Oh, Jesus, você viu isso? — Sanderson apontou para o céu escuro e ondulante. John olhou das nuvens de volta para Sanderson.

— Com medo de trovão? — John não pôde evitar a provocação.

— Sim. Sim! Isso me assusta pra cacete. Agora podemos, por favor, ir embora?

John franziu a testa para onde Sanderson estava de pé. Algo estava acontecendo na estrada, que ondulava sob os pés dele. Ele piscou algumas vezes.

— Eu tenho que encontrá-la — disse ele, aliviado ao ver que a estrada parecia normal novamente. O primeiro estrondo de trovão cruzou o vale e Sanderson saltou.

— Podemos voltar mais tarde, mas agora vamos, por favor, ok? —

Havia um tom frenético em sua voz, e John teve pena dele.

Sanderson só chegou à metade do morro antes da tempestade começar. Nenhuma chuva, só trovão e relâmpago, que era um branco austero contra o pano de fundo negro das nuvens. Sanderson xingou, chutou algo que John não podia ver. Com um som esganiçado, a estrada se abriu, a luz brilhante subindo. Sanderson gritou quando foi puxado para o abismo. Ele agarrou-se à borda, uivando. John correu o mais rápido que pôde, mas antes que ele pudesse alcançá-lo, Sanderson foi sugado, ainda gritando. Com um barulho, o buraco se fechou, as reverberações derrubando John.

Durante os próximos minutos, ele esperou, incapaz de se mover enquanto o chão se agitava, pedras e pedregulhos rolando e saltando ao redor dele. Assim que a chuva começou a cair, o ar se aquietou e John se sentou. O carro dele estava onde ele havia deixado, o BMW ainda estava na metade do morro, e a encruzilhada estava exatamente como sempre fora, o asfalto escuro pela chuva. A encosta da colina estava pungente e pacífica ao seu redor, mas de Alex e de Sanderson não havia vestígios. Nenhum sinal.

Matthew Graham tropeçou em seus pés. Deus do Céu! Os repetidos trovões o haviam jogado no chão, perto de desmaiá-lo. Ainda assim, tudo parecia estar funcionando bem, embora ele sentisse o gosto de sangue em sua boca.

Ele virou o rosto para a chuva, aliviado que o calor incomum dos últimos dias tivesse sido interrompido. O ar ainda cheirava a poeira e muito sol, mas agora havia também o cheiro fresco de água, terra úmida e samambaia molhada. Ele esfregou os pulsos, passando os dedos pelas cicatrizes visíveis que rodeavam os dois. Em casa, ele estava em casa, e as semanas olhando por cima do ombro enquanto seguia para o norte haviam acabado. Ali ele estava seguro, capaz de desaparecer entre os pântanos e as colinas da Escócia, de modo a dificultar a sua captura. Isso quase o fez sorrir. Quase.

Procurou seus poucos pertences, ajeitou o rolo no ombro e ficou parado por um tempo, orientando-se. Mais acima na encosta, descobriu uma mancha escura contra a vegetação encharcada. Uma caverna, sem dúvida pequena e úmida, mas muito melhor do que passar uma noite no chão encharcado.

Ele parou ao som de pássaros. Grandes e negros, eles batiam asas e grasnavam, brigando por algo que estava mais abaixo na encosta. Uma ovelha morta? Um pássaro pousou no chão, houve um grito estridente — definitivamente humano — e Matthew alongou seu passo, gritando para que desaparecessem.

Era uma mulher; estava de bruços, com um braço preso abaixo dela, o outro estendido ao seu lado. Ele se agachou, sem saber o que fazer. Ela estava de mau jeito, um pé chamuscado ao redor do tornozelo e até os dedos dos pés. Na testa dela havia uma contusão feia, de onde o sangue escorria lentamente.

Devido a forma como respirava, cada inalação interrompida por um gemido de protesto, ele suspeitou que ela deveria ter caído sobre as costelas. Ele olhou para a estrada, mediu a distância com os olhos. Ela tinha sido jogada tão longe pela tempestade? Ele não conseguia pensar em nenhum outro motivo para uma moça estar deitada ali na relva, sozinha.

O pensamento o deixou em paz, e ele passou alguns momentos tensos inspecionando o que podia ver da encosta da colina, à procura

de possíveis companheiros. Nada. Ele mordeu o lábio. Uma mulher viajando sozinha era muito incomum, e ali, na charneca vazia com quilômetros e quilômetros até a fazenda mais próxima, não era apenas incomum, era intrigante — como toda a sua aparência. Ele estudou as pernas dela; o que ela estava vestindo? A mulher soltou um som baixo e gutural. Com a cabeça erguida a mais ou menos meio centímetro do chão, os olhos se abriram. Olhos azuis brilhantes tentaram se concentrar antes de fechar novamente.

— Você pode ficar em pé, então? — Ele balançou seu ombro. Os olhos dela se abriram, uma ruga aparecendo entre as sobrancelhas. A mulher levantou a cabeça e olhou para ele, um soluço escapando quando ela respirou fundo.

— Oh, merda! — ela disse.

Matthew recuou.

Ela piscou.

— Pelo menos não é laranja — disse ela, acenando com a mão na direção de sua camisa.

Laranja?

Ele inclinou a cabeça.

— Você sabe — ela continuou, dando-lhe um leve sorriso. — Como aquelas pessoas Hare Krishna.

Ele não tinha ideia do que ela estava falando, mas assentiu da mesma forma. O olhar dela permaneceu em seus calções, suas pernas e pés nus, passou por seus pertences, voltou para suas calças e se fixou em sua camisa.

— Quem é você?

Ele não tinha intenção de dizer a ela, pelo menos não ainda, então murmurou algo ininteligível. Apesar de um sotaque estranho, a mulher falava inglês bem o suficiente, não escocês, mas o que ela quis dizer com o comentário sobre a camisa dele? E por que ela estava boquiaberta com ele como se nunca tivesse visto um homem normalmente vestido antes? Para ser justo, ele parecia um pouco mal-ajambrado. A camisa era velha e os calções eram os que ele havia roubado de um vaqueiro há algumas semanas, mas pelo menos as duas roupas estavam inteiras e razoavelmente limpas. A mulher sentou-se rápido demais, gemeu e agarrou suas costelas. Ela vomitou, ficando de quatro.

— Jesus — disse ela, fazendo-o contorcer o rosto por seu uso descuidado do nome de nosso Senhor. — O que aconteceu comigo?

— Parece que você foi atingida por um raio.

Ela olhou para o pé queimado, virou a cabeça para o lado e vomitou.

— Meus sapatos — ela disse —, onde estão meus sapatos?

— Não aqui.

Ela lutou para se sentar.

— Eu acho que me lembro de muito barulho, muita luz, e então acordei de cara no chão.

Ele assentiu e ajudou-a a se levantar, com um braço em volta da cintura para mantê-la em pé. Ela se inclinou contra ele e vomitou de novo sobre seus pés.

— Sinto muito — ela sussurrou depois. — Não pude evitar.

— Não importa, mas temos que sair dessa chuva. Você está com frio e precisa se deitar. Lá em cima. — Ele sacudiu a cabeça na direção da caverna.

— Talvez devêssemos pedir ajuda. — Ela deslizou a mão em uma fenda em suas calças estranhas.

— Aqui? — Ele quase riu. — Quem nos ouviria?

E, além disso, ele não tinha intenção de fazer nada para atrair atenção. Ele estudou o objeto vermelho brilhante que ela tinha em mãos.

— É novo — disse ela, pegando seu olhar.

— Ah. — Ele balançou a cabeça, os olhos no invólucro de metal brilhante. Uma caixa esmaltada, mas qual seria o propósito disso? Ela olhou para o objeto e fez uma careta.

— As coisas nunca funcionam quando você realmente precisa, não é? — Ela empurrou-a para fora da vista dele.

Com sua ajuda, ela caminhou mancando pela encosta da colina e, quando chegaram à caverna, ela estava tremendo de esforço. Ele a abaixou para se sentar, e ela murmurou seu agradecimento.

— Você estava na estrada também?

— Sim. — Ele não conseguia parar de olhar para as pernas dela. Nenhuma anágua, nenhuma saia de cobertura, apenas aquelas estranhas calças compridas, apertadas em torno de coxas bem formadas e uma bunda redonda e firme. Cristo em sua glória! Ele não tinha estado tão perto de uma mulher em vários anos, e seu sangue correu através dele, deixando-o pouco à vontade e exultante ao mesmo tempo. De onde ela era, para se vestir de uma forma tão imodesta? Ele cingiria qualquer mulher antes de permitir que ela se expusesse.

— O que foi? — ela exigiu. — Eu pareço estranha? Eu estou toda verde?

Ele abafou uma risada.

— Você parece muito estranha, mas não, você não está verde.

— Bem, graças a Deus por isso, eu odiaria ter me transformado em um sapo ou algo assim.

— Um sapo? — Ele balançou a cabeça. — Você não se parece com nenhum sapo que eu tenha visto.

Um sorriso cintilou em seu rosto, segurou por um ou dois segundos

antes de se tornar uma careta. Ela levantou a mão para a testa.

— Minha cabeça está me matando.

Ela fechou os olhos.



ALEX DESCANSOU de volta contra a parede da caverna e se concentrou em respirar sem sentir dor. Ela o estudou sob os cílios, irritada ao descobrir que ele voltava a olhar boquiaberto para ela. Qual era o problema com ele? Ele nunca tinha visto uma mulher de jeans antes? Ela olhou de perto para ele. Alto, largo nos ombros e no peito, mas magro e com uma palidez subjacente em sua pele — como se estivesse doente, apenas recentemente tendo permissão para sair da cama. Seu cabelo estava cortado excessivamente curto, exceto na parte de trás, onde alguns fios ainda pendiam, suas bochechas estavam cobertas por uma barba escura e desgrenhada, como a que Magnus, seu pai, ostentaria no final de suas férias de verão — até aí nada de alarmante. Sua camisa, no entanto... Roupa usada que amarrava a frente, remendada nos punhos — tudo isso costurado à mão.

Talvez sua namorada a tenha feito para ele, ou talvez as pessoas da *New Age* acreditassem em fazer tudo do zero. Se fosse esse o caso, precisavam de uma urgente atualização de moda. Ela se moveu, raspou o pé contra o chão rochoso e estremeceu.

— Tudo bem se eu tocar em você? — ele disse. — Pode aliviar um pouco se eu lavar o sangue.

— Claro, vá em frente, toque em tudo o que quiser. — Bem, dentro dos limites do aceitável.

Ele olhou para ela com uma expressão hesitante.

— Tudo que eu quiser?

Ela fez um grande esforço para olhá-lo diretamente nos olhos, apesar do fato de que ela podia ver dois — não, três — dele.

— Ajude-me, eu não estou me sentindo muito bem. — Ela virou a cabeça para o lado e vomitou, mas desta vez era apenas bile amarela viscosa que queimava sua garganta. — Droga — disse ela depois, mantendo os olhos fechados para impedir que o mundo inteiro girasse. — Eu devo ter batido minha cabeça muito forte.

Ele passou um bom tempo próximo dela, perto o suficiente para que ela pudesse sentir o cheiro dele, e cheirava a suor e homem sujo. Ela franziu o nariz. Eca! Que tal um pouco de sabão?

— O quê? — ele disse. — Eu machuquei você?

— Não, estou bem. — Ela não estava; seu cérebro estava batendo contra o crânio, a pele lacerada na testa coçava, as costelas estavam usando os pulmões como uma almofada de alfinetes e o pé... não, melhor não pensar no pé, porque parecia absolutamente horrível, com

bolhas como um grilhão em volta do tornozelo e todo o caminho até os dedos dos pés. Ela experimentou flexioná-los. Doeu mais do que antes.

Ele derramou mais um pouco de água no pano que estava usando e enxugou o rosto. Ela gostou disso, abrindo os olhos para sorrir, em agradecimento. Ele sorriu de volta, os dentes brilhando de um branco surpreendente contra a escuridão de sua barba. Ele se sentou sobre as coxas, uma expressão preocupada no rosto.

— O que foi? — Ela precisava de pontos? Porque ela realmente odiava as agulhas.

— Suas costelas, eu tenho que fazer algo sobre elas.

— Como o quê?

— Envolver com uma bandagem, para que você não as mexa muito.

— Você já fez isso antes?

— Algumas vezes.

— Oh, então você é médico?

— Médico? — Ele riu. — Não, moça, eu não sou médico. Mas ajustar costelas não é grande coisa, é?

— É, quando são as minhas. — Ela mudou de posição. — Não vai doer, vai?

— Não, mas eu vou ter que... tirar... bem, você precisa... a camisa, sim?

— A camisa?

— Bem, você tem que tirá-la.

— Oh.

De onde esse homem veio?

— Tudo bem; você não será o primeiro a me ver seminua.

Ele parecia tão chocado que ela riu, mas a dor que atingiu a lateral do seu corpo a fez ofegar imediatamente.

Ele puxou sua bolsa para perto e remexeu nela, murmurando algo sobre ter que encontrar algo para enfaixar suas costelas. Finalmente ele extraiu o que parecia ser um trapo e começou a rasgá-lo em tiras.

Ele foi muito cuidadoso quando a ajudou a tirar a jaqueta e a blusa, e ao ver o sutiã, seus olhos se arregalaram, mas ele não disse nada. Ela sentou-se para que ele pudesse envolver os comprimentos rasgados de pano em volta dela. Suas expirações fizeram cócegas em sua pele, e ela respirou brevemente, olhando para frente enquanto as mãos grandes e capazes trabalhavam ao redor de seu torso, um toque gentil que enviou arrepios surpreendentes e bem indesejáveis de calor através de seu corpo.

Ela estava ciente dos olhos dele em sua pele, em seu pescoço, mas principalmente nos olhares rápidos que voltavam frequentemente para o sutiã de renda vermelha com bege que segurava seus seios e os

mantinha empinados. Ela endireitou-se, ombros puxados para trás. Ela olhou para ele, encontrou seus olhos e desviou o olhar.

— O que é isso? — Ele colocou um dedo na cinta de cetim.

Impossível; homens que não tinham visto um sutiã não existiam — não de onde ela vinha.

— É um sutiã.

— Um sutiã — ele repetiu, traçando-a em torno de seu dedo. Ela recuou, fazendo os dois ofegarem.

— Minhas desculpas. — Ele levantou as mãos em um gesto conciliador. — Eu não deveria... pronto, agora está feito.

Ele lhe deu a camisa e desviou os olhos enquanto ela lutava para colocá-la de volta.

Alex fechou os olhos, tentando encontrar um rótulo para identificar aquele homem estranho. Fazendeiro de cabra isolado? Recluso? Talvez ele fosse um *Quaker* ortodoxo — extremamente ortodoxo —, ou talvez os *Amish* tivessem criado uma pequena colônia ali no deserto escocês.

Seus pensamentos se desviaram; ela se perguntou onde seu laptop poderia estar, pensou em rastejar para procurá-lo, mas não conseguiu encontrar a energia. A reunião! Mas que inferno, a reunião! E Isaac, ela deveria pegá-lo antes das cinco hoje. Certo, ela tinha que, sim, ela tinha que... o quê? Caminhar? Com um pé que parecia um pedaço de carne de porco assada? Ela caiu contra a parede.

Não; fique aqui. Sim, apenas... descanse, fique quieta. John resolverá tudo. John viria e a encontraria. Claro que sim.



ESTAVA FICANDO ESCURO. A mulher estava tremendo e, depois de cobri-la com um de seus cobertores puídos, ele desapareceu na noite. Tudo estava molhado, e ele teve que ir muito longe antes de encontrar madeira seca o suficiente para tentar atear fogo. Quando ele mergulhou de volta na caverna, ela parecia estar dormindo, com a cabeça pendendo para o lado. Ele se atrapalhou com a pederneira e se ajoelhou para acender o fogo, pequenas faíscas voaram do aço com pouco ou nenhum efeito. Fagulhas de fumaça fraca se soltaram e desapareceram, mas nenhuma chama pegou fogo, e Matthew emituiu uma sequência longa e colorida de imprecações em voz baixa, um olhar preocupado na direção da mulher. Seus olhos estavam bem abertos.

— O que você está fazendo? — Seu olhar derivou da madeira empilhada para a pedra e aço em suas mãos.

— Estou tentando, mas a madeira está molhada e...

— Dê-me a minha jaqueta — ela interrompeu, indicando a roupa

vermelha. Ele lhe entregou e ela cavou um dos bolsos externos, sorrindo enquanto brandia uma pequena caixa. — Eu coleciono. — Ela a jogou em sua direção. — Lembrança de Istambul.

Ele estudou a caixinha, virando-a de um lado para o outro. Ela suspirou e se arrastou para se juntar a ele pela abertura.

— Aqui. — Ela pegou a caixa e abriu-a. — Fósforos. — Segurou um palito retirado de dentro da pequena caixa.

Seus olhos nunca deixaram a mão dela quando bateu a cabeça do bastão contra o lado da caixa. Ele teve que se forçar a permanecer onde estava quando a chama surgiu. Magia, isso era magia, e pelas costas ele fez um sinal de proteção contra o mal. Não admirava que ele a achasse estranha, ela era uma bruxa ou uma fada. Ela não tinha notado a reação dele, mas estava ocupada colocando a chama na pequena pilha, sorrindo quando alguns dos galhos secos pegaram fogo. Ela levantou os olhos para ele.

— Que foi? — Ela franziu a testa, empurrando o cabelo curto e escuro da testa.

Ela não parecia uma bruxa, os olhos arregalados quando encontraram os dele. Ainda assim, ele murmurou uma oração silenciosa, apenas por garantia.

— C-como? — ele gaguejou, apontando para a pequena caixa em suas mãos.

— É apenas uma caixa de fósforos.

— Fósforos — ele repetiu.

Ela colocou a caixa na mão dele.

— Experimente.

Ele queria recusar, e no começo apenas se sentou com a caixa na mão. Finalmente, fez como ela tinha demonstrado, puxando um daqueles pauzinhos com aquele botão curioso no topo e batendo contra o lado da caixa. Ele deixou cair uma exclamação quando explodiu em fogo. Ela riu e ele franziu o cenho. Ele repetiu o procedimento, e desta vez não deixou cair, mas segurou até chamuscar os dedos antes de apagar a pequena chama.

— Bravo — disse ela. Ele devolveu a caixa, mas ela balançou a cabeça. — Não, fique com ela. Eu tenho mais.

Ela sorriu uma recusa quando ele ofereceu a ela um pedaço de seu pão, murmurando algo sobre não pensar que seu estômago poderia lidar com isso — ainda não. Ela continuou piscando, apertando a palma da mão contra a testa, e ele suspeitou que a cabeça dela estava doendo bastante. De vez em quando ela deslizava a mão na fenda lateral de seus calções, puxava aquela caixa esmaltada, olhava para ela e franzia a testa.

— Aparelho inútil e idiota — ela disse em um momento, erguendo o braço como se pretendesse jogá-lo longe. Mas não o fez, retornando-

o ao seu lugar antes de se deitar, os braços embalando a cabeça. Matthew se esticou ao lado dela. Muito perto, mas o que ele faria, dado o espaço apertado?

— Qual é o seu nome? — ela perguntou.

— Matthew — ele respondeu depois de um tempo, rolando em sua direção. — Matthew Graham.

— Eu sou Alex Lind. — Ela se preparou para se sentar. Ela lambeu os lábios, e ele se atrapalhou no escuro para alcançar seu cantil de água, estendendo-o em sua direção.

— Alex? — Ele sentou-se. — Esse é um nome de rapaz.

Ela bufou e bebeu um pouco mais.

— Não, não é, da última vez que eu olhei, eu era definitivamente feminina e ainda é o meu nome. A abreviação de Alexandra.

Ela virou a cabeça na direção da abertura, expondo a nuca, uma mancha nua de pele realçada pelo corte de cabelo curto. Ela tinha lindas orelhas, apertadas em seu crânio e terminando em um leve ponto rosa. Orelhas de fada...

— O que você é? — ele sussurrou, fazendo-a virar para encará-lo.

— Simplesmente Alex; você sabe, uma mulher comum.

— Não, você não é; mulheres não andam por aí expondo seus corpos como você, com o cabelo curto.

— Eu não estou expondo meu corpo! Estou completamente vestida, pelo amor de Deus!

Ele estremeceu com sua blasfêmia descuidada.

— Sim, há tecido sobre você, mas revela mais do que esconde.

— Supere, ok? É melhor você aprender a viver com os tempos, senhor. Só porque escolheu viver em algum tipo de contexto religioso arcaico, isso não lhe dá o direito de julgar o resto de nós.

— Contexto religioso? — ele ecoou. — Arcaico?

— Bem, olhe para você! Você se veste como o cruzamento de um monge *Hare Krishna* com um *Amish*, olha para mim como se nunca tivesse visto um sutiã antes. Você deve estar vivendo em algum tipo de comunidade masculina isolada.

Sua boca se torceu em um sorriso irônico. Sim, isso era muito verdade. Ele se inclinou para ela, tentando ver seus olhos no escuro.

— O que é um monge *Harris krissna*? E eu não vi um... sutiã, antes. Eu definitivamente teria me lembrado.

Ela estava olhando para ele, as mãos apertadas em torno uma da outra. Matthew deu a ela um olhar cauteloso; a moça estava boquiaberta como se tivesse visto um fantasma.

— Mas você sabe o que é um carro, certo?

Matthew sacudiu a cabeça.

— TV? Rádio? Telefone?

Ele franziu a testa. Isso era algum tipo de jogo?

— Não, eu nunca ouvi falar de tais coisas.

Ela engoliu em seco e fugiu para longe dele, seu olhar voando para sua bolsa, o sílex e o aço que ele deixara jogados no chão. Ela gemeu, escondeu o rosto em seus braços.

— Não — ela sussurrou. — De jeito nenhum. Coisas assim não acontecem, não na vida real.

— O quê? — Ele foi atrás dela, mas ela recuou, e a expressão em seu rosto o fez erguer as mãos, as palmas voltadas para ela. — Eu não vou te machucar.

— Não é você, é só... — Ela parou para olhar mais uma vez para ele e seus pertences. — Caramba, não, não, não. — Ela rastejou em direção à abertura. — O carro. Meu carro, vai estar bem ali, onde eu deixei. Este é apenas um sonho ruim, um efeito colateral de bater minha cabeça com muita força.

— O que é um carro? — ele disse.

Ela riu e então começou a chorar. Ele a seguiu para fora e segurou-a quando ela escorregou.

— Meu BMW — ela disse — tem que estar aqui!

Ele não tinha ideia do que ela estava procurando enquanto mancava para cima e para baixo na encosta, mas o que quer que fosse, não estava onde ela esperava que estivesse.

— Um sonho. É apenas um sonho, não é? — Ela olhou para ele suplicantemente, e ele não tinha ideia do que dizer. Isso não era um sonho, a menos que ambos estivessem dormindo e sonhando a mesma coisa.

— Não pode ser verdade. — Para sua surpresa, ela colocou a mão em seu braço. — Muito forte — ela gemeu —, você é forte de mais, sabia? — Ela bateu nele, repetidamente.

— Você também é, moça, mas eu não estou batendo em você, estou? — Ele passou os braços ao redor dela, segurando suas mãos.

— Desculpe — ela soluçou antes de desmoronar completamente, um peso quente contra o peito. Santo Deus, como era bom segurar uma mulher tão perto, o cabelo dela fazendo cócegas no nariz dele. Era uma combinação quase perfeita, o corpo dela uma coleção de curvas que se encaixavam confortavelmente em sua estrutura maior e mais ampla, com a cabeça apoiada em seu ombro. Com um esforço, ele a soltou. Ela ainda estava chorando, embora silenciosamente, e ele a persuadiu de volta para dentro, enervado por seu desânimo.

— Qual é o problema, moça?

Ela apenas balançou a cabeça, murmurou algo que ele entendeu como “impossível”, e sentou-se diante da pequena fogueira. Ela se aquietou, inspirou algumas vezes e limpou o rosto.

ALEX ARRASTOU um dedo pela sujeira do chão da caverna. Pense, Alex, pense! Tinha que haver algum tipo de explicação para tudo isso. Branco total. Ela deu uma olhada nele, esse homem em roupas antiquadas que usava sílex e aço para acender seu fogo, que nunca ouvira falar de coisas como TVs e carros. Isso não poderia estar acontecendo com ela. Para ser precisa, não poderia acontecer com ninguém. O tempo era uma dimensão fixa, sem malditas variáveis ! Mas o carro dela tinha sumido! Talvez ela estivesse procurando no lugar errado, na encosta errada. Um surto de esperança correu por sua espinha apenas para colidir com a parte racional de seu cérebro, a parte que estava mostrando a ela todas as evidências claras de uma opção, e uma opção apenas. Algo impossível e incompreensível acontecera com ela, mas acontecera.

Ela olhou para Matthew e encontrou os olhos emoldurados por uma expressão preocupada.

— Melhor?

— Na verdade, não. — Ela respirou fundo. — Em que ano estamos?

— Que ano? Você não sabe?

Ela deu de ombros.

— Eu sei, mas eu só quero verificar.

— É 1658 — disse ele, cusbindo para o lado. — Três anos desde que fui jogado na prisão devido à traição de meu irmão e esposa, três anos passados acorrentado.

Ela fechou os olhos; 1658? O pânico encolheu sua traqueia até a espessura de um canudo.

— Tem certeza? — O som saiu estridente.

Ele deu a ela um olhar estranho.

— Sim, tenho. Que ano você acha que é?

— Hum... — Alex limpou a garganta. Que diabos ela deveria dizer a ele? A verdade? — Não tenho certeza. Deve ser o golpe na minha cabeça, certo? — Ela cerrou as mãos para impedi-las de tremer, mas isso não ajudou, os tremores se arripiaram em suas axilas. Mil seiscentos e cinquenta e oito! Ela tinha que voltar! Ela tinha que...

— Oh, Deus — ela disse — Isaac!

— Isaac?

— Meu filho, e... — De repente ela estava chorando de novo, desta vez com soluços altos que rasgaram sua garganta. Matthew a puxou para perto, silenciando-a enquanto ela chorava dolorosamente em sua camisa.

— Ele está morto? — ele disse um pouco mais tarde, ainda estava segurando-a, uma mão grande acariciando suas costas.

— Não — ela sussurrou —, ele apenas se foi.

Todos se foram; nenhuma das pessoas que conhecia existia ali, e o

pensamento de nunca mais vê-las amarrou suas entranhas em um monte de nós doloridos.

— Como?

— Não agora, em outro momento, ok? — Ela se sentou para ver seu rosto. — Você quer me contar? Você sabe, sobre o seu irmão e esposa e tudo isso? — Não que ela se importasse, mas no momento qualquer distração era bem-vinda.

— Não. Eu prefiro não pensar nisso de jeito nenhum. — Havia uma ponta crua em sua voz que a fez suspeitar que ele pensava sobre isso com relativa frequência.

— Oh. — Ela lançou-lhe um olhar cauteloso. Ele estava esfregando seus pulsos. — E agora? Você está indo para casa?

— Sim. Finalmente. Não que haja muito para o que voltar. — Ele encostou a cabeça na parede, um som áspero escapando de seus lábios comprimidos.

— Você está okay? — Bem, não, ela podia ouvir que ele não estava.

— Okay?

— Você está bem?

— Sim. — Ele virou o rosto.

Alex bufou.

Homens.

Ela ficou de joelhos e deu-lhe um abraço desajeitado, muito mais por ela do que por ele. Ele endureceu. Ela insistiu, puxando-o para perto. Alguns momentos e ele fez menção de se sentar. Ela não queria que ele se afastasse, precisava de alguém próximo, um calor humano respirando para entorpecer o medo roendo em sua barriga. Então, ela deu um tapinha nas coxas e, depois de um longo momento de hesitação, Matthew permitiu que ela aninhasse a cabeça dele em seu colo. Talvez ele também precisasse disso.

Alex percebeu o momento em que ele adormeceu, o corpo grande de repente muito mais pesado. Através da pequena abertura, ela podia ver a aurora de verão começar a clarear os céus, e o estudou em silêncio, passando um dedo por sua cabeça. O que ela deveria fazer? E como voltaria? Teria que ficar e esperar por outra tempestade?

Ela empurrou Matthew forte, dando-lhe um sorriso de desculpas quando ele se jogou para trás, com as mãos cerradas em punhos.

— Desculpe, eu não pretendia te assustar. É só que eu tenho que...

— Sua bexiga estava prestes a explodir e era acordá-lo ou encharcá-lo, e essa última alternativa não pareceu boa. Foi o suficiente ter vomitado em seus pés.

— Oh. — Ele parecia desorientado, olhando para ela como se fosse uma miragem. Então somos dois, ela pensou enquanto rastejava para fora no ar matutino, a cabeça ainda pulsando com a dor.

Nada do carro. Ela esperava encontrá-lo, que todas essas coisas sobre estar em 1658 fossem delírio. Insanidade. Ele não parecia louco, mas nunca se sabe hoje em dia. Mesmo assim; nenhum carro. Ela piscou. Estava tendo um pesadelo. Ou podia estar em algum tipo de coma; talvez tivesse sofrido um acidente de carro e agora estava drogada com morfina. Não que estivesse funcionando muito bem, porque se tinha havido uma mudança de ontem para hoje, tinha sido a dor no seu pé, que aumentara. Inchado e vermelho brilhante, era um feixe de nervos gritando. Ela piscou novamente. E de novo. Nenhum carro. Impossível. Isso tudo era impossível. *Pense de novo, Alex Lind*, seu cérebro zombou, *olhe ao seu redor*.

Parece muito possível. Na verdade, não parece muito com um sonho também.

— Pesadelo, não sonho — ela se corrigiu. Sua cabeça doía. Suas costelas doíam. Seu pé doía. Um acidente. Um coma. Por favor, que isso seja um coma.

Quando ela conseguiu mancar para fora de seu banheiro ao ar livre, atrás de uma grande rocha, ele estava de pé a alguns metros da abertura, aliviando-se. Matthew lançou lhe um olhar, sacudiu-se, arrumou as calças e deu-lhe um pequeno sorriso.

— Com fome?

Ela assentiu ansiosamente. Na última meia hora, ela pensara em ovos fritos com tomates, salsichas e bacon crocante ou torradas, apenas torradas com manteiga e geleia. Ela engoliu de volta o fluxo de saliva em sua boca. Ele sorriu e usou o dedo para indicar o que parecia ser um monte de penas.

— Pássaros. Encontrei-os ontem. Vou assá-los.

Não é exatamente bacon. Ela ficou olhando quando ele começou a assar os pássaros mortos num forno improvisado feito de lama.

— Lama?

Ele deu a ela um olhar surpreso.

— Caso contrário, eles viram cinzas antes de serem cozidos.

— Oh. — Ela assentiu, olhando para as pequenas bolas sujas com certa cautela. — E as penas? E todos os piolhos e coisas que viviam neles?

— Eles queimam — disse Matthew.

Ótimo; parecia fantástico.

No momento em que os pássaros terminaram de cozinhar, Alex estava com tanta fome que não se importava mais. Ossos, vísceras e carne, tudo foi consumido.

— Você quer o último? — Matthew estendeu para ela. Alex olhou interessada, mas depois de uma avaliação rápida de seus tamanhos relativos, sacudiu a cabeça.

— Não, vá em frente.

Ela se esticou no chão, descansando a cabeça em seus braços. Se fechasse os olhos, poderia fingir que tudo estava como sempre por cinco segundos. Ela o ouviu se mover e virou a cabeça na direção dele. Ele corou e desviou o olhar quando ela o interceptou.

Alex aproveitou a oportunidade para inspecioná-lo de volta; pernas longas, sobranceiras escuras e um nariz que parecia muito bonito de perfil. E os olhos... ela tinha uma coisa com olhos, e aquele homem tinha olhos cor de avelã franjados por grossos cílios escuros que a maioria das mulheres mataria para ter. Ele tinha quase dois metros de altura, ela calculou, o que devia torná-lo um homem muito grande no aqui e agora, quinze centímetros mais alto do que ela ou mais. Ela fechou os olhos, narinas queimando enquanto tentava sentir o cheiro dele. Ele tinha um cheiro forte, mas mais de suor do que de sujeira real. Ela cheirou sua própria camisa e fez uma careta; não só suor, mas sangue e sujeira e... ugh, ela precisava se lavar.

— Há água lá, certo? — Ela apontou para o bosque de árvores que ficava na encruzilhada.

Matthew inclinou a cabeça em afirmação.

— É uma nascente pequena e a água é considerada muito boa.

— Ah, é? Por quê?

— Eu não tenho certeza, talvez porque é escocesa? — ele disse quase depreciativamente, mas ela podia ouvir que ele estava falando sério. Alex sorriu do seu patriotismo arcaico. Mas ela não era escocesa. Ela não era nada, uma vira-lata de ancestrais suecos e espanhóis criados respectivamente em Sevilha, Milwaukee, Estocolmo e Edimburgo, sua casa poliglota cheia de vadios de toda parte, um ocasional visitante espanhol e um número substancialmente maior de

primos suecos.

— Eu vou descer e me lavar, ok?

Ele assentiu e Alex se virou para ele, inundada por uma onda de pânico.

— Você não vai embora, vai? Quer dizer, você não vai me deixar aqui.

Matthew a estudou por um momento antes de dar uma leve sacudida na cabeça.

— Não, moça, eu não vou deixá-la para trás.

Ele acabou tendo que ajudar Alex a descer a colina, apoiando-a enquanto ela mancava em direção ao som borbulhante. Ela estremeceu em sua jaqueta — o vento estava mais frio hoje do que ontem. Ontem? Não poderia ser ontem, poderia? Merda, ela nem existia ainda, mas uma rápida corrida de mãos pelo seu corpo assegurou-lhe que sim.

Era boa a água. Alex bebeu, lavou as mãos e o rosto e se envolveu em um escovar de dentes rudimentar quando uma mão se fechou em sua nuca, apertando com força em sua carne. Ela recuou, ignorando o modo como suas costelas gritaram em protesto.

— Agh! Me solte! — O som saiu abafado, dada a pressão em seu pescoço. Psicopata! Nada de fazendeiro de cabras, ou monge, esse tal de Matthew era um bruto descontrolado e agora...

— Alexandra Lind, certo? — o homem que a segurava disse.

O quê? Então ela tinha seu nome tatuado na nuca? E definitivamente não era Matthew, porque o sotaque ianque era horivelmente forte.

— Eu te conheço? — Ela tentou se soltar.

— Indiretamente, e, agora, sua putinha, você vai.

Quem era esse maníaco? Ela bateu o braço em seu atacante invisível, se ergueu com esforço e tentou se virar. Jesus! Seus dedos cravaram nos tendões de seu pescoço e a dor foi paralisante. A água... Alex estava cada vez mais e mais perto da superfície. Alex percebeu que ele pretendia abaixá-la. Afogá-la? Ela gritou quando ele aumentou a pressão, e então ela estava debaixo d'água. Pesadelo. Definitivamente um pesadelo. Ela sentiu os seixos na água. Bolhas, muitas bolhas. Ar. Lindo, adorável ar. Alex engoliu, respirou e engoliu em seco, levantando uma cabeça gotejante para olhar para Matthew, que estava lutando com um homem desconhecido. Um grunhido, um suspiro e o homem foi jogado para pousar a poucos metros de distância. Ele gritou com o impacto.

— Você está bem? — Matthew perguntou a Alex.

— Sim — ela disse trêmula.

— Você o conhece? — Ele inclinou a cabeça, gemendo.

— Não.

— Conhece sim! — gritou o estranho, os olhos penetrantes fixos nela.

Alex sacudiu a cabeça, assumindo um rosto surrado, uma camisa de flanela e jeans sujos que pareciam ter queimado na altura da panturrilha. Ele parecia horrível. A pedaço de pele do que ela podia ver das pernas dele estava empolada e crua, o aspecto ainda pior, graças uma grande ferida na carne. Mas ele estava aqui, um homem indubitavelmente moderno — por maior que fosse — e a visão dele tinha seu coração torcido de esperança. Uma pessoa caindo em um buraco do tempo, ela poderia, com um gigantesco esforço da mente, aceitar. Dois fazendo isso ao mesmo tempo era tão improvável a ponto de ser risível, então obviamente esse tal de Matthew era o estranho, não ela. Sim! Não um coma, nem um pesadelo, apenas uma maldita tempestade, e o pobre Matthew precisaria de cuidados psiquiátricos.

— Quem é você? — perguntou ela.

— Não me venha com essa! Você já viu minha foto com frequência na minha página inicial.

— Eu não acho que você se parece com alguém que eu conheça — disse Matthew. — Você não está na sua melhor forma também.

Alex olhou para o homem.

— Sanderson? Oh, meu Deus, você é Diego Sanderson! O que diabos você está fazendo aqui?

Sanderson se sentou e sua mão se desviou para o pescoço, esfregando-o.

— Eu poderia te perguntar o mesmo, certo? O que você tem feito? Algum acampamento espontâneo?

— O que você quer dizer? — ela disse.

Ele deu a ela um olhar penetrante.

— Bem, você não chegou à reunião, não foi?

— Nem você, pelo que parece.

E por que ele quase a havia matado agora?

— Sim, eu cheguei; mas depois fui procurar por você. Nenhum sentido em fazer a reunião sem você, não é? Afinal, Hector não se importava com essa nova configuração de segurança. Não, o que Hector quer é você.

— Hector?

— Ele não gosta de pontas soltas, meu querido Hector. E ele odeia quando seus planos saem pela culatra, como aconteceu na Itália há alguns anos. Mas você sabe tudo sobre isso, certo?

— Eu não tenho ideia do que você está falando.

Seu cérebro estava tentando entender o que ele estava dizendo. Ele sabia sobre a Itália? E quem era Hector? O nome soava familiar, um insistente lembrete de que sim, ela conhecia esse nome. Oh, meu Deus; *aquele* Hector!

— *Não me mientas!* Não minta! Ángel desapareceu lá e Hector quer saber como.

Ele pulou para ela, foi bloqueado por Matthew.

— Quem? — Ela meio que fechou os olhos com a lembrança de Ángel. Não, ela não iria pensar nele. Ela abaixou a cabeça para evitar os olhos azuis pálidos fixos nela com aparente antipatia. Sem uma palavra, Matthew se curvou ao lado dela, colocando-se entre ela e Sanderson. Alex exalou.

Sanderson examinou a camisa de linho gasta de Matthew, os calções de lã e o pesado cinto de couro. Seus olhos se arregalaram e sua boca se abriu, seu pomo de Adão balançando como uma rolha.

— Onde diabos eu estou? — ele disse. — Onde eu vim parar?

Matthew o olhou com a boca franzida.

— Eu devo presumir que você não sabe que ano é?

— De acordo com Matthew aqui, é 1658 — disse Alex. Ela queria muito que Sanderson explodisse em gargalhadas desdenhosas, mas ao invés disso gemeu.

— Não — ele disse.

— Não, não, não. Ele deve estar errado — Alex sussurrou em voz baixa, lançando um olhar para Matthew, que estava atualmente estudando a estrada do sul.

— Você acha? — Sanderson deu-lhe um olhar desesperado e balançou a cabeça, efetivamente matando a esperança que ela sentiu ao vê-lo.

Matthew se aproximou dela, as sobrelanceiras franzidas.

— Estamos em perigo aqui.

Alex levantou-se e examinou a paisagem ao redor; vegetação, mais vegetação, ainda mais vegetação. Nada que parecesse de alguma forma sinistro. Insetos zumbiam, folhas sussurravam, a água escorria por suas camas de seixo, tudo muito tranquilo. Matthew pôs a mão no braço dela, apontando na direção de reflexos reluzentes e uma nuvem de poeira. Ainda a uma milha de distância, ela calculou, apertando os olhos enquanto tentava contar as reflexões.

— Soldados. — Os dedos de Matthew afundaram em sua carne. — Eu tenho que ir. Você vem comigo?

— E ele? — Alex inclinou a cabeça para Sanderson. Não que ela o quisesse por perto, não depois daqueles comentários sobre a Itália e Ángel, mas ela ainda tinha que perguntar.

— Você pode andar? — Matthew perguntou a ele.

— Não, não assim. — Sanderson acenou com a mão em sua perna.

— Melhor você se esconder, então. — Matthew apontou para um enorme suporte de arbustos sob as árvores.

Sanderson lançou-lhe um olhar incrédulo.

— Lá? E o que você acha que eu sou? Um cavaleiro de armadura?

A boca de Matthew se contorceu.

— Não vejo alternativa. Aqui, eu vou segurar os galhos mais baixos para você enquanto rasteja.

Sanderson correu para o esconderijo, amaldiçoando quando ele se espetou nos espinhos.

— Você sabe como voltar? — Alex sibilou assim que eles se afastaram.

— Voltar para onde? — Sanderson sibilou de volta, uma forma escura quase imperceptível contra a vegetação rasteira.

— Para o nosso tempo... você sabe, carros, TVs, eletrodomésticos...

— Não. Eu não faço ideia. Eu não acho que seja possível. Você está presa aqui, para sempre, assim como eu. — Ele exalou, instável, e Alex sentiu seu coração fazer mais uma manobra acrobática em seu peito. Desta vez por medo, não por esperança.

— Deve haver um caminho de volta!

— Okay, certo. As pessoas saltam para frente e para trás através do tempo regularmente. — Ele a olhou com desagrado. — Isto é culpa sua. Eu não estaria aqui se não fosse por você.



MATTHEW ARRASTOU Alex mancando de volta ao morro. Sua cabeça latejava, o nome Ángel ecoando em sua mente. Um pequeno nó se formou na boca do estômago dela. De propósito, ela não pensava nele há quase três anos, e ela não pensaria nele agora. Ha! Mentirosa descarada. O maldito homem aparecia em sua cabeça com demasiada frequência toda vez que ela via seu filho. Isaac. Alex piscou, ofegou. Isaac. Seus joelhos se dobraram, seus pés tropeçaram ao ponto de ser difícil se mexer, quanto mais acompanhar o ritmo punitivo de Matthew.

— A caverna, vamos nos esconder lá dentro. — Suas costelas a estavam matando, cada respiração uma agonia.

— Não vai ajudar se eles tiverem cachorros. — Ele a levantou na frente dele na encosta, correu para a caverna para pegar sua bolsa e, em seguida, empurrou-a para cima, carregando Alex pelo chão irregular.

No topo, pararam para olhar para baixo. Abaixo deles, estendia-se a estrada, a encruzilhada e o pequeno bosque de árvores em que Sanderson estava escondido nos arbustos. Eles caíram de barriga para baixo, e ela se sentiu como se estivesse brincando de esconde-esconde, querendo rir de nervosismo.

— Você é um fugitivo, não é? — Pergunta muito desnecessária.

Não era exatamente preciso ser um Einstein para chegar a essa

conclusão. Ele balançou a cabeça, mas não esclareceu mais, seu punho direito cerrado em volta do cabo de sua faca. Adaga ou punhal seria um termo mais correto, ela pensou, olhando com respeito para o comprimento de doze polegadas de aço. Alex apalpou seu jeans, procurando por seu canivete, mas em vez disso sua mão fechou em seu telefone e ela puxou-o para fora. A tela piscou para a vida, e três barras apareceram no lado esquerdo, indicando conectividade. Isso fez os pelos do braço de Alex ficarem eretos.

— O quê? — Ela se sentou. Matthew a empurrou de volta com uma expressão de raiva. Alex olhou para a tela e, sim, as três barras ainda estavam lá. Mas como? Ignorando o olhar de Matthew, ela discou o número de John, recuando para a estática que corria em seu ouvido. Claro que não, ela bufou para si mesma, como isso poderia funcionar? Matthew estudou o celular, as sobancelhas levantadas em um “v” invertido.

— O que é isso? — Ele estendeu um dedo para cutucá-lo.

— É um telefone. Você o usa para conversar com pessoas que estão longe.

Ele olhou para ela, com um tremor de medo e incompreensão percorrendo seus olhos. Avelã clara, ela notou, muito mais verde que marrom, com pequenas manchas douradas nelas. Ele os alargou sob sua inspeção aberta e cobriu a mão dela, apertando-a um pouco.

— Você tem que me dizer a verdade, moça, porque há mais nisso do que o que você me disse até agora.

— Eu não acho que sei a verdade, mas vou lhe contar o que sei. E você vai me contar.

— Sobre o quê? — ele inquiriu, e seus olhos ficaram um tom ainda mais claro de verde.

— Porque você está fugindo.

— Sim. — Sua mão apertou a dela em alerta e eles observaram enquanto um enxame de homens aparecia na estrada abaixo.

Eles tinham cachorros, um bando inteiro de cachorros que latia alto, todos eles se arrastando na direção do pequeno bosque de amieiros.

— Sanderson! — Ela se levantou em seus braços, apenas para ser brutalmente empurrada de volta para baixo. — Eles vão encontrá-lo.

Eles já o tinham feito, e ela o viu sendo puxado de seu esconderijo, sua voz alta quando ele protestou contra a manipulação áspera por parte dos soldados.

— Deixe-me ir. — Ela torceu sob o aperto duro de Matthew. — Eu tenho que ajudá-lo. Veja! Eles estão batendo nele.

Alex encheu os pulmões com ar para gritar, surpresa, ofegou pela dor em seu lado. Matthew colocou a mão sobre sua boca e a empurrou contra o chão.

— Se eles me encontrarem, eles me arrastarão de volta em correntes. Eu nunca vou voltar, você ouviu? Nunca! — Sua voz estava tingida de desespero. Alex lutou, mas ele facilmente a segurou imóvel. — Se eu a soltar, você promete ficar quieta? — ele sussurrou em seu ouvido.

De jeito nenhum ela o faria. Ela tinha que ajudar Sanderson, por mais que pudesse ser uma baixa potencial. Ele era como ela, lançado inconsciente em uma existência nova e assustadora, e talvez pudessem ajudar um ao outro a encontrar algum caminho de volta, mesmo que ele não parecesse pensar assim. De volta à normalidade e a uma vida onde a estrada em frente a ela estava pavimentada, em vez de ser uma pista de terra. Ela tentou se levantar contra ele, tentando afastá-lo. Ele estava machucando-a, apertando a mão com força em torno de sua boca. Alex tentou mordê-lo, querendo abrir a boca e gritar até que os soldados os encontrassem. Eles poderiam levar esse enorme imbecil ao cativeiro que não faria diferença para ela.

— Então é assim? — Matthew rolou em cima dela. Alex mal conseguia respirar, protestando com gritos que escapando de sob a mão dura dele.



ELA SE RECUSOU A FALAR com ele quando ele a soltou, dispensando sua ajuda quando voltaram para a caverna. Suas costelas doíam muito depois do tratamento agressivo, e ela ainda estava segurando o telefone, a outra mão enfiada no bolso. Matthew deixou que ela levantasse a cabeça o suficiente para ver quando eles levaram Sanderson para longe, seus gritos agonizantes quando ele foi arrastado pelo chão ecoando no vento.

Alex passou a mão pelo rosto dela, piscando diante das lágrimas que fizeram sua visão se embaçar. Por favor, deixe-a acordar, por favor, deixe isso ser um sonho! Ela franziu a testa para o telefone e mandou uma mensagem para John. “Na caverna”, escreveu ela. Talvez ele pudesse de alguma forma empurrar-se através do tempo para encontrá-la. Quando Alex apertou o botão de envio, o telefone vibrou com energia pulsante, em brasa contra sua pele, e ela o deixou cair com um palavrão abafado. Matthew abaixou-se e pegou-o, entregando-o a ela antes de se ocupar em trazer a pequena fogueira de volta a vida.

— Eu sinto muito por ter que te machucar, mas não havia nada que pudéssemos fazer por ele. — Um tremor percorreu-o enquanto ele olhava para o sul. — Mas havia muita coisa que eles poderiam fazer comigo.

O pensamento obviamente o deixava doente de medo, então Alex

deu-lhe um aceno de cabeça e sentou-se, esticando as pernas. Seu cérebro estava dando cambalhotas, e ela conseguiu arranhar a casca na testa aberta, um fio de sangue escorrendo para baixo. Ela estava exausta e muito, muito faminta. Nunca voltaria, dissera Sanderson, não havia caminho de volta. Oh, Deus. Ela mordeu com força o lábio inferior para se impedir de gritar. Isaac nem sequer se lembraria dela, crescendo sozinho no mundo sem pai ou mãe.

O telefone apitou para informá-la de que entregara a mensagem anterior. Isso fez Alex se arrepiar, imaginando ondas sonoras eletrônicas balançando para frente e para trás na quarta dimensão, o tempo. Talvez essas coisas de buraco de minhoca existissem, pontos aleatórios no universo conectando tempos e lugares distantes. Ela escreveu uma mensagem de despedida para John e enviou-a. O celular vibrou, houve um som crepitante e a tela ficou preta.

— Impossível — disse Diane. — As pessoas não desaparecem do nada.

— Eu sei. Mas aconteceu. — John cutucou a mochila com o dedo do pé. — Vamos encarar como se estivesse em um incêndio ou algo assim. Tipo atingido por um raio, sabe? — Ele deu uma risada trêmula. — Talvez tenha sido isso que aconteceu, uma tempestade de tamanha intensidade que meio que enterrou os dois ou algo assim.

— No mesmo dia? Duas pessoas? — Diane bufou incrédula. — Deve haver uma explicação lógica.

John assentiu enquanto bocejava. Dirigir de volta tinha sido uma provação, seus olhos pesados com um cansaço que era mais causado pelo terror do que pelo cansaço em si. O homem havia desaparecido diante de seus olhos; a expressão no rosto de Sanderson quando ele foi sugado para o abismo era algo que ele nunca esqueceria. A trepidação devia ter feito o chão se abrir e o pobre homem cair em uma fenda ou algo assim. Mas a luz, o barulho... Diane entregou-lhe uma xícara de chá e sentou-se ao seu lado.

— É claro que há uma explicação — ela disse, os olhos verdes encontrando os dele.

— Sou todo ouvidos. Eu mal posso esperar para ouvi-la explicar tudo isso.

— Eu vou ter que ver primeiro, não vou?

John bocejou novamente.

— Temos que chamar a polícia. Eles podem conseguir encontrá-los.

Ele fez uma careta, um tremor percorreu seu corpo ao pensar em Alex morta e esmagada sob toneladas de terra em movimento. Sentiu-se enjoado com a sensação e afastou a compreensão de que, na verdade, ela poderia ter partido, para sempre, para longe dele.



NO DIA SEGUINTE, Diane estava na metade do caminho em que John encontrara o BMW, agora rebocado e declarado em perfeito estado de funcionamento. John ficou para trás. Ele não queria estar ali, não conseguia parar de olhar para a encruzilhada que havia engolido Sanderson. Diane caiu de joelhos ao lado de um grande afloramento de pedra.

— O que foi? — John perguntou.

— Era um All Star vermelho, não era? — Diane usou uma vara para levantar algo do chão e se virou para ele. O sangue se esvaiu da cabeça dele tão rápido que o deixou atordoado: um tênis vermelho queimado, a sola de uma massa derretida, o tecido preto da ponta ao calcanhar.

— Oh, Deus.

— Pode ser de outra pessoa — disse Diane. — Nós não sabemos se é dela.

Ele assentiu, evitando os olhos preocupados dela. Era de Alex.

— Um raio pode fazer isso com uma pessoa? — ele perguntou.

Ela encolheu os ombros.

— Eu ouvi falar de pessoas sendo mortas por raios, mas nunca ouvi falar de alguém sendo desintegrado por um.

Ele segurou o sapato cautelosamente, olhando para ele na tentativa de encontrar uma conexão com Alex. Talvez se ele se concentrasse o suficiente, o sapato lhe daria algum tipo de imagem. Era tudo tão absurdo que nem mesmo Mercedes, a mãe de Alex, teria acreditado em algo tão bobo. Ou talvez ela acreditasse, ele estremeceu, lembrando-se de uma noite há muitos anos quando Mercedes tinha bebido além da conta.

Mercedes era muito estranha, uma mulher intensa que parecia pintar imagens estranhas arfando com cores contidas. Uma pequena tela assinada por Mercedes estava pendurada na cama, e ele geralmente evitava olhar para ela, sentindo um puxão inquietante na boca do estômago quando chegava perto demais. Mercedes desaparecera há três anos, coincidentemente no mesmo dia em que Alex ressurgiu após três meses de inexplicável ausência na Itália. E agora... ele mordeu o lábio.

— O quê? — disse Diane.

— Eu estava apenas pensando; pobre Magnus, não é?

— Sim. — Diane suspirou e desviou o olhar. — Pobre, pobre Magnus. Primeiro a esposa, depois a filha dele.

— Ele sabia. — John jogou o sapato para o lado.

— Quem sabia o quê? — Diane parecia confusa.

— Ele. Sanderson. Ele sabia que Mercedes havia desaparecido. Ele disse isso, pouco antes de... bem...

— Ele falou? — Diane encolheu os ombros. — Não é tão estranho assim, é? Esteve em todos os jornais por algumas semanas.

O telefone de John apitou e ele puxou-o para fora, com o coração disparado quando viu a identificação do remetente.

— Mensagem dela — disse ele e abriu o texto.

Na caverna. A.

Ele tropeçou em seus pés.

— Há uma caverna, em algum lugar aqui há uma caverna. — Talvez ela estivesse ferida, seu pé queimado, e se ele não a encontrasse ela morreria de exposição, sede e gangrena ou algo assim.

Diane olhou para ele como se tivesse enlouquecido, mas levantou-se e começou a subir a inclinação cada vez mais íngreme. Moscas zumbiam, nuvens de borboletas subiam perturbadas enquanto eles atravessavam a lama e a vegetação.

Algun tempo se passou até que John encontrou a abertura quase invisível por trás de uma trepadeira de algum tipo. Diane aproximou-se e olhou para a escuridão.

— Ninguém esteve aqui recentemente — disse ela.

John concordou, abrindo caminho para o pequeno espaço fechado. Cheirava a umidade e um vago cheiro de palha. Escombros, galhos, folhas, a carcaça do que parecia ser um ouriço ressecado jazia na abertura. John deu uma volta lenta. Em um canto, algo chamou sua atenção e ele se aproximou. Muito fracamente, na parede irregular, ele conseguia decifrar palavras arranhadas na pedra calcária.

ALEX ESTEVE AQUI.

Uma seta apontava para baixo e ele cavou a terra, ignorando a voz preocupada de Diane.

— Jesus. — Ele olhou para o que tinha descoberto. — Que diabos é isso? — Um pequeno objeto retangular estava envolto no que parecia ser uma bolsa de pano desbotada.

— Vamos para fora — disse Diane. — Não podemos ver nada aqui.

John seguiu-a para o sol e fechou os dedos em torno de um objeto de metal enferrujado, ainda vermelho claro com estrias. Era o telefone dela, e quando ele o levantou para mostrar a Diane, ele se desfez em pedaços, reduzindo-se a pó enferrujado.

— O que aconteceu com ela? Como você pode logicamente explicar isso?

Ela sentou-se ao lado dele.

— Eu não posso. Eu não tenho absolutamente nenhuma ideia.

Eles se sentaram em silêncio na encosta da colina.

— Ela acabou de me enviar uma mensagem — disse John, balançando a cabeça. — Como ela pode ter feito isso se o telefone dela estava enterrado em uma caverna?

Diane deu de ombros, desamparada.

— E olhe para isso — continuou ele —, parece que está enterrado há séculos.

Seu telefone tocou novamente. Um novo texto. Dela. Impossível, pensou ele, sentindo o suor ao longo de sua espinha.

Cuide de Isaac. Te amo. A.

John recostou-se no chão e fechou os olhos para parar a sensação de tontura em sua cabeça. Alex estava ali, ela até mandou uma

mensagem para ele, de um telefone que estava em pedaços em suas mãos. As pessoas não desaparecem, ele disse a si mesmo, e então viu Sanderson se afogar naquele funil de luz. Sua mão bateu por algo, alguém. Diane segurou-a e apertou.

— Tudo vai ficar bem, vamos encontrá-la. De alguma forma, vamos encontrá-la.

Ele se virou para ela e escondeu o rosto sobre o jeans da coxa dela.

— Eu não entendo.

— Quem entende? — Diane suspirou, passando a mão pelos cabelos. — Vamos — ela acrescentou alguns minutos depois. — É melhor seguir em frente.



DIANE DIRIGIU todo o caminho de volta para Edimburgo com John sentado atordoado ao lado dela.

— Ela vai voltar, não vai? As pessoas simplesmente não desaparecem, não é?

— Eu não tenho certeza — disse ela, mantendo os olhos na estrada à frente deles.

— Mas você disse! Você disse que tinha que haver uma explicação lógica.

Ela suspirou e olhou em sua direção.

— Mesmo se houver, eu não acho que ela vá voltar.

— Claro que vai!

Diane desviou o olhar.

— Ela pode estar morta.

John cruzou os braços sobre o peito e decidiu não dizer outra palavra.

Ela estacionou do lado de fora do escritório, na saída da rua Nicholson, e se virou para ele:

— Você quer que eu vá com você?

Sim, ele realmente queria que ela fosse, mas isso era algo que ele tinha que fazer por conta própria. Oh, Deus. Pegar Isaac e dizer a ele que sua mãe se foi; chamar Magnus e informá-lo de que Alex desapareceu no ar.

— Não, eu vou ficar bem — disse ele, soltando o cinto de segurança para se sentar no banco do motorista.

— Tem certeza?

— Sim. — Ele partiu antes que implorasse que ela fosse com ele.



JOHN HESITOU em frente à porta vermelha brilhante. Ele adorava esta pequena rua em Stockbridge, ladeada de casas semelhantes em imponentes pedras cinzentas, todas elas com portas que tentavam dar-lhes um toque de individualidade, explodindo em vermelhos, verdes e azuis e até, infelizmente, em amarelo.

Isaac puxou sua mão.

— Offa?

John sorriu para ele.

— Sim, vamos ver se seu Offa está em casa, certo?

Ele estava com um sorriso brilhante aparecendo em seu rosto bronzeado quando viu seu neto, sorriso espelhado no rosto de Isaac. John observou-os se abraçarem e sentiu algo torcer por dentro. Eles tinham um ao outro, eles eram de sangue. Ele era apenas um homem aleatório, sem vínculos biológicos com nenhum deles, agora que Alex se fora. *Se*, ele lembrou a si mesmo furiosamente, *se* ela se foi. Ele os seguiu para dentro da casa, passando por cima da mala de Magnus, que ainda estava feita.

Ele desceu a escada, parando em todas as fotos emolduradas no seu comprimento. Todas elas eram de Alex; desde a infância rechonchuda até a pré-adolescência angular, até a adolescente autoconsciente, escondendo o peito inchado em suéteres volumosos.

— Qual é o problema? — Magnus disse.

John engoliu em seco.

— A conferência foi boa? — ele disse.

Magnus fez um gesto de desprezo, seus brilhantes olhos azuis perfurando John. — Aconteceu alguma coisa?

— Sim, receio que sim. — John inalou um par de vezes. — Alex parece ter desaparecido. Novamente. — Ele pegou Magnus quando ele tropeçou, apoiou-o em uma poltrona e serviu a ambos um uísque rígido antes de se sentar ao lado dele.

— Como? Quando? — Magnus estava pálido, seus cabelos grisalhos loiros uma bagunça depois que ele passou as mãos por ele. — Santa Matilda. Você acha... você acha que ela foi sequestrada de novo?

John tomou um gole profundo, saboreando a sensação de queimação que percorreu sua garganta até aterrissar em seu estômago. Sequestrada? Nenhum deles realmente sabia o que havia acontecido com Alex na Itália. Ela se recusara a falar sobre isso, fechando-se completamente sempre que ele tentava levantar a questão. E agora ele nunca saberia.

— Ontem, aconteceu ontem. Ela foi pega em uma tempestade elétrica no pântano. Pelo menos é o que pensamos, e então ela simplesmente... — John escondeu a cabeça entre as mãos.

— Oh, Deus; oh, Deus; oh, Deus; oh, Deus.

Magnus se recostou, com o copo preso como uma tábua de salvação na mão.

— Ela simplesmente sumiu. O carro, todas as coisas dela estavam lá, mas ela se foi. — Ele não estava contando as coisas direito, podia ver no rosto de Magnus. Então John levantou as pernas, colocou os braços ao redor delas e contou tudo a Magnus, desde o momento em que ele começou a se preocupar com Alex estar atrasada, até o momento em que Sanderson desapareceu. — E eu não sei o que fazer — ele terminou. — Como eu vou encontrá-la novamente? — Sua mão se desviou para o bolso e os restos de seu telefone, ainda envolto naquele velho pedaço de pano. Ele o puxou e o colocou na mesa. — Eu encontrei isso, mas simplesmente não entendo.

Magnus cutucou, mas não o desembulhou. Em vez disso, foi até a prateleira onde guardava seu uísque e trouxe a garrafa de volta consigo.

— Diga-me novamente — disse ele, depois de encher outra vez seus copos. Então John obedeceu. Quando ele parou, Magnus inclinou-se para a frente e abriu o pequeno pacote, olhando para baixo, horrorizado, para os restos do telefone de sua filha.

— Ela acabou de comprar.

— Eu sei.

Qualquer outra discussão nesse ponto foi interrompida por Isaac, que se aproximou de Magnus, reclamando que estava com fome.

— Bem, não podemos aceitar isso, podemos? — Magnus disse, despenteando o cabelo escuro de Isaac. Não, Isaac concordou seriamente, sua barriga doía.



ALGUMAS HORAS DEPOIS, eles voltaram ao assunto, depois de terem se alimentado e colocado Isaac na cama.

— É como aconteceu com a Mercedes — disse Magnus —, um desaparecimento inexplicável.

— Eu sei. E nós nunca saberemos o que aconteceu, assim como com a Mercedes. — John se inclinou para frente para apertar a mão de Magnus na sua. — Eu sinto muito.

Magnus assentiu, parecendo cansado. — Mercedes... — Ele levou a bebida à boca, um gole rápido antes de bater o copo vazio de volta na mesa. — Eu ainda estou esperando, sabia?

— Já faz três anos — disse John.

Magnus deu de ombros e olhou para a grade vazia.

— Ainda assim. Eu espero. — Ele sorriu levemente, balançando a cabeça. — Trinta anos ou mais do que isso. Eu a conheci em Sevilha, em 1968. Eu estava lá para estudar espanhol, um garoto alto e

desajeitado da Suécia. Ela me viu em uma das pontes do outro lado do Guadalquivir e flertou comigo. Eu tinha vinte e dois anos. Não tenho ideia de quantos anos ela tinha, só que ela era bem mais velha.

— Sério? — Mercedes sempre parecera tão jovem, dez, até vinte anos.

— Eu sei, ela não envelheceu muito, não é? E... — Magnus ficou tenso e inclinou a cabeça. — Você ouviu isso?

— Não.

— Shh, escute! — Magnus disse, ficando de pé.

John também se levantou. De cima vinham os sons suaves, mas inconfundíveis, de alguma coisa movendo-se furtivamente pelo chão da sala no andar de cima. O estúdio de Mercedes.

— Você não conectou o alarme há alguns meses?

— Eu não uso o alarme enquanto estou em casa, não depois de desligá-lo duas vezes por engano em um mês. — Magnus entregou a John um taco de críquete, se armou com um taco de golfe e apontou a cabeça na direção das escadas. — Vamos.

Eles subiram as escadas na ponta dos pés, atravessaram o pequeno patamar e pararam do lado de fora da porta.

— Por que lá? — John sussurrou.

— Não faça ideia — Magnus murmurou. — Talvez seja um colecionador de arte louco.

— Muito louco e muito persistente.

Magnus foi atormentado por arrombamentos nos últimos anos, sempre dirigidos ao estúdio.

— Desta vez ele não vai fugir. Desta vez eu vou bater no joelho dele ou algo assim. Pronto? — Magnus disse, uma das mãos na maçaneta da porta. John segurou seu bastão e assentiu. Magnus abriu a porta e se jogou para dentro.

John tinha apenas as impressões mais vagas do homem que eles surpreenderam no estúdio escuro. Roupas pretas, uma máscara de esqui preta e na mão uma tocha pesada. A janela estava aberta e o quarto cheirava a chuva. Magnus disse alguma coisa em sueco, John presumiu, e o homem girou, e por um momento foi como um quadro ao vivo, todos os três congelados em posição. E então o ladrão pulou sobre a mesa, indo até a janela, e atrás dele veio Magnus, o taco de golfe erguido.

O intruso enviou um, dois, três armários para o chão em seu rastro. Impressionantemente forte, esse cara, e John hesitou, apertando o bastão suado. O que ele deveria fazer? Mirar na cabeça? No braço? Magnus escalou os restos dos armários. Ele o pegara! O ladrão lutou e soltou-se. Um tumulto, um empurrão, e Magnus cambaleou para trás. John correu para ajudar. Tudo o que ele pôde entender foi o quadrado de luz que era a janela e a silhueta contra ele, Magnus e o ladrão. Um

banquinho pegou-o no meio da canela e John caiu, aterrissando com força sobre os joelhos e as mãos.

Do outro lado do patamar veio a voz de Isaac, erguida em gritos, soluçando. Magnus agarrou o ladrão, grunhindo com o esforço de contê-lo. Em um movimento rápido o homem vestido de preto se virou, derrubou a lanterna na cabeça de Magnus e pulou pela janela, com toda a segurança, como se fosse um gato. Houve um barulho alto e um grito mudo. Pela janela, Magnus gemeu e bateu a mão na cabeça.

— Magnus! — John foi dividido entre seu filho chorando e seu sogro ferido.

— Estou bem — disse Magnus —, vá e confira Isaac.

DUAS HORAS DEPOIS, Magnus se sentou em sua cadeira, um emplastro impressionante cobrindo o lado esquerdo de sua testa.

— Três pontos e mais um maldito calhamaço de papel para preencher para a polícia e a companhia de seguros. — Ele balançou a cabeça quando John levantou a garrafa de uísque. — Analgésicos; eles não se misturam bem, não é?

— Até onde posso dizer, nada foi levado — disse John. — Mas ele fez uma bagunça lá, pequenas telas espalhadas por todo o lugar.

— Assim como todas as outras vezes, embora eu não conseguisse notar se ele fugisse com alguns, não é?

— Não, provavelmente não — disse John. — Eu tentei limpar. — Um empurrão apressado para organizar as pinturas, nada mais, porque mesmo que ele não tivesse nenhuma intenção de admitir isso, John se afogava em náusea sempre que ele lidava com qualquer uma das fotos de Mercedes. — Eu não consegui montar os armários de volta, no entanto.

— Eu vou fazer isso mais tarde. — Magnus suspirou e fechou os olhos. — *Herre djävlar*. Que dia terrível este acabou por ser. — Ele abriu um olho e acenou para o copo na mão de John. — Eu vou tomar um desses no fim das contas. Eu mereço, você não acha?

Eles vieram do Leste, dois homens que subiram a colina, pararam por um momento e começaram a caminhar em direção a eles. Matthew se levantou, franzindo a testa para os estranhos que se aproximavam. Um carregava um saco, um punhado de galinhas jogadas sobre o outro ombro, enquanto o outro segurava uma espécie de bastão — uma longa e robusta bengala. Eles desceram, os dois com calções rasgados, esfarrapados e camisas sujas.

Alex ficou de pé.

— Mais soldados?

Ele balançou a cabeça. Não, não soldados, mas homens de combate, no entanto. Matthew franziu a testa; armados, ele podia garantir, e não tinha nada além de um punhal para defendê-los. Ele se inclinou, fechou a mão em um galho pesado e se sentiu um pouco mais confiante. Não era muito contra um cajado, mas ele não era um lutador inexperiente. Muito pelo contrário.

— Fique na caverna — disse ele.

— Por quê? Eu posso...

— Faça o que eu digo, sim? Aqueles dois estão de olho em algo, e eu garanto que é você.

— Mas...

— Vá! Eu não quero que eles a vejam muito de perto.

Alex saiu mancando, abaixando-se na pequena abertura assim que os dois homens os alcançaram. O mais velho dos dois acenou com uma saudação e gesticulou para que seu companheiro baixasse o fardo.

— Não — disse Matthew —, não estou com disposição para companhia. — Pai e filho? Irmãos? Parentes, de qualquer forma, os dois homens compartilhavam cabelos escuros, grossos, narizes irregulares e queixos recuados. Depois de uma rápida inspeção, Matthew descartou o mais novo dos dois como essencialmente inofensivo. Não; era o mais velho, o homem com o cajado, com quem ele devia ter cuidado.

— Oh, sim? É com a moça que está preocupado? — o homem mais velho disse. — Não se preocupe, homem, nós não vamos tocá-la. A não ser que você nos convide. — Seus olhos escuros saltaram de Matthew para a abertura da caverna, para o galho na mão de

Matthew, a pequena boca se curvando em um sorriso desdenhoso. Ele lidava com o cajado de maneira habilidosa, e agora que havia apenas um ou dois metros entre eles, Matthew podia ver que o topo estava afiado. Uma estaca, então, não um cajado, e a julgar pela sua ponta, era bem usada. Matthew se mexeu, pesando ostensivamente o galho em sua mão.

— Eu não vou. Ela não é para tipos como você.

O homem mais jovem riu, mantendo os olhos nas mãos de Matthew.

— Aparência estranha da moça — o homem mais velho disse. — Nós a vimos quando chegamos ao pântano antes que ela se escondesse na sua caverna.

— Estranho? O que era estranho?

— Roupas estranhas. — O homem mais jovem se mostrou, apontando para o casaco vermelho brilhante, deixado para trás por Alex em sua pressa. Ele fez como se fosse abaixar o saco e a ave.

— Vão — disse Matthew. — Eu já disse, não quero companhia.

O homem mais velho riu.

— Eu acho que não.

De uma espaçosa bolsa ele produziu uma pistola de pederneira que apontou para Matthew. Matthew deu um passo para trás. Pistolas eram coisas volúveis, mesmo de perto, e pelo que podia ver, essa arma em particular não era bem mantida. Mas um bandoleiro armado sempre foi um perigo, e Matthew não tinha certeza do que fazer. O rufião sorriu e levantou a pistola. Sua adaga caiu no chão ao lado dele.

— Pegue a moça — disse ele ao seu companheiro mais novo. — Ela vai valer um belo centavo ou dois.

O jovem largou a carga no chão e deu alguns passos para frente. Matthew se afastou, colocando mais um ou dois metros entre ele e a pistola. O homem mais jovem entrou na caverna. Matthew apertou ainda mais o punhal. Ele deveria jogá-lo? O bandoleiro vacilou, o interesse do homem distraído pelos gritos altos que emanavam da caverna.

— Inútil de merda — o homem murmurou. — Por que está demorando tanto? Algumas bofetadas e ela virá, todas elas vêm.

Matthew aproveitou a oportunidade para se lançar para ele, movendo-se como uma víbora furiosa pelo chão.

— Fique de pé! Eu vou atirar, sim? — O homem balançou a pistola para trás, apertou o gatilho e... nada. Pólvora molhada? Pedra desgastada? Matthew não se importou. A pistola foi atirada para o lado, o homem saltou para o cajado e Matthew voou os últimos metros, atacando o homem no chão.

Ele estava gritando agora, o bandido, e gritou ainda mais quando

Matthew o virou, com a adaga levantada. Algo brilhou. Matthew amaldiçoou, puxou a cabeça para trás; o brilho era uma faca, uma lâmina pequenina que errou por pouco seu pescoço. Matthew trouxe seu próprio punhal para baixo uma vez, duas vezes. O homem gritou, levantando a mão para defender seu rosto. Matthew mudou o controle e derrubou o cabo do punhal com tanta força que o homem fraquejou e ficou quieto, afundando no meio do grito.

Da caverna veio o homem mais jovem, arrastando uma Alex que se debatia e lutava com ele. Ela fez alguma coisa. Sua mão livre desceu e, com um uivo, o homem a soltou, segurando o braço dele. Não era totalmente indefesa, essa estranha moça.

Matthew se afastou do chão, caminhou até o homem mais jovem e o prendeu, arrastando-o asfocado e gargarejando para se juntar ao companheiro, esparramado na grama.

— Eu lhes disse — disse Matthew. — Não temos desejo de companhia. Agora vão, antes que eu faça mais mal a vocês.

Poucos minutos depois, eles se foram, o mais novo apoiando o mais velho, que estava sangrando profusamente no rosto — como ele bem merecia. Matthew pegou o cajado, brilhante depois de anos de uso e, com um grunhido, o golpeou em uma pedra próxima. A ponta ricocheteou. Mais uma vez, e ele se despedaçou. Matthew o jogou para o lado.

— Eles voltarão? — Alex disse, aparecendo ao seu lado.

— Acredito que não.

— Você está sangrando. — Ela apontou para a mão dele.

— Não, moça, não eu. Eles.

— Oh. Eles ficaram muito machucados?

— Eles não vão voltar com pressa. — Ele olhou para as duas galinhas deixadas para trás pelos dois ladinos. — Você gosta de frango?



MATTHEW ficou surpreso pela relutância dela em ajudar com os pássaros, seu rosto ficando pálido sob o bronzeado quando ele sugeriu que ela os destripasse, agora que ele os depenara. Depois de observar suas tentativas desajeitadas, ele suspirou e assumiu o controle, e logo o ar se encheu com o cheiro de carne assada. Alex não parecia muito impressionada.

— Pão seria bom, e alguns vegetais, você sabe, tomates.

Não, ele não sabia, e deu a ela um longo olhar. Ela olhou de volta, e para sua irritação, Matthew quebrou o contato visual primeiro, pensando que ele nunca tinha visto seus olhos daquele tom particular de azul-escuro antes.

— Então — ela disse, uma vez que eles terminaram de comer. — Diga-me.

Ele estudou suas mãos, seus dedos traçando seus pulsos.

— Eu não aguentava mais, então escapei e aqui estou quase em casa.

Ela bufou e balançou a cabeça.

— Oh, não, você não vai fazer isso. Conte toda a história desde o começo.

Ele não queria. Margaret, Luke, eles o traíram, permitindo que ele fosse condenado por algo que não tinha feito.

— Comece do começo — disse ela. — Você sabe, era uma vez...

Ele deu a ela um sorriso torto.

— Isto não é um conto de fadas, é a minha vida.

— Ainda é um bom começo. É o que Magnus diz.

Ela parecia triste, com os olhos nas mãos, e não sobre ele. Ele a observou por alguns instantes, inclinou a cabeça e começou a falar.

— Eu sou o mais velho de três irmãos e uma irmã — disse ele. — Matthew, Mark, Luke e Joan.

— Muito evangélico.

— Sim, mas é assim com a minha família.

— Então, nada de Roberts ou Richards?

— Não, bons nomes bíblicos, sim? João, Pedro, Marta e semelhantes.

— Salomé? — ela brincou, mas ele apenas balançou a cabeça, irritado com a interrupção dela.

— Você quer que eu conte ou não?

Alex arrastou um dedo sobre os lábios e acenou para ele continuar.

— Mark morreu quando tinha dez anos, de sarampo. — Ele ficou em silêncio e esfregou o polegar.

— Sarampo? — Alex ecoou. — Se morre de sarampo?

Ela era maluca? Todo mundo sabia que as pessoas — e em particular as crianças escocesas — eram levadas regularmente pelo sarampo.

— Sim; é uma doença desagradável.

— Oh. Não é muito comum de onde eu sou.

— Sério? — Ele se inclinou para ela, notando que ela empurrou o cabelo para trás da orelha esquerda, expondo a ponta levemente.

— Mais tarde — ela disse. — Falamos de mim mais tarde. Então vá em frente.

— Houve apenas um ano entre mim e Mark, e agora que ele está morto, Joan é a mais próxima de mim, e então há Luke, aquele bastardo. — Ele olhou para ela, distraído de sua história pelo jeito que alguns dos cachos de seus cabelos crespos erguiam-se na brisa da noite. — Eu os encontrei na cama — ele abreviou, decidindo que não

queria contar tudo a essa estranha mulher. — Eu cheguei no final de uma tarde de abril, querendo surpreender Margaret, minha esposa, e fiz isso, mas ela me surpreendeu ainda mais.

Deu-lhe uma breve descrição dos acontecimentos, desde o momento em que ele jogou as luvas e o chapéu no banco da cozinha, quando entrou em seu quarto para encontrar sua esposa nua com seu próprio irmão.

— Eu juro, se tivesse minha espada na mão, o teria destripado ali mesmo, na hora. Em vez disso, fiquei parado ali, como um idiota, e ela... bem, ela... — Ele parou. Margaret havia rido, dito que não precisava mais dele ou o queria. Não agora que Luke estava de volta.

— Então o que você fez?

Ele deu a ela um olhar pesado; o que ela achava que ele tinha feito?

— Eu arrastei o meu irmão nu da minha cama e não a deixei se vestir adequadamente antes de jogá-los no quintal. E quando ela ficou lá no crepúsculo, com seu corpo descaradamente exposto, me pediu para entregar seu filho, dizendo que ele não era meu, porque Luke era pai de Ian, não eu.

Alex se aproximou o suficiente para dar um tapinha em seu braço. Ele se encolheu, desconfortável com a compaixão que viu nos olhos dela.

— Quatro semanas depois, uma companhia de soldados entrou no meu quintal e fui preso por traição e amarrado como um criminoso comum antes de me jogarem no meu cavalo.

— Você fez isso? Cometeu traição, quero dizer.

Ele mastigou o interior de sua bochecha, considerando o quanto dizer a ela.

— Só acredito na igualdade — disse ele. — Eu não apoio reis e coisas do tipo, mas acredito que todos os homens sejam iguais aos olhos de nosso Senhor.

— Ah, Deus, um Fundador.

— Um o quê?

— Não importa — ela disse, acenando para que ele continuasse.

Ele olhou para o céu escuro de agosto e suspirou.

— Neste caso específico, fui julgado por traição contra a Commonwealth, por apoiar o rei e participar do levante de Glencairn. Eu não fiz tal coisa, mas Luke fez, e ainda assim ele estava no banco das testemunhas, um olhar solene em seu rosto enquanto me condenava ao inferno com suas descrições detalhadas do que eu tinha feito. Eles me chamaram de espião, vira-casaca, e eu não era nada disso, pois só lutei por um lado, o lado dos homens livres que se chocou contra um rei déspota.

— Mas... — ela engasgou. — Como ele pôde fazer isso com você?

Primeiro sua esposa, depois sua liberdade. Esse tal de Luke precisa de alguém para lhe dar um grande chute no rabo!

— Oh, sim — disse Matthew. — Eu não me importaria de fazer isso sozinho, ou pior.

— E de qualquer maneira, por que eles acreditaram nele? Você não teria contado a ele sobre suas atividades traiçoeiras, teria? Não a menos que ele estivesse do seu lado.

— Eles acreditaram nele porque queriam. E fui sentenciado a cinco anos de prisão porque os juízes decidiram ser indulgentes e não me enforcarem, por causa de meus anos no exército. — E graças a ele, Simon, seu advogado e cunhado, Hillview, sua propriedade ainda era dele, a salvo das mãos de Luke.

Ela olhou para ele.

— E você escapou depois de três, o que faz de você um fugitivo, um fora da lei.

Matthew encolheu os ombros e desviou o olhar, perturbado por sua declaração direta.

— Eu estarei seguro, aqui na Escócia.

— Como? Parte da Escócia é da Commonwealth também. Cromwell não fez disso um Protetorado, sob ele?

— Sim, mas ele está doente. Nós ouvimos na prisão, como ele esteve doente com a febre na maior parte do verão. — Ele ficou olhando para o nada por um tempo. — Não há ninguém para substituí-lo. Ele é um grande homem, é Oliver Cromwell, mas homens que são fortes líderes separam seus sucessores em potencial. E aquele filho dele... não, ele não vai durar, e o Protetorado não existirá mais.

— Ainda assim — disse ela —, não teria sido melhor passar por mais dois anos e ser verdadeiramente livre?

Ele olhou para ela por um longo tempo.

— Você nunca esteve na prisão, eu presumo.

Não, ela concordou, ela não estivera, e ela também não estava planejando ir para lá.

— Nem eu. — Ele suspirou e endireitou-se, estendendo os braços para ela. Em volta dos dois pulsos havia uma pulseira de pele vermelha e irritada, cortes meio curados que haviam se tornado abcessos e sido lanceados, deixando cicatrizes semelhantes a catapora atrás de si.

— Imagine fazer tudo com um peso de ferro entre as mãos e as pernas. Quando você se vira dormindo, você acorda por causa das correntes, quando você quer coçar a cabeça, tem que levantar as duas mãos, porque senão não conseguirá alcançar. E a cada movimento que você faz, as correntes tilintam.

Ela rodeou seus pulsos, seus polegares acariciando a pele interna macia. Isso fez seu sangue bater e ele afastou as mãos.

— Sinto muito — ela murmurou.

— Por quê? — ele disse com um leve sorriso. — Não se importe comigo. Eu não estou muito acostumado a companhia. Especialmente à de uma mulher atraente com um toque gentil. É muito solitário, você sabe, estar na prisão. — Seu olhar estava fixo na lua que pendia como um queijo dourado logo acima do horizonte. Solitário no meio de tantas pessoas, mas era assim, uma constante solidão barulhenta. Todos eles, cada um de seus companheiros, tão solitários quanto ele, olhando para o pequeno pedaço de céu que podiam ver através do orifício de ventilação, sonhando com outro lugar, qualquer lugar menos onde estavam.

Tinha sido puro acaso, ele estar no pátio quando os homens mortos pela febre foram levados para o enterro. Não tinha sido uma decisão consciente; ele apenas se deitou no fundo do carrinho, rangendo os dentes com a proximidade de todos aqueles corpos mortos, uma oração silenciosa soando em volta de sua cabeça enquanto o carrinho rangia até parar para uma inspeção final antes de começar de novo.

— Que nojo! Você se escondeu embaixo dos cadáveres?

— Até onde eu consegui, eu não queria ser cutucado por uma espada, não é?

O tropeiro tinha guinchado de medo, olhos esbugalhados de incredulidade, quando Matthew se levantou de joelhos a alguns quilômetros da estrada.

— Eu roubei suas roupas. — E seu cavalo, cavalgando o animal cansado o mais forte que pôde durante toda aquela noite. — Ele ficou coxo depois de um tempo, então eu o deixei no pasto de uma aldeia e continuei a pé, roubando o que pude. — E agora eu estou quase em casa — ele terminou. Que casa? Uma casa, sim, e suas terras, mas nenhuma mulher, nenhum filho e, para seu único irmão, um profundo e ardente ódio. Alex se inclinou para frente, uma mão quente subindo para cobrir sua bochecha.

— Estou feliz por você, que em breve estará em casa. E vou manter meus dedos cruzados para que você viva em paz lá.

Ela parecia muito entristecida.

— Obrigado. — Ele sorriu e cobriu a mão dela com a sua.

Ela se mexeu no chão e xingou quando seu pé queimado raspou pela grama.

— Você não vai andar por alguns dias — disse ele, olhando para a pele danificada. Estava inchada e quente ao toque, e sua sondagem gentil a fez vacilar. — Nós vamos ter que esperar até você poder colocar peso nele. — Ele franziu a testa para aquilo; esses bandoleiros poderiam decidir voltar, assim como os soldados. Ele iria mudar o acampamento no dia seguinte.

— Você não precisa ficar — disse ela. — Eu não quero que você

seja pego. Eu ficarei bem sozinha.

Ele bufou com essa total mentira.

— Eu não posso te deixar sozinha, moça. Vamos esperar até você poder se mexer. Talvez eu possa lhe guiar no seu caminho.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Eu não acho que você pode, eu não acho que tenho para onde ir. Minha casa está perdida para mim.

Ele considerou várias razões para isso. Talvez ela tivesse desonrado sua família ou estivesse fugindo de um marido violento. Ou talvez ela fosse de algum lugar distante e tivesse partido para novas terras. Ela não era dali, ele estava certo, estudando suas pernas vestidas de azul. Ela notou e deu-lhe um sorriso apertado.

— Jeans. Todo mundo usa isso de onde eu venho.

— *Djeens* — ele repetiu. — Bem, você deve ser de muito longe.

— Você poderia dizer isso de novo — ela murmurou.



COM UM PEQUENO SUSPIRO, o fogo deles desmoronou em um monte de brasas, e por alguns momentos Matthew se ocupou em acrescentar mais combustível a ele.

— Então — ele disse, uma vez que o fogo se recuperou de sua experiência de quase morte. — Sua vez.

Alex mordeu o lábio inferior, imaginando como explicar.

— Eu nasci em Sevilha, Espanha. — Ela olhou para ele e decidiu dizer-lhe de uma só vez. — Em agosto de 1976.

Ele piscou.

— O quê?

— Você me ouviu, 1976. — Ok, talvez ela não devesse ter dito a ele tão abruptamente, porque se a boca dele se abrisse ainda mais, ela seria capaz de encaixar não apenas uma maçã, mas um melão inteiro nela. Ela podia simpatizar totalmente com a reação dele. Ela limpou a garganta e brincou com um botão solto em sua camisa. Ele se mexeu no assento e, quando ela o espiou, ele a estava olhando. Ela deu-lhe um sorriso hesitante, e para seu alívio ele sorriu de volta, embora fosse um sorriso fraco.

— Que dia de agosto? — ele disse, surpreendendo-a. Ela contou dias em sua cabeça. Hoje era o décimo primeiro dia de agosto e, em treze dias, ela teria vinte e seis. Provavelmente mais ou menos antiga nesses tempos, ela estremeceu.

— O vigésimo quarto, mas tudo bem, eu não espero um bolo e presentes.

Ele riu, um som suave, e se moveu para se sentar um pouco mais perto, com os olhos fixos no rosto dela.

— Como você chegou aqui?

Bem, pelo menos ele ainda estava sentado ao lado dela, não fugindo em pânico. Isso tinha que ser um bom sinal, certo?

— Eu não tenho ideia — ela lhe contou sobre o carro e a tempestade, do buraco que se abria abaixo dela. Ele ficou boquiaberto com ela.

— Mas... — ele começou, fechou a boca e expirou antes de tentar novamente. — Mas não, você não pode fazer isso! É impossível! — Ele engoliu em seco. — A menos que... — Ele parou.

— A menos que o quê? Você acha que eu sou algum tipo de bruxa?

— Você é? — Ele desviou os olhos, e ela podia jurar que ele estava rezando em voz baixa.

— Claro que não! E isso é tão inacreditável para mim quanto para você, ok? — Ela abraçou as pernas. — Eu continuo esperando que seja algum tipo de sonho, então, por favor, você pode me beliscar o suficiente para me fazer acordar? — Ele beliscou, e ela gritou, olhando para ele. — Ai! Eu já sabia que estava acordada. Infelizmente.

Matthew respirou fundo, depois repetiu o gesto, seus olhos nunca deixando os dela.

— Eu estou dizendo a verdade, ok? Quem faria algo assim? A ideia de Deus é uma piada, certo? — Ela riu trêmula, e para seu alívio ele se juntou a ela, antes de se inclinar na sua direção, os olhos brilhando de curiosidade.

— Diga-me então, como é, lá no futuro?

Então Alex o fez, passando a próxima meia hora descrevendo uma vida que o fez às vezes abrir a boca e com a mesma frequência rindo, insistindo que ela tinha que estar brincando com ele.

— Nenhuma praga? — ele perguntou, impressionado.

— Não — ela disse —, e as pessoas não tendem a morrer de sarampo.

Matthew lançou lhe um olhar penetrante.

— E ele? O homem que encontramos? Ele também é do seu tempo?

— Obviamente — ela murmurou. — O que eles farão com ele?

— Eu não sei. Ele não falava escocês, ele e suas roupas... — Ele olhou para o jeans dela.

— Eu deveria tê-lo ajudado. — Não que ela realmente quisesse, não depois de seus comentários sobre a Itália.

— Como? Uma moça contra uma tropa de soldados? E ele não parecia se importar muito com você. Se eu não estivesse lá, acho que ele teria te machucado. De verdade.

— Provavelmente. — Alex suprimiu um tremor ou dois.

— Por quê?

— Eu não tenho ideia. — O que era, afinal de contas, a verdade.

— Mas ele disse, sobre a Itália e...

— Escuta, eu não quero falar sobre isso, ok? — Ela olhou para ele, os olhos nunca deixando os seus até que ele deu de ombros e foi encontrar mais um pouco de madeira.



— MATTHEW? — Alex ficou de pé. — É você? — Ela examinou a borda externa de seu fraco círculo de luz, certa de que tinha ouvido alguma coisa. Uma forma surgiu da encosta, transformando-se em homem quando ele se aproximou. Aos seus calcanhares apareceu outro homem, e Alex os reconheceu de antes. Merda.

— Onde ele está? — O homem mais velho assobiou.

— Quem? — Alex se afastou da faca brandida.

— Seu homem, aquele que fez isso comigo. — Ele apontou para o ferimento longo e cortante ao lado do rosto.

— Não aqui. — Alex mordeu de volta em uma exclamação quando ela colocou muito peso em seu pé machucado. Bem, pelo menos ela tinha dois bons braços, se fosse o caso. Ela os levantou, mãos como lâminas. O homem mais jovem franziu a testa e esfregou o braço. Ela já havia escapado de situações semelhantes com seus golpes de caratê no passado, e ela achava que ele tinha uma contusão da cor de uma berinjela em todo o bíceps. Ainda assim; ela preferiria que Matthew voltasse o mais rápido possível. Ela se arrastou para trás, mantendo o pequeno fogo entre ela e os dois homens.

— Agarre-a — o homem mais velho disse ao mais novo. — Leve-a e vamos embora.

— Tente — Alex rosnou.

O homem riu, claramente indiferente.

— Mas... — o homem mais jovem disse, lançando olhares preocupados para a escuridão que os rodeava.

— Faça o que eu digo. Assim que tivermos a moça, ele não vai se arriscar a machucá-la, não é? — Ele olhou para Alex. — E nós não vamos, não enquanto ela se comportar

Vai sonhando; ela arrancaria seus olhos antes que o deixasse tocá-la. Com um murmúrio relutante, o homem mais novo se aproximou dela, carregando um pedaço de corda. Alex lambeu os lábios.

Uma pedra acertou o homem mais velho na parte de trás de sua cabeça. Ele cambaleou e caiu de joelhos.

— Pai? — O outro homem correu em direção a ele. No entanto, outra pedra veio assobiando durante a noite e aterrissou com um barulho surdo na cabeça do pai. O homem caiu para frente, uivando quando suas mãos afundaram nas brasas do fogo.

— Pai! — o jovem disse. — Pai, suas mãos! — Ele bateu nas mangas fumegantes, ganindo quando se queimou.

— Eu lhes disse — Matthew rugiu de algum lugar na encosta. — Eu disse a vocês para irem embora e não nos incomodar. — Ele se dirigiu para a luz, pairando sobre os dois rufiões. — Vão, e desta vez não voltem.

— Não, não — gaguejou o homem mais jovem. — Nós já vamos, sim? — Ele ajudou seu pai a ficar de pé e, sem olhar para trás, eles desapareceram na noite de agosto.

— Inferno! — disse Alex. — A vida é sempre emocionante aqui?

— Não. Em geral, não. — Ele fez uma careta na direção de onde eles ainda podiam ouvir o progresso dos ladrões. — Tipos como eles devem ser enforcados, atacando viajantes solitários e mulheres.

— Bem, eles escolheram o cara errado para mexer, não é? — Alex afundou para se sentar.

— Devemos dormir um pouco — disse Matthew. — Você precisa de ajuda para voltar para a caverna?

Ela balançou a cabeça e enterrou o telefone, em uma débil tentativa de deixar algum rastro para trás, se John, no futuro, recebesse sua mensagem — ela mais ou menos rasgou as letras na superfície com sua pederneira. Ela até roubou uma meia furada da bolsa dele na qual enrolou o telefone, esperando que a lã protegesse seu frágil invólucro de metal dos caprichos do tempo.

— Eu preferiria ficar do lado de fora. Isso será perigoso?

Matthew riu.

— Não, acredito que não. Eles não vão voltar, não é?

— Não, a menos que eles sejam muito, muito estúpidos — disse Alex.

Alex estava de costas para ele, os olhos perdidos no céu escuro acima. Um dia, e pareceu uma eternidade. Como ela suportaria uma vida inteira ali?

— John — ela sussurrou para a noite. — Meu John.

Não; não chore, Alex Lind. Ela enfiou a mão na boca e mordeu. Com força.

A recepcionista olhou para cima quando Diane e John entraram no escritório na manhã seguinte.

— Graças a Deus você está aqui — Louise disse no que provavelmente era para ser um sussurro discreto, mas foi muito bem. — Tem um cavalheiro aqui para te ver. Ele está aqui desde as oito, e ele esteve aqui ontem à tarde também. Eu acho que ele está chateado.

— Chateado? — Diane passou a mão pelo rosto.

— Ele diz que é sócio do Sr. Sanderson.

— Mas... por que você não me ligou? Ontem?

— Eu tentei — disse Louise.

Diane pegou o telefone.

— Você tentou?

— Eu só vou... — John apontou na direção de seu escritório. — Eu tenho um emaranhado de e-mails para passar. — Trabalho suficiente para se afogar, esquecer todo esse negócio com Alex, pelo menos por um tempo.

— Oh, não, você não tem; vamos falar com ele juntos.

— Sim — Louise assentiu. — Ele especificamente disse que quer ver vocês dois.

— Mas que inferno. — John lançou um olhar na direção de Diane.

— Bem, vamos lá, vamos acabar com isso.

O homem que estava esperando por eles girou quando entraram. Onde Sanderson era grande e volumoso, ao longo das linhas de um jogador de rugby, esse homem tinha a aparência de um dançarino de balé ou esgrimista, magro e gracioso, com surpreendentes olhos que mesclavam entre verde e azul em um rosto bronzeado e bem cuidado. Seu crânio estava raspado e seu lábio superior era cortado por uma cicatriz, criando a impressão de que sua boca fina tinha dois arcos de cupido, um sobreposto ao outro.

— O que aconteceu? — ele disse. — Onde está o Diego? Ele está desaparecido há duas noites! E eu tentei entrar em contato com você, mas...

— Sinto muito — disse Diane —, mas quem exatamente é você? O senhor Sanderson nunca mencionou que tem um parceiro.

A boca cheia de cicatrizes do homem se torceu.

— Por que ele deveria? Mas confie em mim, sou seu parceiro,

tanto na vida quanto nos negócios. — Sua voz era como chocolate suave, cultivada e sem sotaque. Ele os encarou com o que poderia ser divertimento, se não fosse pelo olhar avaliador em seu rosto enquanto eles reorganizavam suas feições em expressões de comiseração.

— Eu sou Hector, Hector Olivares. Então, o que aconteceu?

Seus olhos nunca deixaram John enquanto ele contava o que havia acontecido, desde o momento em que chegaram ao cruzamento até quando Sanderson desapareceu. Depois, Hector colocou as mãos na frente dele e olhou pela janela com um olhar desfocado. Ele limpou a garganta, voltando os desconcertantes olhos turquesa para John.

— Onde exatamente isso aconteceu?

John franziu a testa.

— Como exatamente?

— Tão exato quanto possível.

John foi até a mesa de Diane, indicando que Hector deveria ir junto.

— Lá — disse ele depois de um tempo, apontando para um mapa ampliado na tela do laptop. — É uma encruzilhada muito estranha, com a pequena trilha cortando a estrada Moffat para Selkirk em um ângulo exato de noventa graus.

Hector assentiu com a cabeça, a boca em uma linha sombria.

— Sim, eles são sempre muito precisos, os nós do tempo.

— Nós de tempo? — Diane zombou. — O que seria isso?

Hector ergueu as sobrelanceiras ante o tom dela e se dirigiu a John.

— Os nós do tempo são pontos nos quais, de vez em quando, o tecido do tempo se rompe, através de terremotos, do clima anormal ou da atividade vulcânica. — Hector fez um gesto de desdém. — A atividade vulcânica geralmente impede que alguém realmente caia nos buracos. Você queima até morrer, em vez disso.

— É claro — ele acrescentou, em um tom tão casual como se estivesse discutindo o preço do leite —, há outras maneiras de viajar de vez em quando, mas elas exigem magia, magia negra, enquanto os nós do tempo, bem, eles são rachaduras naturais no tempo.

— Naturais? — John resmungou. Ele deveria gargalhar? Chamar o manicômio mais próximo?

— Não se preocupe — disse Hector com um sorriso torto. — Só acontece com um em um milhão ou mais. — Ele puxou as mangas de seu macacão de cashmere escuro e caminhou até a janela. — Por quê? Por que isso aconteceu com você, Diego? Eu lhe disse para ter cuidado.

— Ter cuidado? — John disse. — Ele sabia que isso poderia acontecer?

Hector nivelou um olhar sombrio para ele.

— Diego não acreditou totalmente em mim. — Hector suspirou e

se virou. — E agora ele está caído em outro lugar.

— E Alex?

Hector parecia como se não pudesse se importar menos.

— Ela obviamente caiu no tempo também. — Ele colocou a mão no ombro de John em um breve tapinha. — Não espere que ela volte. Eles nunca voltam.

— Bem — interrompeu Diane —, em primeiro lugar, Sr. Olivares, não sabemos o que aconteceu com a Alex ou com o Sr. Sanderson, e em segundo lugar, devo dizer que acho sua teoria divertida, mas totalmente incrível. Nós do tempo. Francamente!

Hector moveu os ombros por baixo do suéter. Em um momento ele era um homem fraco e efeminado, no outro, parecia perigoso como um tigre faminto. Diane ficou de pé.

— E de qualquer maneira, como você sabe que alguém pode cair no tempo? A menos que você tenha feito isso sozinho, é claro. — Ela lançou um olhar triunfante para John, como se dissesse: Viu? Eu o peguei.

— Oh, eu fiz — disse Hector. — Várias vezes, de fato, lançado de um momento para outro. — Algo escuro se instalou em seu rosto. — E tudo por causa de Mercedes Gutierrez Sanchez, bruxa viajante do tempo que ela é, e sua magia amaldiçoada.

— Mercedes? Magia? — John pegou a mão de Diane na sua; ele não gostou disso, de jeito nenhum. Ele tentou rir, mas de alguma forma ficou preso no meio do caminho. — Isso é ridículo!

— É? É mesmo? — Hector balançou a cabeça. — O que você sabe?

Hector saiu pouco depois de tê-los feito prometer que o levariam ao cruzamento no dia seguinte, insistindo que precisava ver o lugar onde Diego havia desaparecido.

— Eu vou pagar você, é claro — ele disse, curvando-se com certa ironia na direção de Diane. — Assim como pagaremos pelo trabalho de TI que você fez para Diego, supondo que você tenha algo para entregar.

John afundou no sofá e olhou para Diane.

— Por favor, me diga que você ainda acredita que há uma explicação perfeitamente racional para tudo isso. Por favor, por favor, me diga que você está rindo na sua cabeça com o que aquele homem bastante sinistro acabou de nos contar.

— Claro que estou — ela disse —, mas ele era muito prático, não era?

— Sim, ele era. E o que foi toda aquela merda sobre a Mercedes voar através do tempo?

— Eu não descartaria a ideia — ela disse com um sorriso provocante. — Eu pensei por anos que havia algo muito estranho nela. Suponho que cair nos nós do tempo teria um impacto perturbador em

sua sanidade — ela disse sarcasticamente.

John franziu os lábios.

— Era difícil de definir a idade dela, não era?

Diane encolheu os ombros.

— Bons genes — ela disse a John. — E um cabeleireiro habilidoso.



HECTOR SENTOU-SE EM ABSOLUTA QUIETUDE, com as mãos cruzadas sobre as pernas também cruzadas, e estudou seus companheiros a partir de sua posição no banco de trás. Diane estava mantendo uma conversa constante com John, sem dúvida, em uma tentativa de distraí-lo, mas, tanto quanto Hector podia ver, não estava funcionando muito bem. Os ombros de John estavam tensos sob a lã vermelha do suéter, as mãos apertadas no volante enquanto ele voltava para o cruzamento.

Ele se perguntou quanto da noite anterior Diane passara verificando sua identidade, e mentalmente ele tirou o chapéu para ela. Diane Wilson era minuciosa e não se intimidava facilmente, e essas eram qualidades que ele apreciava — particularmente em pessoas que trabalhavam para ele. Ele encontrou os olhos dela no espelho retrovisor, aguçou o olhar até que ela desviasse o seu. Hector voltou a considerar a paisagem em alta velocidade. No banco da frente, Diane estava dizendo alguma coisa em tom baixo e intenso, e sem virar a cabeça ele sintonizou.

— ... então é claro que deve haver algum tipo de explicação — disse ela a John. — É só que ainda não encontramos uma.

Boa sorte para eles. Ele passou a maior parte de sua vida tentando desvendar a lógica por trás de seu próprio destino. Pensou que tinha encontrado quando conheceu Diego, uma espécie de compensação divina para todos os anos infrutíferos anteriores. Ele suspirou. A única razão pela qual Diego havia contratado a empresa de TI de Diane Wilson era para chegar a Alexandra Lind, uma oportunidade de encontrá-la sozinha e intimidá-la a contar-lhes o que havia acontecido com Ángel. Agora tudo deu errado: nada de Alexandra Lind e nada de Diego. Hector apertou sua mão e acariciou o grosso anel de ouro que adornava seu dedo anelar.

John estacionou no acostamento e gesticulou para a estrada.

— Aqui — disse ele, e Hector saiu. Ele levou seu tempo estudando o ambiente estéril. Não havia nada ali, nada que o ajudasse a aprender aonde Diego foi parar. Ignorando sua plateia de dois, ele saiu para ficar no centro exato da encruzilhada, e lá se agachou para colocar a palma da mão contra o asfalto quente.

— *Adios*, Diego. — Pobre infeliz, ele nunca iria viver bem em um

mundo sem *fast food* e facilidades modernas. Ele se endireitou e esfregou sua coxa machucada, cortesia daquele salto em pânico da janela do estúdio alguns dias atrás. Coisa estúpida a fazer, ele estava perturbado demais com Diego para bancar o gatuno. Ainda assim, ele teve que tentar. Precisava de uma daquelas pinturas, ainda mais agora, que Diego havia sumido de sua vida.

Ele se virou para olhá-los, dois jovens bastante apreensivos, muito próximos.

— Estranho, não é? Primeiro Alexandra desaparece, parece que está em algum lugar contra a vontade dela por alguns meses, e no dia em que ela reaparece, a mãe desaparece, para nunca mais se ouvir dela. Infelizmente.

Tinha sido um dos dias mais felizes em sua longa e longa vida, o dia em que Ángel o chamou para dizer que ele a havia encontrado — não a bruxa em si, mas sua filha, uma Alexandra Lind. Ele tinha certeza? Sim, Ángel tinha gritado — bem, ele tinha quase certeza, noventa e nove por cento de certeza. Então, o que Hector queria que ele fizesse? Bem, isso foi fácil. Finalmente; uma oportunidade de ouro para enganar a bruxa de uma vez por todas, e se a filha ficasse um tanto maltratada como resultado, bem, que fosse — que culpassem a mãe, não a ele. A testa de Hector se enrugou. Maldita Mercedes! De alguma forma, ela escapou de sua armadilha elegante e, no processo, levou Ángel com ela. Como?

— Você não gosta muito dela, não é? — disse Diane.

— Quem? Mercedes? Não, não gosto, mas por que eu deveria? Ela é uma bruxa. Isso é tudo culpa dela, ela é quem começou, me tirando do meu tempo.

— Oh, Céus! — Diane respondeu. — E por quê? O que você fez com ela?

— Isso, Srta. Wilson, não é da sua conta. Vamos apenas dizer que ela destruiu completamente a minha vida, e por isso eu quero muito fazê-la pagar. — Ela fez um som irônico que Hector reconheceu como desprezo. Às vezes era melhor ignorar do que punir. As consequências poderiam ser tão tediosas. Ele fez uma última volta lenta, despedindo-se mentalmente de Diego. E agora, com quem compartilharia todos os seus segredos? Hector suspirou; anos de companhia deixavam a pessoa muito vulnerável aos lados mais escuros da solidão.

— Já podemos voltar — disse ele. — Não há nada para ver aqui, há?

— O que você estava esperando? Um pequeno posto de sinal puro que diz o nó do tempo? Um buraco aberto para outra dimensão no tempo? — A voz de Diane estava carregada de sarcasmo. — Você sabe, algo, qualquer coisa, para corroborar sua história bastante estranha.

— Você está me chamando de mentiroso?

— Sim, suponho que estou. Ou alucinado, faça a sua escolha.

— Eu não sou alucinado — disse Hector com os dentes cerrados. Essa jovem estava começando a irritá-lo. Ele se forçou a soltar os dedos.

— Nada nessa história de viagem no tempo é verdade! — Diane disse.

— Não, claro que não é — interrompeu John. — Deve haver uma explicação lógica.

— Claro — Hector zombou. — E eu mal posso esperar para ouvi-la. Como isso explicará o carro seco no meio da chuva? Ou o celular dela enferrujado? Ou meu pobre Diego?

— Eu não sei — John murmurou.

— Não, claro que você não sabe, porque não há explicação.

— Deve haver — disse Diane.

— Não existe. Confie em mim. — Hector se virou para olhar para um John desalentado. — Esqueça-a, ela nunca vai voltar. — John gemeu, e Hector deu-lhe um olhar irritado. O que ele tinha para reclamar? Não foi ele que foi expulso do seu tempo, foi?

Ela o enganou. Hector enfiou as mãos nos bolsos. Bruxa do caralho! Hector apertou os lábios para conter a raiva que rugia de sua barriga, entupia sua garganta e enchia-o com o desejo de arrancar o coração de alguém.

Ele virou as costas para eles, lutando para se acalmar. A paisagem subia e descia em suaves ondulações ao redor dele, verdes silenciosos criando um pano de fundo suave para os púrpuras e rosas — tão diferentes de sua terra natal, uma terra de calor empoeirado, de marrons desbotados e amarelos opacos. Sevilha, *mi Sevilha* ... E o ano era 1480 ou por aí, e ele era jovem, um homem ascendente na corte de *La Reina Isabel*, escolhida a dedo por Sua Mais Católica Majestade para ajudar na tarefa mais sensível — limpar a Espanha recém-nascida de todos os hereges.

Ele os seguiu de volta para o carro, afundou em suas memórias. Tanto poder; um futuro brilhante que se estendia diante dele, uma vida de riqueza, de influência, um servo da Inquisição, um homem que entrava e saía desimpedido através dos portões do Alcázar de Sevilha — e depois Mercedes estragou tudo. Bruxa! Para ficar lá e amaldiçoá-lo, dizer a ele que o faria pagar, e pelo quê? Por fazer o seu trabalho! Era culpa dele que o pai dela fosse um falso convertido? Benjamin Isaac tornou-se Benito Gutierrez apenas para evitar a expulsão de Sevilha — todos sabiam disso. Bem; não até que ele, Hector, lhes dissesse, assentindo gravemente ao descrever como Benito colocava o xale de oração em volta dos ombros.

— Hmm? — Ele ajustou o cinto de segurança.

— Eu perguntei se você quer que a gente te deixe em algum lugar, ou se o escritório está bom o bastante. — Diane se virou para olhá-lo. — Você está bem?

Hector estrangulou uma gargalhada. Tudo bem? Claro que ele não estava bem! Ele estava vivendo uma vida que não deveria, em um tempo em que ele não deveria estar. Maldita Mercedes! Ele esticou os lábios em um sorriso, disse a Diane que o escritório era bom o bastante e sentou-se.

Ele mentiu. Benito não era falso convertido, nem sua filha mais nova, Dolores. Mas o que Hector estava fazendo, preso em uma confusão que ameaçava explodir em seu rosto? Ele não tinha escolha! Seu maior erro tinha sido deixar Mercedes viver — ele deveria tê-la arrastado diante da Inquisição também, e então ela teria sido outra mulher assada até a morte na praça central, e ele poderia ter continuado com sua bem ordenada vida feliz.

Ele entrelaçou as mãos. Em vez disso... Ela arrancou-o do seu tempo, a bruxa. Anos — anos sem fim — jogado de uma era para outra em suas tentativas desesperadas de voltar, ir para casa. Mercedes gargalhou quando lhe disse que o amaldiçoara — para nunca morrer, sempre vagar, a menos que ele voltasse para a Sevilha medieval. Ele fez o sinal da cruz. Por favor, deixe-me morrer, me acerte com um raio celestial e me destrua, me pendure de cabeça para baixo e me abra, me jogue em uma cratera em erupção, mas, por favor, me deixe morrer — não me deixe em pedaços.

Ele limpou a garganta, encontrou os olhos castanhos de John no espelho retrovisor e se ocupou em encontrar um chiclete. Uma pintura; ele precisava colocar as mãos em uma das pinturas de Mercedes. Foi assim que tudo começou, com uma foto do tamanho de um cartão postal, e ele olhou para ela, incapaz de desviar o olhar do crescente funil de luz brilhante e brilhante. Tanto barulho, tanta dor... ele estremeceu.

Hector apoiou a testa contra a janela e, em sua cabeça, dançou com Dolores, imponente e bonita Dolores. Às vezes ele se perguntava se, quando se encontrasse em repouso, poderia vê-la novamente. Quase o fez rir. Se Dolores tivesse a oportunidade, ele tinha certeza de que ela arrancaria as bolas dele. Em seus momentos mais introspectivos, ele admitiu que merecia isso.



No sétimo dia desta nova existência, Alex desceu a colina na direção da nascente, compilando uma lista de coisas das quais ela mais sentia falta no século XXI em sua cabeça. Enquanto os efeitos de sua concussão diminuíam, a enormidade de sua situação se tornava cada vez mais clara para ela, deixando-a com vontade de cavar um buraco em algum lugar e hibernar, dormir em meio a esse pesadelo prolongado. Com um comportamento totalmente improdutivo, a parte lógica de seu cérebro protestou e, em vez disso, fez listas.

— Torta de limão com merengue, ou talvez um cappuccino com um brioche? — Ela estava constantemente com fome, seu estômago protestando em longos e zangados rumores sobre essa mudança súbita e brutal na dieta. No final, ela decidiu que nenhum deles entrava na lista, afinal, ela não estava morrendo de fome. — Escova de dentes. — Ela balançou a cabeça. — Escova de dentes, sabão, roupas íntimas limpas, papel higiênico e... — Hmm. Absorventes higiênicos — ela acrescentou alguns minutos depois. Falando sobre inconveniência...

Ela hesitou pela estrada no caminho de volta. Todas as manhãs ela se apressava para olhar, esperando que tivesse ressuscitado em sua forma moderna da noite para o dia. Não tinha. Até agora, evitava pôr os pés na encruzilhada, tendo que afastar memórias vívidas daquele buraco sempre que chegava perto demais. Mas hoje ela respirou fundo e se arrastou para o meio, forçando as pernas a permanecerem retas.

Ela fechou os olhos e levantou os braços. Por favor; me leve de volta. Nada aconteceu. Claro que nada aconteceu! O que ela esperava, uma porta giratória no tempo? John. Ele pareceu surgir à frente dela, cabelos loiros caindo sobre a testa. Ela se dobrou em torno de seu nome, embalando-o para ela. Caiu de joelhos, apertou as mãos como sua avó costumava fazer, e rezou, uma torrente de palavras em sueco — a única língua na qual ela já ouvira alguém invocar Deus. Talvez, se ela fizesse isso por tempo suficiente, algo aconteceria, levando-a de volta ao seu mundo e seu povo — Isaac, John e Magnus.

— O que você está fazendo? — A voz de Matthew lembrou-a do pântano vazio e da trilha de terra que passava por uma estrada.

— Nada. — Ela se levantou, sentindo-se ridícula.

— Você estava orando, não estava? Implorando ao Senhor para levá-lo de volta ao seu tempo, eu acho.

Alex encolheu os ombros.

— Eu acho que vale a pena tentar, pelo menos. — Ela fez um esforço e sorriu para ele. — Se os desejos fossem cavalos, hein?

— Ah, bem. Eu não me importo muito com um cavalo, mas tem que se contentar com o que se tem, não ansiar pelo que não se tem.

— Fácil para você dizer. — Ela não tinha absolutamente nada ali.

— Mas é verdade, no entanto. — Ele ajustou seu pacote. — Pronta? — Eles estavam saindo hoje, Matthew tendo decidido que seu pé estava bom o bastante.

— Tudo pronto. — Ela lançou um último olhar para o cruzamento antes de segui-lo até a colina.



O SOL ESTAVA no alto quando Matthew decidiu parar. Alex sentou-se debaixo de uma árvore raquítica e levantou os pés para inspecionar as solas.

— Faz anos que não ando descalça. Olha, eu tenho hematomas.

— Não, você não tem, isso é sujeira. — Ele entregou-lhe o vasilhame de água e inclinou a cabeça para o suave murmúrio de água. — Você comeria rãs?

— Rãs? — Não se ela pudesse evitar.

— Elas podem ser muito saborosas, talvez não o tipo de comida ao qual você está acostumada, mas mesmo assim. — Ele fez uma rápida varredura de seus arredores. — Eu não acho que vamos encontrar nenhum... Como é mesmo? Chocolate? Em qualquer lugar perto.

— Não, provavelmente não. — A manhã toda ela estava contando a comida que estava perdendo. A rãs pareciam um substituto pobre para hambúrgueres e frango *tandoori*, e definitivamente muito longe de um dos bolos de chocolate de Magnus.

— É comida — disse ele, uma ponta afiada em sua voz. — Melhor do que andar com a barriga vazia.

— Desde que você cozinhe.

Alex rasgou as rãs com determinação. Frango, finja que é frango. Ela pegou folhas de dente de leão e tentou convencê-lo a experimentar algumas. Ele o fez, mas lhe disse que a tal coisa verde era melhor deixada para cavalos e vacas. Mas ele comeu mais do que a sua parte das framboesas que ela encontrou, rindo dela quando ela tentou manter seu próprio tesouro a salvo de suas mãos invasoras, rindo ainda mais quando ela pulou, em uma tentativa divertida de trazer suas frutas de volta. Matthew encheu a boca e atirou-se ao lado dela.

— Eu não ria assim há muitos anos.

— Bem, eu suponho que estar na prisão faz isso com você — disse ela. Ele assentiu e fechou os olhos. Cílios compridos e longos, e ela

gostava da maneira como os olhos dele mudavam de cor, de não muito dourado para verde lamacento.

Ela acordou com um sobressalto algum tempo depois, com a cabeça apoiada no peito dele, e sentou-se tão rápido que o acordou também. Como isso aconteceu? Ele ficou de pé, parecendo tão envergonhado quanto ela se sentia, e mantiveram distância quando retomaram a caminhada.

— Você disse que nasceu em Sevilha — disse ele quando voltaram.

— Sim. Eu sou meio-espanhola, meio sueca, embora Magnus insista que eu acabei me dando o temperamento francês. — Ela sorriu ao pensar em seu pai. — Eu sinto falta dele, e sinto muito que ele nunca vá saber, talvez ele pense que eu simplesmente parti, sabe?

— Por que ele pensaria isso? Você tem um filho, não é?

— Sim, mas ainda assim; em que mais ele deve acreditar? — E agora Magnus estaria sozinho; sem esposa, sem filha.

— Sim — Matthew assentiu. — Então, como ele é, seu pai?

— Ele é o melhor — disse ela, inclinando-se para passar a mão sobre uma almofada de musgo rosa. — Ele é um botânico, como o pai dele, e o avô dele e seu pai antes dele... você entendeu, certo? De acordo com Magnus, um de seus antepassados era, na verdade, um discípulo do grande Lineu. — Isso deixou um vazio absoluto, e ela franziu a testa, tentando lembrar-se de quando Carl Linnaeus nasceu. Ele ainda não tinha nascido, faltavam pelo menos cinquenta anos.

— Ele tem um fraco por rosas — ela continuou. — Você devia ver o jardim dele no verão, na última contagem, ele tinha mais de quarenta variedades, e na primavera ele passará semanas cortando-as e conversando com elas em sueco.

— Ele fala com as rosas?

Alex riu de sua expressão incrédula.

— Ele fala com todas as suas plantas, ele diz que é bom para elas.

Ele riu.

— Sorte dele não ser um fazendeiro; ele teria uma garganta seca.

— Ele costumava me contar histórias quando eu era pequena, histórias sujas assustadoras sobre trolls, goblins e fadas, e então eu acordava chorando à noite, e ele me levava para a cozinha e nós nos sentávamos e conversávamos com leite e biscoitos. — Sempre tinha sido Magnus. Magnus que a levou para a escola naquele primeiro dia, Magnus que passava horas ajudando-a com seus projetos de ciências. E agora ela nunca mais o veria de novo. Ela limpou a garganta. Junte tudo, Alex Lind. Mas por que diabos ela deveria? Ela respirou longamente, estremecendo. *Pappa, min pappa.*

NOS DIAS SEGUINTEs, eles andaram mais do que Alex já havia andado em sua vida antes. Eles se levantaram ao amanhecer, comeram o que puderam encontrar e caminharam até o final da tarde. Às vezes, Matthew se esgueirava para fazendas isoladas, procurando um pedaço estranho de pão, alguns ovos ou um ocasional pedaço de carne de porco salgada.

— Você rouba? — Parecia um risco desnecessário.

— Não, eu compro isto. — Ele ergueu uma bolsa de couro gasta e agitou, deixando um jingle suave de moedas vazar. — Mas isso eu roubei.

— Oh — disse ela, olhando para a pequena bolsa. — Tenho certeza que ele não sente falta disso.

Ele olhou para ela severamente.

— Claro que sente. Eu tirei dois meses de salário dele.



ELE NUNCA PASSOU TANTO tempo com uma mulher antes. Eles não só caminhavam, conversavam — longas conversas sobre isso e aquilo, embora na maior parte fosse sobre a vida dela no futuro, porque Matthew não conseguia ouvir o suficiente sobre isso. Ele bombardeou-a com perguntas, e Alex falou e falou sobre tudo, desde chuveiros à televisão. Este último o fascinou; uma caixa cheia de pessoas? Não importa para o que sirva? E quando ela riu e falou sobre entretenimento, ele balançou a cabeça. Quão divertido seria ficar boquiaberto com a vida de outras pessoas? Por que não viver a sua própria? Mas acima de tudo, ele gostava de todos esses novos jogos que ela lhe ensinou — em particular, como ele sempre ganhava.

— Você está trapaceando — Alex protestou uma noite, dando-lhe um olhar sombrio.

Matthew sorriu de volta.

— Não, eu não estou. Eu sou apenas melhor do que você.

— Eu te ensinei isso. Claro que você não é melhor que eu!

— O painel de avaliação é diferente.

— Hã; novamente. — Ela limpou a areia limpa de zeros e cruzeiros, entregou-lhe uma vara. — E desta vez vamos fazer melhor de cinco.

— Não vai ajudar — ele riu —, mas você pode começar.

— Claro que eu começo. Você ganhou a última vez. Mas desta vez eu vou ganhar.

Ela balançou a cabeça, fazendo seus cabelos cacheados dançarem ao redor dela. À luz do sol poente, cintilava bronze e ouro.

— Não, você não vai. — Ela cometeu o mesmo erro todas as vezes, mas ele não tinha intenção de dizer-lhe isso.

— E se eu ganhar?

— Então você fica com o último ovo. — Ele se aproximou um pouco mais dela. — E se eu ganhar?

— O ovo?

Matthew fingiu pensar.

— Não, se eu ganhar, quero que você dance para mim.

— Dançar? — Ela corou num tom de vermelho muito brilhante.

— Eu vi você dançando ontem. — Ela estava cantando algo estranho, fazendo passos de dança que ele nunca tinha visto antes, muitos deles bastante provocantes.

— Isso foi privado!

— Você sabia que eu estava lá, não é? — Ele riu alto na onda de rosa que voou por seu rosto, fazendo-a olhar furiosamente para ele. — De qualquer forma, se eu ganhar, é o que eu quero.

— Eu vou ganhar de você, seu bobo!

Mas ela não ganhou, e Matthew a fez dançar por muito tempo. Mas ele deu a ela o ovo.

No quinto dia, ela insistiu que precisava se lavar.

— Não só eu, mas minhas roupas também.

Matthew suspirou, mas encontrou uma pequena piscina, se retirando ainda mais rio acima para pescar enquanto ela se lavava.

Quando ele voltou, ela estava sentada em seu cobertor, e tentou não olhar para seus ombros nus e para o vazio macio na base de sua garganta, onde ele podia ver o pulso bater. Ela estava tentando desembaraçar seu cabelo úmido, e ele seguiu o movimento de seus braços, suas mãos. Finalmente, ele não aguentou e aproximou-se.

— Eu devo ajudar você?

Ela apenas balançou a cabeça, e Matthew se ajoelhou atrás dela, afundando os dedos em todos aqueles cachos. Ele tomou seu tempo, e ela ficou sentada, imóvel. Nenhum deles disse uma palavra.

— Pronto — disse ele quando terminou. Ele ficou de pé e virou as costas para ela enquanto ajustava suas calças sobre o pênis endurecido. — Eu peguei alguns peixes; com fome?

— Então, o que é hoje? — ele disse uma vez que eles comeram. Sua camisa sobressalente esfarrapada estava espalhada e suas três meias pendiam como guirlandas do ramo acima dele. Ainda se perguntava o que acontecera com a quarta lotação. Ele coçou a barba, agora um pouco menos arrepiada depois de uma longa sessão com a faca, e olhou para ela, deitada meio adormecida na grama.

— Hã?

— O que faz o top cinco de hoje? — Ele gostava dessas listas dela, ainda outra oportunidade de ouvir sobre um mundo tão diferente do dele fez seus ouvidos quererem cair com incredulidade.

— O número um ainda é o mesmo. — Ela sorriu.

— Escova de dentes — eles disseram em coro.

— Chuveiro — continuou ela —, telefone, carro e tênis. — Nenhum deles eram coisas novas e ele se recostou com a cabeça apoiada em seus braços.

— De quem você mais sente falta hoje?

Ele a ouviu suspirar e, sem abrir os olhos, soube que ela estaria sentada com os joelhos apoiados no queixo e os braços em volta deles.

— Isaac. Hoje é Isaac.

Ele não tinha certeza se acreditava nela, porque lhe parecia que, embora falasse muito sobre o pai e, ocasionalmente, sobre o filho, raramente mencionava seu homem, John. Em sua experiência, o que você não menciona é do que mais sente falta.



DEPOIS DE UM LONGO COCHILO, Alex se levantou e se vestiu, fazendo uma careta pela umidade do jeans. Ela juntou suas coisas e, enquanto Matthew ainda estava cochilando, sacudiu o cobertor antes de se abaixar para enrolá-lo em torno de suas coisas. Um papel dobrado apareceu, e ela o espalhou, tentando decifrar a caligrafia enrolada.

— O que você está fazendo? — Matthew parecia muito frio.

— Nada. — Ela tentou um sorriso.

Ele pegou o papel dela, dobrando-o de volta ao longo dos vincos originais antes de enfiá-lo dentro de sua camisa, os olhos nunca deixando os dela.

— Eu sinto muito. Não é como se eu pudesse ler de qualquer maneira.

— Não é para você ler meus assuntos particulares.

— Eu sei, eu acabei de dizer que sinto muito. E como eu também acabei de dizer, eu não consegui ler uma palavra sobre isso. Exceto pela única palavra no título que havia se destacado como um letrado em néon; divórcio.

Matthew obviamente não acreditava nela, lançando olhares de raiva quando enrolou o cobertor em volta de seus pertences e enfiou os pés nos sapatos gastos. Ele nem parou para ter certeza de que ela estava pronta para ir antes de sair ao longo do córrego, deixando-a fazer o melhor que podia.

— Você está fazendo isso de propósito — ela gritou uma hora depois. — Você sabe que vai ser difícil para mim, descalça como eu estou, certo? — Ela enrolou sua calça jeans e entrou no córrego em vez disso.

Ele não respondeu.

— Muito bem! Veja se eu me importo. — Ela fez uma parada por teimosia e mancou para se sentar na margem, prendendo a respiração enquanto tirava um espinho do dedão do pé. A pele fina sobre suas

queimaduras de cura estava irritada, e um de seus tornozelos estava coberto de uma erupção de urtiga.

— Sádico dos infernos. — Ela lançou um olhar preocupado ao seu redor. O bosque estava denso e ela não tinha ideia de em que direção estava indo. Bem, ela não iria segui-lo, aquele desagradável bruto, em vez disso, ela voltaria para a clareira. De lá, ela podia ver as colinas, e preferia dormir lá, mesmo sem ter sobre o que dormir, do que ali, naquele verde abundante e vibrante. Ela balançou seus pés na água, esperando que ele voltasse antes que ficasse muito escuro. Quando ela tirou as pernas da água, três sanguessugas penduravam-se como enfeites em sua panturrilha, e ela as olhou com desgosto.

— Ok, sem desmaios, sem gritos fracos. Apenas tire-as. — Mas isso significaria tocá-las, e elas pareciam muito escorregadias. — Onde estão todos os homens quando você precisa deles? — ela murmurou, e então fez exatamente como Magnus tinha lhe ensinado, deslizou a unha sob a frente, ou o que ela presumiu ser a frente, não estava disposta a verificar, e sentiu a coisa afrouxar e cair no chão. Ela ficou bem orgulhosa de si mesma um minuto depois e se virou para compartilhar seu orgulho com Matthew, lembrando tardiamente que ele era um idiota insensível que a deixara sozinha neste ambiente ameaçador.

Ela se levantou e, em seu instinto, o medo floresceu. O que ela deveria fazer? Ela se arrastou de volta pelo caminho que tinha vindo, e pela primeira vez desde que tudo aquilo lhe acontecera, ela percebeu quão sozinha estava. Ninguém sentiria falta dela, não neste fim de mundo. Ninguém sabia que ela existia, e ela não tinha família, nem amigos, nem uma única pessoa que se importasse se ela estava viva ou morta. Aquilo quase a fez chorar, mas ela apertou os olhos com força e aumentou seu ritmo. Ela não queria ficar presa ali à noite.



O PURO instinto a fez parar a vários metros da clareira. Ela se agachou e espiou pelos arbustos. Alguém tinha transformado em fogueira as cinzas do fogo anterior, e ela contava com um total de seis homens sentados em volta dele, quatro no que pareciam túnicas de couro encimadas por couraças, dois mais à vontade usando apenas camisas. Capacetes tinham sido deixados de lado, ela podia ver o contorno dos cavalos do outro lado, e seu olhar voou para localizar as câmeras e o resto da equipe de filmagem antes que ela lembrasse que isso não era um filme, esta era sua nova vida — sorte dela.

As panturrilhas de Alex estavam começando a doer, os mosquitos pousaram em seu pescoço e antebraços descobertos, e ainda assim ela não se atreveu a se mexer. Um dos soldados — cabeças redondas,

cabeças redondas da vida real, até o último fio de cabelo usando botas de couro bastante vistosas — mexia no fogo.

— Ele disse isso — disse um deles em voz alta, passando a mão por seu cabelo ruivo eriçado. — Uma mulher, vestida como ele, naquelas calças azuis e estranhas.

— Oh, vamos lá, Smith — disse um de seus companheiros. — O homem é um monarquista fugitivo. Por que acreditar em uma palavra que ele diz?

— Mas ele diz que não é — disse o primeiro orador. — Ele insiste que ele é de algum lugar nas colônias, e ele disse que ele tinha uma companheira de viagem feminina, vestindo calções semelhantes aos seus.

— Pfff! Uma mulher usando calças! Quem já ouviu falar disso?

Alex limpou as palmas das mãos para cima e para baixo no jeans. Devia ser a Sanderson que eles estavam se referindo. Lentamente, ela começou a se afastar, procurando por um esconderijo melhor.

— Mas ele disse...

— Ele disse um monte de coisas, Smith, entre elas que era inocente e deveria ser libertado. — Os outros homens riram, fazendo Smith olhar furiosamente para eles.

— Por que ele inventaria algo tão improvável como isso?

— Bem, ele inventaria qualquer coisa — disse um homem bastante gordo. — Admitir ser um condenado fugitivo seria estúpido.

— Eu só estou dizendo... — Smith começou, mas foi interrompido por um homem esguio sem cabelos.

— É sua culpa estarmos aqui, Smith. É você e sua boca grande que nos faz andar para cima e para baixo nesses malditos mouros, com a chance de encontrarmos uma mulher em culotes.

— Porque ele disse que ela fugiu com um homem, o verdadeiro fugitivo, de acordo com ele. Além disso, o que uma mulher está fazendo vestindo calças, hein? Bem ímpio e...

— Smith — o homem gordo gemeu —, pare de falar. Faça algo sobre o fogo em vez disso, precisamos de mais madeira.

Ainda resmungando, Smith levantou-se e foi direto para onde Alex estava se escondendo.

Ela não sabia o que fazer. Ela não se atreveu a se levantar e correr, e os arbustos estavam muito desalinhados para oferecer proteção adequada, se ele chegasse perto. Ela se arrastou para trás, estremecendo a cada galho estalado. O soldado parou e inclinou a cabeça na direção do som. Alex abafou um gemido contra o braço e tentou se impedir de respirar. Ela relaxou quando o cabeça redonda encolheu os ombros e desviou para a direita. Ela deslizou ainda mais para trás, visando a espessura protetora da floresta. Quase lá... Mais galhos quebrando, mais um minuto interminável prendendo a

respiração, e mais um movimento deslizando. Ela respirou, aliviada. Um metro, não mais, e então ela estaria segura. Um pé desceu sobre suas costas, pressionando-a com força no chão.

— E o que temos aqui?

Mãos ásperas viraram-na e, à luz fraca, ela não conseguiu distinguir as características do rosto que a encaravam.

— Ora, ora — Smith cantou. — Ele estava certo, afinal. Uma mulher de calções!

Ela chegou até a árvore mais próxima antes que ele a trouxesse para baixo. Ela se libertou da primeira vez, e agora o tal Smith estava com raiva.

— Tire suas mãos de mim! — Alex se contorceu como um verme sob o aperto duro do cabeça redonda.

— Eu acho que não — ofegou Smith, o som foi interrompido quando Alex deu-lhe um soco na boca. Ele bateu de volta. Com força. Isso a surpreendeu, e quando ela recuperou o fôlego e sua raiva, ele a virou de frente, um braço puxado para cima atrás das costas. Algo estava em volta de seu cotovelo; um cinto? Alex tentou afastá-lo, mas o homem era do tamanho e do peso de uma morsa, a gordura macia esmagando-a contra si.

— Smith? Por que você está demorando tanto? — Alguém chamou da direção do fogo.

— Eu já vou — Smith respondeu. — E então vamos ver quem estava certo — acrescentou em um tom satisfeito, prendendo o cinto em torno dos braços de Alex.

— Solte! Saia de cima de mim, você... — Ela rolou, chutou e mordeu, e lá estava ele, uma tonelada de macho fedorento pressionando-a no chão, uma das mãos tateando seus seios. A agonia dos braços presos era tal que ela congelou, incapaz de se mover.

— O que é isso? — Os dedos de Smith estavam inspecionando seu sutiã. Ela respondeu afundando os dentes em sua axila, o que o fez gritar.

— Smith?

— Estou bem — gritou Smith. — Eu encontrei uma megera. Você vai pagar por isso — ele disse maliciosamente.

— Uma megera? Aqui?

Alex podia distinguir o som de vários homens se movendo na direção deles, mas o que ela faria, presa sob aquele homem cujos dedos agora estavam lutando com seus jeans? Uma onda de raiva surgiu através dela; de jeito nenhum. Um homem repugnante, e o que ele achava que estava fazendo, enfiando os dedos sujos no jeans dela?

Então; pressione seus calcanhares, tensione suas malditas coxas e resista.

Smith grunhiu de surpresa, deslizando para a direita dela. Rá! Seus

ombros estavam em chamas, seus braços tão apertados que pareciam que as órbitas estavam prestes a ceder a qualquer momento, mas ela estava de pé, pronta para correr, quando da direção do fogo vieram mais quatro homens.

— Ora, ora — o mais gordo deles disse. — Vejam só.

— Viu? Eu te disse. — Smith ficou de pé, uma das mãos segurando suas calças.

— Pode ser um rapaz — disse um dos soldados, semicerrando os olhos para o que poderia fazer com Alex.

— Definitivamente não é um rapaz — Smith sorriu. — Eu tenho certeza.

— Oh, é verdade? Bem, é melhor nos certificarmos também.

Eles convergiram para ela. Alex saltou para longe, mas os homens apenas riram.

— Corra, moça — um deles pediu —, nós gostaríamos de fazer um pouco de exercício.

Alex considerou sua situação. Com as mãos amarradas atrás dela, ela só tinha uma opção; correr e correr rápido. De jeito nenhum ela seria capaz de chutar todos os cinco no chão e, além disso, seu pé estava longe de estar curado. Smith se lançou, Alex se contorceu fora do alcance, levantou o joelho. Uma pena ela ter errado seu testículo, mas o efeito foi muito bom, de qualquer maneira, com ele desmoronando como um balão furado.

— Uma moça temperamental — disse um dos outros soldados. — Você está bem aí, Smith?

Smith fez uma careta para Alex e ficou de pé. Alex se virou e correu. Eles foram atrás dela, gritando como meninos brincando de índios. Ao contrário dos meninos, eles não estavam brincando, e Alex estava encurralada. Ela lambeu os lábios. Bambi encontra o bando de lobos. Exceto que Bambi era melhor em correr. Um dos homens riu.

— Eu primeiro — disse ele.

— Vai sonhando — Alex cuspiu, tentando soar ameaçadora.

Sua voz chiou. Eles riram.

Do acampamento veio um grito horripilante. Novamente. Os soldados se viraram.

— O que foi isso? — disse o gordo.

O líder balançou a cabeça.

— Will? Você está bem, Will?

Em resposta veio um relincho selvagem, mais gritante.

— Moss-troopers! — disse o líder. — Eles vão roubar os cavalos.

Ele correu para a clareira onde o fogo parecia estar se espalhando em línguas descontroladas pelos arbustos mais próximos.

— Vamos! — ele gritou, e todos, menos Smith, se apressaram atrás dele. A pólvora explodiu quando o fogo encontrou as bolsas, um

cavalo soltou-se das amarras e disparou pela noite, e Alex partiu.

— Ei! — Smith correu atrás dela, mas Alex não tinha intenção de parar, atravessando o mato como um javali agravado. Uma mão desceu em seu braço. Ela gritou, mas outra mão apertou sua boca e ela foi levantada para o lado, pressionada com força contra o tronco de uma árvore.

— Quieta — Matthew sussurrou em seu ouvido. Alex queria chorar.

Matthew soltou as amarras e jogou o cinto para o lado. Do acampamento vieram gritos, de alguns metros de distância vieram os sons de um homem correndo pela floresta. Smith, ela supôs, joelhos bamboaleando.

— Rápido. — A respiração dele fez cócegas na pele dela. Alex não precisava ouvir mais nada. Ela se esgueirou atrás dele para a escuridão protetora, imitando a maneira como ele corria, com o torso inclinado quase em um ângulo de noventa graus em relação aos quadris.



CERCA DE UMA HORA DEPOIS, eles pararam e Alex caiu sentada.

— Você está ilesa? — perguntou Matthew.

Alex assentiu, ainda sem fôlego.

— Ele não te machucou?

— Um pouco, mas nada tão ruim. — Ela massageava seus ombros doloridos, rearranjou sua roupa. Ela deslizou-lhe um olhar disfarçado; ele foi até ela, a salvara, então talvez se importasse um pouco, por mais idiota que tivesse sido antes. — Eles estão procurando por mim. — Maldito Sanderson; provavelmente sua ideia de uma retribuição adequada.

— Sim, eu ouvi. — Ele permaneceu onde estava, agachado sobre o fogo, fazendo esforços, seu olhar correndo em sua direção. — Sinto muito — disse ele depois de alguns minutos. — Eu não deveria ter deixado você sozinha.

— Seria mais sincero se você dissesse isso enquanto me encarava.

Ele virou.

— Eu sinto muito — ele enunciou claramente. Ele se sentou ao lado dela, esperando.

— Eu também, mas já pedi desculpas antes.

Ele concordou num murmúrio rude.

— Meu cunhado me ajudou — disse ele sem qualquer forma de preâmbulo. Ela deve ter parecido confusa. — Com o divórcio.

— Que divórcio? — Ela fez seu melhor olhar de olhos arregalados. Não que isso funcionasse, dado como sua boca se contorcia.

— Meu. E eu deserdei a criança também, em vista de ela me dizer na frente de testemunhas que não era minha.

Alex coçou a cabeça vigorosamente. Os malditos mosquitos tinham comido todo o seu couro cabeludo.

— Eu não sabia que você podia.

— Podia o quê?

— Obter um divórcio. Achei que você precisava de algum tipo de dispensação papal.

Matthew levantou uma sobrancelha.

— O Papa? O que ele teria a ver conosco?

Alex deu de ombros. Ela não tinha absolutamente nenhuma ideia.

— Eu pensei que você tivesse ido para sempre — disse ela com um rápido olhar em sua direção e corou com a intensidade do olhar dele. — Isso me fez perceber, com doze dias de atraso, que aqui estou totalmente sozinha. Isso me assustou. — Ela suspirou e desviou o olhar, mexendo em seu rolo de cobertor. Ele poderia dizer alguma coisa, não apenas sentar-se lá, olhando para ela. Ela limpou a garganta e ficou de pé, murmurando algo sobre um intervalo humano. A mão dele se fechou em torno de seu tornozelo e ela olhou para baixo, surpresa.

— Você não está sozinha — disse ele, antes de se levantar graciosamente. — Não a menos que você queira estar. — Seus olhos estavam muito próximos. De alguma forma, ela teve a impressão de que estava respondendo a uma pergunta muito maior do que aquela realmente expressa, e lambeu os lábios antes de dizer.

— Eu não quero.

— Bom. — Ele sorriu, e sua mão descansou brevemente sobre a cabeça dela.



— ENTÃO VOCÊ RECEBE presentes no seu aniversário, é? — Matthew perguntou alguns dias depois. Alex sorriu em sua transparência, mas foi tocada pelo fato de que ele realmente se lembrava.

— Oh, sim. E no Natal. E é claro que as esposas esperam presentes em aniversários de casamento e coisas do tipo.

— E seria um único presente?

Ela sorriu para ele.

— Isso tende a ficar um pouco fora de controle, pelo menos no Natal. Montanhas de presentes. Bastante repugnante, na verdade, o mercantilismo no seu melhor.

Ele claramente não entendia, e ela tentou explicar sobre as compras de Natal, e depois das vendas de Natal, e todos os comerciais que lotavam as crianças de expectativas nas semanas que antecederiam

o evento.

— Mas por quê? — ele disse. — Por que alguém compraria algo antes do Natal, se você puder comprar pela metade do preço depois do Natal?

— Porque todo mundo espera presentes no Natal, não na véspera de Ano Novo.

Ele fez um pequeno som de espanto com este comportamento incrivelmente estúpido e enfiou os dedos no cóis da calça, lutando para extrair alguma coisa.

— Aqui, feliz aniversário.

Alex virou o pequeno pedaço de madeira em suas mãos. Era primoroso, um bebê sem rosto, em miniatura, como um camarão curvo e pernas pequenas puxadas para cima, até encontrar pequenos braços rechonchudos igualmente pequenos. Encaixou-se na palma da mão dela e, no entanto, os detalhes eram fantásticos, até pequenos dedos de mãos e pés e mechas de cabelo no crânio. E ele mesmo fez isso por ela.

— Olha, está chupando o dedo!

— Sim, e é um menino. De modo que, quando sentir necessidade de tocar Isaac, você pode pelo menos passar os dedos por este pequenino, e talvez ele sinta isso.

— Como você sabia? Que às vezes dói não poder tocá-lo? Às vezes? Tipo cem vezes por dia.

Ele desviou o olhar.

— É o mesmo para mim. Com o Ian.

— Obrigada. — Ela deixou a mão descansar em seu braço por mais tempo do que o necessário. Ele sorriu para ela, levantou a mão livre como se para tocar o cabelo dela. Ela queria que ele o fizesse.

Ele parou no meio do movimento, virando-se na direção do pequeno bosque mais abaixo na encosta. Alex estreitou os olhos; entre as árvores raquíticas ela conseguia distinguir cavalos, mais de um, e também ouvia o murmúrio de vozes.

— O que foi? — sussurrou, nervosa por quão tenso ele tinha ficado. Dois cavalos pisaram na abertura, o sol disparou faíscas de um peitoral, e quando mais dois cavalos apareceram, Matthew girou, arrastando Alex com ele.

— Corre!

Ela não precisou de uma segunda revelação. Soldados — até ela podia ver isso. Ele correu pela vegetação rasteira e Alex teve que atravessar a samambaia e a vegetação. De trás vieram os inconfundíveis sons de perseguição, vozes altas dizendo-lhes para parar.

Tojo rasgou seus braços, suas mãos, a pele tenra em seu pé não curado se abriu, e ainda assim ela correu, lutando para manter o

mesmo ritmo que ele. O que era muito difícil, dada a extensão das pernas dele. Mas nem mesmo Matthew Graham conseguia superar um cavalo, e como diabos eles saíam desta? O chão tremeu com os cavalos que se aproximavam, um pulsar surdo que vibrava em seus pés e pernas para fechar como um punho de gelo ao redor de um ponto não identificável em sua barriga.

Uma avaliação rápida do terreno, e Matthew virou-os bruscamente para a direita. O que havia, lá cima? Ele empurrou-a para a encosta, e ela tropeçou e caiu de cara sobre a face escorregadia da rocha. Ela estava de pé novamente, lutando de quatro. Quando um tiro disparou, ela guinchou, abaixando-se por um instante antes de aumentar seus esforços para o declive íngreme.

Argh! Ela pulou por alguns passos, fazendo de tudo para manter o peso do pé. Sentia uma pontada do lado direito, podia sentir o gosto de ferro em sua boca e sua respiração estava vindo em curtos suspiros. Respire normalmente! Um, dois, um, dois. Pronto. Muito melhor. Seu pé a estava matando, mas ela estava assustada demais para sequer pensar em parar, esquivando-se como uma lebre entre pedregulhos e arbustos.

Um longo trecho de grama, um cavalo que veio para eles do lado, e Alex redobrou seus esforços. Braços para cima, braços para baixo. Pés, mova seus pés. Estenda seu passo, finja que você é Michael Johnson. Michael Johnson? Ele só fez quatrocentos metros, o covarde, isso era difícil e muito mais longo. Mas ela tentou, bombeando as pernas para cima e para baixo. Sem utilidade; o chão arrastou a seus pés.

O cavalo chegou cada vez mais perto, e quando ela deu uma olhada por cima do ombro, pôde ver os reflexos dançando de uma longa lâmina. Puta merda; ela ia acabar fatiada em pedaços. Ela soluçou, moveu seus braços mais rápido — ou tentou. O homem vibrou quando encolheu o espaço entre eles.

— É ela, é ela! Viu? Ela está usando calças! — Oh, merda... não ele de novo.

Ela tentou contá-los; dois atrás deles, um na extrema direita e, em seguida, esse personagem enervante de Smith. Ainda outro tiro, e Matthew gritou, mancando por alguns passos antes de recuperar o ritmo.

— Eles acertaram você? — Um chiado, não mais, mas ela tinha que saber. Ele balançou a cabeça, mas havia sangue escorrendo por sua panturrilha. Um ricochete de ordens; seu cérebro lutou contra isso, mais feliz por estar resolvendo esse dilema em particular do que como escapar de todos esses malditos soldados.

Matthew puxou-a, mergulhando numa encosta, subindo a outra. Isso deixou Alex tonta. Ela perdeu o equilíbrio, a mão escorregou de seu aperto, alguns centímetros se tornaram metros e o cavalo estava

em cima dela. Ela tentou correr, tropeçou e aterrissou com força sobre as mãos e os joelhos.

Alex soltou um som incoerente; isso a mataria, aqueles enormes cascos esmagariam suas costas, sua cabeça, tudo. Vou morrer! Não, eu não quero, por favor, não, não, *pappa*, ajude-me, *Pappa*! Não Magnus, mas Matthew, saltou de volta para ela.

A espada brilhou, Matthew torceu fora de alcance e levantou-se para golpear o cavalo através de sua cabeça com seu movimento. O animal se levantou e Matthew atacou, agarrando o soldado pela perna e puxando-o para fora. O homem aterrissou com um baque surdo, caiu pesadamente e ficou imóvel.

— Levante-se! Mova-se — Matthew ofegou, levantando Alex de novo.

Mais uma inclinação, mais pedras, mais tojos e os dentes de Alex doíam com o esforço, seus pulmões protestavam a cada respiração, em pânico, e ainda assim ela podia ouvir os soldados atrás deles. Ela correu nos últimos metros, pisando com força nos calcanhares de Matthew.

— Merda! — Alex parou, balançando os braços para se impedir de cair na queda que bocejava a seus pés. Ela engoliu em seco e olhou para o pequeno corpo de água, uma piscina preta pouco convidativa, uns dez metros abaixo.

— Eu odeio alturas — disse ela, e então irracionalmente começou a rir. Ele pegou a mão dela, apontando de volta para onde os soldados estavam incitando os cavalos a subir mais uma encosta de cascalho.

— Temos que pular.

— Eu sei. — Sem pensar mais, ela fechou os olhos e saltou. Ela aterrissou com um respingo, emocionada ao descobrir que ainda estava viva, com os membros intactos.

— Você sabe nadar? — A cabeça de Matthew apareceu ao lado da dela.

— Um pouco tarde para perguntar! — Um tiro zumbiu por cima deles, acompanhado de gritos de raiva. Outro tiro, este desconfortavelmente perto, e Alex gritou, sua boca se enchendo de água.

— Mergulhe, nade até o salgueiro. — E com isso ele se foi.

O salgueiro? Ela estava em estado de pânico e ele esperava que ela reconhecesse uma maldita árvore? Bem, ela tinha a sorte de ter um botânico como pai. Submergiu e nadou para a margem mais distante e para a grande árvore que se inclinava sobre a água.

— Matthew? — Ela emergiu sob os galhos à direita, engoliu ar. — Matthew? — Oh, Deus... oh, Deus. Eles atiraram nele, e ele estava flutuando morto no meio da água, e então o que ela faria?

— Aqui, Alex, eu estou aqui. — Ele impulsionou-a para cima da

árvore, pedindo-lhe para subir mais alto. — Nós ficamos aqui até que esteja escuro — ele sussurrou uma vez que eles estavam em segurança, montados em um galho que pairava sobre a água, seu corpo como uma camada protetora em volta dela. Alex assentiu e soltou a mão de seu pequeno boneco de madeira.

— Eles devem estar aqui em algum lugar! — Havia um tom irritado na voz que Alex reconheceu como a de Smith. Bastardo perseverante.

— Onde você acha que eles estão se escondendo, sob o tojo? — perguntou o companheiro de Smith.

— Não, mas talvez até em uma árvore.

— Uma árvore?

Alex mordeu a mão para se impedir de choramingar. Eles os estavam procurando, e então? Atrás dela, Matthew parou de respirar. Bem, ela esperava que não, mas parecia assim. Sua boca desceu para o ouvido dela.

— Seus pés. Puxe seus pés.

Então ela o fez, e ele sussurrou que ela deveria ficar quieta, se pressionar contra o tronco. Com a agilidade de um macaco. Ele subiu para outro galho, ergueu-se e encostou-se contra um retorcido. Alex queria rir — alternativamente fazer xixi. Os dedos dos pés, as panturrilhas, as coxas — todas apertadas com o esforço de se manter em pé e quieta. Ela não se atreveu a olhar para baixo. Ela não se atreveu a mover a cabeça, mantendo sua bochecha e orelha contra a árvore. Ela podia ouvir seu próprio pulso, alto, mas surpreendentemente estável. De baixo vieram os sons. Alguém estava agitando os galhos mais baixos, batendo no tronco. Houve uma imprecação alta.

— O que foi agora?

— Eu escorreguei. Esta árvore cresce mais na água do que fora dela.

— Medo de água, Smith?

— Eu não sei nadar, sei? — Smith revirou mais alguns galhos, tremendo. — Não estão aqui. — Ele se afastou. — Melhor continuar procurando.

Provavelmente não demorou mais do que cinco minutos para que Matthew decidisse voltar a sentar-se. Parecia meio século. Além disso, não havia como ela se sentar. Seus membros ficaram rígidos, arrepios de tensão nos músculos das pernas e braços. Ela afundou os dedos com tanta força na casca que as articulações doeram. Se ela se movesse, ela iria se desequilibrar e mergulhar até a morte. Ela espiou para baixo e balançou. Bem; talvez não a morte, mas perto — a menos que ela caísse na água.

— Eu estou aqui, certo? — Uma grande mão agarrou seu braço.

Lentamente, centímetro por centímetro, ela deslizou pelo tronco. Algo rasgou sua bochecha. Com um pequeno soluço, ela retomou sua posição sentada. O ramo balançou quando ele se moveu para sentar-se atrás dela.



NO MOMENTO em que eles conseguiram descer da árvore, estavam rígidos de frio.

— Você acha que é seguro? — Ela respirou.

— Sim, faz horas desde que ouvimos qualquer coisa. — Ele se endireitou e olhou com desgosto para o seu rolo encharcado. — Vamos andar, precisamos nos aquecer de qualquer maneira.

Alex apenas balançou a cabeça, acompanhando-o.

— Eles quase nos pegaram.

— Mas não conseguiram, não é?

— E se... — Ela parou e respirou fundo. — E se eles nos pegassem, o que eles teriam feito?

Matthew desviou o olhar.

— Eu não tenho certeza sobre você, mas eu eles teriam colocado a ferros, ou enforcado.

— Ah. — Ela não sabia o que falar depois disso.

— Como está seu pé? — ele disse um pouco depois.

— Ok — ela mentiu. Cada passo era uma agonia, e ela tinha certeza de que se cortaria no cascalho, mas não tinha intenção de diminuir o ritmo. Matthew franziu a boca, mas deixou por isso mesmo.

Durante toda a noite eles caminharam, Alex colocando um pé antes do outro, apesar da dor constante e do latejar. Ela teve que trabalhar duro para não mancar, e foi com alívio que ela se sentou para quando eles pararam. Ele colocou água para ferver e se ajoelhou diante dela para lavar os pés. Assim como ela suspeitava, havia um corte profundo em seu peito do pé, e ele passou um tempo extra nisto, ignorando seus pequenos sons de protestos.

— Obrigada — disse ela quando ele terminou.

— Por nada. — Por um instante, as costas de sua mão descansaram contra a bochecha dela.



DEMOROU MUITO tempo para Alex relaxar o suficiente para sequer pensar em dormir. Tudo somado, aquele aniversário foi excessivamente emocionante. Ela fechou a mão em torno de seu

pequeno boneco e se perguntou se John estava pensando nela tanto quanto ela estava pensando nele.



— John? — Diane o sacudiu. — São quase seis. Você não deveria pegar Isaac?

Ele desviou o olhar da tela do laptop em branco.

— Ele está com Magnus. — Uma tentativa patética de distrair Magnus do fato de que hoje era o aniversário de Alex. Ele pegou o cubo mágico e se sentou, girando-o. — Você acredita nele? — ele perguntou, mantendo os olhos em seu brinquedo. Era a constante questão em seu cérebro nos dias de hoje, desde o momento em que ele acordava até o segundo em que adormecia.

— Quem? O tal do Sr. Hector Olivares? Claro que não! Você acredita?

— Eu não sei, mas ele definitivamente parecia acreditar em si mesmo, você não acha?

Diane exalou e sacudiu a cabeça.

— Talvez, mas o que me preocupa é que você não descarte como sendo totalmente impossível. Nós no tempo não existem, é claro que eles não existem.

John girou em sua cadeira.

— Como você sabe? — Na verdade, ele chegou à conclusão na última quinzena de que ele acreditava na teoria dos nós do tempo de Hector, por mais louco que fosse.

— Para com isso. Você não pode acreditar que nada do que ele disse é verdade. Ele é um homem doente com uma imaginação hiperativa.

— Ele é um homem que acabou de perder seu parceiro — John corrigiu duramente.

Diane desviou o olhar.

— Desculpe. — Ela estendeu a mão e segurou o braço dele. — Ela se foi, John. Nós não sabemos como, mas ela se foi.

John engoliu em seco, envergonhado de pensar nisso, mais ainda menos de expressar a ideia.

— Ela não vai voltar, não é?

Diane suspirou.

— Não, eu não acho que ela vá.

John estava prestes a perguntar se ela achava que Alex estava morta, mas desistiu. Ele não queria saber o que ela pensava — não tinha ideia do que ele próprio pensava. De vez em quando...

De vez em quando? A quem ele estava enganando?

Mais ou menos constantemente — ele ponderou a possibilidade de que esse desaparecimento pudesse de alguma forma estar ligado àqueles meses em que ela tinha sumido da última vez, e às vezes isso o enchia de uma esperança crescente, porque se ela voltara uma vez, poderia voltar duas, certo?

Na maior parte do tempo, ele esperava que não houvesse vínculo, porque nunca quis ver Alex como desaparecida como fora no outono de 1999. Quando retornou, grávida e silenciosa, quase desumanamente silenciosa — durante os dias, isto é, porque à noite sonhava e gritava. Jesus; foi uma provação para os dois. Uma provação que cresceu exponencialmente pior com a chegada do bebê, Isaac, concebido durante aqueles meses perdidos por um homem sobre quem Alex se recusou a falar, exceto para dizer que seu nome era Ángel Muñoz.

Essas foram as únicas duas palavras que ela já havia proferido sobre suas experiências, e só porque Magnus insistiu que o menino tinha o direito de saber — algum dia. Isaac; tudo o que tinha sobrado dela agora.

— Se... — A voz de Diane o empurrou de volta para o aqui e agora. — ... se Alex se foi, o que acontece com Isaac? — O que ela era, uma leitora de mentes?

— Com Isaac? Por que algo deveria acontecer com ele?

— Bem, ele não é seu, é?

Por um momento, John pensou em dar um tapa nela. Não era dele? Claro que Isaac era dele, tinha sido a partir daquele dia sombrio de dezembro, quando nasceu. Muito mais dele do que de Alex — pelo menos para começar, porque Alex se recusou a alimentá-lo, tocá-lo, ter algo a ver com ele nos primeiros meses. Depressão pós-parto, os médicos disseram, mas John não tinha certeza. Mesmo agora, com Isaac perto dos três, houve momentos em que John encontrava Alex observando seu filho com especulação, um brilho estranho em seus olhos. Ele franziu a testa para Diane.

— Claro que ele é meu. Eu sou o único pai que ele já teve.

— Mas de acordo com a lei...

— Que lei? — Ele podia ouvir o pânico em sua voz. — Eu sou o pai dele. Ninguém mais. Ninguém, você ouviu? — Ele bateu a porta ao sair.



JOHN AINDA ESTAVA FERVENDO enquanto caminhava pelo Princes Street Gardens, indo para a Fredrick Street e o caminho mais curto para a casa de Magnus, perto do Jardim Botânico. Ele estava se comportando irracionalmente, e uma pequena voz dentro dele dizia

que ele deveria telefonar para Diane e se desculpar, porque nada disso era culpa dela. Ele parou em um banco, sentou-se e toda a energia se esvaiu dele tão rápido que o deixou girando por dentro. Alex, ele gemeu, esfregou a mão no rosto e começou a chorar.

As pessoas lançaram lhe olhares preocupados, uma senhora idosa colocou um guardanapo de papel em sua mão, mas a maioria das pessoas apressou-se a passar pelo homem que estava sentado chorando no coração do crepúsculo de agosto.

John chorou até que seus olhos doeram, enxugou o nariz, chorou mais um pouco e finalmente sentiu os soluços diminuírem. Ele pulou quando seu telefone tocou, trazendo-o de volta ao aqui e agora e ao fato de que eram oito horas e de que ele tinha se esquecido completamente de Isaac.

— John? — A voz de Magnus soou vazia, e John pressionou o telefone com mais força no ouvido.

— O quê? — Ele fechou os olhos enquanto imaginava cenários onde Isaac também havia desaparecido. — Isaac está bem? Ele está aí?

— Sim — Magnus disse, ainda com aquela voz estranha. — Ele está dormindo. — Ele respirou pesadamente, um som suave percorrendo a linha. — Pode vir aqui, por favor? — John nunca tinha ouvido Magnus soar assim, então prometeu que estaria lá em vinte minutos, desligou e partiu em uma corrida para o ponto de táxi mais próximo.



— FIQUE COM O TROCO. — John saiu do táxi na entrada da rua de Magnus. Ele tinha a mão no portão quando um movimento repentino o fez parar. Ele olhou para as sombras. Lá; alguma coisa se moveu, as folhas farfalharam. Um gato? John se esforçou para ver. Nenhum gato; um homem estava parado embaixo da janela do escritório de Magnus, a maior parte dele escondida. O homem agarrou o peitoril e levantou-se para cima, tão gracioso quanto um ginasta russo. A luz se derramava pela janela para iluminar seu rosto.

— Ei! — John começou a correr. Rápido como um flash. O intruso caiu de volta ao chão, correndo para a cerca com John em seus calcanhares. A porta se abriu.

— John?

John não conseguia responder, dirigindo o homem para a cerca de madeira. Ele alargou os braços e tentou agarrá-lo. Hector Olivares zombou e o chutou direto no estômago. John se dobrou como um canivete. Hector escalou a cerca e saltou para o outro lado.

— Hector Olivares? — Magnus ajudou John a se levantar. — Tem certeza?

John franziu o cenho na direção de onde Hector havia desaparecido.

— Eu conheceria esse rosto em qualquer lugar. — Ele se endireitou e acenou para Magnus. — Estou bem, perfeitamente capaz de andar sozinho. — Mas ele estava feliz em afundar em uma das poltronas de Magnus, uma enorme caneca de café com leite em suas mãos. — Obrigado.

Magnus sentou-se em frente a ele.

— Por que ele faria algo assim? Por que ... — Ele se interrompeu. — Talvez seja ele! Esse é o nosso ladrão!

— Você acha? — John tentou combinar suas memórias indistintas do ladrão com Hector. Ambos leves, ágeis e fortes. Talvez. Ele tomou um gole de café, deu a Magnus um olhar preocupado. O homem alto parecia cansado e irritado. Ele continuou olhando pela janela, como se esperasse que Hector se materializasse ali.

— Então, o que o fez me chamar?

Magnus pegou um caderno pequeno e gasto e o estendeu para John.

— Eu encontrei no estúdio. Estava escondido sob uma das gavetas do armário quebrado.

John pegou o livro dele. Capas de cera preta e cantos arredondados — o tipo antiquado em que sua avó escrevia suas receitas.

— O que é isso?

— Eu não faço ideia. Eu ainda não li. Eu... bem, eu não pude. — A voz de Magnus rangeu de emoção, seu olhar colado no caderno.

John olhou de Magnus para o pequeno livro e de volta para ele.

— Por que não? É apenas um caderno. — Ele folheou; a maior parte estava vazia, aqui e ali, um estranho esboço, às vezes, página após página preenchidas com a caligrafia distinta e rabiscada de Mercedes. Caneta-tinteiro, nunca esferográfica com Mercedes, e aqui a tinta variava de um preto fresco a um marrom desbotado.

— Olhe para a primeira página. — Os olhos de Magnus estavam extraordinariamente azuis à luz do abajur.

John abriu o livro na primeira página. “O Livro de Ruth” era o que estava escrito, mas o nome de Ruth estava cortado em vermelho, substituído por uma Mercedes vacilante.

— Não essa! A próxima.

John virou a página. Uma árvore genealógica. Isaac ben Daoud, Jacobo ben Isaac, Isaac ben Jacobo, Benjamim ben Isaac, Rute bat Benjamin.

— Nomes estranhos — ele disse. — Judeus, não? — Ele franziu a testa para Magnus. — Mercedes era judia? Ela é essa tal de Ruth, afinal?

— Não faço ideia. Sinceramente, espero que não, dadas as datas.

John teve que apertar os olhos para ver corretamente os números.

— Século quinze? Não se trata de Mercedes, então. Talvez esta fosse apenas uma ideia nova dela, escrever um livro.

— Eu não penso assim. — Magnus pegou o livro de volta, virou algumas páginas, limpou a garganta e leu.

“Eu sou Mercedes Gutierrez Sanchez. Meu marido é Magnus Lind. E uma vez eu fui Ruth bat Benjamin, mas isso aconteceu muito, muito tempo atrás.”

— Jesus... — John disse. — O que ela está falando? Que ela costumava ser uma garota judia nascida no século XV? — Ele reprimiu a vontade de rir; a sofisticada, cosmopolita Mercedes, uma judia medieval? Não, totalmente impossível.

— Parece que sim. — Magnus segurou o livro com cuidado.

— Devemos ler? — Os olhos de John estavam pendurados no caderno.

— Eu não tenho certeza. — Magnus se mexeu em seu assento. — Eu preciso de algo para comer primeiro.



FOI BEM MAIS de uma hora depois. Não importava que Magnus tivesse tirado a comida, lavado os pratos, limpadado os balcões e insistido em mais café, eles agora estavam de volta ao escritório, o livrinho uma presença tentadora em sua mesa. Magnus não tinha certeza se o queria ler, na verdade, ele estava se arrependendo de não o ter queimado quando o encontrou.

— Então — disse John, acenando para o livro.

Magnus foi até a prateleira onde ele mantinha seu uísque. Em silêncio, serviu-lhes uma bebida e voltou para onde John estava sentado.

— Eu posso ler, se você quiser — disse John quando Magnus não fez nenhum movimento para pegar o livro.

— Não. — Com muita relutância, Magnus abriu o caderno. Ele respirou fundo e começou a ler.

Meu cérebro é como uma peneira nos dias de hoje. Minhas lembranças, me driblam. Eu não lembro mais de tudo — não quero lembrar. Meus dedos apertam a caneta. Minha história. Preciso anotá-la antes que ela se afaste de mim. Magnus sempre diz para começar do começo. O início? Que haja Luz, Ele disse. Bem, não, não é esse começo. Meu começo.

Eu lembro que nasci em Sevilha. Não. Eu sei que nasci no terceiro dia de Pessach em 1461. Ou foi em 1462? Não tenho certeza. Mas minha mãe

era Miriam, meu pai era Benjamin, e eu, eu era Ruth. A casa em que morávamos era alta e estreita, espremida em um canto de uma pequena praça no bairro judeu de Sevilha. Adorável, lindas paredes ocre, como mel no sol da tarde. Pátios verdes cobertos, água corrente, calor, sempre muito calor.

No primeiro andar moravam meus avós e... não, não me lembro. Irrelevante. No segundo andar, eu morava com meus pais e minha irmã. O terceiro andar era a oficina do meu avô e, no térreo, em um quartinho dos depósitos e da cozinha, vivia Geraldo. Sim, lembro-me do Geraldo.

Geraldo era velho. Ele falava o tempo todo, e a maior parte era absurda, mas algumas coisas não eram. Meu avô o havia aceitado em uma noite há muitos anos, com pena daquele homem que andava pelas ruas em roupas carbonizadas e estranhas, falando de trovões e relâmpagos, funis de luz muito brilhantes e sobre cair por muito tempo. Se meu avô não tivesse feito isso, o pobre Geraldo provavelmente teria queimado como uma bruxa, e tudo pelo pecado de estar fora de si.

Meu pai era médico. Ele precisava provar uma gota da urina de seus pacientes para poder diagnosticá-los e, principalmente, curá-los também. Minha mãe era um camaleão, uma mulher que brilhava como o sol quando meu pai estava perto, mas murchava e desbotava quando ele não estava. Minha irmã era mais jovem, mais feliz, mais bonita, mas eu era a escolhida — ah, sim, eu era.

Eu me lembro de pintar. Cores âmbar, carmim, belo vermelho sienna, cobalto e vermelhão. Pincéis organizados por tamanho, cavaletes e telas semimortas, risos e seu banco, meu avô, as sobranceiras se uniam enquanto ele se concentrava.

Ele não era um pintor comum, meu avô — na minha família raramente o somos. Não; temos magia em nossos dedos, e meu avô era um pintor de coisas invisíveis, evocando tempestades do deserto em telas do tamanho da palma de uma mão, cachoeiras de paredes pintadas. Mas essas eram habilidades ocultas, coisas de que nunca falamos. Não tenho certeza se minha mãe sabia.

— O quê? É tipo uma família de pintores estranhamente talentosos? — John riu. — Ninguém pode pintar assim.

Magnus levantou os ombros. Havia uma pintura em seu quarto que era muito parecida com isso, em brancos e verdes pálidos, aqui e ali uma pitada de amarelo. Às vezes, se a luz estivesse certa, brilhava, e eram ele e Mercedes nus em uma tarde longa de Sevilha. Mas ele não queria dizer isso a John.

Eu tinha três — apenas três anos? Não, isso não pode estar certo — quando meu avô decidiu que eu herdara seu talento. O sangue vermelho rabiscou e minha irmã chorou: longos golpes de verdes e marrons, e minha mãe acenou para dormir. Eu era a aprendiz de mago. Eu fui ensinada a ver e capturar todas as coisas que a maioria das pessoas nunca notou. A

impressão de uma mão em uma superfície de água; a corrente de ar que precede uma tempestade. Ele tentou me ensinar seu truque especial — pintar através da cabeça das pessoas —, mas eu nunca dominei aquilo; talvez eu não quisesse.

Quando eu não estava pintando, ajudava minha mãe — todas as meninas ajudavam suas mães. Cozinhei e cozinhei, costurei, lavei e limpei a casa antes do sábado. E quando eu tive um momento a mais, eu estava com Geraldo, implorando para que ele contasse mais uma história, mais uma vez.

Ele contava boas histórias. Sobre garotas que caíram em buracos e garotos que cresceram com lobos. Mas a minha favorita era aquela sobre a tempestade — o que fez os adultos rirem e dizer que o pobre Geraldo estava realmente fora de si. Geraldo gritava que era verdade, tudo isso. Eu acreditava nele.

Um dia ele estava andando, ele dizia, e enquanto tentava decidir qual caminho tomar na encruzilhada diante dele, uma enorme tempestade começou acima de sua cabeça. Terrível, ele sussurrava, relâmpago e trovão, mas sem chuva, apenas muito, muito quente. E então... ele engolia, sacudia-se... e então se erguia ao redor de seus pés brilhantes faixas de verdes e azuis, elas se enrolaram ao redor dele, e aquelas cores horríveis se apertaram em torno dele, impulsionando-o para um buraco. No chão.

Como o buraco de coelho que Alice atravessou? Não, claro que não! Este era um poço sem fundo, um buraco de luz clara e brilhante, e ele não queria, mas não havia como evitá-lo, então ele caiu. Ele caiu e caiu — e pousou aqui.

JOHN FEZ UM SOM ESTRANGULADO, parecia que pretendia dizer alguma coisa. Magnus sacudiu a cabeça; sem mais interrupções.

Tão fácil, não? Assim como Geraldo descreveu. Um redemoinho de azuis e verdes, um ponto de branco ardente, e lá estava eu, inclinando-me com expectativa em direção a esse ponto luminoso de luz. Meu avô me puxou para longe, gritando e perguntando o que eu tinha feito. Eu estava quase desaparecendo diante de seus olhos. Ele queimou a pintura. Eu não pinteí uma assim por muitos anos.

Quando eu tinha oito anos, meu avô morreu engasgado com um caroço de ameixa. Parei com a pintura. Não sei por quê. Isso me deixou com raiva. Para me distrair, papai me levou junto para ver um paciente, prometendo que ele me compraria um animal de estimação a caminho. Um pássaro. Eu dancei ao seu lado. Foi nesse dia que conheci Hector Olivares — olhos como águas-marinhas, cabelos como cobre dourado. Ele pegou meu pássaro! Abriu a gaiola e libertou-o, rindo de mim quando eu chorei. Meu pai me ofereceu um novo animal de estimação, mas eu balancei a cabeça. Eu queria meu pássaro.

Aos quatorze anos, eu era María de las Mercedes, não mais Ruth, não

mais judia, mas católica. Nenhuma escolha. Meu pai era Benito Gutiérrez, não Benjamin Ben Isaac, e minha mãe parou de brilhar ao vê-lo — ela chorava. E morreu.

Aos dezessete anos, encontrei Hector novamente, e enfiei a língua para fora, ainda zangada com ele pelo meu pássaro. Mas este Hector não era um menino desagradável, era um homem jovem e bonito, e ele riu e me ofereceu uma rosa branca em compensação pelo pássaro perdido. Para Dolores, minha irmã, ele ofereceu uma rosa vermelha. Ela corou.

Ai, ai, ai! Dolores e Hector, sempre juntos, e Dolores se tornou misteriosa e convencida, desaparecendo por horas a fio. Dois anos, mais alguns meses, e Dolores estava com os olhos brilhantes e rosados, sussurrando para mim que logo, sim, muito em breve, Hector pediria a mão dela.

Ele nunca o fez. Ele riu e disse que não poderia se casar com uma marrana, uma judia convertida. Mas ele gostava de sua pequena amante, sua pequena companheira judia de sangue quente. Dolores chorou quando me contou isso. Nunca mais ela o veria. Nunca, nunca mais!

Mas uma tarde ela estava fora, enviada por mim para comprar maçapão das freiras, e ficou escuro, e ainda assim ela não veio. E quando ela finalmente o fez, havia algo errado com seu rosto, com seus olhos, e ela alisava suas saias, o tempo todo, suas saias.

Meu pai descobriu. Ele encurralou Hector e o arrastou de seu cavalo, bateu nele, chutou-o, deixando o jovem coberto de lama e merda de galinha. As pessoas riram. Hector levantou-se e prometeu vingança.

Apesar disso, os próximos anos foram calmos e pacíficos. Eu me casei, um homem mais velho, um cristão proeminente. Ele foi gentil comigo, satisfez meu fascínio com tintas e pincéis. Dias longos e ordenados, sem Hector, apenas um rolo constante de semanas e meses. Até a véspera do casamento de Dolores.

Eles escalaram as paredes, atravessaram o portão e fomos arrastados para o pátio, todos nós — meu pai, Geraldo e eu. E Dolores, Deus me ajude, Dolores também. Ela foi despida por esses homens, e Geraldo poderia estar velho, mas ele nos amava, e ele pegou uma pá e bateu em um dos homens. Eles o mataram. E riram, forçando Dolores a se deitar de costas.

Reconheci Hector por trás de sua máscara e, quando eles terminaram com ela, achei que eles poderiam me atacar. Quase esperei que o fizessem, porque era insuportável ficar de pé e assistir. Mas eles não o fizeram. Minha barriga de grávida e o nome do meu marido me protegeram. Eu fui empurrada para um quarto, amarrada e amordaçada.

Na manhã seguinte a casa estava vazia. Sem sinal do meu pai, nem de Dolores. Não Dolores! Meu pai, eu procurei em todos os lugares por ele, por eles, eu dei uma volta em todas as casas da vizinhança, mas tudo que recebi foram movimentos apressados de cabeça com pena nos olhos deles.

Hector. Eu... sim, eu iria até a rainha, para o próprio Inquisidor, contaria o que ele havia feito. Geraldo morrendo em seu sangue, minha irmã violentada e meu pai... meu marido não me deixou. Que prova eu tinha, a não ser meu testemunho?

Dois meses depois, estávamos em uma varanda com vista para a praça. Uma ocasião festiva — nada menos que um auto de fé — e a praça abaixo estava apinhada de gente, o ar pesado com os aromas de carne de porco frita, pão e muito vinho. E lá chegaram, os penitentes, uma fila dispersa de homens e mulheres que se arquivavam em silêncio depois do próprio inquisidor-chefe, Alonso de Hojeda. Ao seu lado, montou Hector. E entre os penitentes... Não! Dios mío, não! Eu não quero me lembrar disso, mas devo, devo. Minha irmã, minha Dolores, mas ela não era mais uma garota feliz e bonita, era uma mulher sem cabelos, vestida de trapos. E lá estava meu pai, e eu me perguntei o que eles fizeram com ele para fazê-lo cambalear daquele jeito, mas eu não queria saber.

Eles queimaram meu pai na manhã seguinte e eu fiquei o mais perto que pude. Por um instante, encontrei seus olhos. Ele despertou de seu estupor, inspirou um ar feroz e gritou que ele era Benjamin ben Isaac, e que ouçam todos, ouçam todos que o Senhor nosso Deus é um. Apenas um. Espero que Deus o tenha ouvido.

Dolores foi queimada uma semana depois, e foi horrível, horrível, horrível. E de um lado estava Hector, e eu fui até ele, cuspi na cara dele e prometi que ele pagaria. Meu marido me arrastou para longe, mas não antes que eu visse Hector empalidecer.

Meu filho nasceu. Não me importei. Eu pinteí. Pinteí o dia todo e um dia ouvi dizer que Hector Olivares estava confinado à cama, acometido por uma doença inexplicável e ardente. Eu sorri e adicionei mais toques de vermelho e preto à minha foto.

Lembrei-me da história de Geraldo e pinteí requintados redemoinhos de azul e verde e, no centro, um ponto de branco calmo e reconfortante. Fui visitar Hector, carregando minha tela pintada como se fosse um presente de doces em um prato. Ele parecia horrível; nenhum brilho juvenil, apenas uma casca de sofrimento, olhos afundados tão profundamente em suas bochechas cinzentas que brilhavam negros, não azuis. Ele esperava que eu fosse perdoá-lo? Curá-lo? Ele pegou a pintura estendida e olhou. Diante de meus olhos, ele desapareceu, e eu estava cheia de alegria negra — até que algo arranhou minhas pernas e me arrastou junto.

Tantas vidas, tantos lugares. Eu não me lembro. Não é importante. Eu pinteí. Deus, como eu pinteí. Eu cáí, e cáí, mas sempre em novos lugares, novas vidas, nunca de volta para onde eu pertencia. Aos meus calcanhares estava sempre Hector, o irritado Hector, já não doente e fraco, mas cheio de vida e propósito: o de me encontrar e me punir.

Um dia percebi que um deles caiu em direção ao que se viu no fundo do funil de luz. Eu tinha me pintado em um lugar sombrio, tinha que sair,

me apressar, ir, antes que Hector me agarrasse e me queimasse como uma bruxa. Eu me tranquei no meu pequeno sótão, eles subiram as escadas e bateram na porta. Eu segurei a minha pintura entre as mãos, fechei os olhos e na minha cabeça subiu a imagem do lugar anterior — algum lugar da Grécia? Dois segundos depois eu estava lá.

Mas não importava o quanto eu tentasse, não importava o quanto eu orasse, não fui capaz de trazer a imagem de que preciso para me levar de volta para casa. O castigo de Deus, eu acho. Eu nem sempre gosto de Deus.

Ainda outra queda no tempo e eu estava muito feliz com a visão do Guadalquivir. Este era meu rio, minha cidade. Mas não meu tempo. Por dias chorei. Tão perto, tão perto! E então, em uma ponte, eu o conheci. Magnus. Eu soube imediatamente que ele era para mim. Ele sentiu o mesmo? Mãos pairando a milímetros uma da outra, olhos que se encontraram, se afastaram, se encontraram novamente. Meu homem. Uma nova vida, um novo começo. Meu passado recuou, minha fome de voltar foi entorpecida. E nada de Hector. Foram anos e anos sem Hector.

Um dia eu acordei, olhei para o espelho e gritei. Não meu rosto, mas um rosto velho, enrugado em uma passa alongada. Eu pisquei. A imagem voltou ao normal. Comecei a notar outras coisas. Como se eu estivesse com raiva, o fogo corria pelas minhas veias, queimando meus dedos.

Passei horas no chuveiro, diante do espelho, procurando por sinais da minha idade real. Eu coloquei minha mão contra uma folha de papel, pensei em Hector, e o papel estalou sob o meu toque. E no meu cérebro cresceu um clamor para voltar, para morrer. Talvez seja assim que: a vida se torna entediante depois de anos e anos. Mas não minha vida, não meus preciosos dias com Magnus.

Eu lutei contra esses sussurros. Fechei minha mente para os sons atraentes e cheiros da minha cidade de infância que pareciam flutuar constantemente ao meu redor. Um dia eu sucumbi, espreguei ultramarine e azul na minha paleta, adicionei pinceladas de verde floresta e limão, e comecei a pintar. Isso foi há cinco — não, há seis anos. Meu estúdio está cheio de meus redemoinhos mágicos, e nem todos funcionam, a maioria deles não, eles estão deitados e sem vida na mesa. Minha magia está morrendo e exponencialmente minha angústia está crescendo. E se eu não chegar em casa? Será que vou morrer ou me amaldiçoar tanto quanto Hector? E onde ele está? Sinto-o perto, e com o pensamento meus dedos começam a queimar. Tanta raiva, tanto ódio. Eu coloco meu dígito em uma tela vazia e ela chia e fica preta. Oh, meu Deus; o que eu me tornei?

Às vezes eu me sento no meu estúdio, cercada por todas as minhas pinturas, e posso ouvi-las. Meu povo, minha família, ganham vida por um instante. Minha mãe ri de algo que meu pai diz, meu avô assobia enquanto pinta. Magia. Magia perigosa. Eu deveria queimar todas elas, cada uma delas. Mas não posso. Eu tenho que ir para casa, quero ficar aqui. Magnus. Ele sabe que eu o amo?

Eu sou Mercedes Gutierrez Sanchez. Uma vez eu fui Ruth. Quando seguro minha mão até a luz, vejo as chamas que se enrolam dentro dos meus dedos. Preciso ir para casa — ou entrar em combustão.

Magnus fechou o livro. Ele descansou uma das mãos trêmulas sobre ele, os dedos acariciando a capa. Por que ela não disse isso antes? Agora ele nunca teria a oportunidade de segurar a mão dela, confortá-la com sua presença. *Eu gostaria que você tivesse confiado em mim o suficiente para me dizer*, ele pensou. Em sua cabeça, soou sua risada. *Confiar em você? Meu homem mais gentil e mais doce, eu confiaria em você com a minha vida. Mas você nunca teria acreditado em mim.* Ele suspirou. Não, ele provavelmente não teria.

— Herre djävlar. — Ele tentou sorrir para John, na esperança de ver algo no rosto do jovem que relegaria tudo isso para o faz-de-conta. Em vez disso, viu choque. Magnus gemeu, grandes mãos torcendo o caderno. Por que, oh, por que, ele não o jogou fora com todo o lixo nos armários?

John tirou o caderno das mãos de Magnus.

— É tarde — disse ele —, vamos para a cama. Podemos conversar sobre isso amanhã.

Com o braço de John ao redor dele, Magnus subiu as escadas. E Alex? Sua filhinha, onde ela estava? Teria ela sido catapultada por um funil como o desgraçado Geraldo?

— Isso é lindo — Alex murmurou alguns dias depois, enquanto eles estavam em um penhasco. Ele não respondeu, seus braços abertos para abraçar toda aquela abertura. — Onde exatamente estamos indo? — Ela protegeu os olhos enquanto olhava para o sul. Ele a pegou pelos ombros e a virou para o sudoeste.

— Para lá. — Apontou para a distância nebulosa.

— E quanto tempo mais vai levar?

Ele encolheu os ombros.

— Uma semana? Duas? Eu não quero andar direto para trás. — Ele sorriu para ela. — Se você soltar um pombo-correio, onde você vai procurá-lo?

— Em casa.

— Precisamente.

— Eles sempre voltam para procurar — disse ela.

— Sim, mas quando eu estiver em casa, receberei um aviso justo.

— Não se aquele maldito Luke ainda estiver por perto.

— Ele não está, e se estiver, vai se arrepender. Hillview está fechada para ele.

Ele a virou de costas para o sul e desenhou um semicírculo para indicar como haviam andado movendo-se vagamente para o nordeste por alguns dias antes de começar a longa curva para o oeste. Ele ficou com as mãos nos ombros dela e cheirou-a, inalando o perfume dela. Apertou mais forte os seus ombros, e ela se recostou contra ele. Ele deixou as mãos deslizarem pelos braços dela e depois sentou-se, puxando-a para baixo para se sentar ao lado dele.

— Minha mãe odiava isso — disse Alex. — Ela dizia que parecia que o céu estava planejando cair sobre ela e esmagar seu apartamento. Magnus sempre ria quando ela dizia isso, prometendo que ficaria de pé e seguraria o céu acima da cabeça, se isso acontecesse. Isso não a confortava nem um pouco, e ela suspirou e disse a ele que ela era uma garota da cidade, e que, em sua melhor forma, eram os jardins planejados em Sevilha, sua cidade natal.

— Bem, cada um com seu cada qual — Matthew riu.

— *A cada uno lo suyo* — Alex assentiu —, uma das expressões favoritas da minha mãe.

Matthew recostou-se na rocha quente, olhando para o nada acima. Se o céu caísse, ele imaginava que seria como ser sufocado em um colchão de penas, um lento afogamento em uma suavidade

envolvente. Sua mente saltou de um tipo de suavidade envolvente para outra, e ele ficou deitado ao sol com os olhos fechados e sentiu seu pênis se mexer. Ele se perguntou como seria desfazer os botões cintilantes dos tais *djeens* e tirá-los dela, e se ela iria querer manter ou não aquela coisa que chamava de sutiã. Não, decidiu ele, afundar em um devaneio prazeroso demais, com uma das mãos se movendo para baixo. Ele se sentou tão rápido que fez sua cabeça girar, olhando para Alex, que estava ao lado dele, uma expressão satisfeita em seu rosto.

— Então você é católica. — Infelizmente; todos os papistas foram destinados diretamente para o inferno.

Ela abriu um olho.

— Sou? — Ela parecia muito surpresa, e Matthew engoliu uma risada.

— Bem, sim; se a sua mãe é espanhola, ela é católica, e você também é.

Alex fez um som muito desinteressado.

— Eu não acho que fui batizada, e definitivamente nunca fui à missa ou confissão ou a todas as outras coisas que você faria, se fosse católico.

— Você não é batizada? — Ele ficou escandalizado.

Alex abriu os dois olhos, levantando-se nos cotovelos.

— Acho que não. Meus pais não eram muito religiosos.

— Mas... — Ele limpou a garganta. — Isso significa que você é pagã!

— Não, eu não sou. Pagãos são pessoas que vivem em países primitivos que nunca ouviram falar de Deus. Se sou qualquer coisa, eu sou agnóstica.

— Agnóstica? — disse Matthew. — Você quer me dizer que não acredita em Deus?

Alex olhou para ele com óbvia cautela.

— Claro que não, é só que eu não acho que você precisa fazer parte de uma igreja para acreditar em Deus. Eu também posso orar a Ele aqui, ao ar livre, como numa capelinha escura e fedorenta, certo?

— Hmm. — Ele decidiu abandonar o assunto, afinal, o bem-estar espiritual dela não era sua preocupação. Mas, no fundo, ele sabia que queria que fosse, cada faceta da vida de Alex, ele queria que fosse sua preocupação. E o abalou profundamente admitir isso.

— Você não fala muito da sua mãe. — Matthew quebrou uma agradável extensão de silêncio.

— Não — ela disse, toda ela sinalizando que com esta resposta muito curta que o assunto tinha sido abordado, discutido e fechado.

— Por que não? Você fala muito sobre o seu pai. Ela está morta?

Alex suspirou.

— Até onde eu sei, ela nem nasceu ainda, não é? — Ela desviou o

olhar, as mãos cerradas em punhos.

— Você sabe o que eu quero dizer.

Sua reticência estava deixando-o curioso. Ele a estudou, imaginando se sua mãe lhe passara os ossos fortes, aquelas orelhas pontudas sem lóbulos e aquela pequena covinha na bochecha. Ele estreitou os olhos, tentando se lembrar de quem ela o lembrava. Ele estava inspecionando-a muito abertamente, e ela franziu a testa.

— Eu odeio quando você faz isso — disse ela, alavancando-se ao lado do penhasco. Ela caiu no chão e ficou esperando por ele.

— Faça o quê? — Ele aterrissou ao lado dela.

— Olha para mim como se eu fosse um pedaço de carne que precisa escolher. — Ela sentou-se na base da rocha. Matthew murmurou um pedido de desculpas e se abaixou para se sentar ao lado dela. Ele a olhou furtivamente, seu cérebro arrebatando várias comparações meio confusas. Santo Deus! Ele se afastou dela, abafou uma exclamação.

— O quê? — ela perguntou.

— Nada. — Margaret! Ela poderia ser a irmã de Margaret! Como ele poderia não ter visto isso antes?

— Por que você está me olhando assim? — ela exigiu, sobranceiras franzidas.

— Não é nada, eu me sentei em um cacto ou algo assim. — Ele fez questão de procurá-lo, o tempo todo olhando para ela.

Lentamente, ele relaxou. Sim, havia uma semelhança, até mesmo uma forte semelhança, mas não era mais que isso. Ambas tinham olhos azuis, ambas tinham as mesmas sobranceiras bem definidas, arqueadas e estrutura facial semelhante, mas o cabelo de Alex era de um vívido castanho ondulado, acolchoado com mechas cor de mel, reflexos de vermelhos profundos e escuros. Não como as ondas negras de Margaret, uma pele ondulante de seda brilhante que caía como uma cascata pelas costas quando ela tirava os grampos. Ele recostou-se contra o penhasco, limpou a garganta e sorriu para ela.

— Então, sua mãe.

ALEX FECHOU os olhos e fingiu dormir. Ela não queria falar sobre sua mãe. Mesmo deixando de lado a última tarde horripilante — não, nem considere isso — Mercedes era uma pessoa desconfortável de se ter por perto na adolescência. Muito intensa, muito... bem, estranha.

Ele chutou o pé dela.

— Alex!

— Por que você quer saber?

— Por que você não quer falar sobre ela? — ele perguntou de volta.

Ela não respondeu.

— Ah, moça, me desculpe. Ela está morta, então?

Alex sacudiu a cabeça, sentindo uma onda desconfortável de calor em sua garganta e bochechas. Ela não tinha ideia. Supôs que Mercedes estava morta — ela deveria estar —, mas ela não tinha certeza, não mais. Alex levantou as pernas e estudou a paisagem árida. Sem carros, sem tratores distantes, sem música distorcida de um veículo que passava. Ela sentia falta disso, todos aqueles sons que ela percebeu tardiamente a amarraram ao seu tempo.

— Mercedes — ela disse —, seu nome é, ou vai ser, Mercedes.

— Mercedes? E esse é um nome espanhol?

— Bem, certamente não é sueco ou escocês — ela respondeu com irritação. — Seu primeiro nome era na verdade Maria de las Mercedes, mas como toda segunda mulher na Espanha é chamada Maria de uma forma ou de outra, ela sempre foi conhecida como Mercedes. E a irmã dela era Dolores, mas nunca a conheci. Ela está morta. — E um tabu; Mercedes se fechava sempre que Alex perguntava sobre essa tia desconhecida.

“Ela é uma artista — continuou Alex, sorrindo com a lembrança de sua mãe na frente de seu cavalete: manchas de carmesim e cobalto em suas mãos, verde-esmeralda riscando seus braços, e aquele cigarro onipresente, esquecido no cinzeiro enquanto Mercedes se inclinava para a frente para adicionar outro ponto minúsculo de branco de zinco à sua mais recente obra-prima.

— Ela pintou ocasionalmente, um gato ou cavalo para mim, mas principalmente pintou... — Sua voz se dissipou enquanto tentava pensar em como explicar as telas perturbadoras que floresciam das mãos de sua mãe. — Eu acho que ela pintou pesar, dor e perda, sabe?

— Como você sabe? — ele perguntou.

— Eu não sei. Mas quando se olhava por muito tempo para suas pinturas, era como se um grito silencioso fosse construído dentro de você.

Matthew parecia pálido, e Alex riu com desdém.

— Bobo, certo? Eu acho que ela era boa com seus pincéis, torcendo aquelas colunas de cor para que elas puxassem seu olhar. Sempre vermelho e laranja, sempre como um enorme fogo que subia e lutava contra as restrições do quadro. — Alex olhou para os verdes e marrons desbotados que se estendiam em silêncio, ao redor deles. — Às vezes ela pintava pequenas telas, azuis e verdes, com um toque de branco. John sempre reclamou que eles lhe causavam dor de cabeça, faziam seu estômago revirar, e ele está certo, eles eram um pouco estranhos, desconcertantes, de alguma forma.

Ela sentiu uma forte reviravolta no pensamento de John. O que ele estava fazendo agora? Será que acreditaria em Diane quando ela insistisse que Alex tinha decidido desaparecer, ou ele saberia que ela

nunca faria isso?

— Você também não fala muito dele, John — disse Matthew.

— Bem, você não fala muito sobre ela, Margaret, não é?

— Não, mas se você quiser, eu falo.

— Não é realmente da minha conta, não é? — Seus olhos pegaram os dele e os seguraram, e eles ficaram sentados assim por algum tempo, verde bloqueado em azul.

— Talvez seja. — Ele sorriu e esticou um dedo para correr pela sua bochecha. Ela sentiu um baque, querendo que ele a tocasse um pouco mais, mas em vez disso ela se recostou, forçando-o a deixar cair a mão no chão, para descansar bem perto da dela.

— Talvez. E se você me contar sobre ela, eu falo sobre ele.

Ele estendeu a mão para que seu pequeno dedo tocasse o dela. Ela fechou os olhos e concentrou-se em sua respiração.

Ele a ajudou a se levantar, segurando-a um pouco mais do que o necessário. O sangue estava fluindo tão depressa que o deixou tonto, e seus dedos se apertaram em torno de sua mão enquanto lutava para recuperar o controle.

Não poderia andar assim, com suas partes pudendas em uma espiral de tensão dolorida e sangue latejante. Por um instante ele se viu puxando-a de volta para a grama, viu como ele lutava com seus calções estranhos e... Ele passou um braço em volta de sua cintura e a puxou para perto, ignorou seu pequeno “oh” de surpresa e a beijou.

Ela endureceu, a princípio, as mãos apoiadas contra o peito dele. Mas então um braço deslizou em volta de seu pescoço, o outro seguiu o exemplo, e ele a aproximou ainda mais. Ela abriu a boca para a dele e ele provou das amoras azedas, verdes, dos talos de grama que ela estava mastigando enquanto caminhavam e, muito fracamente, de peixe defumado.

Ele simplesmente não podia deixá-la ir, e ela não parecia se importar, apertando seus quadris contra ele de um jeito que o fez gemer. Ah, Jesus; ele estava prestes a perder toda a contenção, e assim, aparentemente, ela era um calor flexível em seus braços.

Ele a soltou tão abruptamente que ela quase caiu, dando um passo atrás, um olhar ilegível em seus olhos.

— Eu sinto muito — ele gaguejou. — Eu não deveria... — Seu peito arfava, assim como o dela, e em um consentimento silencioso eles se afastaram um do outro, um momento para recolher seus pensamentos e recuperar uma aparência de controle sobre si mesmos.

Quando eles começaram a andar, ele pegou a mão dela e ela deixou, abrindo os dedos para trancá-los com os dele. Durante toda a tarde, não disseram nada, mas as mãos entrelaçadas pareciam se fundir, e foi com relutância que ele a deixou ir para montar o acampamento para a noite.

— É SEGURO? — Alex acenou para a pequena fogueira.

Ele deu a ela um olhar divertido. Desde a chegada deles com os soldados, ela estava constantemente examinando os arredores, e agora se levantava, fazendo uma volta completa antes de se sentar novamente.

— É como um maldito sinal de néon — ela murmurou, chutando na direção do fogo.

— Sinal de néon?

— Um enorme letreiro iluminado. Talvez devêssemos apagá-la. — Ela olhou com raiva para o pequeno e alegre resplendor.

— Por quê? Nós não vimos nenhum sinal deles por dias, não é?

— Não, mas ainda assim...

Matthew produziu queijo e pão e ela se acalmou enquanto eles comiam. Mas ela manteve uma vigilância constante, seu olhar voando de um afloramento de pedra para o outro.

— Alex — Matthew suspirou —, você não precisa se preocupar. Não agora, no escuro. Eles nunca arriscariam seus cavalos neste terreno à noite. — Quando ela continuou a parecer não convencida, ele colocou a mão em sua perna e deu uma pequena sacudida. — Confie em mim.

— Huh — Alex disse, mas ele pôde vê-la relaxar. Para distrair ainda mais, ele remexeu em seu pacote, estendendo algo para ela.

— Aqui; você deve estar com frio por não ter muito mais que uma camisa em você.

Ela desdobrou o xale de lã e sorriu para ele.

— Mas e você? Esses seus cobertores surrados têm mais buracos do que fios neles.

— Eu tenho um xadrez. — Ele não tinha a intenção de dizer a ela que ele os tinha roubado.

— Devo dizer-lhe então? — disse ele. — Sobre Margaret? — Ela assentiu e se aproximou. — Eu a conheci quando ela tinha seis anos e eu tinha onze — ele começou, e Alex escorregou a mão na dele, fazendo-o pensar em muitas outras coisas além daquele dia em que Margaret foi levada para morar com eles, empoleirada na frente de seu pai em sua grande égua cinza. Ele disse severamente a si mesmo para se concentrar. — Ela era órfã, e meu pai recebera a custódia dela, sendo ele um ancião de Kirk. — O pai dele estava presente no enforcamento do pai de Margaret, e vendo que a moça estava desamparada e sozinha, havia oferecido para levar a garota e criá-la.

— Coitada dela; ambos os pais estavam mortos?

— Sim. — Bem; até onde eles sabiam, a mãe, supostamente, estava morta. — Ela era bastante selvagem, e levou tempo para domá-la,

fazê-la pentear e trançar o cabelo, rezar e parar de fugir. Pobre Margaret, ela estava sempre chorando por sua mãe. — Ele olhou para Alex e puxou sua mão até que ela estava sentada perto o suficiente para que ele pudesse sentir o calor dela ao seu lado. Ela cheirava a madeira verde e maçãs de inverno, doce e de alguma forma suave.

— Margaret e Luke tinham a mesma idade e, nos anos seguintes, os dois correram da mãe e do pai com uma brincadeira selvagem atrás da outra. Eles eram muito mais novos que eu e eu não os notava, exceto na hora das refeições. E então, por vários anos, eu saí de casa e, quando voltei, eles não eram mais tão pequenos, mas ainda faziam tudo juntos. As pessoas falavam, mas o pai preferia acenar, lembrando ao orador que aqueles dois, Luke e Margaret, eram como irmão e irmã, nada mais.

— Por que você estava longe de casa? Você foi para a universidade ou algo assim?

— Universidade? — Matthew riu. — Eu? Eu sou um agricultor. Não, eu estava nas guerras, durante quatro anos fui soldado do Parlamento.

— Mas... você devia ser um menino!

— Eu tinha quinze anos quando entrei, dezenove anos quando voltei para casa. — E então um rei estava morto, seu filho no exílio e a aurora de um novo mundo brilhava ao redor dele, pensou ironicamente. — De qualquer forma, uma noite, o pai encontrou-os no palheiro, e ele espancou Luke até deixar sua vida por um fio e mandou-o embora no dia seguinte, deixando uma Margaret chorosa e desolada trancada em seu quarto.

— Ele expulsou Luke por dormir com ela? Isso parece meio rígido.

— Sim, bem, o pai e Luke não vinham se dando bem por alguns meses, na época.

— Mas ele era criança! Você não expulsa seu filho desse jeito.

— Ele tinha quinze anos, totalmente capaz de fazer o seu próprio caminho no mundo. — Ele podia ouvir o quão defensivo soava.

— Aos quinze anos? — Ela balançou a cabeça.

— Aos quinze anos eu estava servindo como soldado — disse ele bruscamente.

Talvez o pai tivesse sido apressado em expulsar Luke, e mamãe ficou perturbada por dias, uma sombra constante nos calcanhares do pai quando implorava a ele que reconsiderasse. O pai era muito teimoso, às vezes, e a irritação da mãe tinha se fixado em sua mente ainda mais. E Luke mereceu; meses de desafio aberto, muitas reclamações a respeito de seus modos de festeiro em Cumnock, e então teve uma vez em que ele disse ao pai que tinha idade suficiente para decidir e que ele, Luke Graham, era a favor do rei, não importava que Malcolm Graham fosse um Covenanter. Eram apenas impróprios

juvenis, nada mais, mas eram considerados blasfêmia em uma casa onde o filho mais velho servira nos exércitos da Commonwealth.

— E então o que aconteceu? — Alex perguntou.

Margaret chorou durante dias, mas uma vez que ela saiu do quarto que compartilhava com Joan, concentrou toda sua atenção nele. Surpreendeu-o descobrir que a moça se transformara no cisne e passara várias noites observando como ela se movia, como seus olhos eram azuis e como ela era bonita quando ria. Ele deu uma rápida olhada em Alex, tão desconfortavelmente parecida com Margaret, e rapidamente desviou o olhar.

— Ela era uma moça muito bonita.

— Então você se apaixonou por ela — disse ela, um sorriso puxando o canto da boca.

— Sim. — Ele suspirou, inclinando-se contra a rocha. — A mãe tentou me avisar, Joan também, mas o pai... bem, o pensamento de sua linhagem ter sido despojada por seu outro filho pesou, então ele ficou feliz em ver a maneira como eu comecei a olhar para ela nos próximos meses, me encorajando a fazer a coisa certa com a moça. E ela parecia gostar da minha companhia, passando todo o tempo comigo.

Longas noites no estábulo, ele varrendo e escovando, ela sentada nos fardos conversando com ele; tardes de verão, quando ela aparecia na beira do campo, a mão protegendo o rosto do sol enquanto procurava por ele. O modo como o coração dele saltou ao vê-la, como as mãos dela o deixariam tremendo de desejo, e ele tendo em conta o que agora reconhecia ter sido uma luta desesperada para sobreviver em um mundo onde todas as pessoas que ela amava tinham desaparecido.

— Eu acho que ela me amava um pouco. E se Luke não voltasse, talvez tivesse sido um bom casamento. Mas ele apareceu na nossa porta há cinco anos, em dezembro. Aquele foi o inverno que o pai morreu na corrida dos moinhos, e ninguém conseguia entender como ele estava ali. Ele tinha medo da água, sempre mantinha distância do moinho. E quando voltamos do enterro, Luke entrou no quintal, todo em seda reluzente, seu chapéu decorado com penas brancas de avestruz.

Ele suspirou e desembaraçou a mão da dela, inclinando-se para a frente para adicionar outro pedaço de madeira ao fogo.

— Você... não, não importa.

— Eu o quê? — ela disse.

Ele manteve os olhos em suas mãos torcidas e limpou a garganta.

— Você às vezes nega ao seu homem sua cama?

— Eu não entendo, como negar? Você quer dizer que há momentos em que ele quer, mas eu não?

Ele murmurou alguma coisa de acordo, olhando para ela por baixo dos cílios.

— É claro que acontece, mas John é muito persistente, e, bem, eu gosto, você sabe, principalmente, ele consegue me convencer mesmo quando eu não quero. — Ela pegou a mão dele. — Ela fazia isso? — ela disse suavemente. — Ela negava você?

— Ela estava doente, ou disse que estava, e quando me pediu para por favor dormir em outro lugar, incomodada como ela estava com dores e dores, bem, eu obedeci. — Ele lançou um olhar para Alex. Que tolo ele tinha sido! — Nem sempre, no entanto — apressou-se a acrescentar —, e fui gentil e cuidadoso com ela, gentil para não a machucar, mas ela não quis responder em meus braços, nem sinal da moça com quem me casei. Quando ela me disse que estava grávida, eu pensei que talvez fosse por isso, então eu fiz o que ela pediu e não a toquei assim... Eu não queria me forçar sobre ela. — Ele desviou o olhar para a noite. — Eu fiquei longe muitas vezes durante a gravidez. Houve inquietação e fui chamado para lutar, indo e vindo pela Escócia para derrotar os monarquistas. Luke permaneceu, na maior parte do tempo, em casa, e só depois descobri que ele dormia onde eu deveria dormir. Ao lado dela. — Sua boca secou com amargura acre; corneado, em sua própria cama, por seu próprio irmão.

Ele interceptou um olhar de pena de Alex e se virou, todo ele inundado de ressentimento por reviver aquelas emoções. Noite após noite, naquela maldita prisão, ele reviveu isso, dia após dia, enquanto trabalhava como um cão, a única coisa que tinha visto tinha sido a imagem devastadora deles, entrelaçando-se juntos em sua cama.

Todo o caminho do Sul até aqui tinha sido aquela memória e a raiva que despertava nele que o estimulava a continuar. Mas nas últimas semanas a imagem havia desaparecido, e ele dormira noites sem sonhar com isso, tudo por causa dela, a mulher sentada ao seu lado enquanto ele arrancava a casca daquela ferida dolorosa e recontava tudo de novo.

— Mas... e sua irmã? Seus servos? Por que eles não te contaram?

— Joan já era casada e eram discretos. Bem, suponho que eram. — Ele ficou em silêncio e olhou para as chamas. — Eu o amei tanto. Desde o primeiro momento em que o segurei em meus braços, amei meu pequenino Ian, e era tudo mentira. Quando ela me disse que ele não era meu, eu quis matá-la, mas ao invés disso eu a expulsei e mantive o bebê, mas não pude segurá-lo como costumava fazer, e tudo que vi quando estava ao lado dele era ela e ele, como estavam na tarde em que os encontrei. — Ele suspirou e se abraçou. — Então eu mandei Ian para ela, porque como eu poderia mantê-lo e não o amar como ele deveria ser amado? Mas às vezes sinto falta dele, e há um buraco no meu coração onde ele costumava ficar. — Ele se ocupou

com o fogo, qualquer coisa para manter seu rosto escondido dela.

— Quem você acha que matou seu pai? — Alex disse, quebrando um silêncio tenso.

— O matou? Eu te disse, ele se afogou. — Matthew olhou para ela, espantado.

— Mas você disse, não é? Que você nunca entendeu o que ele estava fazendo na água, para começar.

Ele olhou para ela, engolindo com tanta força que sua garganta doía.

— Cristo misericordioso! Você acha que ela fez isso? Ou ele, Luke?

— Eu não tenho ideia, mas tudo parece um pouco estranho, não é?

Ele assentiu, recordando o corpo cinza e gelado de seu pai e como a água escorria de sua boca, nariz e orelhas, quando o tiraram.

Essa foi a primeira noite em que eles dormiram juntos. Totalmente vestido, envolto em xadrez e xale, mas muito perto, e Matthew adormeceu com o cabelo fazendo cócegas em seu nariz, e o traseiro dela pressionado contra ele. Muito perto, ele pensou com tristeza, afastando sua virilha dolorida.

— Sua vez — disse Matthew no dia seguinte. Eles estavam andando rapidamente, ambos encolhidos contra o frio. Estava chovendo, uma chuva de neblina que afundou em tudo, e depois de apenas uma hora de caminhada, Alex mal conseguia sentir os pés.

— Ainda é agosto — ela resmungou antes. — Não é outubro. Minha vez o quê?

— De me contar sobre John. — Ele lançou lhe um rápido olhar e apertou mais a manta.

Alex não respondeu no começo. A intimidade de ontem tinha sido difícil de recapturar quando eles acordaram com frio e úmidos, e ela não sabia se pegava a mão dele ou não quando começaram, e agora parecia que era tarde demais.

— Ele era o novo garoto na escola, veio de Londres e fizemos da vida dele um inferno. — Ela riu, vendo um John muito confuso em pé no meio do pátio da escola, tentando entender o que todos ao seu redor estavam dizendo. — Meu sotaque não é de fato escocês — ela continuou fazendo Matthew sorrir. — Mas eu posso fingir, se eu quiser. E eu fingi, junto com o resto, todos nós rindo quando ele não entendia nada.

— Você foi para a escola? — ele disse.

— Você não?

— Não, realmente não. O pai era bom com as cartas e tal, então ele ensinou todos os seus filhos a ler e escrever cedo. E fui enviado para Glasgow por um ano de escolaridade, mas não gostei muito. Eu era o garoto novo, sim?

Ela franziu a testa com a crítica implícita.

— Eu só fiz isso nas duas primeiras semanas, e então eu o encontrei na discoteca. Um lugar para dançar — esclareceu ela.

Alex desviou o olhar, abraçando a lembrança daquela noite em particular. Ela tinha o quê? Quinze? E John apareceu de jeans apertados e uma camisa Ralph Lauren aberta sobre uma camiseta preta igualmente justa. Quando ele pediu a ela para dançar, ela assentiu, e eles dançaram a noite toda e ela nunca usou o maldito sotaque escocês com ele novamente.

— Amor à primeira vista? — Matthew brincou, sua mão serpenteando para pegar a dela. Ela gostou disso.

— Não — ela mentiu —, ele era ótimo e eu gostava de sair com ele, mas eu tinha outros meninos para dançar e sair também.

— Vários rapazes? Ao mesmo tempo? — Matthew souu desaprovador.

— Eu dancei com eles. Ok, eu beijei alguns deles também, mas isso é tudo.

— Isso é tudo? — Ele sorriu para ela. — Quantos rapazes você beijou, então?

— Eu não sei; doze? — Ela encolheu os ombros de um jeito improvisado. — Mas eu só dormi com... — Ela fez um grande show contando em sua cabeça. — ... quatro, incluindo John.

Matthew parou e o olhar em seus olhos a fez soltar a mão.

— O quê? Por que você está olhando assim para mim?

— Você já foi casada quatro vezes? Você deve ter começado muito jovem.

Alex jogou a cabeça para trás e riu.

— Claro que não — ela assegurou-lhe uma vez que ela estava de volta sob controle. — Eu não me casei nem uma vez. — Seu rosto ficou ainda mais proibitivo.

— Oh, sim? Então você leva os rapazes para a cama sem se casar?

— Ei! Eu moro no futuro, Sr. Pudico. Eu venho de uma época em que as mulheres são reconhecidas por ter necessidades sexuais, ok? E se eu gosto muito de um homem, e eu quero e ele também, qual é o grande problema?

— Nossas mulheres não fazem isso — disse ele severamente.

— Não, elas só fazem isso pelas suas costas.

Por um instante todo o rosto dele desmoronou, e ela viu o quanto isso ainda o machucava antes de rearranjar suas feições em uma máscara de absoluta indiferença.

— Na maioria das vezes, não, e quando eu me casar novamente, será com uma mulher que será fiel a mim, só a mim. — Sua voz doía com desejo, e ele se virou e subiu a trilha, deixando-a sozinha e bastante envergonhada.

— Merda. — Ela afundou no chão. — John — ela sussurrou, e seus olhos se encheram de lágrimas. — John. — Ela engoliu em seco e começou a chorar de verdade. Nunca mais o veria, nem a Magnus ou Isaac. — Meu filho — ela gemeu, agarrando a si mesma. Ela não tinha certeza se o que sentia era perda ou culpa, mas fechou os olhos e fingiu que poderia enfiar o nariz no cabelo de Isaac e absorver seu cheiro, aquele composto complexo de xampu para bebês, Johnson's Baby Oil e camisetas de algodão limpo e nítido. — Eu amo você — disse ela à imagem miraculosa de Isaac que estava pulando diante dela. É claro que ela o amava. Mesmo que em algum momento tenha considerado colocá-lo para adoção. Sim, claro que sim, mesmo que tanto Magnus quanto John gostassem muito de Isaac, muito mais do que ela.

LEVOU algum tempo para perceber que ela não o estava seguindo, todo ele concentrado em manter a raiva dentro de si sob controle. Ele disse a ela, e ela jogou de volta em seu rosto, e ele teve que apertar as mãos para não virar e dar um tapa nela. Estapeá-la e tomá-la, porque ela não era a mulher que ele pensava que ela fosse, e ele não precisava mostrar a sua consideração, não é? Ele se arrepiou de vergonha. Ele tinha mais ou menos chamado-a de prostituta, e agora ele queria tratá-la como uma.

— Sinto muito — disse ele. Nenhuma resposta, e quando ele deu uma olhada por cima do ombro, ela não estava à vista. Com uma imprecisão baixa, ele refez seus passos.

Ela estava sentada na grama, com a cabeça escondida nos braços.

— Alex? — Ele afundou ao lado dela, tentou colocar um braço ao seu redor, mas ela se desvencilhou.

— Me deixe em paz. Apenas me deixe ficar aqui e morrer, ok? Eu nunca pedi para vir aqui, e agora estou presa em um tempo em que sou uma aberração imoral e tudo que quero é voltar. Eu quero John, eu quero Magnus e, oh, Deus, eu quero meu filho. — Ela choramingou e enxugou o nariz escorrendo com as costas da mão.

Matthew tentou novamente, seu braço se aproximando dela, e desta vez ela ainda estava sentada sob o seu toque.

— Me desculpe, moça, é uma coisa terrível perder um filho, de qualquer maneira.

Ela assentiu, apoiando a cabeça no ombro dele.

— Isaac — ele continuou, enervado pela maneira como ela parecia estar se curvando para dentro com desânimo. — É um nome maravilhoso. Um pouquinho do Velho Testamento. — Sua leve provocação a fez sorrir, ainda que fracamente. Ele a abraçou e se levantou, usando as duas mãos para levantá-la. — Olhe para você, está toda molhada de sentar na grama.

Ela olhou para o jeans molhado.

— Eu vou sobreviver.

— Sim, claro que vai. — Ele não estava se referindo à umidade. Quando estendeu a mão, ela a pegou, seus dedos se contorcendo com força nos dele.

Os céus clarearam, rajadas selvagens de vento levaram névoa e nuvens, e um sol quente estava fumegando molhado do chão.

— O pai dele não vai cuidar dele? — O rapaz era um bastardo, nascido fora do casamento, mas essas crianças eram frequentemente reconhecidas e cuidadas por seus pais. E pelo jeito que ela disse o nome dele, esse John parecia ser um homem decente, não importando que tivessem vivido em pecado.

— Ele não tem pai.

Ele lutou para parecer imperturbável. Não era o filho de John. Ele não podia evitar.

— Todos têm pai. Mas talvez você não saiba quem.

Ela soltou a mão e deu um tapa nele.

— O que você está insinuando? Que eu sou uma prostituta? Algum tipo de vaca irresponsável que dorme e engravida pela diversão?

— As vacas em geral seriam consideradas irresponsáveis. — Ele esfregou sua bochecha. — Eu não vou aceitar que levante a mão para mim novamente.

— E eu não vou aceitar que você duvide do meu caráter. Essa é a segunda vez hoje, seu idiota.

Eles andaram em silêncio até o declive íngreme.

— Ele está morto, o pai do meu filho está morto.

— Ah. — Ele lançou um olhar para suas feições contritas. — Sinto muito por ouvir isso.

— Eu não. Espero que ele apodreça no inferno.

Ele ergueu as sobrancelhas, surpreso.

— Devo entender que você não gostava do homem, então?

— Isso mesmo, eu o vi morrer e fiquei feliz.

Ele parou, espantado.

— Você fez o quê?

— Você me ouviu — disse ela, ainda andando. Seus punhos estavam cerrados com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos contra sua pele bronzeada.

Ele alcançou-a e pôs a mão no braço dela.

— Você não vai me dizer? Pode ser que o relato disso possa ajudar.

Ela olhou para ele por baixo dos cílios.

— Como pode ajudar? — Ela apertou os braços ao redor de seu umbigo, parecendo tão desolada que o fez querer embalá-la, sussurrar palavras de conforto em seu ouvido. — Como um menino de dois anos crescerá sem a mãe?

— Eu não sei — disse ele, estendendo um dedo indicador para pegar uma lágrima que deslizou por sua bochecha —, mas ele não tem outras pessoas que o amam?

Ela baixou a cabeça, cavou os dedos dos pés descalços na grama.

— Sim, meu pai o ama. E o mesmo acontece com John.

— Bem, isso não é tão ruim, é? Dois homens que o amam; com certeza eles vão se importar com ele. — Eles começaram a andar de novo. — Então, você vai me dizer?

— Hoje à noite — disse ela. — Eu te conto hoje à noite.

ELES ESTAVAM SUBINDO um cume baixo quando Matthew a fez parar.

— Veja!

No começo ela pensou que poderiam ser mais soldados, já estava se preparando para fugir, mas quando ele apontou pela tela de arbustos, ela viu um cervo e uma corça, o cervo macho dançando atrás da fêmea passiva que educadamente levantou sua cauda para fora do caminho.

— Ele parece meio novo para isso — ela sussurrou, tendo assistido à montagem e desmontagem várias vezes. Matthew riu e sacudiu a cabeça.

— É assim que eles fazem — disse ele em voz baixa. — Talvez isso garanta que a fêmea seja mais acolhedora.

— Acolhedora? Se você me perguntar, eu diria que ela parece entediada, tudo o que ela está fazendo é ficar parada.

— É um bom começo.

Ela lambeu os lábios, muito consciente do calor da coxa dele, onde pressionou contra a dela.

— Embora a maioria dos homens possa superar a fêmea e encurralá-la — ele acrescentou —, fazê-la ficar parada.

— Mesmo? Estamos falando de veados ou em termos gerais?

Na clareira diante deles, o cervo se juntou e ficaram em silêncio.

— Ele parece exausto — Alex comentou assim que o cervo terminou.

— Ele tem várias corças para servir. — O veado saiu de vista e Matthew ficou de pé. — Vamos ver, então? — ele disse, ajudando-a a ficar de pé.

— Ver o quê?

— Se isso se aplica apenas aos cervos. — Havia um brilho verde em seus olhos.

Ele está flertando comigo, pensou Alex, e o sangue borbulhou em suas veias.

— Eu vou te dar uma vantagem, mas talvez você não se atreva a isso. — Ele apontou para a encosta para uma coleção de pedras de granito. — Se você chegar lá antes de mim, você está segura.

— E se não chegar? — Alex disse, tentando soar casual.

Matthew piscou. Isso o fez parecer muito jovem, e com um pouco de choque, Alex percebeu que ele não tinha feito muito isso de flertar nos últimos anos. Então ela balançou a cabeça, girou e partiu, voando como uma flecha na direção das pedras, afinal, ela não queria que fosse fácil demais para ele.

Ele alcançou-a na metade da subida, saltou à frente com a graça de um antílope, e Alex diminuiu o ritmo para apreciar a visão dele. Ele correu sem esforço, longas pernas caminhando sobre o chão. Pulou para ficar em uma das pedras, balançou os quadris em uma dança

triumfante, e ficou lá, sorrindo para ela enquanto ela caminhava nos últimos metros. Ele caiu para pousar diante dela.

— Uma prenda — disse ele, e sua mão subiu para tocar o cabelo dela.

— Uma prenda?

Ele estava perto o suficiente para que, a menos que ela inclinasse a cabeça para trás, tudo o que ela pudesse ver fosse o decote da camisa dele.

— Sim — ele disse e então a beijou.

Ele era muito bom nisso, Alex decidiu, mesmo que tivesse sido melhor se ele tivesse escovado os dentes. Mas o que diabos, ela também não tinha escovado, e a língua de Matthew era quente e forte, seus lábios simplesmente não a deixaram ir, e os braços de Alex estavam em volta de seu pescoço, ela pressionou contra ele, e com um grito de surpresa ele se desequilibrou e sentou-se ainda com ela nos braços.

— Oops. — Alex sorriu, e ela estava de pé novamente, não muito certa do que fazer. — Nós poderíamos fazer isso de novo, mas desta vez você começa. — Ela apontou para trás em direção a suas trouxas descartadas. — E se eu ganhar, eu reivindico uma prenda, certo?

A boca comprida de Matthew se curvou em um sorriso expectante.

— E o que seria?

— Isso, Sr. Graham, é algo que você descobrirá depois. A menos que você ganhe, é claro.

Eles ainda estavam discutindo amigavelmente sobre quem venceu a corrida, quando três homens apareceram dos arbustos ao redor. Sujos e esfarrapados, um deles descalço, os outros com botas desajeitadas, e todos com punhais nas mãos. Como ratos, eles emergiram, silenciosos e rápidos. Matthew estava sentado de costas para eles, mas deve ter visto algo em seu rosto e girado. Tarde demais.

Três contra um traz probabilidades desagradáveis, e antes de Alex ter se recuperado dela, eles prenderam Matthew no chão, rindo de seus gritos de protesto furiosos. Alex recuou. Não eram soldados, mas ela não tinha certeza de que isso era uma coisa boa. E aquelas facas...

Eles chutaram Matthew, dizendo para ele calar a boca. Ele se enrolou. Eles o chutaram de novo, e as mãos de Alex se apertaram em punhos quando o sangue jorrou do nariz de Matthew. Era tudo que ela podia fazer para se impedir de voar para eles, mas que bem isso faria? Eles provavelmente o esfaqueariam se ela o fizesse. Não; melhor esperar. Atraí-los, melhorar as chances.

Ela limpou as mãos contra o jeans. Ela limpou-as novamente. Pare de suar, porra! Um homem sentou-se em Matthew enquanto os outros vasculhavam sua trousse, murmurando desapontados com as poucas escolhas. E então eles se voltaram para ela.

Ela viu o brilho de interesse em seus olhos, incerta se era por causa dela ou por causa dos anéis que ela usava em seus dedos. Ela ficou tensa, um ligeiro movimento enquanto se levantava sobre as pontas dos pés, saltando levemente para cima e para baixo para encontrar o equilíbrio.

Respire, respire profundamente pelo nariz.

Sua pulsação se estabilizou.

Ela deixou o xale cair no chão, e um dos homens riu, acenando para a roupa descartada.

— Sim — disse ele, dando um passo em direção a ela. — É melhor se você estiver disposta. Não que eu me importe, se não estiver.

Ele lembrou-a de uma mosca confiante de frente para uma aranha. Exceto que ela não gostava da ideia de si mesma como uma aranha. Um rato e um gato? Sim; ela poderia fazer o gato. Ele estudou seus jeans com curiosidade e deu outro passo em sua direção, seus olhos travando em seu peito, sua boca.

Continue sonhando, senhor.

Ela engoliu em seco. Ela não tinha feito muita luta real, apenas uma vez antes ela usou toda a gama de suas habilidades marciais fora do tatame. Não era nada recomendável fazê-lo. Os olhos do homem correram para cima e para baixo por suas pernas, demoraram-se novamente em seu peito e pararam em suas mãos e orelhas.

— Dê-nos os anéis, os brincos e o lindo elo em volta do seu pulso.

Ela balançou a cabeça, fazendo-o sorrir em antecipação.

— Eu vou tirá-lo de qualquer maneira, e não me importo muito se seus dedos vierem junto.

— Idiota — ela murmurou, alto o suficiente para ele ouvir. O sorriso desapareceu e ele se moveu com determinação para ela.

— Você precisa aprender maneiras — disse o homem.

O quê? Ele esperava que ela fizesse uma reverência e sorrisse enquanto ele tentava roubá-la?

— Mesmo? Eu diria exatamente a mesma coisa sobre você. Desgraçado. Filho da puta.

Vamos, ela pediu em silêncio, venha me atacar.

Ela lançou um olhar na direção de Matthew; não morto, nem mesmo inconsciente, mas com muita raiva, tentando tirar seu grilhão humano de suas costas. O homem na frente dela deu dois passos rápidos, ela se afastou. O idiota sorriu. Dentes horríveis.

— Com medo, não é?

— De você? Não me faça rir. — Mas ela se afastou, a cabeça se contorcendo como se pretendesse correr, e o outro homem riu, movendo-se para bloquear sua fuga.

— Ela não vai ser tão barulhenta quando terminarmos com ela, vai? — ele disse para seu companheiro, balançando a língua.

Ela cuspiu nele.

— Aproxime-se e você está morto — ela ameaçou, e eles riram.

— Dê-lhes os anéis, Alex! — gritou Matthew. — Apenas lhes dê os anéis e suas pequenas bugigangas. Não vale a sua vida, não é? — Ele se esticou contra o aperto em seu pescoço, levantando um rosto ensanguentado em sua direção. — Você não pode lutar contra eles, eles têm facas! — Ele lutou, mas o homem de costas afundou um joelho em seus rins, houve um brilho de metal quando o bastardo colocou a mão direita com força na parte superior das costas de Matthew. Com um grunhido, Matthew caiu no chão, e Alex queria correr em seu socorro, mas seu caminho foi bloqueado pelos outros dois.

— Homem sábio — um dos rufiões disse a ela, indicando Matthew com a cabeça. — Por que lutar? Isso só significará se machucar ainda mais.

— Vai sonhando, vamos ver quem se machuca. — Pura bravata. Ela engoliu em seco. Concentre-se, Alex. Um erro e você está morta, ou desejando que estivesse.

Ela os deixou chegar muito perto, cuspiendo obscenidades para eles. Eles riram, prometendo que ela não esqueceria aquela tarde. Não, ela provavelmente não iria. Ela lambeu os lábios, teve que engolir um par de vezes. Mirar na cabeça ou nas bolas. Ou ambos. Oh, Deus; lá vem eles.

Quando eles estavam ao alcance, ela explodiu, tornando-se um kamikaze chutador que voou na direção deles. Uma pancada! Uma cabeça recuou. Um suspiro espantado, mãos que agarraram seus braços. Aah! O que é que foi isso? Alex tropeçou de volta. Ele a chutou na canela, o bastardo.

Apenas um deles estava em pé, o outro tentava se levantar. Ela se agachou; o homem zombou. Dois passos para a direita, ele a espelhava. Ela levantou os braços, as mãos retas e duras. Ele apontou para ela com sua adaga. Seu olhar deslizou por seu ombro, no último momento, Alex se jogou para o lado e o outro homem tropeçou de joelhos com seu próprio impulso, sua faca cavando no musgo.

Ela girou e chutou, fez de novo. E de novo. E de novo. Novamente. Novamente. Ar estourou, ossos quebraram. Houve um tilintar surdo quando um punhal pousou em uma pedra. Alex se virou para Matthew e o terceiro homem se levantou e fugiu.

Matthew olhou para ela.

— O que é que foi isso?

— Eu os chutei — ela sussurrou, e caiu de joelhos. — Merda — ela disse, escondendo o rosto nas mãos.

— Você os chutou? Você os matou! — Ele gemeu quando se sentou. O ombro dele!

— Eles não estão mortos. Pelo menos eu espero que não estejam.

— Eu não, eu espero que eles estejam muito mortos. Lixos. — Ele se levantou e franziu o cenho para Alex. — Você deveria ter dado a eles o ouro, você não deveria ter tentado lutar contra eles. E se eles te esfaqueassem?

— Mas eles não o fizeram, certo? Eu sabia que poderia vencê-los.

Matthew murmurou “vencê-los” algumas vezes, olhando os dois corpos de bruços.

— Você teve sorte, eles poderiam ter te machucado.

— Eu não poderia dar a eles este anel, é o meu anel de noivado, o anel de John.

Ele foi lavado por uma onda de ciúmes do desconhecido John, mas restringiu-se a um aceno de cabeça apertado. Ele se abaixou para estudar os dois homens.

— Eles estão mortos — ele pronunciou, dando-lhe um olhar de admiração.

— Oh, Deus, eu não tenho permissão para fazer isso. — Alex empalideceu, parecendo tão verde que ele temia que ela pudesse vomitar.

— O que você quer dizer?

Alex mordeu o lábio dela.

— Minha mãe insistiu que eu tinha que aprender a autodefesa, ela disse que todas as mulheres tinham que saber lutar para escapar de problemas.

Matthew acenou com aprovação relutante, enxugando o nariz sangrando com a manga da camisa.

— Você deveria deixar isso para seus homens, mas eu estou feliz que foi capaz de lutar por nós dois hoje.

— Eu não deveria matar, apenas me defender. Não machucar outra pessoa.

Matthew riu.

— Você acha que sua mãe lhe enviou para aprender a lutar com a intenção de nunca usar o aprendizado?

— Sim, eu acho que ela esperava que eu não precisasse. — Ela inalou e prendeu a respiração por alguns segundos, então fez de novo. — Vamos sair daqui — Alex disse em uma voz quebrada. — Eu não quero ficar perto de... — Seu olhar disparou para frente e para trás entre os dois homens mortos.

— Sente-se aqui, eu vou cuidar disso. Nós não podemos deixá-los ao ar livre. Até os cães merecem ser enterrados.

Ele ignorou a sensação de queimação em seu ombro e braço direitos, trabalhando com uma das mãos para empurrar os corpos por uma pequena fenda e cobri-los com pedras.

Uma vez que isso foi feito, ele foi para onde ela estava sentada.

— É melhor irmos, preferiria que estivéssemos bem longe daqui antes do anoitecer.

Ela tropeçou a seus pés, olhos muito azuis escuros.

— Eles vão me enforcar?

— Enforcar você? — Matthew balançou a cabeça. — Eles teriam que pegar você primeiro.

— Oh — ela gritou, claramente não reconfortada.

— Eles não vão. Ninguém jamais saberá.

— Mas ele...

— O terceiro? Eu ousou dizer que ele se mantém bem longe do longo alcance da lei.

Ele engoliu um suspiro quando colocou seu rolo em seu ombro mutilado e conseguiu dar-lhe um pequeno sorriso antes de liderar o caminho até o cume mais próximo.

— Oi. — Diane parecia muito enérgica, aparecendo na porta de John bem antes das nove. Ela riu do rosto confuso de John. — Deus ajuda quem cedo madruga, lembra?

Ele abriu a porta.

— Alguma razão específica para a sua visita?

— Não, não realmente. — Ela desviou para cumprimentar Isaac.

Havia algo tão natural em como Diane se aproximava de Isaac, genuíno interesse permeava sua voz enquanto ela falava com o garoto. Nada daquela cautelosa reserva com a qual Alex frequentemente tratava seu filho. Isaac sorriu para Diane, entregou-lhe uma peça de lego de sua torre de Duplo desmoronando e correu para dar espaço para ela quando ela se ajoelhou ao lado dele.

— Café? — John perguntou.

Diane deu um tapinha de despedida em Isaac e foi até onde John estava procurando por canecas limpas.

— Eu só queria dizer que sinto muito — disse ela. — Eu não quis chatear você no outro dia.

— Me chatear?

— Você sabe; sobre Isaac.

— Oh, isso. — Eras atrás. Para ser preciso, quatro dias atrás, quando ele ainda estava tentando se convencer de que Mercedes e Alex poderiam um dia ressurgir.

— E quando você não foi para o escritório ontem, ou no dia anterior, eu pensei... — Diane encolheu os ombros.

John piscou. Ele passou os últimos dias no jardim de Magnus, mais ou menos em um estado letárgico. Sentiu uma pontada de culpa: com a ausência de Alex e com a falta dele, a pobre Diane ficou com todo o trabalho nas mãos e, com novos projetos de segurança de TI, ela devia estar afogada no trabalho.

— Eu estava com Magnus — disse ele, servindo-lhes um pouco de café. — Na verdade, eu vou para lá mais tarde hoje. Quer vir?

— Ele está bem? — Diane parecia preocupada. Ele lançou lhe um olhar, imaginando se os olhos dela sempre tinham sido tão verdes ou se ela estava usando lentes para melhorar a cor.

— Tudo bem? — John balançou a cabeça. — Não, eu não acho que ele está bem, especialmente depois de encontrar esse caderno.

— Caderno? Que caderno?

Então John disse a ela, decidindo que Diane era uma exceção à

regra de nunca contar que eles concordaram. Diane o ouviu em silêncio, o ceticismo brilhando nos olhos dela. Ela se anuviou quando ele lhe contou sobre sua fuga com Hector.

— Eu não gosto dele — disse ela —, há algo de errado nele.

Um eufemismo, John pensou sombriamente.

— Mas ele parece estar dizendo algum tipo de verdade.

— Verdade? — Diane ergueu as sobrancelhas. — Só porque a Mercedes escreveu alguma coisa, não é necessariamente a verdade, é? Vamos encarar. Houve dias em que ela estava muito, muito estranha.

Não é de admirar, dada a sua vida, John suspirou.

— Nós vamos queimá-las — disse ele. — As pinturas. Hoje. Magnus quer. Só por garantia. Eu não acho que ele vai se importar se você aparecer. — John não tinha ideia, mas de alguma forma ter o intelecto de Diane ao lado dele ajudou.



MAGNUS PARECIA feliz em ver Diane, seus olhos se enrugando quando ela o abraçou. Ele estava parecendo gasto, as bochechas não barbeadas eriçando prateadas ao sol.

— Você não está comendo. — Ela franziu a testa, cutucando-o no estômago.

— Não, não parece tão importante ultimamente.

Diane bufou e caminhou para a cozinha, um barulho muito alto indicando que todos iriam comer em breve.

Curiosamente, foi uma refeição descontraída. Muito devido a Diane, que puxou todos os assuntos e foi uma constante presença alegre, garantindo que a conversa ficasse bem longe do assunto de Alex e Mercedes.

Apenas quando terminaram a sobremesa ela pediu para ver o caderno. Com um suspiro, Magnus foi buscá-lo, entregando-lhe em silêncio.

— Bem. — Diane fechou o caderno, parecendo bastante pálida. — Forte.

— Você pode dizer isso de novo — disse John de onde ele estava empilhando os pratos na lava-louças. Ele se endireitou e enxugou as mãos. — É melhor começarmos.

Magnus assentiu e abriu o caminho para o estúdio.

Isaac olhou ao redor da grande sala de luz, mãos pequenas se estendendo para acariciar tubos de tinta e pincéis, e as telas preparadas, mas ainda vazias, que estavam empilhadas de um lado.

— Eu quero — disse ele, pegando um tubo de cádmio amarelo. Ele pulou e cantou alegremente no tubo de cobalto agora também em sua mão.

— Você se importa? — John perguntou a Magnus. — Tudo bem se eu o sentar em algum lugar com tintas e um pincel? Eu prometo que limpo depois.

Magnus fez um gesto para o chão salpicado de tinta.

— Mais uma pitada de amarelo não vai fazer diferença. Mas estas são tintas a óleo e será uma tarefa muito difícil limpar.

Isaac deu a Magnus um olhar ofendido.

— Eu sei — ele disse enquanto acenava com um pincel para ele.

John e Magnus compartilharam um olhar. John se sacudiu. Fantasias; todas as crianças gostavam de mexer nas cores.

Assim que Isaac foi acomodado na grande mesa, eles se voltaram para a parede mais distante e a longa fila de pinturas acabadas, todas voltadas para dentro.

— Como fazemos isso? — John disse. — Não é como se pudéssemos acender uma fogueira no seu quintal, não é?

— Por que não? — Magnus disse. — Quem vai saber?

Diane olhou para as pinturas e voltou para ele.

— Há tantas, vai levar séculos para queimá-las. — Magnus apenas acenou e tomou várias delas nos braços, indo em direção às janelas grandes. As pinturas caíram com sons de estilhaços à medida que atingiam o andar de baixo.

— Bem, vamos em frente — ele retrucou —, não temos o dia todo, não é?

— Magnus? — John foi até ele. — O que há de errado?

— Nada está errado! Está tudo ótimo. Minha esposa é uma espécie de bruxa, e minha Alex aparentemente caiu no tempo. Como você pode pensar que algo está errado? — Ele olhou para John, para Diane, e até para Isaac, antes de sair da sala.

— Oh, merda, talvez devêssemos fazer isso em outro momento. — John olhou para Isaac. — Vamos lá, Isaac. Vamos para casa.

— Não quero — disse Isaac, ocupado espremendo tinta azul sobre a mesa.

— Mas eu sim. Venha para Jojo.

— E que merda é essa de Jojo? — Magnus gritou, reaparecendo na porta. — Jojo faz você parecer um brinquedo. Você é o pai dele, não é?

John olhou para ele. Ele nunca tinha visto Magnus tão chateado, cabelo bagunçado, olhos azuis se estreitando para ele.

— Foi ideia de Alex — disse ele. Era a maneira dela de se manter no controle e não demonstrar o ciúme pela preferência óbvia de Isaac por John.

— Mas ela se foi! — Magnus bateu o punho através de uma das telas. — Ela se foi e nunca mais voltará, e o único pai que o garotinho tem é você. Você é o pai dele, ouviu? Não a porra de um bicho de

pelúcia!

Ele chupou as juntas dos dedos sangrando.

— Ok, tudo bem. Eu sou seu pai — John disse suavemente. — Isaac, venha para o papai.

Isaac balançou a cabeça.

— Não. Quer desenhar. — Ele levantou uma mão muito azul e sorriu. Olhou para Magnus e depois para John. — Offa — ele disse. — Offa está bravo.

— Não — disse John —, acho que Offa está triste.

— Huh. — Magnus se afastou para olhar pela janela. — Eu quero fazer isso agora — disse ele em uma voz controlada depois de um tempo. — Eu sinto muito por agora, eu exagerei.

— Claro — disse John —, eu entendo.

Eles começaram com as telas maiores, e Diane insistiu que deveriam pelo menos olhar para cada foto antes de jogá-la pela janela, em algum tipo de gesto tardio para Mercedes. A sensação de desconforto aumentou quando tela depois de tela mostrava a mesma coisa; vomitando sangue vermelho fogo com algo torcendo em seu meio.

— Sua irmã? — perguntou Diane.

— Ou o pai dela, chamando ao seu Deus — disse Magnus.

John teve problemas em desviar o olhar.

— Você não sente isso? Como essas pinturas chamam você?

Diane assentiu.

— Não — Magnus disse. — Se eu não tivesse lido o caderno, nem sequer o teria visto como uma fogueira, mais como alguém experimentando o pôr do sol surrealista. — Ele se abaixou para arrastar uma enorme tela emoldurada para o lado. — Ugh! — grunhiu. — Essa maldita coisa pesa uma tonelada!

John aproximou-se para ajudá-lo e juntos manobram a pintura na posição vertical.

— Hector — disse John. — É, não é?

— Sim — concordou Diane.

Eles estudaram a imagem em silêncio. Um homem sério, cabelo de fogo caindo sobre os ombros. Sobrancelhas arqueadas, uma boca que parecia indecisa quanto a sorrir ou se pressionar mais, o lábio superior estava cortado. E aqueles olhos, duros e ameaçadores, olhavam para eles, pedras preciosas prestes a explodir. A mão dele descansava na mesa ao lado, uma luva presa casualmente nela, e em sua cabeça estava um pássaro, o bico meio aberto como se estivesse rindo.

Era uma foto estranha. Quando se aproximaram, a imagem se dissolveu e se reformulou, e de repente Hector ficou nu, seu rosto um grito angustiado, pequenos fogos cintilando ao redor dele. Eles recuaram e o homem calmo olhou para eles.

— Inferno —Magnus disse. — Como ela faz isso?

— Eu não sei — disse John, abalado pela agonia naquele rosto contorcido. Juntos, eles pegaram o retrato e andaram até a janela. — Pobre sacana. Você pode encontrar um pouco de paz, por mais filho da puta que seja — John disse enquanto eles se juntavam à pilha abaixo.

— Ora, obrigado. — Eles giraram para encontrar Hector encostado na porta, uma das mãos apoiada em Isaac.

HECTOR OLHOU-OS DIVERTIDO, lançou um olhar para uma das grandes pinturas de fogueira e apertou ainda mais o garoto. Ele examinou o cômodo. Várias vezes, nos últimos anos, ele enviara homens para esse endereço para fazer discretos arrombamentos e invasões, mas todas e cada uma das telas que trouxeram de volta tinham sido inúteis.

Por duas vezes ele próprio fora, mas desde que o idiota do Charlie estragara tudo em janeiro, Magnus Lind tinha aumentado sua segurança, tornando a invasão um pouco difícil, como ele bem sabia depois de sua própria tentativa de algumas semanas atrás. Ainda assim, agora ele estava ali, e todo ele estremeceu, seu corpo se esforçando para as telas empilhadas.

— Tire suas mãos do meu filho! — John estava na metade do outro lado da sala.

— Ora, ora — disse Hector, com uma faca. — Vamos nos acalmar. E se formos bem corretos, esse pequeno bastardo não é seu, não é?

John rosnou, mostrando os dentes em um gesto primitivo de desafio. Hector riu e colocou o menino nos braços. A criança gritou, um som estridente que irritou os nervos auditivos de Hector.

— O que você vai fazer? Queimá-las? — disse Hector, segurando o menino que se contorcia debaixo do braço.

— Sim — disse Magnus —, todas elas. Você sabe, como você fez com Benito e Dolores.

Agora, como é que Magnus Lind sabia disso? Hector franziu o cenho para ele.

— Benito Gutierrez era um falso convertido, clamando ao deus de seu pai na fogueira. Então eles morreram, ele e sua filha, e que pena que ambas as filhas não queimaram também. Eu estava apenas cumprindo meu dever cívico, protegendo minha fé.

— É claro — disse Diane —, que bobagem nossa não entender. Violar mulheres jovens é sempre uma indicação de altos valores religiosos.

Hector olhou para ela. A única pessoa que sabia disso era Mercedes. Teria ela deixado algum tipo de mensagem?

— Dolores era uma prostituta — disse ele com maldade. — Por

quase três anos ela me encontrou em segredo, recebeu bugigangas e flores, compartilhou minha taça de vinho, minha cama. E então... — Ele apenas balançou a cabeça. Ele não tinha razão para recontar a longa tarde, quando Dolores percebeu que ele não tinha intenção de se casar com ela, ou a luta subsequente. Ele tocou o lábio superior, lembrando o quão perto seus olhos estavam quando ela cortou sua boca com a faca.

— Solte meu neto — disse Magnus, avançando. — Coloque-o para baixo e saia antes que eu arranque seu coração. — Mais uma vez a lâmina brilhou à luz da lâmpada, congelando Magnus a ponto de parar.

— Você quer a criança, eu quero uma pintura. Tenho certeza de que podemos chegar a um acordo amigável. — Hector virou o menino para o alto e o estudou rapidamente. — Ele parece com a avó.

— Sim, e podemos imaginar o quanto isso te emociona — Diane murmurou.

— Eu não posso dizer que sim. — Hector olhou para Diane, para os dois homens, e recuou um passo ou dois. Ele se moveu rapidamente, a criança gritando e balançando debaixo do braço. — Eu nem sei se tenho netos.

— Espero que não — disse Magnus.

Hector lançou-lhe um olhar frio, mudou de posição e o menino engasgou, as pernas chutando.

— Frágil, não é?

— Pare! Por favor, pare! — Diane implorou.

Hector soltou a criança e usou a faca para incitar John a dar um passo à frente.

— Você — ele disse —, eu preciso de você para folhear todas essas pinturas. — Ele apontou para as pilhas de pinturas de tamanho de cartão postal, centenas e centenas delas.

— Eu? — John resmungou, olhos fixos em seu filho chorando.

— Você. — Hector observou-o tropeçar em direção às pequenas telas, notou sua reação a todas e a cada uma delas. O jovem parecia prestes a desmaiar, todo ele tremendo ao manusear aqueles quadrados de azuis e verdes. Interessante; como uma antena humana, todo o seu corpo se contorcendo na proximidade de tanta magia. Hector tomou seu tempo escolhendo, mas finalmente selecionou três e colocou John na lateral direita da mesa enorme.

— Eu sugiro que você se afaste, a menos que queira ser arrastado também.

— Isaac — disse John —, meu filho...

Hector olhou para baixo, surpreso ao ver o menino ainda pendurado em seu braço.

— Vá e fique ao lado da porta. — Uma vez que eles concordaram,

ele soltou a criança, uma pequena forma que voou em direção à segurança dos braços de seu pai.

Magnus já estava se movendo para pegar Hector, mas Diane agarrou seu braço.

— Não, não chegue muito perto!

O ar ao redor de Hector brilhava, fios de cor dançando em volta dele. Hector parecia estar rezando, inclinando-se para a pintura. Uma luz branca e brilhante saiu da imagem e, diante de seus olhos chocados, ele mergulhou no pequeno quadrado de verdes e azuis sinuosos e desapareceu, pedaço por pedaço. Sua cabeça, seus ombros, um braço, o outro... e todo o tempo que eles o ouviam gritar, um som desencarnado que ecoou pela sala. Com uma rajada de ar, ele se foi e, sobre a mesa, o tumulto de óleos estava acenando, sussurrando que eles deveriam vir e olhar, olhar e se afogar naquele centro branco e indescritível.

— Ele se foi. — John engoliu em seco, beijou a cabeça de Isaac. Magnus assentiu e se aproximou da mesa, dando um passo cuidadoso. Ele varreu as pinturas apenas pelo toque, mantendo seu rosto desviado.

— Vamos queimá-los — ele disse — e não olharemos mais para eles, ok?

John recuou, ainda segurando Isaac.

— Eu não posso, me desculpe, mas não suporto estar perto desses quadros.

Diane deu um tapinha em seu braço.

— Apenas sente-se lá.

John recostou-se contra a parede. O que diabos ele tinha testemunhado? Impossível, ele tentou, inteiramente impossível. Diane encheu os braços com telas pequenas e coloridas, e John podia jurar que as ouviu sussurrando, implorando para que ele se aproximasse e olhasse. Ele fechou os olhos e, ao longo dos braços e nas costas, o suor escorria em pequenos riachos, com gelo derretendo sobre a pele superaquecida.

— Você acha que ele conseguiu? — Diane jogou sua pilha pela janela.

— Conseguiu? — Magnus perguntou, quebrando uma tela sobre o joelho.

— Bem, sim; voltar ao seu tempo.

Magnus deu seu longo olhar.

— Francamente, Diane, eu não dou a mínima. Espero que ele apodreça no limbo para sempre.

HECTOR ATERRISSOU com um baque doloroso, teve que ficar parado por alguns instantes enquanto forçava o ar a voltar aos pulmões. Todos pareciam inteiros, mas ele sabia, por experiências passadas, que ficaria coberto de hematomas, a queimadura estranha. Não que ele se importasse, porque no momento sua maior preocupação não era sua saúde, era onde ele estava.

Tudo ao redor era silêncio, uma falta de sons que indicava que ele estava a quilômetros de qualquer habitação humana. Ainda assim ele cheirou, na esperança de ser assaltado pelos aromas do calor do verão aprisionado, o fedor dos banhados de lama de Guadalquivir. Nada. Ele estava cercado por grama e arbustos, uma paisagem desprovida de qualquer coisa que se assemelhasse à sua cidade.

Com um gemido, ele rolou para esconder o rosto em seus braços. Esta não era a Espanha, nem era o seu tempo. Este era o lugar onde Diego estava, tinha sido o rosto de Diego que ele tinha visto quando o funil se fechou sobre sua cabeça, e agora ele estava elegantemente preso ali como uma mosca em uma teia de aranha.

— Por favor, Deus — disse Hector em voz alta. — Por favor, me deixe morrer.

Estava anoitecendo quando eles encontraram um lugar para se instalar para passar a noite. Matthew andava em silêncio pelas últimas horas, apressando-a por caminhos minguantes e através de matagais, onde mosquitos enxameavam como cobertores ao redor de suas cabeças. Ela o seguiu como uma sonâmbula, tão imersa na culpa de ter matado dois homens que não registrou como ele vacilou, até mesmo tropeçou.

— Aqui? — ela disse quando ele parou. Um córrego minúsculo, e apenas um conjunto de zimbros retorcidos como proteção contra o vento crescente.

Ele sentou-se com um grunhido.

— Eu tenho que descansar. Isso vai servir.

Ele fechou os olhos. Seu nariz estava muito inchado, vários labirintos de sangue escorrendo em sua barba e abaixo de um lado de sua boca.

— Você está bem? — Ela colocou a mão na testa dele, que estava pegajosa ao toque, e se sentou. — Qual é o problema?

— É apenas um arranhão — disse ele, movendo o ombro. Sua camisa deve ter ficado presa em sua pele, porque havia um som lacrimejante e a respiração apressada de Matthew. Ela se levantou.

— Primeiro o mais importante, fogo e água. — Ela envolveu-o em seus cobertores combinados e o deixou sentado, dizendo-lhe em termos inequívocos que ela o esfolaria se ele ao menos mexesse um dedo do pé.

— Você fez muito isso? — ele perguntou um pouco mais tarde. Uma pequena fogueira ardia a seus pés, a chaleira amassada se preparava para ferver, apoiada em algumas pedras largas.

— Isso acontece — disse ela, concentrando-se em lavar o nariz. Por um instante, a palma da mão descansou na bochecha dele, e ele se inclinou para ela, fechando os olhos com um suave suspiro.

— Certo — ela disse uma vez que terminou com o rosto dele. — Deixe-me ver as suas costas.

— Não, não importa.

— Nesse caso, não importa se eu olhar, não é?

Ele desabotoou a manta e ela colocou a mão na mancha escura que cobria o lado direito de suas costas.

— Jesus! Você está sangrando como um porco.

Matthew se mexeu, tentando ver.

— Sente-se quieto. — Um aperto forte em sua camisa, e ela a rasgou. Isso o fez gritar, e os tremores aumentaram quando o vento frio da noite varreu suas costas nuas.

— *Djävla skit* — Alex disse. — *Helvetes djävlar*.

— Eu sei que você está xingando, mesmo que não seja em inglês.

— Eu só estou fazendo isso para poupar seus ouvidos masculinos sensíveis. — Ela nunca tinha visto uma ferida de faca antes. Bem, claro que ela não tinha; ela vivia em um mundo onde as pessoas eram baleadas, em vez de esfaqueadas, sem grandes melhorias, na verdade. — Quando ele fez isso? — Suas mãos traçaram outras cicatrizes, vergões leves para cima e para baixo nas costas.

Matthew levantou o ombro bom.

— Eu não sei, talvez quando ele estava no topo, e eu, lutando para voltar a ficar de pé.

Ela lavou-o e sentou-se para pensar. A ferida ainda estava se infiltrando, e agora que estava superficialmente limpa, ela viu que era profunda, afundando na parte superior das costas, logo abaixo da articulação do ombro. Ela rasgou um pedaço enorme de forro de sua jaqueta e encharcou-o em água fervente.

Se doeu quando ela lavou a ferida aberta, ele não disse, mas seus ombros caíram quando ela decidiu que estava pronta, pressionando um pedaço de pano seco e macio contra a pele vermelha. Encontrou uma camisa sobressalente para ele em sua trouxa, tirou tiras da descartada para amarrar seu curativo primitivo e sentou-se para examinar seu trabalho.

— Isso dói?

Ele balançou sua cabeça. Ela o ajudou a puxar a camisa por cima da cabeça e fez sinal para ele se sentar mais perto do fogo. Ele fechou as mãos ao redor do copo de madeira de água quente e bebeu em goles. Parecia muito melhor agora que seu rosto estava lavado, mas a preocupava que ele tremesse tanto.

— Fale comigo — disse ele batendo os dentes. Ela assentiu e o ajudou a deitar-se com a cabeça no colo, enfiando o máximo de cobertores que podia sobre ele.

— Eu nunca terminei de falar sobre John, não é?

— Não, você não terminou, mas não precisa.

— Você me contou. — Ela passou as mãos sobre a cabeça, pelas costas, perdida em pensamentos. — Nós éramos um desses casais que se junta e se separa, sabe? Por alguns meses nós saíamos, e então terminávamos, e eu ficava muito brava com ele, então eu saía com outra pessoa, e ele também, então um dia ele ligava e nós nos ficávamos juntos novamente.

Ela decidiu não entrar em muitos detalhes sobre essas reconciliações, afinal, não era da conta dele. Além disso, ele era um pouco sensível demais quando se tratava do sexo.

— Quando ele me pediu em casamento, não foi uma surpresa para ninguém. Nós morávamos juntos há dois anos e parecia a progressão natural das coisas, sabe? — Alex sorriu, acariciando o anel em seu terceiro dedo. — E então ele foi e arruinou tudo.

E se eles não tivessem lutado tão amargamente, se ela não tivesse jogado o anel dele em seu rosto e se afastado, ela nunca teria encontrado Ángel e...

— O que ele fez?

— Ele transou com minha melhor amiga. — Estúpido John, estúpida ela, e estúpida, estúpida Diane.

— Trançou?

— Fodeu.

— Oh, sim.

— Ok, então não foi inteiramente culpa dele. Nós tivemos uma de nossas brigas regulares, desta vez foi por ele estar com raiva de mim por dedicar tanto tempo ao trabalho, e eu tentei explicar a ele que com o Milênio se aproximando, eu precisava fazer uma fortuna.

Matthew virou a cabeça para olhá-la e ela percebeu que ele se perdera totalmente na conversa.

— Você trabalha?

— Claro; todas as mulheres modernas trabalham.

— E os filhos? A casa?

Alex deu de ombros.

— Creche para as crianças, e a maioria dos homens ajuda em casa hoje em dia. Bem, no futuro.

“Eu voltei para Magnus e Mercedes, dizendo a John que ele podia se ferrar, eu não ia deixar suas inseguranças prejudicarem minha carreira, e por uma semana inteira ele não ligou nem apareceu. Então, no sábado, decidi sair para uma noite com Diane e acabei em um bar em Leith. — Ela sorriu para as sobranceiras erguidas. — Algo um pouco mais sofisticado, no meu tempo, não o lixo que provavelmente é agora. De qualquer forma, John estava lá também, e ele ainda estava bravo e ferido, então ele disse algo sobre não saber se queria se casar com uma mulher poderosa, e isso me irritou, então joguei minha bebida nele e saí.

— Mulher poderosa — Matthew murmurou, e ela podia senti-lo rindo. — Ele não gostou disso, não é?

— Não, eu joguei na cara dele.

Ela estava do lado de fora do bar esperando por Diane, mas a vadia de duas caras não apareceu, então ela voltou para casa. Uma vez lá, estava tão inflamada com raiva de John, que decidiu resolver tudo

com ele naquela mesma noite, então ela correu para o apartamento deles, abriu a porta e ficou paralisada ao ver John e Diane juntos no sofá.

— Ele apenas olhou, sabe? E eu queria chorar, mas ao invés disso eu me virei e corri, e na manhã seguinte eu peguei um avião para Estocolmo, não querendo correr atrás dele.

Ele foi atrás dela, tentando explicar, mas tudo deu muito errado e ela arrancou o anel que ele lhe dera e o jogou na mesa na frente dele, e então saiu do restaurante, jurando nunca, nunca falar com ele ou com Diane novamente.

— Minha vida se desfez um pouco — disse ela, fazendo uma careta para o eufemismo. — E um dia eu encontrei-me em casa com uma criança indesejada na minha barriga. —No momento em que ela chegou em casa, já era tarde demais para um aborto, e se sentiu tão presa, odiando o crescimento invasivo dentro dela.

Matthew levantou a mão para onde a dela estava, em seu ombro, e apertou-a.

— John era muito teimoso. Ele ligou, apareceu, ele teimou em ir comigo a todas as minhas consultas. E quando Isaac nasceu, acho que ele o amou desde o primeiro momento em que o abraçou. Eu não. — Suas costas se curvaram com vergonha quando ela se lembrou das ondas de ressentimento que a inundavam enquanto ele se regozijava com seu bebê recém-nascido.

Matthew ficou em silêncio por um tempo.

— Ele te ama muito — ele finalmente disse em um tom bastante relutante.

— Sim, e eu o amo.

— O que aconteceu com você? — ele disse mais tarde. Eles foram pressionados perto um do outro, ela segurando-o apertado contra o peito em uma tentativa de parar seu tremor. Ela não respondeu, e ele empurrou seu traseiro contra ela.

— Quando?

Ele fez um som muito irritado e se virou para encará-la, sua respiração acelerando quando ele moveu o ombro.

— Você sabe quando; quando sua vida “se desfez”.

Ela suspirou, engolindo de volta o medo que lhe subiu pela garganta.

— Outra hora, ok?

Ele colocou uma das mãos no rosto dela, o polegar acariciando sua bochecha.

— Eu vou te abraçar, moça. — Ele respirou e, em seguida, se aproximou ainda mais e a beijou, um suave roçar que fez seus lábios formigarem de desejo.

ELE ESTAVA queimando de febre na manhã seguinte, encolhendo-se sob o manto. Ela o fez se sentar e beber um pouco mais de água quente, e então se levantou e examinou os arredores, imaginando o que fazer. Mais longe, via fumaça e, quando estava na ponta dos pés, conseguia distinguir um telhado.

— Seria perigoso para você se eu conseguisse ajuda? — perguntou ela, agachando-se ao lado dele. Ele abriu os olhos injetados e lacrimejantes e olhou para ela.

— Sim — ele resmungou. — Eu não gostaria de estar assim diante de estranhos. — Ele procurou a mão dela. — E você, pode ser perigoso para você, com suas roupas e cabelos.

Não era sua maior preocupação no momento. Ela alisou uma ruga inexistente de sua testa.

— Fique aqui, já volto.

Alex se aproximou do pequeno chalé na ponta dos pés, de olho nos cachorros. Tudo estava em silêncio, um pequeno jardim escavado na parte de trás, algumas galinhas cacarejando no quintal. Ela se esgueirou o mais perto que pôde, ficando tensa para virar e correr, mas não havia movimentos, nenhum sinal de vida, exceto por aquela nuvem de fumaça. Alguém tinha que estar lá, ela pensou, avançando em direção à porta. Ela bateu. Nenhuma resposta, e ela bateu de novo, mais alto. Nada.

Ela considerou tentar a porta e entrar, mas decidiu que não, oprimida pelo medo de estar presa na escuridão. Em vez disso, invadiu o jardim, encontrou ovos no pequeno galinheiro, mas quando ela virou-se para sair, sentiu uma pontada de desconforto. Ela não deveria roubar, não de pessoas tão pobres. Então ela tirou um dos brincos e colocou-o no degrau da porta larga, uma pequena pedra colocada em cima dele.

— Obrigada — disse ela e fugiu.

NO FIM DA TARDE, ela entendeu que precisava de ajuda. Ele estava tremendo de frio, e deitar na umidade não estava ajudando. Ela tentou fazê-lo comer uma sopa de alho-poró, mas ele virou o rosto, uma tosse torturante fazendo-o dobrar-se.

— Isso não vai funcionar. Se ficarmos aqui, você terá pneumonia ou algo assim. — Ela o colocou de pé, ignorando seus protestos, e quase o arrastou na direção da cabana.

Quando chegaram à porta, ela estava tão trêmula quanto ele, e o abaixou para se sentar contra a parede antes de bater, pedindo ajuda. Desta vez, a porta se abriu e uma mulher pequena e redonda saiu, mantendo os olhos apertados focados nos dois com interesse.

— Sim? — ela disse, os olhos viajando para cima e para baixo de Alex. Seus olhos fixos nos jeans, eles piscaram para Matthew, voltaram para os jeans e pararam em Matthew, que arquejava.

— Ele está doente — disse Alex, observando o colarinho branco engomado e os punhos igualmente imaculados. Um chapéu branco completava o conjunto, cobrindo a maior parte do cabelo trançado e enrolado. Isso fez Alex se sentir desalinhada em comparação.

— Sim, eu posso ver isso. — A mulher se inclinou para frente e levantou um dedo robusto para o lóbulo da orelha nua de Alex. — Você esteve aqui antes.

— Sim. Desculpe, mas tentei bater e tive que pegar um pouco de comida.

A mulher sacudiu a cabeça.

— Você pagou — disse ela, um brilho em seus olhos negros. — Você não roubou. Não como alguns. É melhor vocês entrarem. — Ela sorriu, mostrando uma fileira de dentes brancos. — Entre antes que alguém passe. — Ela se afastou para permitir que Alex ajudasse Matthew a entrar, lançou um olhar pelo caminho de terra e fechou a porta.

O interior da cabana surpreendeu Alex, não o interior sujo e desordenado que ela esperava, mas uma casa limpa e muito vazia. Matthew estava deitado ao lado da lareira e, depois de inspecionar o ombro, a anfitriã, agora apresentada como Sra. Gordon, suspirou e deixou a água ferver.

— Não está limpo.

Matthew mal se mexeu quando o enrolaram na frente, mas ele engasgou quando a Sra. Gordon afundou sua faca na ferida semicerrada, cortando-a mais do que antes. Alex sentou-se sobre ele enquanto a Sra. Gordon despejava água quente por cima do ombro, terminando o procedimento subindo um pequeno frasco do que cheirava a brandy barato na carne crua. Matthew resistiu, gritou e caiu desmaiado.

— Ma...! — Alex se conteve a tempo. A Sra. Gordon insistiu que ela não queria saber seus nomes.

— É a dor — disse a Sra. Gordon. — Não é grande coisa, sim? — Ela pegou uma agulha curva e costurou-o, deu um tapinha na bochecha dele e se endireitou.

— Uau. — Alex ficou muito impressionada com sua obra.

— Sou parteira — disse a Sra. Gordon — e faço algumas curas por fora. Costurar é mais ou menos o mesmo onde quer que você o faça, não? Então, do que vocês estão fugindo? — A Sra. Gordon entregou a Alex uma tigela com mingau salgado. Não totalmente desagradável, e Alex pôde ver pedaços de cenoura e pastinaca, o estranho pedaço de carne de porco salgada.

— Não estamos fugindo.

A Sra. Gordon encolheu os ombros.

— É melhor ter cuidado. O campo está repleto de soldados. É um fugitivo perigoso que eles estão procurando. — Ela deu uma olhada para Matthew. — Não que ele seja uma ameaça, tão perigoso quanto um bebê recém-nascido em seu estado atual e tão vulnerável. — Ela estudou Alex, que se contorcia sob sua lenta inspeção.

— Ele não é um fugitivo.

— Não, claro que não; e eu sou a Rainha de Sabá. — A Sra. Gordon riu, aparentemente muito divertida. — Eles tinham um enforcamento planejado alguns dias atrás em Lanark, sim? Grande e corpulento com uma perna ruim. Ele fugiu deles, e agora eles o estão procurando por toda parte.

— Bem, ele não tem uma perna ruim.

— Não, isso ele não tem. Mas seus pulsos foram acorrentados recentemente, suas costas foram açoitadas e vocês parecem estar viajando com pouquíssimas coisas. — Alex abriu a boca, mas a Sra. Gordon deu um tapinha na mão dela. — Não, moça, você não precisa me dizer. Mas vocês devem ter cuidado.

Alex assentiu, pensando em Sanderson. Poderia ser ele, grande e corpulento com uma perna ferida, mas por que eles queriam enforcá-lo? Ela sentiu um frio no estômago e olhou furtivamente para Matthew. Pelo que ela ouvira há vários dias, os soldados estavam convencidos de que Sanderson era Matthew, e na superfície havia alguma semelhança, ambos altos e com cabelos escuros.

— É um crime para enforcamento? — ela perguntou em um tom casual. — Fugir da cadeia... hum... cárcere?

A Sra. Gordon olhou para Matthew e suspirou.

— Nem sempre, mas agora pode ser, com tudo de cabeça para baixo enquanto esperamos o Protetor morrer. Especialmente se você é uma monarquista fugitiva. — Sua boca franziu como se tivesse mordido um pau azedo de ruibarbo.

— Ele não é um monarquista.

— Bem, isso é bom, não? Eu não gosto muito deles.

ALEX NÃO DORMIU nada naquela noite, a cabeça de Matthew apoiada em seu colo, seu punhal preso em sua mão. Ele suava e tremia, e sua respiração era alta e rouca, tossindo, se encaixando em seu corpo. Alex tentou abafar o barulho o melhor que pôde, consciente da Sra. Gordon em sua cama.

— É minha culpa? — perguntou ela na manhã seguinte. — Porque eu não consegui limpá-lo corretamente? — Ela acariciou sua cabeça, dedos fortes massageando a base de seu crânio de uma forma que o fez gemer e se enterrar mais perto, ainda dormindo.

A Sra. Gordon sacudiu a cabeça.

— Ele não está bem alimentado há muito tempo, moça. Olhe. — Ela pegou a mão de Matthew e deixou os dedos se fecharem em volta do pulso dele. Parecia muito frágil, todos os botões e tendões, e quando Alex passou a mão pelo braço, pelas costas, pôde contar seus ossos, sentir os sulcos de músculos e tendões, mas muito pouco mais. — Ele deve estar se alimentando mal há meses, pobre rapaz.

Matthew dormiu a maior parte do dia, mas a Sra. Gordon parecia despreocupada, assegurando a Alex que isso estava na ordem normal das coisas. Ela, no entanto, estimulou Matthew a dormir o suficiente para que Alex o ajudasse a entrar no banheiro, encheu-o com uma grande caneca de chá de casca de salgueiro e observou Alex apertar os cobertores ao redor da forma adormecida de Matthew. Ela estava tricotando, suas agulhas voando de um lado para o outro a uma velocidade surpreendente.

— Qual é o seu nome do meio? — A Sra. Gordon sorriu para Alex.

— Ruth.

— Eu vou te chamar de Ruth então, posso? Eu não posso continuar a chamando de moça. — Ela estendeu seu tricô na direção de Alex. — Você sabe tricotar?

Alex percebeu que isso era algum tipo de teste e assentiu.

— Minha avó me ensinou, mas eu não tenho feito muito isso. — Na verdade, não desde o Natal, quando seu único presente para o pai tinha sido um cachecol estreito, mas muito comprido, com listras laranja e roxas.

— É relaxante — disse a Sra. Gordon e entregou a Alex agulhas e um novelo de lã, estudando-a enquanto Alex desajeitadamente lançava os primeiros nós.

— Eu não faço isso há anos.

— Ah — a Sra. Gordon assentiu.



NA MANHÃ SEGUINTE, a Sra. Gordon entrou correndo na casa, o penico cheio ainda na mão dela.

— Rápido, soldados!

— Soldados? — Alex ficou de pé, lançando um olhar de pânico através da porta entreaberta. Sim, ela estava certa. O pequeno quintal estava se enchendo de homens montados, homens cansados, abalados, que deveriam ter cavalgado metade da noite para aparecer ali tão cedo.

— Esconda-se! Você tem que se esconder!

— Mas onde? — Alex estava perto das lágrimas, tentando acordar um Matthew resmungando. Um quarto, sem porta dos fundos, e no

quintal alguém xingou e cuspiu. A Sra. Gordon largou o penico ao pé da cama, correu, agarrou Matthew pelas pernas e começou a puxá-lo na direção de sua cama.

— Por baixo — ela ofegou —, e vamos esperar que ele não acorde no processo, sim?

Juntos, conseguiram tirar Matthew de vista e, ao comando curto da Sra. Gordon, Alex foi para a cama. Uma voz masculina fez uma saudação, os pés de botas se moveram em direção à porta. Uma touca de renda estava espremida na cabeça de Alex, um travesseiro foi colocado no lugar acima do estômago.

— Faça escândalo, sim? Grite e chore, moça, soe como uma mulher em trabalho de parto.

— Uma o quê? — Ela apertou as mãos sobre o travesseiro.

A Sra. Gordon não respondeu, ocupada na lareira com água e ervas.

— Grite! — ela sussurrou por cima do ombro, e Alex obedeceu.

— Bom, bom — disse a Sra. Gordon —, continue assim, respirações regulares, sim?

— Eu estou dizendo a você, não temos nenhum fugitivo se escondendo aqui. — A Sra. Gordon ficou como um baluarte na porta, e na cama Alex gritou como um porco preso.

— Temos que olhar, senhora — insistiu o oficial, parecendo apologetico.

— Olhar! Como olhar? Se a moça morrer no parto enquanto você faz isso, e aí?

O policial enfiou a cabeça para dentro e balançou a cabeça para Alex, que deu um gritinho extra. O pequeno oficial saltou, a cabeça se afastando da porta com a velocidade de uma cobra.

— Alex? — Matthew murmurou, parecendo muito grogue.

Agora não!

—Alex? Você está machucada?

— Merda, merda, merda — Alex soluçou. Ela emitiu um som de vômito e ficou pendurada na beira da cama, soando como se estivesse morrendo. — Soldados — ela sussurrou, enfiando a mão debaixo da cama para apertar com força a parte do corpo em que sua mão tocou. Opa! Ele ofegou. Ela subiu de volta, e quando a sala inteira se encheu de soldados, ela puxou a colcha para o alto. A Sra. Gordon veio para ficar na frente dela, braços armados enquanto olhava para os soldados.

— Se apresse, eu não vou fazer o parto de um bebê com uma sala cheia de homens, sim?

Alex fez alguns grunhidos e gemidos muito verossímeis, e quando uma mão veio se mexendo entre a cama e a parede, ela gritou para valer antes de perceber de quem era a mão. Ela agarrou a mão de

Matthew e apertou, eternamente grata pela Sra. Gordon, que estava parada como uma pedra ao lado da cama.

Um dos soldados se aproximou da cama. Alex gritou, os olhos na espada desembainhada em sua mão. O que ele ia fazer? Espetá-la através dos colchões? Pior ainda, passar debaixo da cama? Ela gritou, agarrou-se à barriga de faz de conta e o soldado recuou alguns passos.

Alex ofegou, nem precisou fingir pânico quando o soldado se aproximou. Ele se ajoelhou. Oh, Deus, oh, Deus. Ele colocou a mão no chão. Alex não conseguia respirar. Houve um barulho alto.

— Agora veja o que você fez! — a Sra. Gordon disse, e a sala se encheu com o fedor de urina.

— Eu? — O soldado se afastou da poça se espalhando. — Não, não fui eu, eu...

— Claro que foi você! Tolo desajeitado. E quem vai ter que limpar isso, hmm? Quem?

— Sinto muito, senhora — o soldado murmurou. — Eu estava apenas tentando olhar debaixo da cama.

— Olhe debaixo da cama — a Sra. Gordon bufou. — Aqui, deixe-me mostrar-lhe, sim? — Ela agarrou uma vassoura e espetou repetidamente debaixo da cama. Toda vez que ela bateu em Matthew, seu aperto nos dedos de Alex se apertou, mas ele não emitiu um som. Alex sim.

Por mais alguns minutos, os soldados permaneceram na sala antes que o oficial os liberasse para inspecionar as dependências. O oficial sentou-se e aceitou uma caneca de cerveja com um aceno de gratidão.

Alex contou em sua cabeça, gritou e gemeu, amaldiçoou, contou em sua cabeça, e fez tudo de novo. Trabalho duro, essa coisa de dar à luz; sua camisa estava colada às costas, mas ela não tinha certeza se fora do esforço ou medo. O policial esvaziou a caneca, fez uma reverência e saiu do quarto. Alex recostou-se nos travesseiros. Matthew deu à mão dela um aperto reconfortante.

No momento em que a Sra. Gordon decidiu que as coisas estavam seguras novamente, Alex estava tão rouca que mal conseguia falar e bastante convencida de que deveriam partir. Agora.

— Isso seria tolice — disse a Sra. Gordon. — O campo está repleto de pessoas e, de qualquer forma, o seu homem não está em condições de caminhar muito, nem por um dia ou dois, pelo menos.

O homem dela? Um calor líquido fluiu através de Alex. O homem dela? Ela deu uma olhada em Matthew. Sim, o homem dela. Idiota sentimental, ela protestou consigo mesma, tentando se impedir de sorrir. Ele estava sorrindo também, um sorriso lento que iluminou seus olhos e fez coisas estranhas em seus joelhos. De volta aos negócios; a Sra. Gordon estava certa. Não importava que Matthew insistisse que podia andar, estava bem, era evidentemente óbvio que ele não iria

muito longe antes de entrar em colapso.

— Eles não vão voltar — a Sra. Gordon riu —, não depois de quase testemunhar um nascimento.

— E se eles vierem procurar o bebê? — Alex disse.

— Bem, morreu, não? — A Sra. Gordon suspirou. — Isso acontece o tempo todo.



QUANDO SAÍRAM, dois dias depois, a Sra. Gordon entregou um embrulho para Matthew e recuou. Ela recusou o brinco correspondente, assegurando a Alex que deveria mantê-lo.

— Pode ser que nos encontremos de novo, sim? E então nos conheceremos pelo brinco.

Alex riu e abraçou-a, o que surpreendeu tanto a Sra. Gordon que ela quase caiu.

— Vá com Deus — disse ela, um tapinha rápido na bochecha de Matthew. — E você, criança — acrescentou ela, sorrindo para Alex. Ela colocou a mão no braço de Alex e esperou até que Matthew se afastasse. — Seu nome do meio lhe cai bem, moça. Você é verdadeiramente a Ruth dele.

— Matthew?

— Hmm?

— Quem é Ruth?

Ele olhou para ela.

— Você não leu sua Bíblia?

— Não — ela disse, irritada com o tom dele. — Eu sou pagã, lembra?

— Então você não sabe nada sobre o Bom Livro?

— Claro que eu sei! Eu sei sobre Abraão e Isaque, e as doze tribos de Israel e... — Ela fechou a boca ao olhar divertido dele.

— E o Novo Testamento? Sobre o nosso Senhor Jesus?

— Oh, como quando ele transformou água em vinho ou andou no mar da Galileia? Sim, eu também ouvi isso. — Ela viu alguns filmes muito explícitos sobre a vida de Jesus Cristo e, em particular, sua morte.

— Bem, isso é bom, então. — Matthew sorriu. — Você não é uma completa pagã. — Ela bateu nele e ele riu, deslizando para trás, a risada se tornando um estremecimento quando ele moveu seu ombro.

— Sinto muito — Alex disse —, eu não deveria ter...

Ele afastou a preocupação dela.

— Eu estou bem, moça. — Eles compartilharam um sorriso rápido; ele usou a palavra dela.

— Ok — ela repetiu e pegou a mão dele. — Ruth — disse ela, voltando à sua pergunta original. Ele parou e pegou as duas mãos dela.

— Eu gosto de Ruth, mas por que você pergunta?

Ela se contorceu um pouco.

— É algo que a Sra. Gordon disse. — Ele ficou esperando e ela estava muito consciente de como seus batimentos martelavam através de seus pulsos e em seus polegares, ou era de seus polegares e em seus pulsos? Ela estava tonta com a proximidade dele.

— É o meu nome do meio e, como ela não queria saber nossos nomes verdadeiros, ela me pediu o nome do meio. E quando saímos, ela me parou na porta e disse...

— O quê? — ele perguntou.

— Que esse era um nome adequado — ela murmurou. — Que eu era realmente sua Ruth.

Seus olhos suavizaram em um verde dourado, suas mãos apertando

ao redor das dela.

— Isso me deixaria muito feliz — disse ele, beijando-a em sua testa antes de se virar para se afastar dela.

— Ei! — ela protestou, alcançando-o. — Você não pode simplesmente dizer algo assim e me deixar sem saber. Isso me faz sentir como se eu fosse deixada de fora, de alguma forma.

— Eu poderia encontrar uma cópia das Escrituras Sagradas, você lê por si mesma.

Alex olhou em volta.

— Onde? A menos que você ache que aquelas ovelhas ali possam ter um ou dois livros escondidos sob uma moita de tojo.

Matthew riu, mas parou. Ele a olhou e segurou seu queixo.

— *Aonde quer que tu fores, irei eu e, onde quer que pousares à noite, ali pousarei eu; o teu povo é meu povo, o teu Deus é o meu Deus. Onde quer que morreres, morrerei eu e ali serei sepultada.* Isso é o que Ruth disse.

— Oh. — Alex não sabia mais o que dizer, mas tinha certeza de que cairia se ele tirasse a mão da dele.

Isso estava ficando sério demais, ela se repreendeu ao seguir Matthew. Ela o viu mover o ombro e queria correr até ele, colocar a mão na ferida. Maldita Florence Nightingale, ela sorriu. Exceto que a Sra. Nightingale não andava com interesse em seus pacientes, enquanto Alex, bem, ela estava se afogando em desejo.

Nos últimos dias, ela se tornou cada vez mais consciente dele, a ponto de ter considerado virar-se para ele e apenas... Ela engoliu uma gargalhada nervosa. Ela se perguntou o que ele faria se fizesse isso, se ele ficaria surpreso se ela colocasse a mão em sua virilha e o acariciasse. Ele provavelmente ficaria horrorizado com a sua antecipação, mas ela tinha certeza de que seria capaz de tirar a sua mente disso rapidamente.

Sua Ruth. Uma onda de calor subiu por seu pescoço e rosto. Aquelas palavras, o jeito que ele as disse, fazendo seu coração bater com força, a deixava nauseada, e ela sabia que cada sílaba era verdade. Pobre John, ela suspirou, nunca sentiu isso com ele. Felizmente Diane estaria lá, esperando com vassoura e pá para varrer os pedaços e colá-los de volta.

Uma mecha de ciúme verde brilhante girou em sua cabeça quando ela viu os dois rindo com um copo de vinho, Diane empoleirada em um banquinho para ver John cozinhar. Diane colocando Isaac em seu colo e ele se recostando contra o peito dela com um sorriso satisfeito no rosto, e Alex sentiu uma faca rasgar seu intestino. Ela parou ao procurar seu boneco. Ela não conseguiu encontrá-lo, e tirou os bolsos, vasculhando.

— Alex? — Matthew ficou ao lado dela. — Qual é o problema?

— Não consigo encontrar meu bebê, seu presente. E eu preciso disso, porque sinto muita falta dele, e quero fingir que ainda posso tocá-lo.

Matthew caiu de joelhos e ajudou-a a examinar as poucas coisas de novo. Nenhum bebê de madeira em miniatura.

— Eu o vi, eu tinha uma imagem dele sentado no colo de Diane, e ele estava feliz e seguro, e eu quero que ele sinta minha falta! Mas ele não vai, vai? Ele vai ter outros adultos em sua vida, e eu vou desaparecer para ser nada, apenas sua mãe biológica, a mulher que o deu à luz, mas nunca o viu crescer.

— Claro que ele sentirá sua falta, mas ainda não. Mais tarde, quando ele crescer e começar a pensar em quem ele é, ele vai pensar em você. Mas agora ele é um rapaz pequenino que perdeu a mãe, e não é uma coisa ruim que ele tenha outros para amá-lo, não é?

Não, ela admitiu, isso não era uma coisa ruim, mesmo que ela preferisse que fosse outra pessoa, além da maldita Diane.

— Ele é filho de John, muito mais que meu, no começo ele era apenas de John, porque eu não suportava tocá-lo.

— Por causa do pai dele?

Ela assentiu e passou a mão pelo rosto.

— Eu estava com tanto medo que eu o veria no rosto de Isaac. — Ela sentou-se, cruzando as pernas. — Eu nunca contei a ninguém o que aconteceu comigo, nem mesmo a Magnus ou John. Eu simplesmente não consegui. — Ela levantou o rosto para encontrar os olhos dele. — Mas eu acho que tenho que te dizer.

Ele se abaixou para se sentar ao lado dela e pegou a mão dela na sua.

— Por que você pensa isso?

Ela engoliu em seco.

— Eu tenho que dizer a alguém; e tem que ser você.

— Sim — ele disse, e engoliu tão audivelmente quanto ela tinha feito. — Tem que ser eu.

Ela estudou as travessuras acrobáticas de uma forma rápida enquanto recolhia seus pensamentos. Ele colocou a mão em sua nuca, esfregando círculos lentos sobre sua pele.

— Eu já te disse, não foi? Naquela época em Estocolmo, quando joguei o anel de John nele e saí. — Com o canto do olho, ela o viu concordar e se sentou um pouco para tentar organizar suas memórias daqueles meses em alguma aparência de ordem.

Ela estava de mau humor, mas quatro horas e várias sacolas de compras depois, ela decidiu se entregar a uma verdadeira noite na cidade.

— Então acabei no Spy Bar, e quem eu deveria encontrar lá, se não Ángel? — Ela balançou a cabeça; não era de todo um encontro casual.

Ángel vinha seguindo-a por cerca de quinze dias, desde o primeiro encontro deles em uma feira de TI em Dusseldorf, mas ela não sabia disso na época. Tudo o que sabia era que queria festejar, e Ángel era um cara divertido, por mais inesperada que fosse sua presença em Estocolmo.

Por algumas horas, eles se sentaram e conversaram, principalmente sobre Ángel e sua carreira como fotógrafo, mas também sobre Sevilha, seu terreno comum.

— Foto? — perguntou Matthew.

— É uma maneira de fazer imagens — disse Alex, decidindo que levaria muito tempo para explicar isso em detalhes. — De qualquer forma; depois de alguns drinques, Ángel me levou para dançar. — Ele era um dançarino fantástico, e quando a música diminuiu, ele a abraçou, cantando junto com as letras. Ele tinha mãos maravilhosas. Suaves e quentes enquanto subiam por sua espinha, até roçar suas nádegas, ao longo de seus flancos.

Ele fez amor com ela lá, na pista de dança, e foi apenas mãos, nada mais. Então, quando ele perguntou se ela, bem, gostaria, Alex assentiu. Eles não falaram no caminho de volta para o seu quarto de hotel.

Era meio-dia, antes que ela conseguisse sair do hotel — ela precisava, tinha um voo para pegar. Quando disse que estava indo para a Itália, ele se iluminou. Ele também estava, ele disse a ela, aquela não era uma coincidência? Coincidência o cacete, mas ela não sabia disso na época, sabia?

— Eu ainda não entendo como eu pude ser tão... bem, ingênua. — Ela deu uma olhada para Matthew; ele ficou cada vez mais sombrio quando ela lhe contou sobre Ángel. Agora ele assentiu, um tanto bruscamente, olhos muito verdes.

— E John? — Matthew soou censurador.

— Ele me deixou uma centena de mensagens. Então eu escrevi de volta, dizendo a ele que eu iria fazer três semanas de trabalho de instalação no Banco Popolare em Milão, e depois veríamos.

Três — quase quatro semanas maravilhosas com Ángel. Dias passados nos escritórios empoeirados do banco, noites e noites com esse amante experiente e criativo, fazendo coisas que nunca havia feito com ninguém antes. Mas ela não contou isso a Matthew.

— Eu acho que... bem, agora eu acho que ele me drogou, sabe?

Matthew sacudiu a cabeça.

— Tanto vinho, tantas bebidas coloridas, e de vez em quando ele acrescentava algo a elas. — Como explicar melhor o quão confusas aquelas semanas foram? E de qualquer forma, ela nunca teria concordado com sexo desprotegido se estivesse no controle, pelo menos era o que achava.

Em retrospecto, isso foi o que mais a confundiu. Por que ele tinha brincado de casal feliz com ela durante as primeiras semanas iniciais? Foi para esfregar em quão crédula ela tinha sido? Ela mordeu o lábio; talvez tivesse sido apenas uma tática para ganhar tempo enquanto eles encontravam o local certo, suficientemente isolado para garantir que nenhuma pergunta fosse feita, não importando o que acontecesse.

No dia em que ela deveria ir para casa, ele pediu que ela ficasse um pouco mais — ele tinha pegado emprestado um lugar na Calábria, e ela não poderia por favor, por favor, ir com ele? Então ela foi, e era uma casa fantástica, em isolamento esplêndido apenas com o mar e a paisagem rochosa em torno dela. Não havia vizinhos em nenhuma direção, tanto quanto se podia ver, e o último trecho da estrada era principalmente cascalho e brita. E Ángel deixou cair o telefone por acidente na piscina.

No segundo dia deles, dois homens apareceram. Ángel apresentou-os como Franco e Roberto, seus assistentes. Assistentes? Ah, sim, Ángel iria utilizar aquele lindo lugar para tirar uma série de fotos com ela como modelo. Ela não gostou da maneira como ele disse isso.

Pela primeira vez, ela sentiu um aviso na base de seu cérebro, mas tentou parecer despreocupada e disse que ele teria que ser muito rápido, já que ela estava aqui apenas por mais duas noites. Ángel apenas sorriu. Ela acabou ficando naquela maldita casa por mais 86 dias.

Naquela noite, Alex foi levada para a vasta sala de jantar, sem mobília, exceto por uma grande mesa de carvalho, e na mesa havia uma foto de sua mãe. Ángel bateu na foto.

— Esta é sua mãe? — ele perguntou, e Alex respondeu que sim, era.

— E o nome dela?

— O nome dela? — Alex olhou para ele; dado que ele tinha uma foto dela, ele deveria saber disso.

— Diga-me o nome dela.

Então Alex disse que aquela era Mercedes Lind.

— Seu nome real — ele disse —, não o nome de casada dela.

— Mercedes Gutierrez Sanchez — Alex disse, sem entender nada. Ángel tinha socado o punho no ar, gritando que sim, era a bruxa, eles encontraram a bruxa.

— Bruxa? — Matthew interrompeu.

— Isso foi o que ele disse. — Ela tentou soar desdenhosa.

— E ela é? Uma bruxa, quero dizer?

Ela balançou a cabeça, desconcertada com a forma como Matthew se apegara a esse detalhe. Uma vez ela teria rido alto de sua pergunta absurda, mas agora não sabia mais, não depois da última vez que viu sua mãe.

Ela tossiu, tentando limpar a garganta. Eles ainda estavam executando bruxas no século XVII, e ela teve uma sensação desconfortável de que ser considerada filha de uma bruxa não era bom para sua reputação. Ela decidiu continuar sua história.

Depois de uma rápida conversa telefônica com alguém chamado Hector, Ángel começou a explicar por que Alex estava ali. Isca, ele disse, um verme suculento se contorcendo em um gancho. E naquela noite... ele entregou-lhe um celular. Ela deveria telefonar para a mãe, dar-lhe a primeira em uma longa lista de instruções. Instruções? Ángel riu. Ela não entendeu? Hector queria que ela levasse sua mãe até eles. Para que eles pudessem matá-la, amarrá-la a uma estaca e vê-la queimar.

— Queimá-la? — Matthew olhou para ela, horrorizado. — Então ela era uma bruxa?

— Ángel estava louco, ok? Tudo isso foi um jogo doentio e horrível para ele, um jogo que ele escolheu prolongar o máximo que pôde. — Três meses eternos, para ser precisa.

Ángel riu de sua recusa chocada. Ela estava trancada em uma pequena sala, e quando ele saiu, Ángel se inclinou para acariciar sua bochecha. Ela cuspiu no rosto dele. Uma hora depois, ela conseguiu quebrar a janela, saiu pela abertura estreita e pulou. Duas horas depois, ela estava de volta, incapaz de andar ou conversar. Eles estavam esperando por ela, e Ángel tinha batido nela com tanta paixão quanto ele já havia mostrado na cama. Seu último golpe quebrou seu nariz.

Matthew gemeu.

— Mas por que você não... — Ele imitou um chute e um soco.

— Oh, eu tentei; mas Ángel era tão bom quanto eu, se não melhor. — Reflexivamente, ela cobriu o nariz. Ele jogou com ela, o bastardo, fazendo-a pensar que tinha a chance de lutar livremente. — Eu costumava pensar que eu era uma daquelas pessoas que seriam realmente corajosas, sabe? — Alex brincou com seu anel, seu bracelete. — Acontece que eu não era.

— Muito poucos são — disse Matthew.

— Tanto faz.

Na manhã seguinte, Alex fora apoiada em seu pequeno quarto, ainda com as roupas ensanguentadas do dia anterior, e Ángel a sentara junto à grande mesa de carvalho. Na mão dele havia um martelo. Franco segurou a mão dela e a pressionou contra a mesa. Ángel sorriu e perguntou qual dedo. Qual dedo? Bem, ele disse, ele começaria com os dedos dela, depois com os dedos dos pés, e depois disso... ele deu uma olhada em um enorme conjunto de alicates que estava na mesa. Alex engoliu em seco, apertou os joelhos, envergonhada pela maneira como suas pernas tremiam. Então, qual

dedo? Por favor, ela disse. Ángel encolheu os ombros e o martelo bateu em seu dedo mindinho.

— Vê? — Alex levantou o mindinho esquerdo. A articulação superior era achatada.

Alex uivou. De dor, de medo, mas também de raiva. Ela tentou lutar, gritando para Ángel que ele era um bastardo doente, e que de jeito nenhum ela faria qualquer coisa que ele dissesse a ela. Ángel apenas sorriu, segurou-lhe o braço e deslocou seu cotovelo.

— A dor... — Alex desviou o olhar. — Ele nunca mais me machucou. Ele nunca teve que fazer isso.

Matthew segurou sua mão com força.

Nos meses seguintes, ele a reduziu a um não-ser. Ela estava malvestida e desnutrida, nunca permitia uma noite inteira de sono ininterrupto. Roberto gritaria para ela às duas da manhã, Ángel colocaria um balde de água em cima dela às quatro, e Franco... Alex respirou fundo.

Por horas a cada dia, Ángel a fotografava, em uma pose mais humilhante que a outra. E enquanto Ángel nunca levantou a mão para ela, de vez em quando Franco o fazia, um duro tapa quando ela não foi rápida o suficiente em conformidade com as instruções gritadas de Ángel. O pior de tudo foi o dia em que ele a amarrou na estaca e... Alex não conseguiu continuar, engolindo algumas vezes.

— Eu pensei que eles iam me incendiar — ela sussurrou —, e quando Franco jogou o fósforo na pilha aos meus pés, eu gritei e gritei. Ángel tirou fotos e mais fotos. — E todas e cada uma ele enviou para sua mãe.

Tudo o que ele disse a ela para dizer a sua mãe, a partir daquele primeiro telefonema em que Mercedes foi instruída a não contatar a polícia ou envolver Magnus, até os últimos, quando ela implorou para sua mãe se apressar e encontrá-la, resolver as malditas pistas e encontrá-la, antes que esses homens fizessem algo muito, muito ruim para ela. Não que ela precisasse de um roteiro para dizer isso, ela estava bastante convencida de que Ángel iria matá-la.

— Eu deveria ter... — Ela balançou a cabeça.

— O quê? Tentado lutar com ele? E o que você acha que ele fez, então?

Alex assentiu, vendo mais uma vez aquele martelo, aqueles alicates.

Finalmente, um dia Mercedes apareceu em uma nuvem de poeira, montada em uma motocicleta. Ela plantou as mãos nos quadris e gritou para que Ángel saísse, saísse e acabasse com ela, se era isso que ele queria, mas primeiro ele tinha que libertar a filha dela, exceto que ela o chamara de Hector Olivares, não de Ángel.

— Quando Mercedes apareceu, Ángel voou para o telefone e ligou

para este desconhecido Hector, perguntando-lhe o que ele deveria fazer, agora que ele tinha a mãe em pé na frente da porta. — Ela não tinha ouvido a resposta, mas Ángel riu e caminhou até a porta aberta. O que ele realmente disse foi em espanhol: *Si no entras a buscarla te la devolveré muerta.*

Mercedes engasgou com a ameaça de ele matar Alex e entrou. Quando Franco pegou uma corda para amarrar Mercedes, Alex lançou-se em ação instintiva. De repente, Franco estava morto, Roberto estava gritando, e Mercedes atravessou a sala em direção a um Ángel aterrorizado. Roberto bateu em Alex, que esmagou sua laringe com seu primeiro golpe, o seguinte chute jogando-o contra a parede com um baque surdo.

— E então tudo acabou, bem, exceto pelo fato de que na minha barriga crescia um pequeno estranho, e eu não o queria lá. — Ela começou a chorar, e quando Matthew abriu os braços, ela se aninhou o mais perto que conseguiu.

Muito mais tarde, ela se sentou em frente ao fogo e passou as cenas finais em sua cabeça. Mercedes tinha sibilado em ódio a Ángel, prometendo-lhe que pagaria por todas as humilhações que fizera a filha passar. Ángel ficou imóvel, incapaz de se mover quando Mercedes sentou Alex em uma cadeira e se despediu. O toque dela tinha chamuscado a pele de Alex, deixando marcas de bolhas nos seus braços.

Mercedes inalou e se aproximou de Ángel, colocou os braços ao redor dele e em uma tremenda onda de calor branco eles explodiram em chamas, um casal silencioso entrelaçado que se contorceu no fogo antes de se evaporar, não deixando nada além de uma nuvem de fuligem.

Alex sentara-se, atordoada, na cadeira, e não fazia ideia de quem a havia amarrado ali ou de quem informara o ocorrido à polícia. Nem a polícia, embora a telefonista insistisse que era uma mulher, uma mulher que falava espanhol, não italiano.

— Oh, Deus — Alex murmurou, piscando com esforço para enviar essas imagens horríveis, terríveis, para os recantos mais escuros de sua mente. Não ajudou. Com um pequeno gemido, ela rolou em direção a Matthew, empurrando contra seu calor sólido. Um braço serpenteou para atraí-la para perto, um beijo mal direcionado pousou em seu ouvido.

— Durma.

Seu último pensamento consciente foi que, na maior parte do tempo, ele cheirava a água — água clara e fria borbulhando sobre uma cama coberta de musgo.

NO MOMENTO em que o cretino abriu a boca, Hector sabia onde ele estava: Escócia. Mais algumas perguntas, a maioria delas satisfeitas por um “eh?” e ele percebeu que era em algum momento do século XVII, e depois de uma cansativa hora, ele percebeu que estavam mais perto de Glasgow do que de Edimburgo.

Hector fez uma careta para nada em particular, examinando os quilômetros intermináveis de charnecas que pareciam cercá-lo. Como ele deveria encontrar Diego ali? Ele balançou a cabeça para o pão oferecido, mas decidiu que queria a faca, o manto e o queijo. O idiota ainda arfava quando o deixou.

Depois de alguns dias de clima irregular, foi um prazer acordar com um raio de sol quente e dourado. Alex se esticou como um gato, membro por membro, e desenrolou-se do xale e cobertores, seu estômago roncando de fome. Matthew estava ocupado com o fogo, dando-lhe um bom-dia antes de voltar a observar seus pássaros. Ela desapareceu atrás de um arbusto próximo, voltou alguns minutos depois com um pequeno graveto na mão que mastigava à guisa de escova. Ela franziu a testa para o olhar divertido que ele lhe lançava.

— Eu já te disse. A menos que você os limpe, eles apodrecem e caem.

Em resposta, Matthew produziu um galho bem mastigado.

— Eu ouvi você. — Ele sorriu, passando a língua sobre os dentes.

— Eles estão limpos, muito limpos.

Alex soltou uma gargalhada antes de ir beijar sua bochecha.

— Eu não tenho dentes aí — disse ele, claramente desapontado.

— Que pena. — Ela deu-lhe ainda outro beijo e dançou para fora do seu alcance. Ela lançou um rápido olhar em sua direção, encontrando os olhos que tinham um verde esmeralda. No fundo dela, algo se contraiu, uma dor deliciosa que enviou faíscas de calor através dela. Esse homem a estava deixando louca; dias de beijos, de carícias casuais fez seu sangue ferver. Inferno, às vezes ela se preocupava que ele pudesse ver o vapor vazando através de suas orelhas ou algo assim. — Eles já terminaram? — ela disse, apontando para os pássaros fuliginosos.

Ele riu.

— Daqui a pouco.

— Ele adoraria isso — Alex disse enquanto caminhavam pela floresta que se reunia nas dobras das colinas. Ela não tinha ideia de onde eles estavam, mas eles pareciam estar indo para o oeste, e cruzaram o Clyde alguns dias atrás.

— Quem? — Ele pegou a mão dela.

— Magnus — disse ela, sentindo uma pontada de perda. — Ele gostava de fazer trilha, e ele implorava e era um incômodo, até que Mercedes e eu cedemos e fomos com ele para a Suécia ou Suíça, ou qualquer outro lugar onde ele quisesse caminhar. — Ela riu, sacudindo a cabeça. — Mercedes não era uma pessoa do ar livre, e ela reclamava

de tudo: estava muito quente, estava muito frio, muito molhado. O vinho estava muito quente, e por que não havia nenhum hotel decente nos campos? Secretamente, acho que ela gostava. Bem, exceto pelos “Oh, meu Deus, os céus vão desmoronar e me esmagar”. Pelo menos eles pareciam se divertir bastante à noite, e eu segurava minhas mãos com força sobre as orelhas. Era irritante e constrangedor, porque eles estavam sempre de mãos dadas e beijando...

Ela se livrou de seu pequeno devaneio. Não queria pensar em Mercedes. Em vez disso, virou-se para encarar Matthew e sorriu.

— Magnus sempre costumava dizer que há três elementos para uma boa saúde; mantenha-se limpo, coma e beba com moderação e faça o máximo de sexo possível com seu parceiro.

— Sexo?

— Você sabe, fazer amor. — Ela estava ciente de uma onda de sangue lavando através dela, e manteve seu olhar no caminho sinuoso a seus pés.

— Hmm — disse Matthew, claramente tão envergonhado quanto ela. — Bem, pelo menos parece que estamos comendo e bebendo com moderação.

Ela riu.

— Eu aceitaria estar mais limpa — disse ela, farejando a blusa. — Eu não tive um banho adequado em... o quê? Dez dias? — A Sra. Gordon ofereceu água e uma bacia de estanho, e ela lavou as mãos e o rosto, limpou-se tão bem quanto podia ou queria naquele pequeno espaço apertado. Mas isso fora há quatro, não... há cinco dias.

Agora que ela pensou sobre isso, notou que cheirava; um cheiro de terra madura com traços de fumaça e grama. Ela coçou a cabeça. Seu cabelo estava oleoso e pesado, e ela ansiava por um banho quente e seu xampu favorito a ser seguido por alguém a envolvendo em um roupão de banho e esfregando-a. Não era provável que aquilo acontecesse tão cedo.

Eu aceitaria fazer amor, ele pensou, sentindo suas bolas apertarem de desejo. Perto de quatro semanas com aquela mulher, longas noites conversando com ela sobre tudo em sua vida e na dela. Ele a conhecia melhor do que ele já conheceu outra pessoa antes em toda a sua vida. Ele deu uma olhada para ela, para o jeito que a bunda dela se movia naquelas calças apertadas, o jeito que o pescoço dela subia esguio e descoberto em sua blusa.

— Há uma nascente mais acima nesta colina, se você quiser tomar banho.

— Uma nascente? Água gelada ou água quente?

— Claro que será gelada. — Ele sorriu. — Mas muito limpa.

— Vá em frente — disse ela, acenando com a mão para ele. — Me guie até lá.

No momento em que chegaram ao topo, ambos estavam ofegantes e cobertos de suor.

— Lá. — Matthew apontou para uma ampla piscina. Alex bateu palmas, fazendo-o sorrir com a infantilidade do gesto. Ela correu em direção à água e inclinou-se para pegar um pouco para beber.

— Tem gosto estranho.

Ele se ajoelhou para prová-la, sacudindo os dedos para que as gotas voassem como faíscas cintilantes no ar.

— É o musgo — disse ele, tirando sapatos e meias para balançar os pés na água. Ela se sentou ao lado dele e puxou suas calças cobertas de lama.

— É melhor eu lavar isso também e minha camisa. Bem, todas as minhas roupas. — Ela lhe lançou um olhar inescrutável, e Matthew sentiu o rosto se aquecer ao pensar em vê-la nua. Ele ficou de pé.

— É melhor eu deixar você, então. — Ele entregou-lhe um pedaço de sabão de concha. — Não deixe cair nos seus olhos, isso dói. E coça. — Ele riu. — Eu vou estar do outro lado desses penhascos. Chame se precisar de mim.

Ele não falava sério. Ah, claro que não falava. Ele tinha acabado de se aliviar quando um movimento repentino na água chamou sua atenção. Ele estava hipnotizado, agachado à sombra do penhasco mais próximo, incapaz de desviar o olhar dela.

Ela tirou as calças, expondo o comprimento total de suas pernas, a redondeza de sua bunda, e ele podia jurar que, mesmo a essa distância, ele podia ver a luz, o cabelo macio em suas coxas. Ele definitivamente podia ver o triângulo de pelos pubianos, reflexos de bronze em toda aquela escuridão, e ele se perguntou o que tinha acontecido com o pequeno pedaço de vermelho que ele vislumbrou cobrindo suas partes íntimas algumas semanas atrás. Ele enfiou a mão dentro de suas calças.

Ele deveria ir embora, não deveria sentar-se assim e observá-la, mas ao lado da nascente ela desabotoou a blusa e a puxou, e ele queria ser aquele que removia a estranha engenhoca que segurava seus seios no lugar, deixando-os cair em suas mãos. Ele se esfregou, movendo a mão ritmicamente para cima e para baixo. Ela estava completamente nua, ajoelhada na beira da piscina enquanto esfregava sua camisa e aquelas mechas de renda.

Algo sobre a maneira como ela se portou o fez suspeitar de que ela sabia que ele estava assistindo, e isso tornou a coisa toda em algo inferior a uma invasão, porque certamente ela teria se coberto ou gritaria com ele, se realmente se importasse. O jeito que ela se levantou para tirar a camisa, como se virou em sua direção para agitar as roupas antes de colocá-las sobre uma pedra aquecida pelo sol — ela estava se mostrando para ele. Isso o fez sorrir, e ele mudou de pé para

pé, sua cabeça ecoando o nome dela.

Alex já tinha terminado com suas roupas, ocupando-se em se lavar. Era como assistir a uma dança complicada, cada um de seus movimentos uma exigência silenciosa de que ele se aproximasse, a levasse e a possuísse. Mas ele permaneceu onde estava, querendo prolongar esse momento o máximo que pudesse. Ela ensaboou o cabelo, e ele riu de seus palavrões criativos quando caiu sabão em seus olhos. Ela se enxaguou, usou punhados de grão para polir sua pele, deixando-a com um vermelho rosado, e Matthew gemeu quando ela se espreguiçou, erguendo-se na ponta dos pés com os braços estendidos para cima da cabeça.

Ela girou, afundou-se para sentar-se e deitou-se de costas, o rosto para o sol. Sua mão roçou seu seio, descansou por um instante em sua barriga. E foi mais abaixo, pairando sobre o seu monte púbico, e quando seus dedos se enroscaram em seu arbusto, Matthew inspirou. Suas pernas se separaram e sua mão deslizou para descansar entre elas. Matthew ficou de pé, desajeitado, seu pau como uma bússola magnética apontava para ela.

Ele não se desnudou, apenas soltou as cordas da calça e caiu de joelhos entre as pernas dela. Ela abriu os olhos e sorriu. Um impulso, e ele estava tão lá no fundo que sentiu o aperto dela, os calcanhares dela lutando por firmeza no musgo enquanto ela tentava colocar alguma distância entre eles.

— Você é... hum... muito grande. — Ela engasgou quando ele flexionou seus quadris novamente, mas ele estava fora de audição, todo ele tomado pelo calor violento em suas bolas e o fogo que queimava através de seu pênis enquanto estocava mais e mais fundo nela.



FOI uma tarde longa e interminável, uma sucessão de orgasmos, frases meio proferidas, suspiros sufocados. Seus dedos... ah, sim! Assim, assim! Ela ondulou sob ele, ele a amou, ela o beijou, eles tropeçaram até a fonte para beber, lavar, e suas mãos em seu pênis, as mãos dele em seus seios, foi o suficiente para fazer tudo começar de novo.

Ela estava dolorida, mas não se importava, deitada de pernas abertas debaixo dele, saboreando seu peso, seu tamanho, a força crescente que pulsava dentro dela. Ela simplesmente flutuava em uma onda de cores ensolaradas. Ele desmoronou em cima dela, riu alto. Abaixo dele, ela se mexia, esmagada e sem fôlego, e ele se moveu para o lado. Através dos olhos semicerrados, ela olhou para ele.

— Uau — disse ela em uma voz rachada. Ela levantou a mão para traçar a forma de suas sobrancelhas, sua boca. Ele a capturou e

mordiscou lhe os dedos um por um.

— Tire isso — disse ele, indicando o anel em seu terceiro dedo. Ela olhou para ele e depois para o anel. O que ele queria dizer com isso? — Você é minha agora — ele disse em seu cabelo. — Então, tire isso. — Matthew se afastou dela e estendeu a mão.

Ela sentou-se. Dele? Quem ele achava que era? Ela franziu o cenho para ele, mas o olhar em seu rosto e a curva vulnerável de sua boca a fez ceder. Ele é antiquado, ela lembrou a si mesma. Muito, muito antiquado. Ele ainda estava com a mão estendida para ela. Colocando o anel de John na palma da mão, ela estava dizendo que era dele. Isso era o que ela chamava de comprometimento reverso, e a fez se sentir oca de alguma forma, seu batimento cardíaco ecoando dentro da cavidade de seu peito. Significaria aceitar que ela nunca mais os veria, nem John, nem Magnus, nem seu bebê.

Os olhos de Matthew encontraram os dela e por um longo momento ela prendeu a respiração. Finalmente, Alex assentiu, expelindo o ar com pressa. Ela teve que puxar um pouco para tirar o anel, e segurou-o em seu punho fechado em uma despedida silenciosa antes de deixá-lo cair na palma que o esperava.

— Ele também te deu isso. — Ele tocou a pulseira dourada em volta do pulso dela. Ela a tirou, soltando os elos da corrente na mão dele. Ele sorriu, um brilho suave em seus olhos quando ele a puxou para beijá-la. — Minha, sim?

Ela estremeceu na brisa da noite e se aproximou dele.

— Sua — ela disse e descobriu, para sua surpresa, que estava falando sério.

Ele a puxou para perto, sussurrou seu nome, beijou sua orelha, seu nariz, o canto de sua boca. Suas mãos estavam quentes em sua pele, seus dedos tocavam e provocavam, e Alex colocou os braços ao redor dele e levou-o para dentro. Ela ofegou; ele congelou. Ele acariciou seu pescoço, ela estremeceu e trancou suas pernas ao redor de seus quadris. Ele tomou seu tempo, e agora foi Alex quem riu, a cabeça jogada para trás.

Ele riu quando ela andou até o topo, uma nota auto satisfeita em sua voz quando ele disse que ela estava andando como se ele ainda estivesse entre as pernas dela. Ela bufou e juntou as coxas, sentindo-as pegajosas e doloridas. Apesar de todo o banho, ela cheirava a sexo, a ele, e seus lábios estavam inchados e sensíveis. Ele a parou embaixo de um dos penhascos.

— Você vai ser minha esposa, então — ele disse, não exatamente uma pergunta, nem uma declaração.

— Sim. — Ela engoliu em seco. — Eu suponho que sim.

Ele levou a mão dela à boca, desenrolando os dedos para beijar a palma da mão e depois fechá-la com força.

— Somos você e eu agora.

— Você e eu — ela repetiu. E em sua mente ela virou a cabeça para olhar para Isaac, John e Magnus pela última vez.

Adormeceram nus e grudentos, com xale, manta e cobertores enrolados em volta deles, e acordaram com súbita timidez, atrapalhando-se com botões e lacres. Matthew deu uma olhada para Alex, e suas orelhas ficaram num tom delicado de rosa.

— O que foi? — Ela virou as costas para ele enquanto apertava o tal do sutiã. Ele correu um dedo pela espinha dela, sorrindo do jeito que ela estremeceu sob o toque dele. — O quê? — ela repetiu, virando-se para ver seu rosto.

— Nós poderíamos ficar por alguns dias — disse ele, sua boca curvando-se no flash de resposta em seus olhos. — Nós poderíamos ter alguns dias de descanso.

— Nós poderíamos. — Ela sorriu. Depois ficou séria. — Seria seguro?

— Oh, sim; pode até ser prudente ficar parados por algum tempo. — Eles tinham visto muitos soldados nos últimos dias, montados em grupos de seis. Sem dúvida ainda procurando por fugitivos, afinal eles não estavam tão longe de Lanark. Até ali eles estavam relativamente seguros, difíceis de serem encontrados de surpresa.

Ele simplesmente não conseguia ter o suficiente dela. Três dias depois, ele passou as mãos pelo corpo dela, maravilhado com a curva de seu quadril, como sua coxa fluía para encontrar seu joelho, como seus seios redondos se encaixavam em suas mãos em concha. A suavidade dela, o gosto de sua pele, os sons que ela fazia quando ele a tomava. Tudo aquilo era maravilhoso.

Ele cheirou-a, fazendo-a rir quando sua respiração e sua barba a fizeram cócegas, ele só teve que acariciá-la novamente, morder sua nuca, beijar sua orelha. E em algum lugar no meio do caminho, eles adormeceram, com a perna dele jogada sobre as dela.

Ele acordou um pouco mais tarde, apenas para encontrá-la estudando-o, seu olhar percorrendo cada centímetro de seu corpo nu. Isso o deixara desconfortável, consciente demais das cicatrizes que o decoravam, e ele tentou sentar-se apenas para que ela o empurrasse para baixo. Ela se aproximou mais, e a pele pareceu se erguer dele enquanto ela deslizava os dedos por seus braços, peito e pernas. Lábios macios em seu pescoço, dentes que mordiam suavemente seus mamilos, uma boca molhada que se arrastava mais abaixo, e sua

respiração era alta e irregular, a cabeça cheia de vermelhos pulsantes.

Quando a boca dela se fechou ao redor dele, Matthew gemeu, arqueando em direção a ela, uma pequena parte de sua mente se perguntando onde ela tinha aprendido a fazer algo assim... oh, Senhor, isso é tão... Por um breve momento ele estava com inveja de John, pois ela certamente tinha feito com John o que estava fazendo com ele, mas a sensação que o encheu varreu tudo para um lado, e ele enfiou as mãos no cabelo dela para segurá-la onde ela estava, com sua boca e sua língua fazendo amor com ele como ninguém havia feito antes.

— Pai misericordioso! — exclamou ele, e ele não se importava que estivesse tomando o Seu nome em vão. Ou se importava? Alex riu contra a pele dele, a língua dela se sacudiu para lambar as bolas dele, seu pênis, e havia aquela boca novamente, e com um som estrangulado ele gozou, e ele gozou e gozou e gozou. Quando ela o soltou, Matthew era um montão de felicidade saciada, incapaz de mover sequer um dedo.

— Santo Deus — ele resmungou.

— Santa Alex seria mais correto — disse ela, encolhendo-se contra o peito dele.

— Sim. — Ele levantou a cabeça uma polegada ou mais para olhar para ela. — Obrigado.

— Por nada — ela disse e se acomodou para um cochilo em seus braços.

Ele estava quase dormindo, registrando com metade do ouvido os sons de insetos e pássaros que os rodeavam, quando um ruído muito mais regular e artificial o despertou. Em um instante, Matthew estava de pé, com a faca na mão, enquanto sinalizava para Alex ficar quieta. Sentou-se em absoluto silêncio, ouvindo os sons ofegantes de alguém subindo a encosta íngreme.

— Um soldado? — Alex sussurrou em seu ouvido.

Matthew sacudiu a cabeça. Soldados raramente ficavam sozinhos, e quem quer que fosse que estivesse vindo em sua direção estava mancando muito.

— Inferno! — alguém xingou, e Alex levou a mão à boca.

— Vista-se — disse Matthew, sacudindo a cabeça na direção de um conjunto de arbustos. Ela agarrou suas roupas e saiu correndo, deixando Matthew furioso com um Sanderson muito surpreso.

— O que você está fazendo aqui? — Matthew disse, acenando com a faca para mostrar a Sanderson que ele deveria se sentar.

— Fazendo uma caminhada — disse Sanderson. — Você sabe, tempo bonito e tudo isso. Que porra você acha que estou fazendo? Estou tentando fugir daqueles idiotas que querem me enforcar!

— Enforcar você? — Alex apareceu tão abruptamente que

Sanderson quase caiu para trás.

— Oh, você — ele murmurou. Ele olhou do corpo nu de Matthew e para Alex e seu cabelo bagunçado. — Eu interrompi alguma coisa?

— Não — disse Matthew —, nós terminamos. Por enquanto.

Matthew recuou alguns passos para se vestir, mantendo um olho vigilante neles. Alex endureceu sob o olhar frio e investigativo de Sanderson.

— Cadela — disse Sanderson, fazendo Matthew franzir a testa. — Essa bagunça toda é sua culpa.

— Minha culpa? Como pode ser minha culpa?

Sanderson fechou as mãos e Alex empurrou os ombros para frente, as pernas afundando. Sanderson zombou.

— Karate Kid, é?

— Faixa preta. Quer que eu te mostre?

— Não — disse Sanderson, desviando o olhar.

Minha mulher poderosa, Matthew sorriu, apertou o cinto e se juntou a eles.

— Então, por que eles querem enforcar você? — Alex perguntou.

Sanderson encolheu os ombros.

— Aparentemente, eu sou um monarquista, meio irônico, dado de onde eu venho, hein? E, pior ainda, sou um monarquista fugitivo chamado Matthew Graham, e então...

— Mas você não é — disse Alex.

A mão de Matthew se fechou sobre a dela, apertando em advertência. Ele não queria que ela falasse demais, não para aquele homem que estava de olho em ambos, mas em particular em Alex, com antipatia.

— Infelizmente, eu não posso provar isso, posso? E de alguma forma eu suspeito que dizer a eles que eu nasci em 1959 vai apenas mudar o modo de execução. De força para a fogueira.

Sanderson empalideceu quando disse isso, e por um instante ele compartilhou um olhar com Alex.

— A fogueira? — ela repetiu.

— Nós não queimamos bruxas — disse Matthew, esforçando-se para soar trivial. — Nós as enforcamos.

— Oh, bem, isso é um alívio — disse Alex. — E de qualquer forma, eu não sou uma bruxa.

— Nem eu. — O olhar de Sanderson subiu e desceu por Alex, parando em seu peito e sua boca. Matthew se inclinou para frente e levantou uma sobrancelha em advertência. Para sua satisfação, Sanderson desviou os olhos.

— Sua mãe é Mercedes Gutierrez Sanchez — disse Sanderson.

Alex se encolheu e olhou para Matthew.

— Sim, o nome da minha mãe é Mercedes, mas se você sabia, por

que não me contou quando nos conhecemos?

— Eu acabei esquecendo, minha atenção sendo ocupada de outra forma. — Sanderson moveu a perna, gemendo com o esforço. Ele soltou uma das ataduras improvisadas e Alex recuou, devido ao fedor resultante. Matthew estudou o pouco que podia ver da perna; gangrena, ele arriscaria.

— Dói? — Alex perguntou.

— Você se importa? — perguntou Sanderson.

— Não, na verdade não — Alex disse com um encolher de ombros.

— Como você chegou aqui? — Matthew perguntou com franca admiração.

— Não há nada tão motivador quanto uma espera pela força — disse Sanderson, sacudindo algo que subia pelas calças sujas.

— Não, isso tende a concentrar sua mente, acho.

Matthew ficou intrigado com o quanto Alex ficou tensa com a menção de sua mãe, e com o pretexto de conseguir mais madeira, ele se levantou e se distanciou para melhor ver suas reações.

— Então, por que esse interesse em Mercedes? — perguntou Matthew, sua curiosidade ainda mais afetada pela forma como Alex fez uma careta para ele.

— Negócios inacabados — respondeu Sanderson.

Matthew alimentou o fogo com alguns gravetos e galhos. Sanderson deu um sorriso malicioso a Alex antes de continuar, obviamente aproveitando seu desconforto. — Meu parceiro, Hector Olivares, está procurando por ela há anos. Em vários momentos diferentes.

Matthew sentiu os pelos dos braços se arrepiarem.

— Hector Olivares? — Alex franziu a testa. — O que ele quer com ela?

— Como eu disse; negócios inacabados. Um cansaço permanente, um desejo de acabar com essa agonia prolongada chamada vida sem fim.

— O quê? — Alex sussurrou.

Sanderson a ignorou e virou-se para encarar Matthew.

— Já Mercedes, ela é uma bruxa de verdade, do tipo que se deveria queimar. Pelo menos de acordo com Hector. — Ele sorriu ao ver o rosto de Alex. — Ela o amaldiçoou e, a menos que Hector a destruía, ele nunca morrerá.

— O amaldiçoou? — Matthew repetiu, olhando para Alex.

— Besteira, você está falando besteira. — Ela cuspiu nos pés de Sanderson. — Hector Olivares é um sequestrador e você também. Foi você, não foi? Vocês dois estiveram envolvidos no que aconteceu comigo na Itália. Eu estou certa, não estou?

— E daí se nós estivemos? Isso foi há três anos, supere — ele

zombou, mas se encolheu quando Matthew apareceu sobre ele.

— Deixar isso para trás? Você a manteve contra sua vontade!

Sanderson lambeu os lábios, tentou se afastar dele.

— O que devemos fazer? Hector teve que ser criativo para enganar a bruxa, e que melhor isca que sua filha? — Sanderson se afastou do rosto zangado de Alex e ergueu sua muleta improvisada em advertência.

— Minha mãe não é bruxa!

— Você acha? Então você nunca percebeu nada de estranho nela?

— Claro que não. — Ela assumiu um vermelho muito brilhante, e Matthew não tinha certeza se era apenas devido à raiva. Por um instante, ela encontrou seus olhos, apressadamente desviou o olhar e o estômago de Matthew se contraiu. Querido Deus, esse homem estava dizendo a verdade.

— Alex — disse ele. — É verdade?

— Verdade? O que é verdade?

— Este homem está dizendo a verdade sobre sua mãe?

— Oh, pelo amor de Deus! — Ela jogou os braços para o ar. — Como você pode...

— Sim, eu estou — interrompeu Sanderson. — Eu estou dizendo a você, homem; a mãe dela é uma bruxa perigosa, e sempre que Hector se aproxima demais, ela simplesmente desaparece, entrando em um novo tempo e lugar. Geralmente ela o puxa com ele, pobre coitado.

— Você é tão mentiroso! — Alex exclamou, a voz se quebrando com raiva. — Não dê ouvidos a ele. — Ela se virou para encarar Matthew. — Ele está mentindo.

— Não, eu não estou! Mercedes Gutierrez Sanchez é uma bruxa, ouviu? Uma bruxa de verdade e poderosa!

Matthew se afastou do fogo e, em sua cabeça, recitou a oração do Senhor várias e várias vezes. Se a mãe era uma bruxa viajante no tempo, o que era a filha? Definitivamente uma viajante do tempo... Ele olhou para o rosto branco de Alex, e então ele se virou e correu, querendo colocar a maior distância possível entre ela e ele. Pelo menos por enquanto.

— Matthew! — Alex estava de pé. — Matthew! — Ela olhou para Sanderson, levantou o pé e chutou a perna inchada de Sanderson com força. — Filho da puta — disse ela, ignorando seu contorcimento de dor. — Saia. A menos que você queira que eu te mate aqui e agora.

— Você não faria isso!

— Você tem certeza? — ela disse com uma ameaça silenciosa. — Afinal, por que não o fazer pagar pela Itália?

Sanderson tentou se afastar.

— Não foi minha ideia, foi Hector, e...

— Eu não me importo — ela o interrompeu. — Eu só quero que

você saia. Agora. Você pode imaginar o quanto eu posso fazer essa perna doer? Por quanto tempo? — Ela o chutou de novo e Sanderson gritou. — Vá. — Ela apontou para baixo da colina, e Sanderson se levantou e saiu mancando.



ESTAVA ESCURECENDO QUANDO MATTHEW VOLTOU. Por algum tempo ele ficou observando-a enquanto andava de um lado para o outro, e mesmo à distância de vários metros ele podia ver que ela estava chorando, uma das mãos enxugando o rosto. Quando ela o viu, voou para ele.

— Se você fizer isso de novo, eu juro que vou partir e você nunca mais me verá. Eu não tinha ideia de onde você estava, se estava machucado, ou se voltaria, e não é justo, ouviu? Você sabe que me assusta, você sabe quão sozinha eu me sinto aqui, você... você... bastardo!

— Por que você não me contou? — ele retrucou, cortando sua explosão.

— Contar o quê?

— Que sua mãe é uma bruxa.

— Ela é? — Sua voz chiou em uma alta oitava. — E como você sabe, visto que eu mesma não tenho ideia? Eu vivi com ela por mais de vinte anos, e quer saber? Eu nunca a vi enfeitiçar ninguém, ou andar de um lado para o outro ao redor da igreja à meia-noite, ou ordenhar leite da gata do vizinho, ou fazer sexo com Satanás, ou fazer qualquer uma dessas coisas que uma bruxa deve fazer. Em vez disso, eu tive uma mãe que cuidou de mim, que amava tanto o meu pai que às vezes doía assistir. Então, senhor Sabe-Tudo, diga-me; como você sabe que ela é uma bruxa?

— Bem, isso é o que ele disse, não foi?

— E você acredita mais nele do que em mim? — ela sussurrou, passando a mão pelo cabelo para ficar em pé.

Matthew franziu a boca.

— Eu não sei, eu realmente não sei.

— Tudo bem. — Ela se moveu para arrumar seus poucos pertences. Em menos de um minuto o rolo estava apertado contra o ombro dela, e ela se levantou para encará-lo.

— Devolva — disse ela, estendendo a mão para ele. — Me devolva meu anel e minhas outras coisas, porque obviamente você não acredita no que disse no outro dia. — Ela parecia uma visão; olhos inchados, bochechas manchadas de lágrimas e orelhas cor de rosa. Por um instante, o lábio inferior oscilou, os cantos da boca caíram, e ele sabia que ela estava fazendo um esforço para não chorar. Isso fez o

coração dele se partir por ela, essa moça valente que estava tão completamente sozinha no mundo.

— Alex, por favor, sente-se e podemos conversar sobre isso.

— E falar o quê? Que você acha que minha mãe é uma bruxa e, por definição, talvez eu também seja uma?

— Eu não disse isso, é claro que eu não acho que você é uma bruxa!

— Meu anel, e eu juro que nunca vou incomodá-lo novamente. — Ela se inclinou para frente e capturou seus olhos. — E no futuro, não diga coisas se não for de verdade. “Somos você e eu agora”, você disse, e então simplesmente desapareceu por horas a fio sem se importar com como isso poderia me fazer sentir. Talvez Margaret tenha sido inteligente o suficiente para se apaixonar pelo irmão certo, aquele que realmente se importa.

Ele não pretendia bater nela com tanta força, ficou chocado quando ela tropeçou e caiu. Ele se abaixou para ajudá-la, ela afastou as mãos dele, respirando entre longos soluços, assobiando através da boca aberta. Ela o empurrou, lutando para afastá-lo, tentou esfregar as unhas no rosto dele. Sem uma palavra, passou os braços em volta dela, reuniu-a contra o peito e sentou-se em uma pedra próxima para segurá-la em seu colo.

— Melhor? — ele perguntou muito mais tarde. Ela assentiu, pressionando o ouvido no ombro dele.

— Eu prometo — disse ele. — Eu não vou fazer o que fiz de novo, deixar você sozinha. E tudo que eu disse era verdade.

— Sinto muito por dizer essas coisas sobre Margaret. Isso foi muito indiscreto.

Ele beijou a cabeça dela.

— Perdoada, querida. Você vai me perdoar por lhe dar um tapa?

— Desta vez, mas se você fizer isso de novo, eu vou te espancar com alguma coisa.

Ele riu, e depois de alguns momentos ela também.

— Eu não tenho certeza — disse ela, mantendo sua bochecha apoiada contra o tecido áspero de sua camisa.

— Você não tem certeza de quê? — Matthew olhou para o céu noturno. Já estava escuro e ele conseguia distinguir o desigual “W” de Cassiopeia logo acima.

— Se ela é bruxa ou não. Eu não contei toda a história sobre Ángel.

— Percebi. Quer me contar agora?

— Ela o queimou até a morte — ela sussurrou. — Ela se aproximou dele, colocou os braços ao redor dele e eles pegaram fogo.

Matthew não sabia o que dizer, sua garganta trabalhando desconfortavelmente.

— Ela era uma boa pessoa, então se ela é uma bruxa, ela deve ser do bem, certo?

— Eu tenho certeza de que ela era — disse ele, mas, às suas costas, seus dedos fizeram o sinal contra o mau-olhado.



ELE A SACUDIU para acordá-la no cinza da madrugada e pôs um dedo nos lábios. Matthew se moveu como um fantasma enquanto ajeitava o acampamento, com os ouvidos atentos ao som dos cavalos que se aproximavam. Ele pegou a mão dela e apressou-se a descer a encosta, e alguns momentos depois estavam sentados, encolhidos no meio de um bosque, um cobertor sobre as cabeças.

Ele ouviu o rangido primeiro e depois o suave baque de algo pesado batendo no chão. De onde estava agachado, só conseguia distinguir as pernas; dezesseis pernas, quatro cavalos. Os homens sentados neles estavam em silêncio, sem falar, quase sem mexer nas selas. A mão de Matthew se apertou em cima de Alex ao ver o rastro de espadas sendo desembainhadas, e apertou ainda mais quando um dos homens riu.

— Entendi — disse uma voz, e, por um instante, Matthew teve certeza de que era ele quem queria dizer que, a qualquer momento agora, ele sentiria uma espada nas costas. Mas então ele ouviu os gritos e afundou de volta. Um dos cavalos foi estampado e o grupo mudou-se mais para baixo. Ainda muito perto para ser confortável, e Matthew olhou para Alex para se certificar de que ela entendia que tinha que ficar quieta. Ela assentiu que sim.

Foi Sanderson, um furioso Sanderson que protestou contra a forma como estava sendo tratado e exigiu que fosse levado a um oficial superior, não um tenente que mal saíra da creche. O tenente em questão não achou graça.

— E isso é? — ele perguntou a um dos soldados.

— Matthew Graham, senhor.

— Quantas vezes devo lhe dizer? — exclamou Sanderson, estremecendo quando sua perna inchada atingiu o chão. — Eu não sou Matthew Graham! Eu sou Diego Sanderson. — Ele lançou um olhar desesperado para o oficial. — Eu acho que sei onde está Matthew Graham, ele está lá em cima, na vala com a nascente.

— Boa tentativa — disse o policial —, mas descemos por ali e não havia ninguém lá. — Ele coçou a virilha e depois olhou para Sanderson de novo.

— O que foi que ele fez? — ele perguntou, sufocando um bocejo.

— Ele é um senhor monarquista, um fugitivo. Um ladrão de cavalos; roubou dinheiro e comida a caminho do Norte. Mais perigoso,

bastante cabeça quente; passou um bom tempo em cadeias. Chicoteado um par de vezes, mas apanhou principalmente com o porrete.

O pulso de Matthew estava acelerado, um baque forte atrás das orelhas, que ele tinha certeza de que deveria ser audível para qualquer um que estivesse a uma distância considerável. Alex estava tremendo ao lado dele, e ele não se atreveu a virar a cabeça para olhar para ela, apenas trançou os dedos firmemente em torno dos dela, tanto pelo bem dele quanto pelo dela.

Na clareira, o oficial desmontou e inspecionou a perna de Sanderson. Ele chutou, dando um grito abafado, e o oficial recuou para estudar a árvore mais próxima.

— Um pouco baixo — ele murmurou, inspecionando o galho. — Watson —, ele chamou, acenando com um de seus homens. — Isso serve?

O soldado estudou a árvore duvidosamente.

— Não tão alta, senhor, e o galho parece fraco.

Sanderson estava tentando se levantar, seu olhar correndo da árvore para o oficial e de volta.

— Você não pode estar falando sério! Eu estou dizendo a você, eu não sou o maldito Matthew Graham!

— Bem, você diria isso, não é? — O policial tirou o chapéu para arranhar seu cabelo curto. — Malditos piolhos, estou cheio deles. — Ele coçou a virilha novamente e sacudiu uma de suas pernas, fazendo as calças esvoaçarem. — Não, tem que servir, não vou levar um fugitivo naquele estado até a Inglaterra. Ele iria ser enforcado de qualquer maneira. — Ele fez beicinho e apoiou as mãos atrás das costas, olhando para seus homens. — Bem, prossiga então! Nós não temos o dia todo. Temos ordens para voltar hoje e todos vocês sabem disso.

— Mas... — disse Sanderson, e o policial se aproximou dele e deu-lhe um tapa na cara.

— Mais uma palavra sua, senhor, e você vai morrer amordaçado também.

— Mas você não pode! — Sanderson baliu. — Eu não fiz nada! Eu sou inocente!

O oficial bufou.

— Nenhum homem é inocente, e se você for pelos pecados errados, então eu tenho certeza de que você fez algo para merecer ser enforcado. Olhe para você, rufião, para cada centímetro de você.

Quando Sanderson abriu a boca para protestar, o oficial tirou um lenço sujo da manga e enfiou-o em sua boca.

— Pronto.

Uma corda estava pendurada em um dos galhos, um Sanderson que

se debatia foi içado para cima de um cavalo, com um laço preso em volta do pescoço.

— Eu ainda não tenho certeza, senhor — disse Watson, balançando a cabeça. Ele apertou o laço e deslizou do cavalo. Sanderson gritou com a sua mordada.

— Querido Deus — sussurrou Matthew. — Oh, Senhor, tenha misericórdia de sua alma. — Ele colocou os lábios no ouvido de Alex. — Não olhe, feche os olhos.

— Eu não posso — ela sussurrou de volta. — Eu já tentei.

O policial ficou a uma certa distância da árvore e acenou com satisfação.

— Bom. Talvez seja um prazer para a alma do Protetor, agora que está morto, saber que outro monarquista também morreu. Menos um a se preocupar agora.

Ele inclinou a cabeça em comando, e o homem atrás do cavalo baixou o chicote na parte traseira, fazendo o cavalo partir. Sanderson foi empurrado para trás pelo laço, caiu no chão e Matthew notou que Watson estava certo. A queda foi muito baixa, e os pés de Sanderson raspavam no chão em um esforço para manter o ar assobiando até seus pulmões.

— Levante-o um pouco! — disse o oficial, e os dedos dos pés dançaram no ar. Eles dançaram por um longo tempo, o fedor de seu intestino recém-esvaziado pairando no ar.



HECTOR ACORDOU COM UM SOBRESSALTO, a boca se enchendo de ácido. Diego! Algo acontecera ao seu Diego. Ele se sentou, desorientado, tentando limpar a cabeça do que esperava ser um sonho. Ele massageou seu pescoço, uma sensação de corda queimando fazendo sua pele formigar. Eles o enforcaram... os olhos de Diego, congelados em uma expressão de surpresa permanente.

Hector rolou para fora da palha, uma necessidade urgente de um cigarro correndo para as pontas dos dedos. Mas não havia cigarros, não ali, não naquele casebre escuro que fedia a dejetos de porco e mofo.

Ele saiu do lado de fora, evitando olhar para a mancha escura de sangue de onde ele havia matado seu hospedeiro desavisado. Suas mãos alisaram as roupas desconhecidas, mexendo-se com um dos punhos desfiado. Ele tomou várias respirações longas e firmes. Estava completamente sozinho, na hora errada, no lugar errado, e a família que ele deixara inacessível nas mortalhas do tempo. Ele tinha que encontrar um portal; mas como faria isso ali, em uma charneca abandonada na Escócia?

Elas ficaram sentados por muito tempo depois que os homens desapareceram na encosta. Antes deles, o corpo balouçante girou, a língua protuberante de um rosto azul.

— Oh, Deus, oh, meu Deus... — Alex se inclinou e vomitou, todo o seu corpo tremendo. A corda rangeu, as fibras se esticaram para que os pés de Sanderson dançassem pela grama.

Matthew se arrastou e ficou de pé. Alex o seguiu e enfiou a mão na dele, precisando tocá-lo, ter certeza de que ele estava vivo.

— Não podemos deixá-lo assim — disse ela. — Os pássaros...

Matthew lambeu os lábios.

— Ele está morto.

Alex lançou lhe um olhar de soslaio. Claro que ele estava morto. Por dez minutos ele lutou para permanecer vivo, sons guturais ásperos escapando da mordada improvisada, olhos saindo de sua cabeça. Matthew se abaixou para se sentar, mantendo as costas para o homem pendurado.

— Eu também estou morto — ele sussurrou, esfregando as mãos pela barba. — Matthew Graham foi enforcado hoje.

Alex se ajoelhou ao lado dele.

— Mas você não está, você está sentado aqui.

— Você realmente não sabe, não é? Se eu sou quem eu digo que sou.

Isso a deixou perplexa, e ela se sentou em seus calcanhares para olhar para ele.

— Não é você?

— Sim, eu sou. Mas você tem que confiar, porque eu não posso provar.

— Mas outros podem, certo? Sua irmã e o marido, seu irmão... — Sua voz falhou com seu sorriso sardônico.

— Luke não terá razão para me reconhecer, afinal, se eu estiver morto, ele é o novo mestre. — Ele colocou a mão em sua coxa e apertou. — Mas há outros, moça; ele não vai me enganar quanto ao que é meu. Não dessa vez.

Foi trabalho duro. As mãos de Alex estavam cruas com a escavação e seus ombros doíam com o peso do corpo de Sanderson quando eles o libertaram e o arrastaram pela grama escorregadia até o buraco que

havam cavado atrás de um bosque de arbustos, a uma distância razoável.

— É muito raso! — Ela engasgou, uma vez que eles começaram a preenchê-lo. Até agora ela conseguira evitar olhar para o rosto de Sanderson, mas agora ela olhou para a ponta da cabeça e seu nariz ainda era visível através da sujeira. Um pequeno besouro correu e Alex ficou de pé. Ela respirou fundo e olhou para Matthew.

— Se você não tivesse acordado, teria sido você, e eu, oh, meu Deus, eu teria que assistir! — Ela girou e correu para longe da árvore e da cova rasa, tropeçou em uma pedra e caiu, todo o ar saiu dela. Seu queixo doía e ela podia sentir o gosto de sangue em sua boca. Matthew colocou a mão no ombro dela.

— Você está bem?

— Não. — Ela passou a língua sobre os dentes para verificar se todos estavam lá. Ela sentou-se, franzindo a testa para o sangue que se infiltrava através de seu jeans.

Matthew se agachou ao lado dela e estendeu a mão para ela, o indicador erguido.

— Você pode dobrá-lo? — Ele curvou o dedo em demonstração. Havia uma luz suave em seus olhos, a meio caminho entre diversão e ternura enquanto a observava levantar o dedo e dobrá-lo.

— Bom — ele sorriu —, então você vai ficar bem.

Alex olhou de seu dedo indicador para ele e de volta novamente.

— Como eu poder dobrar meu dedo tem algo a ver com o meu joelho esfolado ou o meu lábio mordido?

— Não tenho noção, mas mamãe fazia isso quando éramos crianças. — Ele se inclinou para a frente e beijou-a no rosto. — Ela fazia isso também, e sempre ajudou.

Alex passou a mão pelo rosto e sorriu, instável.

— Mulher inteligente.



ELES FIZERAM MUITO pouco progresso naquele dia. Após o terceiro encontro próximo com uma tropa de soldados do Sul, Matthew decidiu que era melhor permanecerem quietos pelo resto do dia. Apenas quando o sol se pôs eles se aventuraram a sair de seu esconderijo.

— Ele está morto, então — disse Matthew do nada. — O Protetor — esclareceu ele —, os soldados disseram que ele estava morto. — Ele suspirou e usou um galho para cavar o pequeno fogo, lançando faíscas em todas as direções. — Ele era um homem bom. Duro, talvez, mas bom, mas ele deixa um legado instável para trás.

Alex olhou para cima de onde ela estava esfregando o joelho,

sangrando por suas calças.

— Eles vão convidar o rei para voltar, você sabe.

Matthew olhou para ela, surpreso.

— Vão? — Ele riu de si mesmo. — Bem, ele já é o rei da Escócia há alguns anos, o espetáculo que foi, com sua pessoa real sendo disputada pelos Covenanters e os Engagers. — Ele ficou sério. — Então a Commonwealth morrerá?

— Sim. Os britânicos são apegados aos seus reis; você está preso a eles. — Ela espalhou os *djeens* para secar e enrolou o xale em volta das pernas nuas antes de se aproximar dele, junto ao fogo. Ela encostou a cabeça no ombro dele. — Eles vão desenterrar Oliver Cromwell e cortar a cabeça — disse ela. — Parece um pouco exagerado fazer isso com alguém que já está morto, você não acha?

Matthew não respondeu, mas inclinou a cabeça em concordância. Eles fariam muito pior do que isso, ele achava, aos líderes da Commonwealth deixados vivos.

— É importante para você? — Alex perguntou, tirando-o de seus pensamentos.

Matthew olhou para ela.

— O quê?

— Não ter um rei, fazer parte de uma república.

— Sim. Mas a república está morta há alguns anos. Estes últimos anos... — Ele se interrompeu para balançar a cabeça. — ...foi um homem e um homem sozinho no comando.

— Como um ditador.

— Sim. Um bom ditador.

— Uma contradição em termos, se você me perguntar — disse Alex.

— Isso não importa muito agora, não é? Ele está morto e, como você diz, as coisas vão voltar a ser como eram antes de homens como Cromwell e Fairfax. Um reino, não uma comunidade.

— E você não se importa?

— Me importo — ele disse —, é claro que sim. Mas...

— Mas o quê?

— Eu já perdi tantos anos da minha vida para este conflito, e agora eu só quero viver em paz, cuidar de minhas terras, meus animais...

— Oh. — Seus olhos azuis estavam muito próximos dos dele, e havia algo neles que o fez corar, uma insinuação de que ele estava voltando para suas crenças.

— Talvez seja o que acontece quando, durante mil cento e trinta e nove dias, você viveu como um animal em uma jaula. — Ele a empurrou para o lado e se levantou, de costas para ela.

Eles não acreditaram nele quando ele protestou sua inocência. Homens que o conheciam, lutaram ao lado dele, preferiram ouvir

Luke. E aquilo o feria como um cancro em seu intestino, mesmo agora, três anos depois.

— Você contou? — Ela colocou a mão nas costas dele.

— Eu contei a cada hora, todos os dias. — Ele se virou para ela, e ela se afastou dele. — Eu nunca mais quero viver algo assim de novo, isso quase me matou. Eu não conseguia me curvar, e ao invés disso eu estava quebrado, e as peças não se encaixam como costumavam. — Ele esfregou os pulsos. — Dos homens com quem fui trancado, mais da metade morreu no primeiro ano. Fomos todos espancados e subnutridos, com frio e constantemente doentes de uma coisa ou outra, mas os que morreram foram aqueles cuja luz interior lhes falhou, que acordaram um dia com um peito oco e o conhecimento desesperado de que não havia nada que valesse a pena. Deixaram de se esforçar para continuar vivendo.

Ele ficou em silêncio por um tempo, dominado por lembranças de longos e intermináveis dias.

— Minha luz ainda arde, mas às vezes se esvai à beira da extinção. Eu não sobreviveria em outro momento na prisão, eu me enrolaria e morreria. E assim... — Ele deu de ombros, dando-lhe um sorriso torto. — Eu ainda mantenho as minhas crenças, mas vou ser muito mais seletivo sobre que batalhas lutar. Se chama se adaptar às circunstâncias.

— Adaptar é bom, é o que todos nós temos que fazer para sobreviver. — Ela limpou a garganta, abraçou-se. — E se você não o fizer, morrerá.

— Sim — disse ele, percebendo que ela estava falando tanto sobre sua própria situação quanto a dele. — Eu estou aqui, eu estarei aqui para você, moça. — Ela se aproximou o suficiente para que sua respiração fizesse cócegas no rosto dele.

— E eu estarei aqui para você, e duas luzes iluminam muito, muito mais forte que uma, certo?

— Verdade — ele concordou com voz rouca. Quando ela se levantou na ponta dos pés para beijá-lo, ele a beijou de volta. Quando seus braços vieram em volta de seu pescoço, os dele envolveram-se em torno de sua cintura. Chega de conversa. Ao menos essa noite. Ele levantou-a nos braços e levou-a para a cama improvisada.

Alex acordou para encontrá-lo já acordado. Ela rolou na direção dele, espreguiçou-se e deu-lhe um sorriso preguiçoso.

— Eu fiz isso? — Um dedo suave traçou o que ela tinha certeza que era um chupão vermelho brilhante em sua garganta.

— Bem, ninguém mais fez, eu definitivamente teria notado.

— Eu espero que não tenha sido muito... — ele disse, inspecionando uma mancha azul em seu seio.

— Ah, você foi, mas eu não estava necessariamente me

importando. — E ele ostentava algumas contusões, ela sorriu, uma poça de calor se expandindo através dela com o pensamento da noite passada.

— Espoleta — ele murmurou, usando os dedos longos para acariciar sua canela.

— Bem, você não é sortudo? — Ela sentou-se, passou as mãos pelo cabelo em um esforço inútil para penteá-lo.

Ele ficou de pé, os olhos se estreitando enquanto estudava os arredores.

— Estamos quase em casa.

Ela se posicionou na frente dele, e aos seus pés a paisagem mudou de cinza para ouro e verde brilhante onde quer que o sol tocasse.

— É como se houvesse apenas nós — disse ela, estudando os fios de névoa que brilhavam e a luz que voltava. Ela respirou fundo o ar frio e segurou em seus pulmões antes de soltá-lo. Nunca se sentira tão viva quanto naquele minuto. Atrás dela estava seu homem, diante dela se estendia um mundo novo e desconhecido, e com uma pontada de culpa, ela percebeu que não tinha pensado sobre John, não desse jeito, nas últimas semanas. Matthew riu e se inclinou para frente para morder sua orelha.

— Como no paraíso — disse ele, sua respiração quente fazendo cócegas nela. — E este é o nosso Éden diante de nós. — Ele a virou para encará-lo. — Esta é sua vida agora, aqui, comigo. Está na hora, Alex, de deixar a velha vida passar.

Ela não entendeu, mas Matthew soltou a mão dela e extraiu o pacote que a Sra. Gordon lhe dera e colocou no chão. Ele jogou mais lenha no fogo até queimar um azul feroz e acenou para ela se aproximar.

— Aqui. — Ele entregou-lhe o jeans.

Ela olhou para as calças e de volta para o fogo.

— O que você quer que eu faça?

— Queime, ela não pertence a este tempo, e você não vai voltar, vai?

Ela riu nervosamente.

— Eu suponho que não, não a menos que eu fique sentada e espere por uma nova tempestade.

— Se você pudesse, você o faria? — Seus olhos eram muito, muito verdes e muito, muito próximos.

— Não. — Ela respirou e jogou seu jeans no fogo.

Ele a fez queimar tudo; a jaqueta, a camisa e o sutiã. Ela teve a sensação de realizar algum tipo de ritual de sacrifício, observando enquanto os restos de sua antiga vida subiam em fumaça.

Ele sorriu para ela enquanto ela estava nua no vento gelado, sua pele arrepiada, e inclinou a cabeça para beijá-la no nariz.

— Então, minha pequena pagã, acho que já é hora de você ser batizada.

— Mas você não é um padre, e isso não é exatamente uma igreja.

— Acontece que Deus está tão presente aqui quanto em uma igreja, e eu não acho que Ele se importará se eu lhe der um nome em Sua presença.

— E o que você estava planejando? Edwina?

— Não, eu estava pensando em Alexandra. Alexandra Ruth.



— E AGORA? — ela perguntou enquanto ele a ajudava a vestir o que ele disse ser uma anágua e entregou-lhe uma saia de lã marrom escura. — Como eu devo me vestir com todos esses lacres na parte de trás?

— Eu vou ajudá-la. — Ele sorriu, levantando-se para dar-lhe um olhar avaliador. — Você está muito bonita — disse ele antes de puxar sua camisa, ajustando os punhos e decote desgastados. Alex deu-lhe um olhar duvidoso. Sentia-se acolchoada, os seios mantidos no lugar pelo colarinho do corpete e, quando moveu os quadris, a saia a envolveu. Ela gostava disso, experimentando diferentes passeios para fazer o pano pesado dançar.

— Por que ela te deu tudo isso? — Alex beliscou as saias. — Isso foi muito legal da parte dela.

Matthew revirou os olhos.

— Eu comprei isso. Não podemos ir a Cumnock parecendo vagabundos, podemos? Foi ideia da Sra. Gordon, — ele explicou, insistindo que a moça poderia muito bem parecer uma criança pequena. E ela não tinha cobrado muito dinheiro também, dizendo que o brinco cobria o custo.

— Cumnock? Por que estamos indo para lá? — Ela não gostou da ideia de entrar em uma cidade, e se houvesse soldados? Ele ajustou algo em sua cintura, enrolou seus poucos pertences e deu-lhe a mão.

— Para nos casarmos. Eu não posso ir para a cama sem lhe dar o meu nome.

— Oh — disse Alex Lind, e apertou os dedos com força.

Foi um choque entrar na pequena cidade mercantil. De longe, Cumnock parecia esquisita, embora muito pequena, mas à medida que se aproximavam, tudo em que Alex conseguia pensar era no fedor. As privadas, os animais na rua, as pessoas, todos fediam. Em comparação, ela se sentia como uma rosa em um chiqueiro.

As poucas ruas pavimentadas estavam cobertas de sujeira; palha de colchão descartada, conteúdo de penicos esvaziados, um ou outro gato morto. Mulheres em saias sujas e remendadas passavam apressadas, acompanhadas por crianças igualmente sujas, um pedaço de pão queimado foi jogado do lado de fora e imediatamente uma briga seguiu-se entre vários cachorros e dois garotos, todos rolando na lama.

— Que dia é hoje? — Ela segurou firme na mão de Matthew, enojada por ter que andar descalça pela pasta fedorenta que cobria as ruas.

— Acho que dia 12 de setembro. — Ele ajudou-a a atravessar um trecho enlameado. Começara a chover quando estavam na metade do morro, e Alex apertou o xale em volta dos ombros, ansiando pelas qualidades à prova de intempéries de sua jaqueta. Matthew correu mais ou menos pelas ruas, acenando com a cabeça ao estranho e curioso lojista.

— Matthew? — Alex odiava estar ofegante. O maldito tecido a estava cortando ao meio, e as coisas não eram exatamente ajudadas pelo ritmo de Matthew.

— Mmm? — Matthew lançou-lhe um rápido olhar.

— Por que precisamos nos casar?

Ele interrompeu a caminhada.

— Você não quer?

— Não foi isso que eu quis dizer. — Ela tinha certeza de que sim, as coisas estavam acontecendo em um ritmo que a assustava. — O que eu quis dizer foi, como é que você acredita que pode me batizar assim e pronto? Eu não sou mais uma pagã, mas por que um casamento tem que ser conduzido formalmente? Por que você e eu apenas não prometemos que ficaremos juntos?

Matthew deu a ela um olhar sério.

— Um casamento é um contrato legal, deve ser registrado corretamente. A menos que seja legal, qualquer filho da nossa união

seria considerado um bastardo.

— Qual é o grande problema? Uma criança ainda é uma criança.

— Um bastardo não tem direitos — disse Matthew duramente, com os olhos apertados enquanto estudava seu rosto. — Você não quer, não é?

Alex suspirou e desviou o olhar.

— Estou com medo, as coisas estão acontecendo muito rápido. Olhe para mim. — Ela indicou as saias. — Esta não sou eu, ainda não. Eu sou uma garota de outro tempo em que estar casada, ou não, não é tão importante assim, sabe?

Matthew beliscou sua bochecha e sorriu.

— Mas aqui e agora é importante. Muito importante. Então você vai me declarar aqui em público, ou virá comigo em silêncio?

Alex olhou para todas as pessoas.

— Silenciosamente, mas ainda estou com medo.

— Claro que você está. — Matthew riu. — Mas eu prometo ser gentil com você.

Foi um alívio escapar da rua, a mão de Matthew firme em sua cintura enquanto ele a guiava para uma porta acima da qual balançava uma placa de madeira: Simon Melville, advogado.

— Simon? É o Simon que é casado com a sua irmã?

Matthew assentiu e abriu a porta, quase a erguendo do outro lado da soleira. O escritório era muito escuro e empoeirado, com enormes volumes revestidos de couro cobrindo prateleiras e mais prateleiras em uma estante de livros.

— Simon? — Alguém se moveu no canto interno. — Simon? Sou eu, Matthew.

A forma ganhou velocidade, e Alex recuou quando um homem pequeno, mas muito massivo, jogou seus braços ao redor de Matthew, emitindo uma série de ruídos entusiasmados entre os quais Alex conseguia distinguir idiota, tolo, bobo e idiota desajeitado, o último quando Matthew pisou no pé de Simon.

— Nós ouvimos que você estava morto — Simon disse uma vez que ele se acalmou. — Mas parece que esses relatórios foram um pouco exagerados. O pobre Luke ficará com o coração partido ao vê-lo vivo e bem. — Ele riu, um som que fez Alex se lembrar de noites de verão jogando em guerra com suas primas suecas, todas imitando metralhadoras. Simon ficou sombrio e deu um soco no braço de Matthew. — O que você estava pensando? Fugir assim... Pode ser perigoso voltar.

— Não se eu estiver oficialmente morto.

— Ah, mas oficialmente você não está. Não até que tenha sido provado que foi você o enforcado. E não havia corpo para coletar ou enterrar quando chegamos à árvore. Apenas uma corda cortada. —

Simon olhou para Matthew e ficou na ponta dos pés para examinar sua garganta. — Bem, não foi você, de qualquer forma, não é?

— Não, não fui eu. — Matthew pegou Simon pelo ombro e virou-o na direção de Alex. — Esta é Alexandra Lind, a minha futura esposa sueca.

— Oi — disse Alex, dando a Simon um pequeno aceno.

— Bem, por essa eu não esperava. — Simon sentou-se com um baque.

Alex não tinha certeza se deveria aceitar a reação de Simon como aprovação ou apreensão, e ela permaneceu de pé onde estava, sentindo-se muito parecida com um objeto em exibição enquanto Simon a olhava embasbacado.

Matthew pareceu divertido.

— Ela não morde e fala inglês.

Simon inclinou a cabeça para um lado, um brilho travesso em seus olhos azul-claros.

— Ela é muito bonita, Matthew. O que uma moça assim quer com um encenqueiro como você?

— *Sex appeal* — Alex disse, o que deixou os dois homens desorientados, mesmo que a expressão gratificada que passou por cima do rosto de Matthew mostrasse que ele poderia ter entendido o sentido.

— Sex o quê? — Simon perguntou.

— Não importa. — Alex agarrou a mão de Simon na sua e deu um aperto firme. — Prazer em conhecê-lo.

Simon retomou a mão, dando-lhe um olhar surpreso.

— Seu servo, senhora — ele disse, levantando-se para fazer uma reverência.

Cumprimente, ela disse a si mesma, *é o que você deveria fazer. Não aperte a mão de um homem estranho para cima e para baixo, apenas faça uma reverência e agite seus cílios*. Ela quase riu, sentindo-se como um touro em uma loja de porcelana.

Matthew deu a Simon uma descrição abreviada e inteiramente falsa de como Alex e ele haviam se encontrado, envolvendo saltadores, uma moça sueca indefesa e um pai morto.

Simon riu e balançou a cabeça, desculpando-se pelo tratamento brutal que a pobre moça recebera das mãos de seus contrterrâneos e, em geral, fez um esforço para parecer como se acreditasse numa história que ele obviamente achou inverossímil. Bem, Alex pensou, a verdade seria ainda mais inacreditável, mas era evidente que Matthew e ela tinham que trabalhar em sua história antes de espalhá-la para um público maior.

— Então você está se casando com a moça por dever cívico, não é? Não querendo deixá-la desprotegida no mundo — Simon resumiu

quando Matthew terminou. Ele entregou a Alex uma caneca de sidra, serviu uma para Matthew e uma para ele.

— Se essa é a razão dele, eu vou dar-lhe uma surra antes de me casar com ele — Alex disse, fazendo Simon engasgar com a bebida. Ela esperou até que ele parasse de tossir antes de sorrir docemente e continuar. — Eu posso cuidar de mim mesma, muito obrigada.

— Ah. — Simon sorriu. — Então por quê? Existe alguma razão específica para essa pressa?

Alex encolheu os ombros.

— Quanto a isso, você terá que perguntar a ele, não a mim. Quanto a mim, bem... — Ela sorriu para Simon. — ...eu temo ter me aproveitado do pobre homem.

Simon riu por tanto tempo e com tanta força que Matthew acabou batendo nele entre os ombros, o tempo todo encarando Alex.

— Eu tenho assuntos a resolver — disse ele. — Você promete sentar aqui e esperar por mim?

Alex assentiu, mas colocou a mão na manga enquanto se levantava para sair.

— Se você prometer ser cuidadoso. Muito cuidadoso.

Ele bagunçou o cabelo dela e assegurou que faria isso.



DUAS HORAS DEPOIS, ele estava de volta, são e salvo. A boca de Alex se abriu com a visão daquele estranho bem barbeado e bem vestido. Seu Matthew? Uau... Ele sorriu quando ela correu as costas da mão pelo rosto dele, a mão dele se fechando sobre a dela.

— Você já preparou o contrato? — ele perguntou. Simon assentiu e estendeu o documento para Matthew ler.

— Ouvi dizer que você arranjou um quarto na pousada — disse Simon.

— Mmm? — Matthew parecia desinteressado.

— Em seu próprio nome.

Matthew se endireitou.

— Você não acha que eu deveria?

— Eu acho que se você dormir lá hoje à noite, não vai ver a manhã. — Simon parecia direto.

— Ah. — Matthew trocou um longo olhar com Simon. — É mesmo?

Simon assentiu.

— Até os estorvos como Luke têm amigos. E há alguns que gostariam de vê-lo como mestre de Hillview.

— Hillview é minha — disse Matthew, sua voz muito fria. — Ele levou minha esposa, ele tirou minha liberdade, mas não vai levar

minha casa.

Simon o olhou de maneira uniforme.

— Você precisa de uma esposa reprodutora. Uma coisa é planejar o assassinato de um monarquista condenado, outra bem diferente é considerar o assassinato de uma criança inocente. — Simon dirigiu um olhar especulativo para Alex. — Eu não voltaria até que a barriga dela esteja aparecendo.

Alex sentou-se, fechou os olhos e contou muito lentamente até cem. Então ela abriu os olhos e olhou diretamente para os brilhantes olhos cor de avelã de Matthew.

— Tudo vai ficar bem.

— Sim, você estará morto, mas felizmente as pessoas que não têm escrúpulos em passar por cima de você serão piedosas diante de seu filho que ainda nem nasceu.

— Então, com o que estou me preocupando? Vamos nos casar e suar bem enquanto começamos o bebê, hein?

Com um sobressalto, ela percebeu que eles já poderiam ter começado um bebê, e em seu rosto, ela viu que ele estava pensando a mesma coisa. *Espero que não*, ela pensou ferozmente, *espero que sim*, ela pensou com igual fervor, e colocou os dedos nos lábios dele em uma suave carícia.

— Nós não temos que voltar, não ainda.

Matthew sacudiu a cabeça.

— Eu sei, Alex. Mas eu tenho inquilinos para cuidar, uma mansão para governar, e meu coração sofre pela falta da sensação da minha terra sob meus pés.

— Mas e quanto a Luke? E se ele te matar?

— Ele não vai, e em Hillview meu povo vai me manter seguro. — Ele se ajoelhou e ajudou-a a levantar-se. — Você ainda vai... — Ele indicou o documento não assinado com a cabeça, e seu coração estava em seus olhos, fazendo-a se contorcer em resposta.

— Eu queimei todos os meus navios, lembra? Todos menos um; você.

Ele assentiu e pegou a mão dela.

— Só para você saber — ela disse uma vez que assinou o documento —, eu pessoalmente vou te castrar se você for morto, especialmente por aquele seu irmão desagradável.

Simon riu disso.

— Essa sim é uma ameaça para se levar a sério, meu homem, então é melhor você se manter seguro.



O MINISTRO ERA um homem alto e austero que olhou para Alex com

algum receio.

— O que aconteceu com o seu cabelo? — ele perguntou, inclinando-se para estudá-la.

— A febre — disse Matthew —, foi o curandeiro em Lanark que disse que era melhor cortá-lo.

— Hmm — expressou o ministro Crombie. — Bem, você parece estar em boa saúde agora. — Alex assentiu que estava. — E você não é daqui?

Alex sacudiu a cabeça, deixando Matthew falar. Uma história muito melhor desta vez, sobre uma moça sueca deixada órfã aos cuidados de alguns parentes distantes de Matthew, e ele indo levá-la a Edimburgo para vê-la a bordo de um navio de volta à Suécia, mas, bem, o Ministro entenderia que às vezes...

O ministro ouviu com interesse e depois sorriu, expondo um conjunto de dentes amarelados e pouco saudáveis.

— Matthew Graham, eu te conheço toda a sua vida e você é um mentiroso muito incompetente. Sempre foi. De alguma forma, não acho que as pessoas escapem da prisão meramente para acompanhar uma moça solteira em um navio. — Ele balançou a cabeça e deu a Matthew um olhar avaliador. — Foi errado o que foi feito com você há três anos. Todos nós sabíamos que você não era monarquista, mas eram tempos turbulentos, e os homens às vezes seriam mais temidos por sua própria pele do que sua alma imortal. Eu acho que você vai descobrir que há muitos que vão querer expiar, e Luke pode ter que lidar com coisas um pouquinho desconfortáveis se ele fizer algo imprudente. — Ele tossiu. — Agora, sobre a moça — ele continuou, uma mão peremptória impedindo Matthew de interromper —, o importante é que você a encontrou, não como. — Ele se virou e sorriu para Alex. — Você deseja se casar com este homem, moça?

— Sim.

— Bem, então, é melhor continuarmos com isso.



— EU NÃO GOSTEI DA PARTE “OBEDECER”— Alex resmungou enquanto voltavam para o escritório de Simon. — Quer dizer, amar e apoiar e tudo mais, tudo bem. Mas obedecer? Isso me faz sentir como um cachorro. — Matthew não respondeu, ele apenas pegou a mão dela e começou a correr enquanto a chuva caía. — Eu só estou dizendo — Alex continuou quando eles voltaram para dentro —, que eu poderia ter um pouco de problema com a parte de obedecer. Não, espere, eu tenho um problema enorme com essa parte. Por que eu deveria te obedecer? — Ela olhou para os pés, agora tão sujos quanto antes de lavá-los.

— Porque eu sou seu marido — explicou Matthew com paciência exagerada. — E você é apenas uma esposa irracional. — Se não fosse pela luz em seus olhos indicando que ele estava, pelo menos até certo ponto, provocando-a, ela o teria chutado.

— Humph — fez Alex, cruzando os braços sobre o peito. — Eu gostaria de ver você me obrigar.

— Oh, não me tente. — Matthew sorriu. — Porque eu tenho certeza de que poderia fazer você obedecer, se eu quisesse.

— Vamos ver quanto a isso, ok?



— ENTÃO, Sra. Graham — Matthew disse na manhã seguinte, dando um beijo na bochecha de Alex —, vamos ver, então?

— Ver o quê? — Alex bocejou. Tinha sido um conforto dormir dentro de casa em vez de sair na chuva, mas o escritório apertado de Simon não era o ambiente ideal para as atividades da noite de núpcias, resultando em Alex dormindo no banco estreito, mas acolchoado, enquanto Matthew se esticava no chão.

— Se você vai obedecer. — Ele torceu-a para que ela acabasse jogada de bruços sobre o banco, um aperto firme em sua nuca mantendo-a quieta enquanto ele alavancava para cima as pernas dela.

— Idiota. — Ela riu. — Horrível espancador de esposa — acrescentou ela quando ele bateu brincando em seu traseiro. — Unngh — fez ela quando ele abafou a boca com a mão, a outra deslizando sob ela para segurá-la no lugar enquanto a penetrava.

— Você acha que — ele murmurou contra o pescoço dela —, você acha que tem alguém aí? — Sua mão deslizou por sua barriga em um movimento gentil e carinhoso.

— Eu não sei — ela disse, toda ela derretendo com o tom de sua voz. Ela se virou em seus braços, guiou-o de volta para dentro e por um longo tempo eles se moveram devagar e juntos. Muito lentamente, movimentos longos e fluidos que a conectavam a ele fizeram com que ela estremecesse e se agarrasse a ele, seus dentes afundados em seu ombro.

— Eu acho que sim — disse ele, removendo uma mecha suada do seu rosto. — Acho que já fizemos isso da primeira vez.

Ela deixou o dedo correr pelas sobranceiras dele.

— Espero que ele tenha seus olhos — ela sussurrou.

— Eu espero que ela tenha sua boca — ele sussurrou de volta.

Simon estava cantando quando entrou pela porta de seu escritório, trazendo consigo uma cesta da qual emanava o cheiro de pão quente. Ele manteve as costas viradas enquanto Alex e Matthew se arrastavam e se vestiam, o tempo todo zumbindo baixinho.

— Alguém tentou incendiar a pousada — informou ele, uma vez que estavam decentes. — E o estalajadeiro está certo sobre isso. Bem, ele deve estar. — Ele levantou olhos azuis inocentes para Matthew. — Agora quem faria uma coisa dessas?

— Simon! — Matthew parecia muito descontente. — Você não...

— Eu? — Simon balançou a cabeça. — Como você pode pensar que eu faria isso? — Ele se inclinou para frente em um gesto conspiratório. — Não, a notícia é que um certo Luke Graham o fez, em vista dele não encontrar seu querido irmão onde ele esperava, completamente nu em seu leito conjugal.

— Ele fez isso? — Alex falou, e os dois homens se viraram para lhe dar um olhar exasperado.

— Sim, claro que sim — suspirou Matthew, com um olho muito verde em seu cunhado cantarolando. — Realmente, Simon, você não deveria ter feito isso.

— Você fez isso? — Alex disse, olhando para Simon, que sorriu de volta.

— Pelo menos forçará Luke a ficar quieto por algum tempo — Simon disse em um tom satisfeito.

Várias horas depois, Alex estava ao lado de Simon, estudando uma enorme fera.

— Você tem certeza de que é um cavalo? — ela perguntou. — Parece um elefante.

Simon riu.

— Sem tromba. É um cavalo.

Matthew estava brilhando quando se voltou para eles.

— Olhem para ele! Ele não é magnífico?

— Hmm. — Ela supôs que era bom procurar por um cavalo, cinza e com enormes cascos. Bom pelo, a juba tremulando ao vento.

— Não castrado — disse Matthew para Simon. — Espero que ele não tenha mal temperamento. Isso pode explicar o preço.

— Mal temperamento? — Alex recuou, certa de que o cavalo a

estava olhando com a intenção expressa de afundar aqueles grandes dentes amarelos em alguma parte de sua anatomia.

— Ele carregará facilmente dois — continuou Matthew —, e com essas pernas terá uma grande passada.

Simon concordou com a cabeça e a inclinou na direção de Alex.

— Você não tem cavalos na Suécia?

Alex deu-lhe um sorriso vacilante.

— Claro que nós temos. Mas eles são muito menores. — Ela voltou a estudar o garanhão; precisaria de uma escada para subir, não que ela particularmente quisesse.

Era muito mais confortável do que ela esperava, um movimento de balanço que a deixou sonolenta, sentada atrás de Matthew, com os braços ao redor de sua cintura. Ela encostou o rosto nas costas dele e esfregou carinhosamente, ouvindo um estrondo satisfeito em resposta.

— Eles vão me achar estranha? — disse ela, tentando manter a pontada de desconforto fora de sua voz. Ele apenas balançou a cabeça e ela apertou sua cintura. — Você acha que eles vão gostar de mim?

— Eu gosto de você.

Ela podia ouvir o sorriso em sua voz.

— Eu sinceramente espero que sim, mas isso não foi o que eu perguntei, foi?

— Não. Simon gostou de você, não é?

— Eu gostei dele. — Alex riu baixinho. Como alguém poderia ser tão... tão... esférico estava além dela.

— Joan certamente também gostará de você — disse Matthew, e ela sentiu uma ligeira tensão se dissipar. Ela estava nervosa por conhecer a irmã dele. — E quanto ao resto... — Ele deu de ombros. — Acho que sim. Não que eles te prendam em seus corações imediatamente, mas uma vez que eles te conheçam, é claro que vão.

— Onde você conseguiu o dinheiro? — Ela estava apenas ligeiramente curiosa, mas queria a distração de ouvir sua voz. Durante a última meia hora, Matthew cavalgou em silêncio, bebendo a paisagem ao redor dele de uma maneira que a fez pensar em homens sedentos que encontravam um poço.

Com cada passo arrastado, ele estava se aproximando de seu lugar, suas raízes, e dentro dela cresceu uma sensação de tristeza tingida de ciúmes, porque ela nunca mais se veria em casa. Tudo o que tinha no mundo era ele, e o pensamento a despiu, deixando-a nua em um lugar estranho e assustador. O que aconteceria com ela se um dia ele acordasse e descobrisse que não a amava mais nem gostava dela?

Ela se mexeu. O que começara como uma experiência agradável agora estava ficando um pouco incômodo. O interior de suas coxas estava começando a se irritar, e ela tinha certeza de que nunca seria capaz de puxar as pernas juntas novamente, sentada como se estivesse

no enorme dorso de volta. Ele não respondeu, e ela repetiu sua pergunta.

— Eu vendi a pulseira.

Ela quase caiu do cavalo, e instintivamente cavou seus calcanhares em seus lados, fazendo-o guinchar e cambalear, parecendo uma tonelada de carne de cavalo irritada.

— Você está fazendo cócegas nele! — Matthew gritou. — Afrouxe seus calcanhares.

— Fácil para você dizer! Você tem estribos!

No final, ela deslizou, aterrissou com um baque e sentou-se, olhando para ele.

— Você poderia ter pedido. Eu provavelmente teria dito sim, mas era minha, não sua. — Matthew permaneceu montado, sem responder.

— Eu disse que você poderia ter perguntado.

— Eu te ouvi.

— Bem, então por que você não responde? Você não tinha o direito de vendê-la, ouviu? Era minha, porra! — Ela chutou na direção do cavalo.

— Não mais, a partir de ontem seus bens são meus para dispor como eu achar melhor.

— Fantástico, que grande começo para o nosso casamento ter você pelas minhas costas vendendo minha pulseira.

— Eu não fiz nada pelas suas costas!

— Não, você nem mesmo se incomodou em me dizer nada.

— Eu precisava do dinheiro, Alex. Você sabe disso.

Ele precisava do dinheiro para voltar para casa em grande estilo. Boas calças largas, camisa nova de linho sob um casaco verde-escuro curto, com mangas largas exibindo os babados da camisa e um cavalo gigantesco. Feio, um enorme cavalo feio chamado Samson com cascos que você poderia usar como prato de sopa. Ela, por outro lado, parecia um rato da igreja. Saia marrom, corpete marrom e ainda sem sapatos.

— Você ainda deveria ter perguntado; eu teria dito sim. — Ela se levantou e o ignorou quando ele se abaixou para ajudá-la a voltar. — Eu vou andar, não sinto vontade de andar no *meu* cavalo. — Ela partiu em um ritmo acelerado no que presumiu ser a direção certa.

— Alex! — Ele girou o cavalo ao redor dela, forçando-a a parar. — Suba. É um longo caminho a percorrer.

— Não, mas não se preocupe comigo, por que você não galopa por aí ou algo assim para que possa ostentar seu cavalo chamativo? Desculpe, *meu* cavalo chamativo, para seus inquilinos rastejantes. Deus nos ajude se o mestre que regressa fosse aparecer a pé e com roupas usadas, certo?

Ele corou, virou o cavalo e enfiou os calcanhares, deixando-a para assistir enquanto ele levantava uma nuvem de poeira em seu rastro.

— Bastardo, idiota, maldito, maldito homem. — Ele foi embora, desapareceu de vista, e ela estava cegamente irritada com ele. Ele esperava que ela o seguisse, como um cachorrinho obediente? “Obedecer o cacete”, disse ela, e saiu da estrada e foi para a grama.

Ela caminhou por algum tempo, presumindo que ele logo voltaria, mas quando o sol estava começando a mergulhar atrás das árvores, e ele ainda não tinha aparecido, ela estava à beira das lágrimas.

— Que porra eu estou fazendo? Por que eu fiz algo tão estúpido quanto me casar com aquele... aquele... idiota antiquado? — E por que ele estava fazendo isso com ela, de novo? Ele prometeu que não iria sumir, e então ele apenas o fez. Ela sentiu um pequeno sobressalto de medo. Talvez ele tenha se machucado, sido atacado por homens da estrada, e nesse momento estivesse deitado sangrando em uma vala sem casaco, cavalo e bolsa.



ELE NÃO ESTAVA, e um momento depois ele veio trotando pela estrada e foi até onde ela havia se sentado, na sombra. Ele podia ver que ela estava zangada e magoada pelo modo como se recusava a encontrar os olhos dele, ou de alguma forma reconhecia que ele estava lá, e ele suspirou por dentro.

A cada milha que ele chegou mais perto de casa, ele estava começando a questionar a sabedoria em se casar com essa mulher estranha. Ele poderia ter oferecido a ela a segurança de sua casa sem se comprometer com ela, e esses pensamentos mesquinhos o deixaram com uma profunda sensação de vergonha. Ele dormiu com ela, prometeu que a amaria e ele amava, apenas vê-la sentada na grama deu a ele essa certeza, mas ainda assim... ela seria a esposa de que ele precisava? Ele não conseguia imaginá-la fazendo as rondas dos chalés dos inquilinos, como a mãe fizera, e ela não tinha nenhuma das habilidades ou experiência necessárias para administrar uma casa do tamanho de Hillview.

Envergonhou-o ainda mais que ela estivesse certa em suas acusações. Ele queria montar em um bom cavalo e em roupas novas, um escudo contra todos os comentários sussurrados e olhares suspeitos que ele tinha certeza que encontraria.

Ele parou Samson e olhou para ela, pensando que ela era a coisa mais linda que ele já tinha visto, rosada de raiva e com pés sujos e empoeirados. Ele deveria ter comprado algo novo para ela também, até mesmo havia tocado em um xale macio bordado em azul e verde, mas ele se ressentiria em usar o dinheiro para comprar presentes para ela. Não para comprar coisas para si mesmo... Hora de rastejar, decidiu, e deixou o cavalo para se sentar ao lado dela.

— Você está certa, eu deveria ter perguntado.

— Muito certo, você deveria. — Ela levantou o rosto para ele, e ele viu tal decepção nele que se encolheu. — Você prometeu — disse ela, não permitindo que ele baixasse o olhar. — Você jurou que nunca ia desistir e me deixar sozinha de novo.

Não havia outra palavra para isso; ele se contorceu.

— Eu não fui longe, não muito longe.

Ela o perfurou com os olhos.

— Eu não sabia disso, sabia? Você me fez sentir abandonada, quando você me prometeu que nunca faria de novo. — Ela suspirou e desviou o olhar. — E você faz isso de propósito.

Não havia nada que ele pudesse dizer, porque ela estava certa. Ele sabia, no momento em que estimulou Samson, que a assustaria vê-lo ir embora, e o pensamento de sua dependência dele o emocionava. Isso a deixava fraca onde ele era forte, e ele podia escolher protegê-la do medo de perdê-lo ou não como lhe agradasse.

— Alex. — Ele se ajoelhou na frente dela. Ela não levantava o rosto, mas manteve o olhar nos seixos que estava rolando na palma da mão. Ele puxou o cabelo dela até que ela levantou os olhos. Tão azuis, ele pensou, como Miosótis ao anoitecer. — Hoje já passaram trinta e três dias desde que você caiu na minha vida e não consigo mais imaginar uma vida sem você. E é o mesmo para você, não é?

Ela assentiu com relutância.

— Então, quando a raiva me atinge, quando eu faço o que acabei de fazer, como você pode duvidar que eu voltarei para você?

— Você não teve pressa de voltar — disse ela, uma leve oscilação em sua voz. Ele se inclinou para frente e a beijou, a língua cintilando por um instante contra a dela antes de se sentar.

— Eu sou como um pombo-correio e você é meu pombal. Sem você, eu ficaria sem lar, então, aonde quer que eu vá, mesmo que por muito tempo, sempre voltarei. Sempre, ouviu? — Ele sorriu para as ondas de rosa que lavaram suas bochechas e estendeu a mão para ela. — Agora; vamos pegar seu cavalo e ir para casa.

Ele a colocou na frente dele desta vez, e enquanto subia o último trecho, sua mão deslizou para baixo para segurá-la perto, um arrepio nervoso subindo por sua espinha. Ela gostaria disso? Hillview pareceria o paraíso para ela, para ele? Ele cutucou Samson por cima e soltou sua respiração na visão que se abria diante dele.

O pequeno vale estava banhado pelo sol da tarde, a luz dourada dançou sobre a grama úmida e cintilou nos telhados de telhas. As colheitas estavam na maior parte, os campos desnudados cobertos de manchas escuras contra o verde dos prados inclinados. A cevada tardia ainda estava da altura de um homem, e em um dos campos de milho mais próximos, Robbie carregava feixes sobre o carrinho.

Os estábulos, o celeiro, estavam exatamente como estavam quando os viu pela última vez, naquele dia em que foi arrastado para julgamento por algo que não havia feito. Alguém havia pintado as portas do estábulo e o galinheiro tinha sido folheado, com as telhas de madeira ainda verdes esbranquiçadas.

Ele guardou o momento para o final, e então finalmente se virou para olhar para sua casa. O orgulho percorreu suas veias ao ver o prédio de dois andares, uma grande casa moderna construída por sua avó pouco antes da Guerra dos Bispos. Seu olhar voou sobre as paredes de pedra desgastadas, o telhado de ardósia com duas chaminés, uma em cada extremidade. Ele ouviu um grito surpreso, e lá na porta estava a Sra. Brodie. Ele suspirou; ele esperava que Joan estivesse ali para recebê-los, mas ela estava hospedada com seus primos Graham, ajudando a tia Moira, que estava doente.



ALEX NÃO DISSE UMA PALAVRA, absorvendo seu mundo, sua casa. Ela inspirou. Havia um cheiro forte de esterco, um homem saiu do estábulo, empurrou um carrinho de mão cheio do que ela supôs ser palha suja e jogou-o numa pilha ao lado. Uma nuvem de moscas zumbiu, mas se assentou com a mesma rapidez.

Ela esperava que Matthew não perguntasse o que ela pensava, porque agora ela não fazia ideia. Era muito menor do que imaginava em suas descrições, a casa principal não era muito mais do que um chalé de tamanho normal em seus dias. Bem, talvez um pouco maior, ela admitiu, mas de jeito nenhum perto da mansão enxaimel de Tudor que ela imaginou. Houve uma explosão de pessoas saindo de portas, mulheres e homens se reuniram em frente à entrada principal, e o aperto de Matthew sobre ela se contraiu antes de dar uma palmada em Samson.

Ela os contou quando se aproximaram; quatro homens — um não mais que um menino e um positivamente velho — três mulheres e duas meninas. Houve absoluto silêncio enquanto Matthew segurava em Samson, todos os olhos grudados em Alex, um sussurro espantado voando entre as mulheres antes que elas voltassem a encará-la. Alex não queria sair do cavalo, incomodada com esse escrutínio, e considerou puxar as rédeas para girá-lo e de alguma forma ir embora, mas Matthew a depositou no chão e desmontou, uma mão imediatamente em sua cintura.

Sua mão tremia onde estava, e Alex de repente entendeu sua necessidade de cavalo e roupas, como era importante para ele voltar como um aparente proprietário de terras, não um criminoso condenado. Ela se aproximou dele em uma tentativa de dar-lhe

segurança, querendo muito pegar sua mão, porque apenas a sensação disso iria impedir que seu coração batesse como um tambor de selva dentro de seu peito. Como ele não fez nenhum movimento para tomar a dela, ela supôs que não era comum ter homens de pé de mãos dadas com suas esposas em público.

— Sra. Brodie. — Matthew inclinou a cabeça. — Ewan, Sam. — Resmungadas curtas, um arrastar de pés em geral. Isso deixou Matthew nervoso, e ele estudou os rostos reunidos, imaginando qual deles iria correr como uma lebre para avisar Luke que ele estava de volta. Ele limpou a garganta e chamou Alex para frente. — Posso apresentar minha esposa, então? Alexandra, Sra. Matthew Graham.

— Olá — Alex disse brilhantemente —, prazer em conhecê-los. — Ela exagerou seu sotaque estranho, e fez Matthew reprimir um sorriso ao ver a reação surpresa da Sra. Brodie. Mas pelo menos eles estavam sorrindo agora, uma conversa rápida enquanto inspecionavam sua esposa, expressões se suavizando enquanto olhavam dela para ele e para ela novamente.

— Bem-vindo à casa, mestre — disse a Sra. Brodie —, já faz tempo demais.

— Sim, tempo demais. — Matthew virou-se para a colina. Ele estava cheio de um desejo infantil de abrir bem os braços e correr pela floresta, mas, em vez disso, ofereceu a Alex seu braço e levou-a para dentro.

Matthew não tinha certeza se queria levar sua nova esposa para a cama no mesmo quarto em que ele havia sido cruelmente enganado por sua primeira esposa, mas, no caso ele não teve escolha, e naquela noite a Sra. Brodie conduziu os dois ao quarto principal com uma expressão satisfeita no rosto.

O colchão de penas tinha sido arejado e revirado, lençóis limpos trazidos do armário, e Rosie colocara as almofadas nos aconchegantes montes brancos, dando aos colchões um discreto movimento para limpá-los de um pouco do pó acumulado.

— O senhor vai querer mais alguma coisa? — perguntou a Sra. Brodie, com o olho de águia varrendo o cômodo para se certificar de que havia velas, toalhas e água.

— Não, está tudo bem — disse Matthew, fechando a porta em seu rastro.

Ele ficou de lado e observou enquanto Alex passeava em volta do quarto de dormir. Passou os dedos pelo peito de mula, esfregou um dos dois candelabros de estanho e ficou um pouco nervosa ao ver o penico. Foi até a janelinha, inspecionou o jarro e a bacia, deu uma volta lenta na cama e sentou-se, a mão deslizando sobre o brilho suave dos lençóis gastos de linho. Ela pulou para cima e para baixo algumas vezes, fazendo o quadro da corda estalar.

— É muito estreita.

— É? — Matthew balançou a cabeça. Aquela era a maior cama da casa, com pouco mais de um metro e meio de largura. Pendurou as calças em um dos cabides, pendurou as meias sobre o banquinho e deu um passo hesitante na direção da cama, todo ele dominado por imagens de um longo dia de abril. Algo deve ter aparecido em seu rosto, porque Alex se levantou e foi até ele, sobrancelhas franzidas em uma expressão preocupada.

— É onde eles... — Ela limpou a garganta. — Você sabe, onde você encontrou Margaret e Luke?

— Sim, esta é a cama onde fui concebido, onde nasci. É a cama onde eu dormi com minha esposa e pensei ter concebido meu filho, exceto que não aconteceu, não é? Em vez disso, fui traído nela. — Ele olhou para a cama com desgosto.

— Nós poderíamos queimá-la.

— Queimá-la? É uma boa cama.

— Sim, mas se você está desconfortável em dormir nela...

— Não é culpa da cama — ele a interrompeu.

Ele não falou enquanto ajudava Alex a desamarrar o vestido, observando-a enquanto ela pendurava as roupas e ia se lavar. Por um instante, imaginou-a, Margaret, e só quando ela se virou, com o cabelo curto em volta da cabeça, relaxou na certeza de que era Alex, sua Alex. Ainda assim, ele recuou, relutante em cruzar os poucos metros que o separavam da cama.

— Eu não mordo, lembra? — Alex se recostou contra os travesseiros e sorriu. — Bem; a menos que você queira, claro.

Isso o fez rir, e ele afastou resolutamente todas as lembranças de Margaret e foi se juntar à sua esposa na cama.



HECTOR VOMITOU, limpou a boca e recostou-se.

— Sinto muito — ele disse, o que era inadequado e desnecessário, já que Diego estava morto como uma rocha. Mas alguém tinha tido tempo para enterrá-lo, arrastá-lo para este lugar de descanso raso atrás dos arbustos. Muito raso, não o suficiente para disfarçar o cheiro de podridão. O que, apesar de tudo, era bom, porque, senão, como ele o teria encontrado?

Ele foi inundado por um surto de raiva. Se Diego não tivesse procurado pela mulher Lind, ele estaria seguro em Chicago. O pensamento o deixou em paz. Ela poderia estar ali também? Bem, por que não? Eles desapareceram no mesmo lugar, no mesmo dia e devido ao mesmo fenômeno climático. Não era necessário um gigantesco salto de imaginação para supor que eles acabaram no mesmo período.

Ele ficou; não tinha uma ideia clara de onde estava, mas ao longe conseguia distinguir um amontoado de casas e supunha que seria a coisa mais próxima de uma cidade que encontraria. Precisava de fundos, roupas e cigarros. Ele riu, estudando seus dedos trêmulos. Talvez ele pudesse encontrar algum tabaco pelo menos. E talvez pudesse encontrar Alexandra Lind.

Ele suspirou. Então encontraria Alexandra e depois o quê? O ajudaria de alguma forma? Pelo menos ela poderia dizer a ele o que a mãe dela fez para desaparecer tão completamente três anos atrás. E se ela não quisesse... bem, ele tinha maneiras de ser mais persuasivo quando precisava, então a faria contar a verdade em questão de minutos. O pensamento enviou um pequeno frisson pela sua espinha. Ele gostava de fazer as pessoas falarem.

Ele estendeu os braços. Seu corpo estava mudando, a pele macia e bronzeada se enrugando a um ritmo preocupante, como se esta última queda no tempo tivesse liberado um agente de envelhecimento anteriormente mantido à distância. Ele virou as mãos para um lado e para o outro. Para um homem chegando aos cento e dez, ele estava em boa forma, ele se confortou. Ele cerrou os punhos. Não estava certo! Não deveria estar ali, deveria estar morto e enterrado em Sevilha, e tudo isso, sim, porra, tudo isso era culpa de Mercedes. E se ele não pudesse fazê-la pagar, bem, então talvez ele pudesse se divertir com sua filha. Os dedos de Hector se curvaram em antecipação. Afinal, a Bíblia não afirma que os pecados dos pais recaem sobre os filhos?

Os dias seguintes foram muito confusos. Alex acordou na primeira manhã com a cama vazia, sem Matthew, e quando ela desceu para a cozinha, com os olhos encrostados de tanto sono, foi recebida com uma desaprovação silenciosa da Sra. Brodie e Rosie.

— Eu não sabia que havia algum tipo de décimo primeiro mandamento, não dormirás até tarde — brincou ela durante um breve passeio com Matthew. — Alguém poderia pensar que eu era no mínimo uma das prostitutas da Babilônia pelo olhar que eles me deram.

Ele riu, assegurando-lhe que no futuro se certificaria de que ela estivesse bem e verdadeiramente acordada antes que ele a deixasse. Isso soou promissor, e ela tentou parecer alegre enquanto ele corria de volta para o celeiro.

Alex nunca se sentiu tão fora de lugar em toda a sua vida. As diferenças entre essa época e a dela eram muito mais evidentes ali, em uma casa funcional, do que na charneca, quando eram apenas Matthew e ela, afinal de contas, caminhar e acampar não mudaram de muitas maneiras ao longo dos anos. Mas ali... todas essas pessoas, todas esperando que ela soubesse o que fazer e como.

Ela estava submersa em perguntas, do que ela queria para o jantar se achava que deviam abater o porco agora. Como ela deveria saber? Ela não fazia ideia, nunca havia descascado ervilhas, nunca torcera o pescoço de uma galinha e, enquanto vagava pela nova casa, começou a perceber que tinha uma subida imensa à sua frente.

Os armários de linho foram abertos para sua inspeção, e ela não tinha certeza se o que estava vendo era bom ou ruim. Tudo o que viu foram fileiras e mais fileiras de lençóis cuidadosamente empilhados, fronhas bordadas e pilhas de toalhas de linho dobradas.

— Sachês de lavanda — disse ela, precisando fazer algum comentário. — Eu gosto de sentir o cheiro da lavanda no linho. — A Sra. Brodie franziu a boca, mas assentiu e prometeu que iria ver.

A casa estava moderadamente limpa, mas Alex franziu a testa para a poeira dos rodapés e olhou para os cantos, fazendo Rosie corar e murmurar alguma coisa sobre ser apenas uma, sim, e era uma casa grande.

— Hmm — Alex disse em um tom que fez a Sra. Brodie lançar uma

carranca preta para Rosie antes de assegurar a Alex que todos os assoalhos seriam cuidadosamente esfregados na próxima semana.

Com um suspiro interno, Alex se perguntou quando sua cunhada apareceria, porque tinha certeza de que Joan sabia como administrar essa casa e talvez pudesse ensiná-la.

Era um mundinho segregado. Os trabalhadores da fazenda eram bem-vindos a entrar na cozinha, a sentar-se na mesa de cavaletes, rindo e brincando com a Sra. Brodie e as duas criadas. Se fosse necessário, eles iriam encontrar o mestre em seu escritório, uma pequena sala ao lado do salão principal, onde Matthew, assim como seu pai, agora tinha que lutar com suas contas. Mas nenhum dos homens jamais entrou na sala de estar ou se aventurou no andar de cima. A Sra. Brodie e Rosie, é claro, iam para todo lado, mas batiam antes de entrar, e Rosie se afastava como um rato, se Alex entrasse em uma sala.

— Eu não acho que ela me entende — Alex disse a Matthew. — Ela só olha para mim com os enormes olhos de vaca dela.

— Ela entende você, mas pode ser um pouco tímida.

— Certo. — Ela não ia dizer a ele que suspeitava muito que Sra. Brodie de propósito falasse um sotaque quase ininteligível, nem pretendia compartilhar todos aqueles momentos em que ela estava certa de que todos estavam rindo dela pelas costas.

Em vez disso, perseverou, sorrindo para eles, conversando teimosamente com Rosie e Sam, a Sra. Brodie e Gavin, um garoto meio crescido que não faria mais que acenar com a cabeça, sacudi-la em resposta ou fugir quando a visse se aproximar.

Sempre que Alex entrava na cozinha, um silêncio da espessura de uma pelagem de urso descia até que ela saísse novamente. Ela ficava no corredor e ouvia a conversa e as brincadeiras, e se sentia mais solitária do que jamais sentira antes.

Ela se alegrou quando viu os pomares. Essa era uma área que ela conhecia, tendo passado vários verões com sua avó amorosa, quando criança.

— Compota de maçã e talvez anéis de maçã secos. — Essa era uma novidade que ela podia ver. — Nós os fazemos na Suécia, você descasca e recheia as maçãs, corta-as bem finas e pendura-as para secar.

— Essas maçãs usamos para cidra e maçãs de inverno — informou a Sra. Brodie, parecendo pouco impressionada com frutas secas e molho de maçã.

— Algumas nós vamos usar para anéis de maçã — disse Alex, precisando desta pequena vitória para confirmar que ela não era apenas nominalmente a dona da casa.

A Sra. Brodie fez um pequeno som gutural, mas desistiu de outros

comentários, pelo menos para ela. Aparentemente, ela decidiu que o mestre precisava ser informado sobre as ideias extravagantes de sua esposa, e mais tarde naquele dia, Matthew caminhou até onde Alex estava sentado em um raio de sol e caiu ao lado dela.

— Anéis de maçã?

— Sim. Anéis de maçã.

Ele sorriu e beijou-a na bochecha.

— OK.

Quando Matthew chegou, à noite, Alex estava exausta depois de passar um dia em uma guerra de trincheiras silenciosa, e tudo o que ela queria fazer era se enrolar no colo dele e chorar, porque como ela iria se enturmar ou se adaptar? Mas ela não deixou transparecer; Ele estava tão feliz por estar ali, e seus olhos brilharam durante o jantar quando ele contou a ela sobre este ou aquele inquilino e quão bonito o bezerro era, e ela sabia que sua égua favorita ainda estava ali?

Ele adormeceu no momento em que sua cabeça tocou o travesseiro, uma das mãos na cintura de Alex, e ao lado dele ela se virou e ficou olhando durante horas para a escuridão enquanto sua cabeça zumbia com imagens confusas de sua vida perdida e de sua existência nova e desconhecida.

Ela estava inundada de saudade de casa, enfiou o travesseiro na boca para abafar seus soluços. Não pertencia àquele lugar. Ela ansiava por dias no escritório, noites com John e domingos com o pai, refeições de lazer, bons vinhos e conversas sobre outras coisas, além do clima e dos malditos animais, coisas como política e negócios, fofocas casuais sobre o mais recente escândalo, dicas sobre filmes para ver.



MATTHEW não se sentia vivo assim há anos. Ele pulava de manhã para se apressar e supervisionar o trabalho do dia, sem perceber como as coisas eram difíceis para Alex. Ou melhor, ele sabia, mas esperava que ela conseguisse sozinha.

Ele sentou-se no telhado do celeiro e consertou-o, e quando ergueu o olhar para a trave mais próxima, encheu-se de uma nuvem ondulante de felicidade por estar de volta aonde ele pertencia. Às vezes ele corria colina acima em direção ao pântano, esquivando-se entre mudas de carvalho e amieiro, e quando estava longe o suficiente da casa, jogava-se na grama desbotada e se deitava de pernas abertas com o olhar perdido no chão, com um azul profundo acima. Ele sentiu o mundo girar abaixo dele, seu sangue subiu e rugiu em seus ouvidos, e todo ele se arrepiou e cantou com a alegria de estar vivo.

Ele acordou cedo no domingo em um quarto que estava nebuloso

com a luz suave do amanhecer e um galo que ansiava por atenção. Matthew se virou e sorriu quando viu Alex ao lado dele, suas costas curvas para ele. Sua esposa. Além daquela primeira noite, ele não tinha dormido com ela desde que chegaram ali, exausto depois de passar os dias em três anos perdidos, e agora ele se contorcia em torno dela. Ela grunhiu e se afastou, em um claro “agora não”. Ele a puxou de volta.

— Uh. — Ela soou muito irritada, as sobrançelas se juntando em uma carranca. Ele começou a tirar a camisola do caminho. — Matthew, eu quero dormir.

— Bem, eu não. — Ele flexionou contra ela e ela tentou se afastar. Ele a virou de costas, e seus olhos se abriram, duas fendas azuis olhando para ele. Ele se deitou em cima dela, pressionando seu pênis endurecido contra o calor suave de sua barriga descoberta.

— Saia, não estou com vontade.

— Eu estou. Você é minha esposa e há algumas coisas que minha esposa não faz.

— Como o quê? Dormir até tarde?

— Sim, isso também, mas não é disso que estamos falando, é?

Ele levantou-se para desfazer os fechos da camisa dela, pegando os seios nas mãos. Ele segurou um e apertou, um pouco demais, fazendo-a assobiar de surpresa e tentar se afastar dele. Ele a segurou e estudou seu rosto, sua mão ainda segurando seu seio.

— Ela não diz não. Quando eu venho com minha necessidade, minha esposa não me manda embora. Nunca mais.

— Mas...

Ele a beijou em silêncio.

— Sem mas, sem mas, de jeito nenhum.

Ela balançou a cabeça e tentou se sentar, ele agarrou-a pelos ombros e a segurou. Vamos lá, ele pediu a ela sem palavras, venha e lute. Então ela o fez, seus olhos cuspindo chamas, e ele segurou seus pulsos. Não havia como ela vencer, mas ela tentou de qualquer maneira, uma luta silenciosa que terminou com ela ainda deitada e ofegante debaixo dele.

Ele a beijou, sua língua seguindo o contorno do lábio superior. Ela tentou dizer alguma coisa, mas ele não estava com disposição para falar, então, em vez disso, ele a beijou até que ela abriu a boca para ele e o beijou de volta. Ele passou os dedos sobre o peito dela, pelo flanco, deslizou a mão por baixo da cintura dela e segurou-a presa contra a cama pelo seu peso e força.

Ela colocou as mãos no peito dele e empurrou, mas foi um empurrão sem entusiasmo, uma resistência simbólica, não mais. Ele a beijou novamente, um beijo que tinha muito pouco a ver com gentileza ou corte, muito mais com a necessidade de mostrar a ela

quem ele era, e quem ela era, sua mulher.

— Então, eu preciso de você, Alex. — Ele moveu seus quadris, não uma pergunta, mas uma demanda, e ela franziu o cenho para ele. Matthew roçou o nariz contra o dela, sua perna já se encravando entre as dela. — Eu preciso tanto de você, muito. — Seu tom suavizou seu rosto e quando ele se pressionou contra ela novamente, ela alargou suas coxas.

Algun tempo depois, ele rolou para o lado, soltando-a. Ela saiu da cama e ele se apoiou no braço para observá-la enquanto ela se lavava e se vestia. Ela levou o tempo que precisava, jogando-lhe o olhar ocasional sobre o ombro, e ele esperou até que ela estivesse quase pronta antes de acenar para ela ir até ele.

— Tire, tire e volte para a cama, esposa.

— Vai sonhando — disse ela, e quando ele se levantou da cama, ela gritou, rindo quando ele a agarrou, a despiu.

— Funciona nos dois sentidos? — Alex perguntou quando ela terminou de se vestir pela segunda vez naquela manhã. Ela vestiu suas meias e as arrumou antes de procurar por seus sapatos.

— Hmm? — Matthew olhou para cima de sua camisa.

— Você me ouviu.

— Claro que sim — ele disse seriamente.

— Bom, eu vou te cobrar. — Havia um brilho desafiador em seus olhos quando ela passou por ele, e os dedos de Matthew se curvaram em antecipação.



DEPOIS DE SE VESTIR, Matthew foi se juntar à sua esposa na cozinha, fazendo um desvio pelo escritório para pegar sua Bíblia. Ela deu-lhe um olhar surpreso quando ele se sentou à mesa, folheando as Escrituras Sagradas com uma das mãos enquanto se alimentava com a outra.

— Eu tenho que escolher um texto — disse ele —, a família estará aqui dentro de uma hora para me ouvir ler.

— Ouvir você ler? — Ela bocejou, sentando-se contra a parede.

— Sim, eu leio, oramos e talvez cantemos um salmo ou dois.

— O quê? Todos os domingos? — Alex parecia hesitante.

— A família espera isso e é importante. Que dia melhor para ler e refletir sobre a palavra de Deus do que em Seu dia de descanso?

— Ah — Alex assentiu.

— Isso é novidade para você então, madame? — a Sra. Brodie interrompeu de onde estava na lareira.

— Novo? O que você quer dizer...

— Bem, não se estuda as Escrituras Sagradas de onde você vem?

— Claro que sim — Alex disse, parecendo bastante indignada. Isso fez Matthew morder de volta um sorriso.

— Isso é bom — a Sra. Brodie assentiu. — E que texto você estaria querendo que o mestre nos lesse, então? Eu ousou dizer que ele alegremente deixou você escolher, já que este é o seu primeiro domingo aqui. — Ela se endireitou e ajustou sua touca de linho.

Matthew a olhou com irritação. A Sra. Brodie tinha o instinto de um cão de caça quando se tratava de fraqueza nos outros, e havia uma expressão de expectativa no rosto dela quando ela se inclinou para Alex. Sua esposa, no entanto, surpreendeu-o. Ela se levantou, alisou as saias e deu um sorriso à senhora Brodie que beirava a glacial.

— Pois é, Sra. Brodie, mas acho que gostaria que ele escolhesse. Como esposa, devo me submeter ao julgamento dele. — Com um breve aceno, ela escapou para fora.



MAIS TARDE NAQUELA tarde de domingo, Matthew foi à procura de Alex. Ele a viu subir a colina depois do jantar, e uma vez que chegou ao topo, encontrou-a sentada em um pequeno afloramento de pedra, bem na borda da charneca.

— Linda, não é? — ela disse sem se virar. Ela estava chorando, a pele embaixo dos olhos inchada e vermelha.

— Qual é o problema?

— Ah, você sabe; um daqueles dias. — Ela levantou os joelhos e apoiou o queixo neles. — Eu sinto falta da minha casa.

— Você está em casa.

— Okay, certo; você sabe o que eu quero dizer, não é? — Ela suspirou. — É... eu não sei. Eu me sinto totalmente inútil, e sempre que eu pergunto alguma coisa, a vaca... a Sra. Brodie, eu digo, fareja e diz que não está acostumada a ter que ensinar tudo à professora. E ela está certa. Eu não sei ordenhar nem destripar um porco, eu nunca cozinhei em fogo aberto, eu nem conheço a maldita Bíblia!

Ele franziu a testa.

— Você não deve se referir à Bíblia assim. É uma blasfêmia.

— Viu? Até você acha que sou estranha.

— Você é estranha. Mas aprenderá, todas essas coisas que parecem novas para você agora, você dominará com o tempo.

— Talvez. Mas eu não tenho certeza se quero mesmo. — Ela coçou a cabeça. — Estou acostumada a outra vida. E hoje, bem, hoje sinto falta disso. Eu quero ir para casa, eu quero... — Ela se interrompeu.

— É ele? É de John que você está sentindo falta? — Ele tentou parecer relaxado.

— Ele também. — Ela deu-lhe um olhar muito azul.

— Então, se você pudesse, você voltaria? Se uma porta através do tempo se abrisse aqui, agora, você passaria por ela? — E quanto a ele? Ela apenas o deixaria? Mergulharia de volta na solidão?

— Não há porta.

— Mas se houvesse, o que você faria? — Ele estava perto o suficiente para que pudesse sentir suas exalações em seu rosto, ver as marcas de lágrimas em suas bochechas.

— Eu não sei — ela sussurrou. Ele recuou, ela agarrou a mão dele. — Eu não sei. Mas acho que, se eu passasse por aquela porta, passaria o resto da minha vida sentindo sua falta. Isso é que é estar dividida, hein?

Algo cresceu dentro dele, uma sensação de vibração que subiu de seu intestino para agradar seu esôfago e explodir como um sorriso no rosto.

Eles fizeram o longo caminho de volta, Matthew apontando e explicando enquanto a levava por todas as terras. De vez em quando ele parava por uma palavra ou duas com um de seus inquilinos, notando com um pequeno sorriso como todos olhavam para Alex. Bem, ela era linda, esposa dele, e quando sorria e ria era difícil não rir com ela.

Ele desviou através do cemitério, e Alex ajudou-o a escovar os túmulos livres de folhas e detritos.

— Ela morreu enquanto você estava na prisão? — Ela deu um tapinha na lápide da mãe dele.

— Sim. Do pulmão e pesar, ao ver seu filho mais velho traído pelo mais novo. Eu gostaria de ter estado aqui para ela, fomos muito próximos, minha mãe e eu.

Alex pegou a mão dele.

— Ela sabia o porquê.

Ele apenas balançou a cabeça, não confiando em si mesmo para falar. Ele tossiu, colocou uma rosa atrasada em seu túmulo e liderou o caminho em direção aos prados de água.

— Por que não estamos indo para lá? — Alex indicou a pequena cabana que ficava meio escondida no alto da colina. Matthew alongou o passo e sacudiu a cabeça. — É sua, não é?

— Sim, mas não tenho interesse em conhecer aquele inquilino em particular.

— Por que você não o expulsa, se não gosta dele?

— Não é dele, é dela. Eu não poderia simplesmente jogá-los fora — disse ele defensivamente. — Teria sido cruel para o bebê. E ela não tem outra família.

Alex parou.

— Você está me dizendo que sua ex-mulher está morando aqui?

— Sim — ele grunhiu.

— Mas por que você não me disse antes?

Matthew encolheu os ombros.

— Eu esqueci. — Ele pegou a mão dela e puxou-a de volta. — Eu não quero que você passe tempo com ela.

— Bem, eu também não quero, então tudo bem então, não é?

“E Luke?”, ela perguntou um pouco mais tarde. — Ele está aqui também?

— Não, se ele sabe o que é melhor para ele. — Matthew cuspiu para limpar a boca do gosto amargo que o nome de seu irmão sempre deixava em seu rastro.

O ministro Crombie cavalgou a pequena colina pela viela numa manhã de terça-feira, uma expressão um tanto atormentada no rosto.

— Estou lhe dizendo — disse ele a Matthew alguns minutos depois. — É uma época agitada em que estamos vivendo.

— Oh, sim; fora toda a minha vida.

O ministro Crombie assentiu, parecendo muito austero.

— Mas agora tudo mudou para pior. O Protetor morto e enterrado, e Charles Stuart avançou seu caminho para cada vez mais perto do trono. De qualquer forma, eu não montei todo o caminho até aqui apenas para uma discussão política. Eu vim para avisá-lo.

— Ah.

— Eles encontraram o corpo do homem que enforcaram — disse o ministro Crombie. — Alguma alma bem-intencionada o cortou e o enterrou. Então agora eles sabem.

— Quem sabe o quê?

— A guarnição local — disse o ministro Crombie. — Eles sabem que o homem morto não era você.

— Eles sabem? Quem contou a eles?

— Eles transportaram os restos. — O ministro Crombie pareceu bastante doente com o pensamento. — E várias pessoas se adiantaram para jurar que não era você. — Ele lançou um olhar preocupado para Matthew. — Amigos de Luke, a maioria deles. — Ele suspirou e balançou a cabeça. — Fique longe de Cumnock e fique esperto. É apenas uma questão de tempo antes de eles virem procurar.

O ministro Crombie recusou o convite de Matthew para jantar, repetiu sua advertência para ser cuidadoso e sentou-se em seu cavalo, murmurando alguma coisa sobre precisar voltar às pressas para Cumnock.

Matthew o conduziu pela estrada, apertou as mãos e recuou, imerso em pensamentos. Levou algum tempo para ele reagir ao ouvir seu nome ser chamado, e ainda mais para reconhecer a voz, mas, assim que o fez, abriu um sorriso enorme, e depois de ajudá-la a desmontar, arrastou Joan para um abraço selvagem.

— Solte-me — ela protestou, meio rindo, meio chorando. Matthew obedeceu, firmando-a no último momento para evitar que ela caísse de joelhos. Eles ficaram face a face e a exuberância se esvaiu,

deixando-os graves e tristes.

— Três anos... — Joan levantou uma das mãos enluvadas para o rosto dele. — O que aconteceu? — Ela correu um dedo sobre a cicatriz que dividiu sua testa e continuou como um sulco raso abaixo do oco de seu olho.

— Chicote — Ele sacudiu a cabeça para fora do seu alcance. — Mamãe? Foi ruim para ela no final?

— Foi terrível. E então havia você e Luke... ela nunca falou com ele depois do seu julgamento. Margaret tentou; várias vezes ela veio, mas mamãe se recusou a vê-la.

Matthew olhou para ela, surpreso.

— Margaret? Ela veio?

Joan assentiu.

— Eu acho que ela estava com vergonha. Ela jurou que não tinha ideia do que Luke estava planejando, mas eu não tenho certeza se acredito nela... sempre uma mentirosa, nossa Margaret. — Ela deu um tapinha no braço dele. — Eu sinto muito que não havia alternativa a não ser ela ficar.

Matthew encolheu os ombros. Ele estava desconfortável com Margaret vivendo tão perto, ainda mais porque, razoavelmente, significava que Luke estava por ali se esquivando também, mas tinha sido decisão dele, não de Joan, oferecer a Margaret algum lugar para morar, quando seu irmão imprestável não pôde.

Às vezes ele se perguntava que tipo de homem Luke teria sido, se o pai não o tivesse expulsado todos aqueles anos atrás. De alguma forma, ele o havia entortado, e o impetuoso rapaz de fogo endureceu e se tornou um jovem amargo e com rancor, fervendo de raiva que às vezes ele simplesmente não conseguia controlar. Sua mandíbula se apertou; Luke não merecia compreensão.

— Eles se casaram? — ele disse, apontando para Gavin pegar a água de Joan.

— Você se importa?

— Não — ele mentiu. — Com o menino, sim, mas com eles, não.

Joan entrou em sintonia com ele, e ele juntou as mãos nas costas, caminhando em direção à casa. Ela olhou para ele novamente, parou-o e passou a mão pelo rosto dele. Ele riu, envergonhado, e se desviou do toque dela.

— Eu não sou nenhum fantasma, Joan... então — ele repetiu. — Eles estão casados?

— Sim.

Era estranho que isso doesse tanto. Ele não a queria de volta, mas havia um elemento de injustiça nisso tudo que o deixava furioso. Deus deveria tê-los castigado, não abençoado sua união adúltera.

Joan parou quando Alex apareceu na porta. Ela ficou boquiaberta,

piscou e girou a cara para Matthew.

— Ela sabe?

— Sabe o quê?

Ela bufou.

— Você sabe que ela é a cara da sua primeira esposa?

— Não, ela não é — disse Matthew, com uma vantagem. — O cabelo dela é mais claro e o queixo é quadrado, onde o de Margaret é pontudo e...

— Então você tem feito comparações — interrompeu Joan.

Ele desviou o olhar.

— Sim, eu tenho. Mas eu me importei com ela muito antes de ver a semelhança, e agora me importo com ela apesar da semelhança, não por causa disso.

— Você acha que ela acreditará nisso? Porque um dia ela conhecerá Margaret e, a menos que seja cega, também verá. E ela não vai gostar, que mulher gostaria? — Ela parou e agarrou-o pelo braço.

— Você tem que dizer a ela.

Matthew fez um gesto desesperado.

— Mas como eu faço isso?

— Eu não sei, mas faça logo.



ALEX GOSTOU IMEDIATAMENTE DE JOAN, avaliando-a em silêncio. Alta e desengonçada, Joan ultrapassava Alex por cerca de dez centímetros, pairando logo abaixo da marca dos dois metros. Olhos cinzentos largos, cabelos escuros enfiados sob um gorro de linho, e muito arrumados em uma saia cor de pomba e corpete púrpura que fazia Alex se sentir surrada em seu marrom. Ela alisou a roupa áspera de suas saias e desviou o olhar.

Joan riu e pegou a mão de Alex.

— Facilmente resolvível. Há bastante tecido nos baús. Acho que temos um verde que se transformaria em um belo corpete, e se bem me lembro, há um pedaço ou dois de tecido azul também. — Ela lançou um olhar penetrante para Alex. — A senhora Brodie não te mostrou?

— Não, suponho que deve ter se esquecido.

E, de qualquer maneira, o que ela faria com os pedaços de tecido, costurar suas próprias roupas?

— Há também alguns metros de roupa boa — continuou Joan —, o suficiente para algumas camisas para Matthew e uma ou duas mudas para você.

— Oh. — Merda. Ela mal sabia como espetar uma agulha.

— Amanhã — disse Joan. — Começamos amanhã, sim?

— Eu mal posso esperar. — Alex colou o que ela esperava parecer um sorriso entusiasmado no rosto.

Joan não só colocou Alex para costurar, ela também deu uma olhada para os cestos transbordando de roupa suja e decidiu que era hora de lavar a roupa acumulada por vários dias — isto dito com um olhar irritado na direção da Sra. Brodie.

O dia escolhido amanheceu luminoso e quente, e Alex tinha a cabeça cheia de imagens romantizadas de lavadeiras, rindo e chapinhando enquanto lavavam as roupas à beira do rio, descansando à sombra de um carvalho para um almoço descontraído.

A realidade era muito diferente. Foi um trabalho muito árduo, era o que era. Seus braços pareciam prestes a cair quando ela levantou mais um monte de linho fumegante do caldeirão de lavagem para a cesta larga ao seu lado. A pele de suas mãos estava vermelha e irritada com a soda cáustica, e ela manteve uma longa série de palavrões suecos coloridos enquanto carregava o cesto de vime até a gamela de pedra e se ajoelhava para esfregar primeiro, depois enxaguar a roupa limpa.

O quintal inteiro estava vivo com lençóis agitados, mas ainda faltavam duas ou três outras braçadeiras, e agora Alex estava pensando que ela poderia definitivamente ficar sem lençóis limpos. Inferno, ela poderia dormir no feno, em vez disso. Ela despejou balde após balde de água fria sobre os lençóis limpos, colocou a língua para fora na pilha de espera.

— Lista do dia: máquina de lavar, escova de dentes, pizza enorme, ducha quente e uma TV. E chocolate, batatas fritas com sal e vinagre e Magnus... — Ela esfregou o rosto para evitar chorar, o que só fez com que se ferroasse com soda cáustica.

Joan deu uma olhada em seus olhos avermelhados e mãos rachadas e empurrou-a para longe do caldeirão.

— Por que você não anda? Você está bem pálida.

— Eu estou quente, principalmente. — Alex tentou tirar a roupa de sua pele suada. — Mas sim, eu gostaria de uma caminhada — Ela sorriu agradecida para Joan e caminhou em direção à floresta.

Foi um alívio fugir de todos eles. Ela estava tão cansada de estar sempre em guarda, de notar quais palavras usava. No outro dia, ela havia falado sonhadoramente de chá da tarde, apenas para perceber que ninguém na sala já tinha ouvido falar desse conceito antes. E ela sentia falta de Matthew, seu tempo com ele restrito a pequenos trechos na cama antes de adormecer, desgastado depois de seus longos dias. Ela procurou algum lugar para se sentar, ciente de um peso repentino em seu corpo. Talvez ela tivesse uma infecção, porque há dias estava ridículamente cansada. Ela suspirou, inundada por um sentimento de irritação.

Ela contou os dias enquanto subia a colina e parou quando percebeu que era o começo de outubro. Ela contou novamente, e depois caiu na grama, sem se importar que estivesse molhada. Não era de se admirar que ela estivesse se sentindo tão estranha! Uma criança... Isaac! Ela não tinha pensado ativamente nele por semanas, sua existência naquela outra vida um constante atrito em seu coração que ela preferia ignorar. E agora... ela espalmou as mãos em seu umbigo. Uma criança; um bebê concebido em paixão, um filho... filha? Ela nunca se ressentiria, nunca olharia desconfiada. Oh, Deus; Isaac, não amado em seu ventre, odiado à época de seu nascimento e tão mal-vindo depois. Sua respiração veio em grandes goles, os olhos cheios de lágrimas que ela piscou de volta em seus dutos.

— Desculpe — ela disse em voz alta. — Eu sinto muito, Isaac. — Como se ele pudesse ouvi-la, como se ele se importasse, seguro em seu mundo com John e seu Offa. Ela era apenas um pouco mais periférica, agora que se fora, do que estivera enquanto estava lá, sempre mantendo uma distância emocional em relação ao menino que a cada dia se parecia mais com o maldito pai. Merda. Alex escondeu o rosto contra os joelhos, sentou-se assim por muito tempo.



ELA DESCEU A COLINA E, quando chegou ao pátio, viu Matthew entrar no estábulo. Quando ele subiu ao pombal, ela também o fez. Seu único pensamento consciente era que tinha que estar com ele. O ambiente inteiro banhava-se ao sol que entrava pela escotilha e, quando a ouviu, virou-se, uma silhueta escura contra toda aquela luz dourada. Ele se aproximou dela, tão sem palavras quanto ela, e deitou-a nas pilhas de feno com cheiro doce.

— Estou grávida — disse ela entre seus beijos.

— Eu sei.

— Você sabe?

— Claro que sim. — Ele roçou o nariz contra o dela. — Isso me faz muito feliz.

— Eu também — disse ela, e a alegria nua em seu rosto a fez perceber que estava falando sério.

Para sua irritação, Joan apenas sorriu quando Alex lhe contou a notícia, comentando que levava algum tempo para perceber o que era óbvio havia semanas. O quê? Então ela estava cercada por ginecologistas? Joan sorriu ainda mais em sua carranca, enfiou a mão sob o braço de Alex e levou-a para a sala, dizendo-lhe que eles tinham montanhas de conserto para passar.

— Certo — Joan disse, uma vez que eles estavam resolvidos. — Agora eu quero ouvir tudo.

— Tudo? — Alex perguntou.

— Sobre como você o conheceu.

Alex olhou para a camisa que estava consertando para Matthew. Ela teve que se deleitar ao descobrir que era boa em costura, seus pequenos e uniformes pontos elogiados não apenas por Joan, mas também, milagre dos milagres, pela Sra. Brodie.

— Simon não lhe contou?

Joan ergueu as sobrancelhas em zombaria.

— Se você tivesse sido vítima de tropas de musgo, estaria morta ou trabalhando em um bordel. — Algumas coisas nunca mudam. Alex suspirou e esfregou a clavícula, perguntando-se como explicar.

Era óbvio que sua reportagem de capa era muito melhor do que as tentativas de Matthew, mesmo que Joan ainda a visse com algum ceticismo depois. Mas uma tempestade, um pai desaparecido, um pé queimado e, por alguns dias, nenhuma ideia de quem ela era, era, em alguns aspectos, quase verdade.

— Matthew me encontrou — ela terminou. — E bem...

Joan soltou um grunhido suave.

— Você dormiu com ele lá, na charneca?

Era difícil negar, então Alex apenas assentiu.

— E você sabia que ele era um fugitivo? Um homem que ainda pode ser enforcado? — O subtexto foi muito claro, fazendo com que Alex escondesse um sorriso.

— Bem, eu não fiquei com ele pelo dinheiro — ela disse, bastante satisfeita com as manchas vermelhas que subiram pelo rosto de Joan.

— Então por quê?

Porque as mãos dele a deixavam louca e seu sorriso aquecia seu interior. Por causa do brilho nos olhos e do calor em sua boca. Mas principalmente porque com ele não havia segredos, nem subterfúgios.

— Eu o amo.

— Verdade? — Os olhos cinzentos de Joan estavam a poucos centímetros do rosto de Alex.

— Verdade — respondeu Alex. — Mas não diga isso a ele, isso pode torná-lo insuportável de se conviver. — Joan desatou a rir e prometeu que não diria uma palavra.

Hector fez um sinal de agradecimento para a criada e atacou seu ensopado. Horrível; insípido, cheio de cartilagem e com muito pouca carne. Mas estava quente, e o pão servido era comestível o suficiente. Ele bebeu a cerveja, pediu mais e voltou para sua comida enquanto vigiava os homens no pequeno e úmido quarto.

Ele não teve grandes problemas para se adaptar aos novos ambientes. Calças e botas desajeitadas, chapéus e capas que ele usara antes, e ele era mais do que adepto a usar uma espada ou uma faca. Depois de várias semanas em Cumnock, ele era, portanto, o proprietário de uma bolsa pesada, encostada na coxa. Suas vítimas escaparam quase ilesas, exceto pelo tolo que puxou uma adaga para ele e assim... bem; pelo menos ele morreu rapidamente, ainda que um pouco confuso.

Hector empurrou a tigela para longe dele e franziu a testa. Um mês mantendo os olhos e ouvidos abertos para qualquer fofoca que pudesse levá-lo na direção de Alexandra Lind e até agora nada. Ele não tinha ideia, lembrou a si mesmo, ela poderia ter acabado em outro lugar completamente diferente.

Hector mordeu o lábio e estudou a pequena e deprimente estalagem em que ele parecia passar a maior parte de suas noites. Em trezentos anos mais ou menos, o Merkat Cross Inn seria, sem dúvida, um pequeno pub pitoresco, completo com interiores históricos e um passado interessante, mas no momento estava sujo, úmido, cheio de muitos homens fedorentos e com um complemento de coisas peludas que corriam apressadamente de um canto escuro para o outro.

Ele sabia que havia camundongos em seu colchão, podia ouvi-los farfalhar através da palha, e só pagando extra ele conseguiu um lençol limpo. Hector franziu o cenho. Ele não foi feito para aquela miséria! Não, se nada aparecesse em quinze dias, ele partiria, indo para Edimburgo ou Londres, talvez até tentasse encontrar um navio com destino à Espanha.

E então ele teve seu primeiro golpe de sorte. O pequeno advogado gordo sentado ao lado dele estava conversando com o estalajadeiro, uma partilha casual disso e daquilo, quando o estalajadeiro se inclinou para a frente com um brilho de interesse em seus olhos.

— É verdade então? Que Matthew Graham se casou com uma

moça estrangeira?

— Sim, sueca — confirmou Simon Melville.

— Sueca? — O estalajadeiro balançou a cabeça. — Você acha que ela é pagã?

— Não — disse Simon. — Nem espuma pela boca ou de qualquer forma diferente de nós.

— Ah, é? — disse um homem desconhecido. — Ela não tinha cabelo, sabia? Tudo cortado.

— É mesmo? — perguntou Hector.

Três rostos se voltaram de uma vez na direção dele, três pares de olhos se estreitando com suspeita. Por mais que tivesse bebido ali por várias semanas, ele era definitivamente um estranho, e estranhos não deviam se intrometer em assuntos locais.

— O que tem a ver com você? — Simon exigiu.

— Nada. Eu estava imaginando como seria uma mulher sem o cabelo. — Hector passou a mão sobre o cabelo ainda curto.

— Não tão curto! Mais assim. — Simon acenou com a mão em algum lugar logo abaixo do nível da orelha. — Doença — disse ele em benefício do estalajadeiro. — Alex teve febre, Matthew disse, e assim o curandeiro Lanark cortou seu cabelo.

— Ah — o estalajadeiro assentiu, aparentemente não tão interessado. — Sem dote? Sem-terra?

— Nada, mas que bem faria Matthew ter um pedaço de terra na Suécia?

Hector ouvira o suficiente. Uma mulher sueca chamada Alex de cabelo curto, quem poderia ser, senão a indescritível Sra. Lind? Ele estava cheio de perguntas, mas reconheceu que perguntar mais naquela noite seria chamar atenção indevida para si mesmo. Depois de mais uma cerveja, ele deu boa noite aos homens e fingiu tropeçar até a cama que pagou para dormir sozinho.

Algumas perguntas discretas, várias cervejas, e ele tinha uma boa imagem desse Matthew Graham. Um parlamentar corajoso, um homem que lutou pela Commonwealth, mas depois traiu a causa, mesmo que alguns de seus entrevistados duvidassem que isso fosse verdade.

— Seu irmão — o estalajadeiro confiou, depois de beber um pouco. — Luke Graham armou para ele. Matthew não é monarquista, mas agora ele permanece preso, condenado por traição.

— Ele permanece na prisão? — Hector perguntou, olhando para cima de seu cachimbo em surpresa.

— Ele deveria, mas ele não gostou muito, pelo que sabemos, ele escapou. Um fugitivo, poderíamos dizer.

— Oh — Hector assentiu.

O estalajadeiro deu-lhe um olhar turvo.

— Ele tem se mantido bem quieto. Não há necessidade de deixar a guarnição local saber que ele está de volta.

— Eu não vou falar nada — disse Hector —, mas ousou dizer que o irmão dele vai.

— O tal de Luke está em outro lugar no momento. — O hospedeiro olhou furiosamente na direção de sua cozinha. — Ele não é bem-vindo aqui, não depois de quase queimar minha estalagem.



— EU NÃO GOSTO DISSO — disse Simon ao estalajadeiro alguns dias depois, vendo Hector sair do quarto.

— Como assim? — O estalajadeiro bocejou.

— Nós não o conhecemos, e por mais que ele fale inglês sem esforço, definitivamente não é escocês, é? Ele pode muito bem ser um espião real.

O pensamento claramente não atingiu o estalajadeiro antes, mas agora que Simon mencionou aquilo... Ele apertou a boca em um bico estreito e serviu a ele e a Simon mais um pouco de uísque.

— Sim, ele faz muitas perguntas.

— Demais — Simon assentiu.



— HECTOR? Um Hector Olivares, você diz? — Matthew sacudiu a cabeça. Não poderia ser, poderia? Não, isso deve ser impossível, tinha que ser uma coincidência sinistra. — Não, eu não posso dizer que eu lembro de tal homem. — Ele lançou um discreto olhar para Alex; ela afundou as mãos em suas saias, o olhar fixo no chão. Matthew se espreguiçou. — E ele está fazendo perguntas? — disse em uma voz desinteressada.

— Sim, sobre sua esposa também — Simon respondeu, examinando Alex. Matthew franziu a testa. O pequeno Simon era um advogado muito hábil para não reagir à posição congelada dela.

— Sobre mim? — Alex parecia surpresa. — Por que ele iria querer saber sobre mim?

— Eu não sei — disse Simon —, mas talvez seja porque você é estrangeira.

— Bem, ele também — ela retrucou, e Matthew fechou os olhos.

— Como você sabe? — Simon perguntou, mas assentiu mesmo assim.

Alex encolheu os ombros.

— Seu nome, não é exatamente o mais escocês dos nomes.

- Há muitos Hectors por aqui — disse Simon.
- Mas não tantos Olivares; esse é um nome espanhol.
- Espanhol, você diz? — Simon refletiu sobre isso.
- Um espião? — Matthew ofereceu.

Simon sorriu.

— Foi o que dissemos ao comandante da guarnição, e agora Hector Olivares está a caminho de Edimburgo. Eu me atrevo a dizer que isso não ajudará no caso dele quando descobrirem que ele é espanhol e, sem dúvida, papista, para começar. — Alex visivelmente relaxou, e quando Joan a chamou da cozinha, ela saiu correndo.

Simon estudou Matthew por alguns momentos.

— Eu não gostei que ele tenha perguntado por você, e quando eu vi o Hector conversando com Luke, decidi cortar essa amizade pela raiz.

— Ah. Então Luke está de volta?

— Infelizmente. Você sabe que ele virá aqui.

— Isso não seria sábio. — Matthew injetou sua voz com ameaça.

— Hmm. — Simon lançou um olhar para onde Alex havia deixado seu xale. — Ela conhece este Hector Olivares, não é?

— Sim — disse Matthew. — Parece que sim. Eu vou perguntar a ela.



— PODE NÃO SER ELE — disse Matthew algumas horas depois, observando a esposa andar de um lado para o outro no quarto.

— Pode — disse Alex —, mas parece provável que seja.

Sim, Matthew suspirou, por mais inexplicável que fosse, esse homem era o mesmo que orquestrou o sequestro de Alex. Ela deu outra volta. Ele agarrou-a e puxou-a para baixo, para se sentar ao lado dele na cama.

— Eu não acredito nisso — ela murmurou, mais para si mesma do que para ele. — Como é possível que ele esteja aqui? E, no entanto, aqui está ele, tendo de alguma forma deixado o século XXI para trás. — Ela enfiou as mãos por baixo das coxas e sentou-se, balançando as pernas para a frente e para trás. Matthew se ajoelhou diante dela, com as mãos em concha no rosto.

— Você está com medo.

Ela assentiu, arrastando o chão com os dedos dos pés.

— E eu não entendo. Como?

Matthew meio que sorriu e a puxou para perto o suficiente para que pudesse beijar sua testa.

— Uma tempestade?

Alex sacudiu a cabeça: muito improvável.

— Sim — concordou Matthew. Ele recostou-se nos calcanhares, olhando-a pensativamente.

Às vezes parecia-lhe que ele realmente não a conhecia ou o mundo de onde ela vinha, ele não tinha como verificar se a história dela era verdadeira. Ela poderia ser uma bruxa de sangue puro que o tinha encantado através da magia, ou algo tão mundano como uma moça fugindo do longo braço da justiça. Tudo o que ele realmente sabia era que a encontrou, com concussão e queimada na charneca, e que agora que ela era dele, e ele não tinha intenção de renunciar a ela. Nunca.

— O que foi? — ela disse, e Matthew percebeu que ele estava olhando para ela.

— Ele não vai te machucar. Eu não vou deixar.

— Mas o que ele quer? — Alex disse com voz rouca. — Por que ele está aqui?

Alex esteve em Hillview por mais de um mês antes de conhecer qualquer um deles. Ela às vezes andava na direção da cabana isolada, atraída por uma curiosidade que não conseguia explicar completamente, e naquela manhã de outubro ela se sentou sob uma árvore para olhar a paisagem espalhada abaixo quando o som de uma um galho quebrando alertou-a para o fato de que ela não estava mais sozinha. Ela soube quem ele era imediatamente e deslizou para ficar de pé enquanto o estudava.

Onde Matthew era alto e sólido, Luke era fluido como a água, cabelos longos, o vermelho profundo de uma pele de raposa, olhos verdes vívidos e afiados. Com sua coloração e fortes características faciais, ele poderia ser modelo de passarela, era lindo. Ele também era muito jovem, Alex notou com alguma surpresa, antes de lembrar que ele tinha apenas vinte e três anos, cinco a menos que Matthew.

— Ora, ora — disse Luke, dando-lhe uma reverência. — Minha nova cunhada, eu suponho. — Ele estudou-a com curiosidade aberta, seu olhar demorando-se em seu cabelo curto, registrando seus seios e quadris. Ele riu e balançou a cabeça, a luz do sol dançando em seus cabelos. — Pobre Matthew, ele nunca vai superá-la. — Ele olhou para ela novamente. — Notável, absolutamente notável.

— O quê? — Alex alisou suas saias.

— Vocês poderiam ser irmãs, gêmeas, quase, você e Margaret. — Luke inclinou a cabeça e a estudou com franca curiosidade. — Seu cabelo é mais claro, e você não é tão estreita na cintura quanto a minha Margaret, mas fora isso... — Ele riu novamente.

Se Matthew estivesse lá, Alex o teria rasgado ali mesmo, exigindo uma explicação. Mas como ele não estava, decidiu guardar esse pequeno surto de raiva para mais tarde e estudou Luke tão abertamente quanto ele a estudou.

— Você já mudou seu nome?

Luke deu a ela um olhar vazio.

— Deveria ser Caim, não? — ela disse, muito satisfeita com o vermelho que manchava suas bochechas.

— Caim matou Abel — disse ele friamente.

— Bem, que corajoso da sua parte, uma pena que a sentença de enforcar foi comutada a uma para apodrecer na prisão. Mas tenho

certeza de que você tentou encontrar formas de contornar isso, não é? Você provavelmente subornou os guardas da prisão para fazer da vida dele um inferno.

Ele empalideceu e se virou.

— Oh, meu Deus! Você realmente fez isso! — Ela se aproximou. — Você tem alguma ideia do que fizeram com ele?

Luke deu de ombros, desinteressado.

— Ele deveria estar morto.

— Por quê? — Alex exigiu. — O que ele já fez para você para merecer isso?

— Fez para mim? — Luke ecoou. — Ele não te contou, então? De como ele fez o pai me expulsar?

— Matthew não teve nada a ver com isso. Seu pai te expulsou por encontrar você com Margaret, não...

— Ele pediu para ele, está bem? Matthew já gostava de Margaret e fez com que o pai me expulsasse.

— Isso não é o que ele diz — disse Alex. Ele tinha feito isso? Seu Matthew?

— Não, mas ele não diria algo assim, diria? — Ele estava parado perto demais, olhos frágeis perfurando dentro dela. Nenhum calor ou interesse, e Alex recuou. Parecia diverti-lo.

Ele deu um passo em direção a ela, que recuou um pouco mais. Dois passos rápidos e ele colocou as mãos sobre ela, e quando ela se afastou novamente, bateu contra a árvore, com ele muito perto.

— Um beijo para o seu cunhado?

— Vá para o inferno! Vá para casa e foda sua esposa em dois tempos. — Ela estremeceu com a pressão nos ossos do pulso.

— Eu amo minha esposa — Luke sussurrou, um brilho fanático em seus olhos. — E ele, meu irmão bastardo, tentou tirá-la de mim.

— Mesmo? De acordo com o que eu soube, ela o aceitou de bom grado.

— Aceitou-o? — A voz de Luke subiu um registro ou dois. — Que mentiras ele tem lhe dito? Ele a forçou! Ele a violou, desonrou. O que ela iria fazer, então? O que ela poderia fazer, senão se casar com ele, sozinha como ela estava no mundo? Por isso ele mereceu morrer, por toda a dor e tristeza que causou à minha Margaret, ouviu? — Ele torceu as mãos em sua pele.

— Ah! — Ela engasgou, lágrimas brotando em seus olhos. — Me deixe ir!

— Irei em breve. Depois de fazer minhas próprias comparações entre você e Margaret. Afinal, ele provavelmente já o fez.

— Você a ouviu; solte-a — a voz calma cortou a clareira e Luke girou. Matthew estava parado a poucos metros de distância, com o punhal na mão. — Eu deveria ter matado você naquela tarde no meu

quarto — continuou Matthew —, e estou com vontade de fazer isso agora. Mas não vou, não desta vez. Mas se colocar um dedo em minha esposa novamente, qualquer esposa minha, eu juro, com meu sangue, que eu vou arrancar suas bolas, ouviu? — Ele deu dois longos passos através da clareira, levantou sua faca e cortou-se na palma da mão, segurando a mão ensanguentada para Luke. — Minha palavra, irmão. E agora, saia das minhas terras. — Ele fez um gesto com a faca e esperou até que Luke desaparecesse na colina antes de se virar para Alex. — O que você estava pensando, vindo aqui sozinha? Eu lhe disse para ficar longe do chalé dela. E por que você não o chutou, como fez com aqueles homens na charneca?

— Ele chegou perto demais, ok? E eu não estava com a impressão de que seu irmão iria se comportar tão erraticamente quanto ele fez. Você nunca me disse que ele era um completo maluco.

Matthew piscou em incompreensão.

— Ele é louco — explicou Alex impaciente.

— Ah, não, ele não é louco. Ele é ardiloso e perigoso, mas muito são. — Ele murmurou uma rápida oração e estendeu a mão para Alex. — Venha, moça, vamos para casa. — Ela se virou e afastou-se, os braços cruzados sobre o peito.

— É por isso que você não queria que eu a visse? — ela exigiu alguns minutos depois.

Ela estava fervendo por dentro, querendo muito machucar alguém.

— Ver quem?

— Margaret. — Ela se virou para ele. — Luke acabou de me dizer que poderíamos ser irmãs, ela e eu, isso é verdade?

Ele não respondeu, mantendo o rosto no chão.

— Eu lhe fiz uma pergunta!

— Sim, e não estou inclinado a responder.

— Bem. Eu vou checar por mim mesma. — E foi assim que ela saiu, correndo de volta pelo caminho pelo qual eles chegaram até ali.

Ele alcançou-a e tentou agarrá-la. Ela se soltou, segurou seu antebraço e, com um movimento torcido, fez com que voasse para pousar de costas. Ele ficou olhando para o céu por um longo momento, sua respiração entrando em suspiros altos e sufocados.

— Eu sinto muito — disse ela, fazendo menção de ajudá-lo, mas ele acenou para ela, moveu as pernas e rolou para o lado. — Eu não pretendia. — Ela estava a uma certa distância, sem saber o que fazer. — Eu sinto muito, você quer que eu... — Ela engoliu o resto. Ele olhou para ela com os olhos vazios quando ficou de pé. Ela podia ver que ele estava sangrando logo abaixo da orelha e seu estômago se revirou de vergonha. — Sinto muito — ela repetiu.

Ele enxugou o rosto com a mão trêmula e cuspiu no chão. Estava sangrando pela boca também, e ela queria se apressar e tentar

consertar as coisas de novo, mas o olhar em seu rosto era frio e ameaçador.

— Você não se defendeu contra ele, mas me jogou como um saco de cevada. — Ele se virou para o bosque mais próximo e foi embora.

— Foda-se. — Ela sentou-se. — Djävla skit, inferno, foda-se!

— Bem, você tem uma boquinha suja. — A voz era suave expressando diversão e Alex girou em direção a ela, não vendo muito com o sol em seu rosto.

— Estou um pouco chateada.

— Sim, eu percebi.

Alex podia ouvir alguém se movendo e se levantou, com os punhos cerrados. Desta vez, ela derrubaria quem chegasse perto primeiro e perguntaria depois.

— Então você é sua nova mulher? — O tom desdenhoso cortou e Alex se endireitou.

— Sua esposa, eu sou a esposa de Matthew.

— A estrangeira — a voz riu. — Mas eu o tive primeiro.

— Oh, você é Margaret. Sorte a minha, primeiro o seu marido de baixa qualidade e depois você. O que mais uma garota poderia querer?

A voz desencarnada saiu das árvores e uma mulher de cabelos escuros caminhou em sua direção. Alex inalou ruidosamente. Luke estava certo; aquela poderia ser sua irmã. Margaret pareceu igualmente surpresa e parou a um braço de distância.

— Você se parece comigo!

Alex apenas ficou olhando. Onde ela tinha cabelos castanhos e encaracolados, essa mulher tinha uma escuridão reta que caía pelas costas, descoberta a não ser por uma touca de linho mais nominal. Os olhos de Margaret eram vários tons mais claros do que o azul-escuro de Alex, mas a forma das sobrancelhas era a mesma, escuras e elegantemente arqueadas. Era como olhar em um espelho defeituoso; o mesmo nariz, a mesma boca, embora o lábio inferior de Alex estivesse mais cheio e ninguém tivesse quebrado o nariz de Margaret. E onde o rosto de Margaret terminava em um ponto primoroso, o queixo de Alex era quadrado.

— Bem — Margaret disse, tendo completado sua própria inspeção —, parece que ele não se esqueceu de mim. — Ela sorriu e mexeu nos cabelos. — Ele fala muito de mim?

— Não, não realmente, mas mencionou seu nome.

Uma vez que ela chegasse em casa, iria esfolar o bastardo. Luke estava certo; a semelhança era estranha. Impossível não comparar! E não ajudou muito, enquanto ela, Alex, era atraente o suficiente, a maldita Margaret era absolutamente arrebatadora. Ela estava muito feliz por tê-lo derrubado, exceto que o olhar em seu rosto enquanto

ele olhava para ela ainda a cortava até os ossos.

— Mencionado, sim? Eu acho que seria um pouco mais.

— Bem, digamos que o que ouvi não foi ao seu favor.

— Não — disse Margaret, e havia um tom de tristeza em sua voz. — Eu suponho que não. — Ela se sentou e deu um tapinha no chão ao seu lado, em um gesto convidativo. Alex hesitou. — Eu não vou machucá-la — Margaret assegurou, fazendo Alex levantar uma sobrançelha divertidamente antes de se sentar. — Nunca o amei — disse Margaret. — Sempre foi Luke para mim.

— Oh, que bom ter esclarecido isso. Então você se casou com um homem que não amava, fodeu o irmão dele pelas suas costas, o enganou com um filho de seu amante e... deixe-me ver, eu esqueci algo? Ah, sim! Você conseguiu que ele fosse condenado por crimes de traição, dos quais ele era perfeitamente inocente. Espero sinceramente que qualquer semelhança entre nós seja superficial, porque o mundo não precisa de mais uma cadela conivente desse calibre.

Margaret estava olhando para ela com uma boca aberta, e Alex teve uma súbita vontade de enchê-la de grama.

— Você não gosta muito de mim, não é? — disse Margaret.

— Eu não conheço você. Mas o que sei de você não me deixa esperando por uma amizade longa e mútua.

— Não foi tão simples como você descreve.

— Simples? Não há nada simples sobre essa bagunça toda, há? — Alex olhou para ela e Margaret se afastou.

— Eles o expulsaram. Ele era toda a minha vida e eles o expulsaram, dizendo que ele nunca seria bem-vindo de volta. — Ela olhou para Alex. — Você soube, suponho. De como o pai dele nos encontrou no palheiro, e nós tínhamos apenas quinze anos.

Alex assentiu.

— Eu levei Luke para a cama quando eu não tinha nem catorze anos. Nós não conseguimos evitar. — Margaret sorriu e pegou uma folha de Rowan amarela brilhante, passando-a por entre os dedos. — Nós nos amávamos e, se Malcolm tivesse perguntado, nós teríamos nos casado no dia seguinte. Mas para Malcolm o que fizemos foi pecaminoso, e ele ficou enojado conosco, mas principalmente por Luke, a quem ele chamou de podre até o âmagô.

— Boa descrição — disse Alex.

Margaret franziu a testa.

— Ele era apenas um rapaz. Selvagem e de alto astral, sim, mas podre? — Ela balançou a cabeça e Alex murmurou um vago acordo. Ainda lhe parecia excessivamente duro expulsar seu filho por dormir com uma garota que ele amava.

— Malcolm deu-lhe um cavalo e algum dinheiro, e Luke seguiu para o norte e passou os anos seguintes acompanhando o progresso do

rei. O rei gostava dele, e ainda mais depois que lutou a seu favor em uma escaramuça na fronteira.

— Não existe um rei.

— Ah, mas existe! — disse Margaret. — Rei dos escoceses, e logo será rei da Inglaterra também. Ele prevalecerá. Ele é apenas cinco ou seis anos mais velho que eu, é Charles, e já é um rei e um bom homem, diz Luke.

— Oh, e Luke tem como saber isso?

— Talvez. — Margaret parecia uma gata presunçosa com a ideia de seu Luke ser o confidente do rei.

— Eu estava me referindo ao fato de que Luke não seria exatamente um juiz confiável de caráter, dado o seu próprio.

Margaret fungou, mas continuou com sua história.

— Eu senti tanto a sua falta que doeu, todo dia eu acordava e sentia sua falta mais uma vez. Eu estava sozinha, e Joan e eu nunca fomos próximas, então recorri a Matthew. Ele não tinha me notado muito antes, mas eu mudei isso rapidamente. Afinal de contas, ele não é nada mau e herdou tudo isso, a única casa que eu conheci.

— Insensível. — Alex exalou, aliviada ao ouvir que não havia nada acontecendo entre Matthew e Margaret antes de Luke partir.

— Eu tinha apenas quinze anos. E fui boa para ele, para Matthew, quero dizer. — Ela deu a Alex um olhar tímido.

— Eu não quero ouvir isso. — Alex ficou de pé, mas Margaret agarrou suas saias.

— Mas eu quero contar a você. Você só ouviu o lado dele, não é? — Ela se recusou a soltar até que Alex se sentasse de novo. — Se eu pensasse que havia a menor chance de Luke voltar, eu juro que nunca teria me casado com ele, e enquanto Malcolm vivesse, isso nunca aconteceria. Então me casei com Matthew, e cinco meses depois seu pai estava morto e Luke entrou no quintal. Eu pensei que ia morrer. — Ela ficou em silêncio, tocando a folha de Rowan. — Eu tentei manter meus votos de casamento, mas eu... só de ver Luke novamente, ter a mão dele tocando a minha... — Ela desviou o olhar, mordendo o lábio. — Era insuportável, e Luke... bem, ele estava tão irritado, me acusando de ser falsa. — Ela sorriu. — Mas eu não fui, na verdade não; no meu coração sempre havia apenas o Luke.

Alex revirou os olhos para a declaração um pouco melodramática.

— E suponho que você disse isso a ele, certo?

Margaret abaixou a cabeça, os dedos rasgando a framboesa em pedaços.

— Sim, eu disse.

— Então, como você explicou isso a ele?

— Explicou o quê?

— Que você se casou com Matthew, já que jurou amor eterno a

Luke.

Margaret tirou as folhas do colo e encolheu os ombros.

— Eu disse que tinha que fazer o que fiz. Ele entendeu minha situação.

Alex franziu a boca. Não era tão simples, em particular, dada a tonalidade rosa de Margaret. E definitivamente não combinava com a versão de eventos de Luke anteriormente. Não; Margaret tinha inventado uma história de coração partido, estrelando-se como vítima, e Matthew, como a besta.

Margaret estava inquieta.

— No final, eu não pude evitar, e você sabe o resto, como Matthew nos pegou nus, ameaçando matar a nós dois. — Ela baixou o olhar para o colo, brincando com seu cós. — Eu não queria machucá-lo tanto, deixar seu coração permanentemente marcado.

— Ele vai superar; na verdade, acho que já superou. — Alex sorriu. — Mas o resto... — Ela balançou a cabeça.

— Eu tentei parar Luke, mas ele ouviu que os homens da Commonwealth tinham informações sobre um espião real, um Graham como o Montrose, Deus salve sua alma, e então ele entregou Matthew. Ele teve que fazê-lo, pela causa.

Alex se levantou e cuspiu aos pés de Margaret.

— Essa mentira provavelmente salvou você de muitas noites sem dormir, mas não é hora de admitir o que você fez pelo menos para si mesma? Você enviou um homem inocente para ser enforcado! E como é conveniente que, no caso de sua morte, seu herdeiro tenha sido o irmão que o denunciou.

— Sinto muito — disse Margaret. — Eu realmente sinto.

— E isso não ajuda, não é? — Alex disse e saiu.

Ela vagou pela floresta por horas, ponderando sobre o que Margaret lhe dissera e sobre o que Matthew contara sobre a história toda. Ela evitou a casa o dia inteiro, perguntando-se o que poderia dizer a Matthew que apagaria a expressão da dor espantosa do rosto dele e, ao anoitecer, entrou nos estábulos para retardar um pouco mais o confronto com aqueles olhos castanhos e frios.

Ela esfregou Samson nas costas e deu a ele uma pequena maçã antes de se sentar em uma pilha de feno perto da porta. Ela ficou sentada ali por um longo tempo, observando como as velas eram apagadas uma por uma e a casa diante dela ia dormir. Ele não fora procurá-la, e ela esperava que ele fosse.



ALEX FICOU EXTREMAMENTE ENVERGONHADA quando Sam a acordou. Depois de um bom dia murmurado, ela correu para a casa e,

respirando fundo, entrou.

Matthew estava sentado à mesa da cozinha, mas não deu sinal de ter notado sua entrada, então ela se apressou, pegando um pouco de pão no caminho, e desapareceu em seu quarto. Ela podia ouvir Matthew falando logo abaixo, até o ouviu rir. Ele não se preocupou com ela, a cama obviamente desfeita. No chão ele deixou uma pilha de linho descartada e meias sujas, e ela as chutou para um canto. Ele poderia lavar sua própria roupa suja!

Ela passou a manhã ajudando Joan a fazer conservas, um silêncio tenso entre elas. Alex se perguntou como Matthew explicou seu desaparecimento, de alguma forma ela suspeitava que ele nunca admitiria ter sido jogado no chão por sua esposa. Quando ela viu os homens retornarem dos campos, Alex escapou, murmurando algo sobre dar uma caminhada, e correu para fora do braço de Matthew, seu rosto desviado do dele. Ele não fora atrás; ela desejou que ele tivesse ido.



MATTHEW FICOU do lado de fora o máximo que pôde, retornando com relutância à casa. Ela não estava lá, e a resposta à sua pergunta casual indicou que ela estivera fora a tarde toda. Ela não apareceu para o jantar, e quando uma inspeção rápida revelou que não estava nem nos estábulos nem no celeiro, um pequeno rolo de inquietação serpenteou por sua barriga.

Ele tinha ficado tão bravo com ela no dia anterior, humilhado pela facilidade com que ela o levou para o chão, mas ainda mais chateado pelo fato de que ela fez isso com ele, mas não com seu maldito irmão. Então, quando ela não apareceu para o jantar, ele apagou as velas e trancou a casa, supondo que ela batesse à porta ou encontrasse um pacote de feno para dormir. E ele estava certo, pois a tinha visto chegar naquela manhã com feno no cabelo. Mas agora... Ele andou pelos estábulos de novo, subiu ao palheiro e ela não estava lá, e ele caminhou pela floresta próxima, chamando o nome dela, mas ela não respondeu.

Por um instante vertiginoso, ele contemplou a terrível possibilidade de que talvez ela tivesse sido jogada de volta ao seu tempo, e ele nunca conheceria seu filho ou a veria novamente, e a angústia o fez se curvar de dor. Por outro segundo, considerou que ela tinha apenas ido embora, pegado suas poucas coisas dela e partido. O pensamento o congelou, e ele correu para seu escritório para conferir seu pequeno cofre. Não estavam lá. O anel de John, seu colar e o anel que seu pai lhe deu.

— Ela não pode ter ido muito longe — disse Joan. — Ela está a pé,

Matthew.

— Mas para onde ela iria? — Ele jogou uma sela em Samson, brusco em sua pressa.

— Para Cumnock, imagino, para onde mais?

— Para fazer o quê? — disse Matthew. — O que ela pode fazer lá, uma mulher sozinha?

Joan deu de ombros que não fazia ideia.

— Por que ela foi? Por que vocês brigaram?

— Eu não tenho certeza se tivemos uma briga, nós nos evitamos.

— Ah — Joan assentiu.

Matthew lançou lhe um rápido olhar. Apesar de toda a sua natureza expansiva, o pequenino Simon era mestre em cortar os silêncios, dias em que seu eu gregário desapareceria e seria substituído por um estranho. Parece que às vezes esses silêncios eram dirigidos à sua esposa.

— E ela descobriu sobre Margaret e ela serem parecidas.

— Mesmo? Como? — Joan sacudiu a cabeça. — Eu te disse.

— Luke.

— Luke? Ele estava aqui?

— Sim. Eu me deparei com eles perto da grande sorveira, o lugar de mamãe, e ele estava tentando beijá-la, fazendo comentários interessantes sobre querer comparar as duas.

— O que você fez? Por favor, me diga que você não fez nada maluco!

Matthew fez uma careta para ela.

— A única coisa que fiz com meu irmão foi não o ter matado quando o encontrei na cama com minha esposa. Isso é algo que eu temo que irei lamentar muitas vezes.

Ele apertou a circunferência mais uma vez e levou o cavalo até a porta do estábulo.

— Mas eu disse a ele. Eu avisei a ele que se eu o pegasse tocando em uma esposa minha novamente, eu o castraria. — Ele ignorou sua exclamação chocada e subiu na sela. — Você acende uma vela? Caso ela queira voltar e não encontre o caminho?

Ela deu um tapinha na perna dele.

— Claro que sim.



ELE A ENCONTROU SENTADA na saída da estrada, a alguns quilômetros de Cumnock. A essa altura, ele estava cheio de medo, imaginando um cenário após o outro, todos terminando com ela sendo carregada para sempre da sua vida.

Se não fosse pelo pequeno som do cavalo, ele poderia ter sentido

falta dela, uma forma escura contra um fundo um pouco menos escuro. Ela estava sentada à beira, ombros encurvados contra a garoa, e quando ele se aproximou a viu enrijecer. Ele desmontou e caiu ao lado dela, os braços apoiados nos joelhos.

— Por que você partiu? — ele disse, quebrando um silêncio sem fim.

Ela não tinha ideia, ela murmurou. Definitivamente tinha algo a ver com o encontro cara a cara com Margaret e descobrir-se como uma cópia desbotada de um original glorioso, mas também com a vergonha que sentia por ter transformado sua raiva em Luke, deixando Matthew pagar pela intimidação do irmão. Acima de tudo, porque ele não se importou o suficiente para procurar por ela na noite passada, nem se preocupou em dizer-lhe algo naquela manhã.

— Eu estava tão bravo com você, por ter me derrubado assim... — Matthew disse, sentindo vergonha.

— Eu te disse que estava arrependida.

— E por que você veio parar aqui? — Nenhuma cobertura de vento ou chuva, era um local sombrio para passar a noite.

— Eu... — Ela mordeu o lábio. — Eu simplesmente senti vontade.

— Ah, é? Você gosta de ficar sentada na chuva?

— Eu não tenho para onde ir — ela murmurou, e ele pôde ouvir como ela odiava ter que admitir isso. — Eu estava pensando em ir a Edimburgo ou Londres, mas o que eu faria lá? Como eu ganharia minha vida?

— Deitada, certamente — disse Matthew asperamente, assustado com a imagem dela desaparecendo no submundo de uma cidade do tamanho de Edimburgo. — Mas você não vai a lugar nenhum, vai? — ele acrescentou, suavizando sua voz.

— Não tenho muita escolha, tenho?

— Alex... — Matthew suspirou. — Você é minha esposa. Não precisa de nenhum outro lugar para ir, porque pertence a mim.

Ela virou o capuz da capa e o encarou.

— Eu não estou acostumada a ser tão dependente de uma pessoa.

— Nem eu — ele disse seriamente.



NO MOMENTO em que voltaram para casa, Alex estava rígida de frio, não importava que Matthew a tivesse envolvido em ambas as capas. Ela tropeçou na cozinha, deixou cair o manto e o xale no chão e, ao ouvir a urgência de Matthew para que se aquecesse, sentou-se o mais perto que pôde do fogo.

— Mais — disse ela, acenando com a xícara na direção de Matthew.

— Não muito mais — avisou ele, enchendo o copo com leite quente antes de acrescentar conhaque e um pouco de mel antes de se sentar com ela na mesa da cozinha. O pequeno cofre estava no chão, o conteúdo removido para ficar escondido em outro lugar, com as provisões secretas de seu pai. Os olhos arregalados dela para a visão do ouro e das pequenas peças de joalheria satisfizera Matthew, pelo menos ela não precisava mais pensar que ele estava atrás de suas bijuterias.

— Eu não vi isso.

— Viu o quê? — Alex bocejou.

— A semelhança.

Alex levantou uma sobrancelha cética.

— Pobrezinho. Você precisa de óculos.

— Eu não vi desde o começo. Se eu tivesse, eu não teria chegado a menos de um metro de distância de você. — Ele sorriu para ela. — Isso tornaria difícil enfaixar suas costelas.

— Hã. Às vezes me pergunto se minhas costelas realmente precisavam de bandagens ou se isso era apenas uma desculpa para me despir.

— Uma desculpa — disse ele, rindo quando ela bateu nele. Ele agarrou a mão dela, trazendo-a para se sentar em seu colo. — Quando eu notei, bem, aí era um pouco tarde.

— Hmm. — Alex considerou. — Ela é muito bonita.

— Oh, sim. Ela é. Muito bonita. — Ele sentiu as lascas de gelo enterrarem-se nele, mas decidiu adicionar um pouco mais de combustível ao fogo lisonjeiro de ciúme que viu ardendo nela. — Como um anjo.

— Você acha? — ela disse muito fria.

Matthew enterrou o nariz em seu decote e exalou.

— Um anjo caído, enquanto você... — Ele fez cócegas em seu cabelo.

— ... não sou um anjo. — Ela se contorceu em seu colo.

— Não, muito sangue quente. — Ele acariciou seu pescoço. — Uma mão cheia.

— De alguma forma eu não acho que você se importa — disse ela, se movendo para montá-lo. Agora era ele quem se mexia.

— Não. — Ele respirou. — Eu não acho que me importo.



NOS PRÓXIMOS DIAS, Alex gravitou na direção da cabana de Margaret, guiada por uma necessidade instintiva de avaliar a concorrência. Às vezes ela a via, principalmente sozinha, mas às vezes com uma criança. Elas nunca se falavam, na maioria das vezes acenavam com a

cabeça antes de seguirem caminhos diferentes.

Um dia ela ouviu alguém rindo, um burburinho alto e feliz, e Alex sorriu de volta, contornando para ver quem estava fazendo o som.

Um garotinho robusto sentou-se ao lado do riacho e jogou bolotas na água corrente. De vez em quando, aquela risada contagiante apenas borbulhava dele. Quando ele virou a cabeça, ela mordeu de volta uma exclamação de surpresa. Devia ser assim que Matthew se parecia quando criança. Cabelos escuros e caídos, grandes olhos cor de avelã e um pequeno queixo fendido. Nada de Luke, pensou ela, agarrando-se a um pensamento que zumbia através de seu cérebro. Vários anos com tanta atividade entre os lençóis e apenas uma criança? Hmm.

— O que você quer? — Margaret se plantou para proteger o menino dela. Alex olhou para ela e olhou ao redor para sorrir para a criança, que prontamente sorriu de volta, uma cópia exata de Matthew. — O que você quer? Repetiu Margaret beligerantemente. — Ela tirou uma mecha de cabelo preto da testa e lançou a Alex um olhar desafiador.

— Eu estava apenas passando. — Com um irônico aceno, Alex a evitou. Ela lançou um último olhar para a criança. — Ele se parece com o pai — disse ela, muito satisfeita com a maneira como toda a cor se esvaiu do rosto de Margaret.

Todos os domingos, Simon chegava bem antes do meio-dia, escorregava do cavalo e corria para abraçar a esposa. Eles faziam um casal estranho, ela uma avestruz, ele um pombo empinado, mas qualquer um que não fosse cego não poderia deixar de notar a atração tangível entre eles.

— Por que ela não está morando com ele? — Alex perguntou a Matthew, observando, atônita, enquanto Simon tomava Joan nos braços e a levava para dentro.

As feições de Matthew se escureceram.

— Ele teve alguns infortúnios alguns anos atrás, depois do meu julgamento.

— Infortúnios?

Matthew suspirou e desviou o olhar.

— Eles o encurralaram e o espancaram. Prometeram que fariam o mesmo com sua esposa, que deveria ser monarquista enrustida. — Ele cerrou a mão e socou-a contra a perna. — Ela está mais segura aqui.

Joan riu depreciativamente quando Alex a confrontou sobre tudo isso.

— Não é tão ruim, e uma vez que você estiver acomodada, eu vou morar com Simon, agora que ele finalmente encontrou alojamentos aceitáveis.

— Você não precisa ficar por minha causa, eu dou conta. — Alex ouviu a Sra. Brodie bufar às suas costas, e pensou em jogar o conteúdo do balde de despejos no rosto da governanta, mas decidiu que seria desnecessariamente antagônico.

— Vou ficar mais algumas semanas — disse Joan.

— Já ouviu falar de Hector outra vez? — perguntou Matthew depois do jantar. Ele moveu a torre e sorriu para o movimento de resposta de Simon, com seu cavalo.

— Não, mas ele não voltou, não é? Eles enforcam espões no presente. — Simon lançou lhes um olhar preocupado. — E você deve ter cuidado, Matthew. Eles também enforcam condenados escapados.

Sobre a cabeça de Simon, Alex encontrou os olhos de Matthew. Ele sorriu e esticou as longas pernas, os dedos dos pés cutucando os dela.

— Eles devem me pegar primeiro.

— Sim, há isso — Simon concordou —, e você pode ser um pouco

fraco no braço, mas corre como um cervo.

— Fraco no braço? Venha aqui, e eu vou te mostrar.

— Você acha que ele está morto, então? — Alex disse, interrompendo sua brincadeira.

— Quem? Oh, Hector Olivares. Provavelmente — disse Simon, alisando o casaco amarrotado. — Isso faz você se sentir melhor?

Alex tentou dar de ombros, desinteressada.

— Por que deveria? Eu não conheço o homem, não é?

Por mais horrível que ela parecesse por isso, ficou feliz por Hector Olivares estar morto.



— ASSIM, você é uma monarquista? — Alex perguntou a Joan alguns dias depois. Joan lançou lhe um olhar de desaprovação e inclinou a cabeça na direção da Sra. Brodie.

— Você não deveria perguntar — ela disse uma vez que estavam sozinhas. — Não é um assunto fácil. — Ela suspirou e balançou a cabeça. — Um irmão puritano, o outro um monarquista de olhos arregalados. É o suficiente para fazer sua cabeça explodir.

— Puritano? — Alex falou de volta em um sorriso. — Matthew? — Definitivamente não na cama.

Joan revirou os olhos para ela e estendeu a mão.

— Deixe-me ver isso. — Ela inspecionou o rasgo que Alex tinha acabado de consertar antes de continuar. — Matthew era apenas um rapaz quando os Covenanters derrotaram o rei, e quando o exército escocês partiu para o sul para lutar, implorou ao pai para deixá-lo ir. Quando o pai disse que não, Matthew tentou fugir, mas foi pego e recebeu a surra de sua vida, e ele já tinha catorze anos. Ele chorou quando ouviu falar de Marston Moor, dizendo ao pai que era culpa dele que ele, Matthew, não estivesse lá para lutar e ganhar contra o rei. — Joan sorriu, sacudindo a cabeça. — Foi culpa da mãe. Incitando-o com toda a sua conversa de todos os homens serem iguais aos olhos do Senhor.

Joan se interrompeu, seu olhar se desviando para a janela.

— Eram sempre a mãe e Matthew, sempre éramos o pai e eu, e para Luke era Margaret. Ele não tinha mais ninguém. Sempre sozinho. Até o dia em que o pai trouxe Margaret para casa.

— Pobrezinho — disse Alex, nem mesmo tentando soar sincera.

— A luta estava longe de terminar, e um dia Matthew desapareceu e foi lutar contra os rebeldes Reais, contra Montrose. — Joan trabalhou em silêncio por alguns minutos. — Ele era um rapaz, Alex, e voltou para casa depois da batalha de Philiphaugh, chocado com o que viu e fez. Foi o assassinato dos irlandeses, eu acho.

— Assassinato dos irlandeses?

Joan apunhalou sua agulha através do tecido.

— Eles se renderam aos soldados irlandeses e lhes prometeram suas vidas. Em vez disso, foram mortos. Eles e seus seguidores de acampamento, até o menor deles. De qualquer forma — continuou Joan, ignorando a exclamação chocada de Alex —, poucos dias depois de Matthew voltar, uma tropa de cavalos entrou e um deles reconheceu Matthew. Eles disseram ao pai que ele deveria estar muito orgulhoso de seu filho, e então puxaram Matthew para um cavalo e disseram que ele iria com eles, afinal, não tinha se inscrito na cavalaria? Matthew não queria ir, estava chorando, era um menino grande, e o pai tentou fazê-los ir embora, mas o policial apenas deu de ombros e disse que era fácil; ir com eles ou ser enforcado como desertor. Então ele partiu para o sul com eles, e quando voltou quatro anos depois, havia mudado de um rapaz com noções românticas de igualdade entre os homens, para um homem com a firme convicção de que todos os homens livres se governam. — Joan suspirou, parecendo triste.

“Ele voltou em junho de 1649, um homem magro e bronzeado, com o casaco amarelo aberto. Eu mal o reconheci e, de muitas maneiras, ele era um estranho, o rapaz que havia fugido todos aqueles anos atrás permanentemente desaparecido. Em vez disso, aqui estava um homem, um homem cujos olhos olhavam para o mundo com uma pitada de cautela, que não sorria mais ou ria tanto quanto era de costume. — Joan sorriu para Alex. — Mas ele ri agora. Eu o ouço rindo no seu quarto, e toda vez que ouço, me pergunto o que você pode estar fazendo.”

— Umm — Alex disse, extremamente envergonhada.

Joan riu e inclinou a cabeça para a casa de botão que estava costurando.

— A mãe estava tão feliz em tê-lo de volta. E Luke, bem, Luke ainda não tinha quinze anos, e ele seguiu Matthew como um cão pequenino, perguntando-lhe sobre a guerra, se ele já havia sido ferido e como era matar um homem. Ele era jovem demais para entender que Matthew queria esquecer, e Matthew era jovem demais para explicar. Ele simplesmente o ignorou, ficou de boca fechada e olhos duros sempre que Luke estava perto, até o dia em que ele explodiu e disse a Luke para deixá-lo, para parar de importuná-lo como uma velha esposa, e que ele não tinha tempo para rapazes que não sabiam como era lutar ou morrer.

Joan entregou uma nova camisa de bainha para Alex e dobrou a camisa pronta no colo.

— Luke nunca mais chegou perto de Matthew, e mais ou menos um ano depois, Luke estava fora do ouvido dele e, até onde eu sei, eles

nunca mais falaram direito um com o outro. Bem; agora suponho que seja tarde demais.

— Provavelmente — Alex assentiu.

— Luke sempre foi... — Joan franziu a testa. — ... imprevisível. Quando criança, ele fazia birras, quando adolescente, ficava ferido por fúrias enormes, e a única pessoa que conseguia conversar com ele nesses humores negros e destrutivos era Margaret. Ele ainda é assim, muito perigoso quando perde o controle.

— Nem me fale. — Levou dias para as marcas de seus dedos nos pulsos de Alex desaparecerem.

Joan não parecia ter ouvido.

— Ela mentiu, eu acredito. Margaret não foi totalmente sincera quando Luke voltou. Deus sabe que histórias fantásticas ela disse a Luke, mas eu não acho que elas pintaram Matthew em uma luz favorável.

Na opinião de Alex, Luke não estaria disposto a ouvir qualquer história que não envolvesse seu irmão como um ogro, e, para ser justa, Margaret provavelmente não entendera bem as consequências de unir esse pequeno fio no qual Matthew figurava como um cruzamento entre os dois. Barba Azul e um Orc particularmente repugnante. Ela lançou um olhar para fora da janela e juntou seu trabalho.

— Vou dar uma volta, quer vir?

— Andar com você é exaustivo demais.

— Exercício, Joan. É bom para você.

— Hmph — Joan pegou mais uma peça de roupa de sua cesta de trabalho.

— Fique à vontade. — Alex estava cansada de costurar, e o dia de outono era muito brilhante para desperdiçá-lo sentada dentro de casa.



MATTHEW AFUNDOU ATRÁS DAS ÁRVORES. Na frente dele, Alex cantava, braços estendidos enquanto ela balançava os quadris para um lado e para o outro, e mesmo a partir daqui ele podia ver como ela espiava a forma como as saias rodopiavam.

Ela resmungou as palavras, curvando-se na cintura em uma série de movimentos rápidos e bruscos que fizeram seu cabelo ficar selvagemmente em volta de sua cabeça. Ele sorriu, reconhecendo a música como algo que ela havia cantado para ele nos pântanos, algo sobre ela ser feita para amá-lo.

Ela cantou, fazendo alguns movimentos pélvicos lascivos que fizeram Matthew rir, antes de cair no chão com os olhos fechados, uma mão na barriga e um largo sorriso nos lábios. Ela parecia tão dolorosamente feliz, e um farfalhar de premonição percorreu sua

espinha. Ele foi até ela e seu sorriso se alargou em seu rosto.

— Aproveitou o show? — ela perguntou, sem abrir os olhos.

— Você sabia que eu estava lá?

Ela apenas assentiu.

— Então é por isso que você estava fazendo aqueles... — Ele fez alguns movimentos impulsionando ele mesmo. — ... e você faz bem, sabia?

— Bem, você saberia, não é? — Veio a resposta flutuante. Ela desfez a parte de cima do corpete e os seios incharam contra a roupa de baixo. Ela estava deitada em uma pilha de folhas de outono, castanheiros, dourados e verdes desbotados, e em seus cabelos ele viu o vermelho de um cacho de bagas de sorveira.

— Você parece um duende de madeira — ele disse a ela e se ajoelhou para espalhar um punhado de folhas sobre sua saia.

— Mesmo? Então você deve ser Pan, com cabelos encaracolados e selvagens. — Ela abriu os olhos completamente, estavam escuros e cheios de promessas, e levantou a mão para o peito dele.

De maneira agradável, sonolento depois de fazer amor, Matthew apoiou a cabeça no colo dela depois, desfrutando de como os dedos dela penteavam o cabelo dele.

— Você me ama? — A pergunta explodiu dela.

Ele estava feliz por estar mentindo como estava, com o rosto escondido nas dobras de suas saias. Amá-la? Ele riu, mordeu-a através do tecido de suas roupas. Amá-la? Ele se enterrou mais fundo no colo dela, inalou o cheiro dela.

— O que poderia fazer você pensar que eu amo? — Ele se sentou e segurou sua bochecha. — Você é uma idiota por ter que me perguntar isso, Alex.

— Mas você nunca disse. Sou só eu quem te diz... quando nós estamos... você sabe. — Ela engatou os ombros expressivamente. — Quando estamos na cama e quando você me abraça, eu te digo o quanto eu te amo, mas você nunca diz.

Ele limpou a garganta e desviou o olhar. Ele disse a Margaret repetidamente; ele sussurrou “eu te amo” em seu cabelo preto, ele beijou “eu te amo” na sua frente. E ela pegou o presente de seu coração e o rasgou.

— Eu mostro a você, não é? — Matthew se concentrou no cacho de cabelos que ele estava enrolando em volta do dedo. Ele soltou e observou-o saltar como um saca-rolhas antes de encontrar os olhos dela.

— Sim, mas eu gostaria muito de ouvir isso. Um dia.

— Um dia — ele prometeu, e ficou de pé.

DEPOIS DE SEMANAS NA GUARITA, Hector estava tão imundo que mal conseguia aguentar o próprio cheiro. Suas bochechas estavam eriçadas, a pele coçava, e, quando a porta se abriu, o feixe de luz cortou como laser em sua córnea.

— O capitão quer ver você — disse o diretor.

— Finalmente! — Hector respondeu. — Já não era sem tempo.

— Eu me atrevo a dizer que ele tem mais coisas com as quais se preocupar do que com o destino de um espião.

Hector olhou para o diretor com desagrado, mas segurou a língua e arrastou-se atrás dele em suas correntes.

— Um erro! — Hector vociferou, puxando o ar em longos e constantes goles. Jesus! Ele levantou a cabeça gotejando na direção do oficial. — Quantas vezes tenho que te dizer? Eu não sou espião!

O oficial assentiu, e a cabeça de Hector foi novamente empurrada para o cano de água, suas mãos batendo inutilmente em suas correntes.

— Eu sou um homem de Deus — Hector gargarejou quando foi liberado para o ar.

— Um papista, eu sei — disse o oficial.

— Não! — Hector recuou contra as mãos que o empurravam para a água suja. — Eu não sou um espião, não tenho interesse nas disputas mesquinhas entre o rei e os comuns.

— O quê?!

Mais uma vez, Hector foi mantido abaixo da superfície, e em certo ponto realmente pensou que poderia morrer, então ele lembrou que não iria — ele não podia —, não importava que seus pulmões estivessem queimando, que seu nariz e boca estivessem preenchidos com esta água oleosa e suja. Desta vez ele emergiu irritado e desesperado, e se endireitou, fixando os olhos ardentes no oficial.

— Cuidado, você está mexendo com coisas que não entende. — Ele plantou suas mãos algemadas na borda do cano, tossiu para limpar seus pulmões. Foi atingido pela inspiração e moldou sua mão direita no antigo sinal do mal. — Viu? — Ele levantou a mão para que a lanterna jogasse uma imagem sombria de uma cabeça com chifres na parede atrás dele. O oficial deu um passo para trás e Hector sorriu; idiota supersticioso. — Eu sou um caçador de bruxas — disse ele, inclinando a cabeça em uma ligeira reverência.

— Um caçador de bruxas?

Hector assentiu; bem, era a verdade, não?

— E você acha que há uma bruxa em Cumnock? — A voz saiu com uma ponta zombadora.

— Ainda não sei. Definitivamente há bruxas aqui em Edimburgo, eu posso sentir o cheiro delas. — Hector fungou teatralmente antes de perceber o que ele tinha feito, fechando os olhos para sua própria

estupidez.

— De verdade? — o oficial disse, tentando um tom desinteressado, mas Hector podia sentir a excitação nele. Ele bateu palmas e soltou Hector. — Vamos ver, não é?

O oficial levou Hector encharcado por uma passagem mal iluminada para um buraco pequeno e úmido. Sem luz, o chão estava úmido, assim como as paredes, e sentada em um canto havia uma garota. Ela protegeu o rosto da luz com as mãos trêmulas e, ao comando curto do oficial, ficou de pé.

Meu Deus! Hector foi lavado por uma onda de compaixão desconhecida. A garota havia sido torturada, o rosto dela era uma massa de contusões, os dedos pendiam torcidos e deformados.

— Quem fez isso?

— Por que você se importaria? — disse o oficial. — Ela é acusada de bruxaria.

— Amadores — disse Hector. — Quem quer que tenha sido responsável pelo seu interrogatório, não conhece o seu ofício.

— Então que sorte que você está aqui agora. — O oficial indicou com a cabeça que a menina era toda dele. Hector resignou-se ao inevitável; ele teria que condenar uma mulher inocente ou duas antes de ser deixado para cuidar de seus próprios negócios. Ele quase riu; círculo completo, certo?

— Traga-me um braseiro, dois pregos de seis polegadas, uma escova de cabelo de marta e um pouco de óleo aquecido — disse Hector. Duas horas depois, a garota admitiu tudo, palavras tropeçando em sua língua em sua pressa de se condenar.

— Muito bem — disse o oficial com alguma admiração. — Bem-vindo a Edimburgo. Temos muito trabalho para você fazer aqui, Sr. Olivares. Ampla oportunidade de provar suas habilidades e sua retidão de fé.

Para isso, tudo que Hector pôde fazer foi concordar com a cabeça.

Para sua surpresa, ele ficou preso. A idade deve tê-lo amadurecido, porque de que outra forma explicar o desgosto que sentiu nos meses seguintes, quando uma mulher após a outra foi levada até ele. Velhas e feias, a maioria delas, sujas pobres e desprotegidas, e pelo menos três delas fracas da cabeça, sem grandes perdas para a humanidade. Na verdade, quase se podia argumentar que ele estava fazendo um favor à sociedade, se livrando delas.

Impassivelmente, ele ficava em um canto quando elas eram interrogadas. Ocasionalmente, alfinetava só para provar que era capaz, mas em geral ele supervisionava, de vez em quando inclinando a cabeça, cometendo assim a infeliz fêmea para mais tortura, na esperança de arrancar uma confissão dela.

Eles geralmente conseguem. Bem, algumas coisas nunca mudam, e

uma agulha vermelha em suas unhas é mais persuasiva. A mulher em questão admite longas listas de pecados, desde colocar o olho do mal em Janet Cameron até noites de prazer com o próprio diabo.

Hector estava entediado. Sem dúvida, algumas dessas mulheres se interessaram por artes das trevas, mas bruxas? Elas ficaram bem aquém de alguém como Mercedes. Ela zombou dele; através de suas noites, ele sonhava com ela, durante os dias em que a imaginava em toda parte, uma mulher indescritível com cabelos escuros. Ele a ouvia rindo sempre que vislumbrava seu próprio reflexo, um som suave e zombeteiro que aumentava de volume enquanto ele estudava seu rosto envelhecido, suas mãos.

Mas às vezes era Dolores que vinha atormentar suas noites, a garota brilhante com o cabelo polido que ele seduzira e com quem dormira, até mesmo amara, em um passado distante em Sevilha, antes de toda a sua vida se transformar em um pesadelo impossível, uma busca eterna para encontrar seu caminho para casa.

O som dos cascos galopantes perturbou a paz da manhã de sábado, e quando um cavalo ensaboadado, com uma forma rotunda empoleirada no topo, apareceu, Alex sabia exatamente quem era e por que ele estava ali.

— Corra! — Simon engasgou quando ele caiu de seu cavalo. — Matthew, corra!

Matthew não esperou, ele voou, sua camisa batendo na brisa, em direção à colina.

— Minha esposa — ele chamou. — Cuide da minha esposa.

— Eu vou com ele. — Alex já estava se movendo na direção onde ele havia desaparecido, mas Joan a parou.

— Não, Alex, você o atrapalharia. Ele vai ficar bem por conta própria.

— Não, ele não vai! Ele precisa de mim e eu... — Ela parou e ficou em silêncio enquanto uma companhia de soldados descia em direção à casa. Ela reconheceu um deles como Watson, o homem com a corda do carrasco, e apenas o pensamento de ver Matthew morrendo assim fez sua garganta se contrair.

— Estamos procurando por Matthew Graham — disse o oficial uma vez que ele parou seu cavalo. Ele tirou o chapéu e inclinou-se na direção de Joan e Alex. — Senhoras, capitão Leslie, ao seu serviço. — Alex tinha uma impressão dominante de um homem muito cinzento; cabelos grisalhos, roupas cinzentas, pele cinzenta, e infelizmente, olhos cinzentos inteligentes.

— Senhor. — Joan fez reverência, indicando com a mão que Alex deveria fazer o mesmo. — Receio que o Sr. Graham atualmente não esteja em casa, na verdade ele não está em casa há algum tempo

— Não? E aqui eu tenho uma cópia de um contrato de casamento feito no último dia 12 de setembro entre Matthew Graham e Alexandra Lind. Você diria que foi um casamento por procuração? — O oficial olhou com interesse para as mãos de Alex, estendida sobre uma barriga ainda relativamente plana.

— Mas isso foi há muito tempo — Alex disse —, mais de dois meses. E, desde então, bem, lamento dizer que não vimos muito dele. — Ela reprimiu o impulso de levantar as saias e sair, correr até encontrar Matthew. Em vez disso, ela sorriu para o oficial.

O olhar do oficial permaneceu em Alex. Ela mudou de posição.

— Ah, bem, só precisa de uma vez — disse ele com um encolher de ombros e balançou o cavalo. — Você não vai se importar se nós olharmos, vai?

— Claro que não; vá em frente, fique à vontade.

O policial pareceu um pouco intrigado, mas curvou-se e deu a Alex um sorriso agradável, mandando seus homens para procurar os prédios, subindo as encostas arborizadas, com as espadas na mão que usavam para fazer arvoredos e folhas empilhadas. *Por favor, não deixe que isso aconteça, Alex rezou, não deixe que esses soldados o encontrem e o destruam, ou pior ainda, não deixe que o coloquem na cadeia e depois o enforcuem.*

No final, tudo o que conseguiram foi um Simon indignado, com a voz rouca ao protestar contra esse tratamento estridente. Seu cabelo fino e avermelhado estava em todos os sentidos, fazendo com que ele parecesse um boneco de troll. Uma pálida Joan observou-o se afastar, o lábio inferior entre os dentes.

— Sinto muito — disse Alex. — Será que eles vão machucá-lo?

Joan deu-lhe um sorriso fraco.

— Não, eles não vão. Mas vão fazê-lo suar um pouco.



FICARAM SENTADAS ESPERANDO por Matthew até tarde, mas finalmente Joan se levantou, apagando a vela sobre a mesa.

— Ele não vai voltar hoje à noite. Podemos muito bem ir para a cama.

Elas pararam no meio do caminho para as escadas, ambas alertadas por um movimento repentino na pista.

— São os soldados! — disse Joan. — Oh, meu Deus, são os soldados que voltam para procurá-lo novamente. — Alex espiou para fora. Várias formas escuras estavam se movendo em direção à casa. Sem cavalos, sem lanternas, e pelo pouco que podia ver, nenhuma tentativa de formação.

— Aqueles não são soldados.

Joan apertou os olhos e então choramingou.

— Bandoleiros!

Alex deu-lhe um olhar confuso.

— Aqui? Não são mais como salteadores de estrada?

— Principalmente. — Joan encolheu-se contra a parede. — Shh, talvez eles pensem que a casa está vazia.

— Não — uma voz divertida respondeu —, nós sabemos que não está.

Joan correu para as escadas. Inútil, e foi arrastada na direção da

cozinha. Quando um dos homens agarrou Alex pelo braço, ela deu de ombros.

— Eu posso andar por conta própria. — A passagem era muito estreita e escura para permitir-lhe espaço para manobras, e, uma vez na cozinha, ela e Joan foram encurraladas em um canto enquanto os homens reviravam a casa em busca de objetos de valor. Seis, não, sete homens, tornando tudo muito apinhado quando voltaram para a cozinha. Alex levantou-se na ponta dos pés. Será que conseguiria? Não, as chances estavam esmagadoramente contra ela. Muitos homens, pouco espaço, e ela duvidava que Joan fosse de muita ajuda. Ela olhou na direção de Joan. Qual era o problema com ela, afinal? Desde que entraram na cozinha, Joan ficou muda, os olhos nunca deixando os homens.

— Eu pensei que você tivesse dito que havia ouro — um dos homens choramingou para o líder aparente. — Mas tudo o que encontramos foram algumas colheres de prata.

— Há ouro, você verificou a mesa do mestre? Ele tem uma caixa lá. — O orador estava encostado na outra parede, com o rosto e a parte superior do corpo na sombra. Alex franziu a testa; havia algo vagamente familiar na voz.

Em resposta, o primeiro homem segurou o pequeno cofre, sacudindo-o para mostrar o quão vazio estava. Graças a Deus ele se moveu, pensou Alex, obrigando-se a olhar diretamente para a frente, não para a pedra solta no fundo da lareira.

— Onde está? — Havia um fio de aço na voz sombria, e Alex sentiu um medo serpenteante correr por suas pernas, fazendo-a querer se sentar.

— Não há nada aqui. — Ela repetiu isso teimosamente pela próxima meia hora, mesmo quando um dos homens colocou a ponta de sua adaga na pele macia sob seus olhos.

— Dê-nos suas joias — disse um deles.

Joan tirou os anéis e entregou-os a ele.

— Você também — disse ele, acenando na direção de Alex. Ela não tinha intenção de dar a esse idiota a única coisa que restara de seu pai, então apenas balançou a cabeça.

— Não.

— Alex! — Joan assobiou. — Faça o que ele diz.

O homem acenou com a faca na direção de Alex, e ela baixou a mão em um movimento rápido, enviando a faca girando para o chão.

— Me obrigue. Tente, seu filho da puta fedido, e você pode simplesmente achar que colocou o chapéu onde seu braço não alcança. — Por que, oh, por que ela não podia simplesmente aprender a manter a boca fechada? Ela o irritou, e o homem riu maldosamente enquanto avançava em direção a ela. Ela chutou, foi prejudicada por

suas saias, e ele grunhiu de surpresa quando seu pé o pegou logo abaixo do esterno, não em sua cabeça, como ela pretendia.

— Fique para trás! — ela ameaçou. — Chegue mais perto e vou chutar suas bolas. — Eles olharam para ela com cautela, se aproximando, e ela se lançou para uma faca, um cutelo, qualquer coisa para brandir contra eles, mas tudo o que pegou foi uma colher de pau.

— Faça como lhe é dito — uma voz fria cortou a escuridão. — Entregue o seu anel ou eu vou cortar a mão da sua cunhada. — Joan soltou um som choramingo abafado e Alex virou-se para a porta, onde o homem anteriormente descansando nas sombras estava segurando a mão de Joan contra o quadro com uma faca no nível do punho.

— Você! — Alex se lançou através do cômodo. — Por que você... — Ela levou a colher de pau para baixo, na cabeça do cunhado, ignorando os sons de aviso de Joan. — Que tipo de bastardo corta a própria irmã, o que há de errado com você? — Alex estava gaguejando de raiva, bateu de novo em Luke, estava vagamente consciente de quão silenciosos os homens à sua volta haviam caído e então seu pulso foi torcido e a colher caiu com um barulho no chão. — Ow! — Ela tentou soltar a mão livre, olhou para Luke, e o gelo verde em seus olhos a fez engolir um soluço. Ele atingiu seu braço, com força suficiente para ela suspirar com o impacto. Luke grunhiu, mas se segurou, balançando-a levemente em seus pés. Ele cheirava a uísque e cerveja, seu rosto estava vermelho, seu cabelo vermelho-escuro bagunçado.

— Luke... por favor — disse Joan, agarrando seu irmão com a mão ileisa. Ele deu de ombros, enxugou a testa ensanguentada e depois bateu em Alex, direto no estômago. Ela abriu e fechou a boca um par de vezes, tentou forçar o ar em seus pulmões.

— Nenhuma mulher levanta a mão para mim, e definitivamente não a vadia estrangeira do meu irmão — Luke disse arrastado. Mais uma vez ele enfiou o punho no estômago de Alex. O tempo parou. A dor explodiu em sua espinha, descendo pelas pernas.

— Agh! — Oh, meu Deus, o bebê! Ela lutou para respirar, tentou se afastar. Ela puxou o braço. Ele riu. Ele puxou o braço de volta, apertou a mão. Outro golpe e suas pernas se dobraram, pequenos pontos negros se formaram diante de seus olhos. Novamente. O ar fazia com dificuldade o caminho para cima e para baixo em sua traqueia. De novo e de novo. Molhado, algo molhado no interior de suas coxas.

Joan estava chorando, implorando para ele parar. Sim; por favor, pare. Alex caiu de joelhos. O chute a fez se espalhar. Alguém a pegou. Ela não aguentou, caiu de joelhos. Ele a chutou de novo. Ela rastejou, lamentando. Podia sentir o gosto de sangue em sua boca. Uma mão no

cabelo dela e ela foi arrastada para ficar de pé. Tão quieto. Tudo o que ela podia ouvir era sua própria respiração, seu próprio pulso. Mais um golpe. Filho da puta! Uma faísca de raiva passou por seu cérebro, gaguejou e morreu. Muita dor. Seu bebê.

Ela estava meio arrastada, meio fora da cozinha e subindo as escadas. Ela ouviu Joan gritar seu nome, estava ciente de que ela deveria tentar fazer alguma coisa, mas a mão em seu cabelo apertou mais forte e então ela não se lembrava, não, por favor, ela não se lembrava...



MATTHEW SEGUIU CAUTELOSAMENTE PELA ENCOSTA. Ele estava com frio depois de sua noite no pântano, esperava por uma recepção calorosa e comida quente. Em vez disso, sua casa parecia deserta, mergulhada em um silêncio que fez sua pele arrepiar. Ficou por muito tempo escondido debaixo das árvores, examinando seu quintal, seus edifícios. Nenhuma fumaça saía das chaminés, nenhuma agitação no quintal. Uma armadilha? Ele hesitou, incerto sobre o que fazer.

Ele se moveu furtivamente pelas margens, tentando entender o que havia acontecido. Cavalos — vários cavalos —, mas eles foram embora agora. No celeiro e nos estábulos, as feras permaneciam ilesas. Ele encontrou Gavin, que estava indo ordenhar as vacas, e perguntou se ele tinha visto alguém na casa grande, mas Gavin balançou a cabeça, dizendo que como era domingo ele pensou que eles tinham se dado um pouco de descanso depois de todo aquele negócio de ontem, com o Sr. Simon sendo levado pelos soldados e o próprio mestre correndo como uma raposa.

Matthew assentiu, mas sentiu os ombros tensos. Talvez o rapaz tivesse razão, mas metade da manhã se foi, o sol de novembro quase no auge, e Joan estaria perto de se desintegrar com preocupação por Simon.

Ele se armou com um forcado e se aproximou da casa. Na cozinha, ele encontrou Joan sentada sem resposta contra a parede. Havia um corte no antebraço direito, e ela olhava para ele sem nenhum sinal inicial de reconhecimento, olhos cinzentos se concentrando e sem foco. Ela estendeu as mãos amarradas para ele em um gesto suplicante.

— O que eles fizeram com você? — Matthew perguntou, soltando a mordança improvisada.

— Nada muito ruim — disse Joan, olhando para qualquer coisa menos ele.

— Alex?

— Lá em cima, ele a levou para cima, e eu não ouvi um som dela

desde... oh, Deus, desde que ela parou de gritar.

— Quem? — ele perguntou, forçando as palavras através de uma boca cheia de cascalho, mas ele já sabia, tinha sua resposta no rosto chocado de Joan.

— Luke. — Ela franziu a testa. — Alguém deixou a porta destrancada. Deve ter sido a Sra. Brodie. Rosie foi visitar a mãe e parece que a Sra. Brodie se foi.

No momento, Matthew não se importava. Todo ele estava focado no pesado silêncio do andar de cima.

— Você acha que ela está... — Joan sussurrou, agarrando o braço dele.

— Eu não sei — disse ele, indo para as escadas.

Alex estava no chão. Viva, graças ao Senhor, viva e lúcida o suficiente para começar a chorar quando o viu. Ajudou-a a levantar-se e as saias estavam rígidas com sangue seco.

— Sinto muito — ela disse. — Me desculpe, sinto muito... — Ele a silenciou, piscando os olhos sem lágrimas. Deixaria isso para mais tarde, agora ele tinha que ser forte e reconfortante para essa mulher que tinha problemas em ficar de pé, que não encontrava seus olhos. O que ele tinha feito com ela, aquele irmão bastardo dele?

Ela segurou suas roupas sujas, gritou que não queria que ele visse, não queria se ver, mas ele insistiu, chamando Joan para levar água quente e toalhas. Muitas toalhas.

Uma peça de roupa foi removida de cada vez, e ela chorou e soluçou, ofegando de vez em quando enquanto ele soltava lacinhos e botões. Querido Senhor! A frente dela, as costas dela, as coxas dela, uma colcha de retalhos de contusões, de vergões. Cuidadosamente ele a lavou e ela recuou de seu toque.

— Eu... — ela gaguejou.

— Calma — disse ele, esperando até que ela voltasse a respirar.

Ele enxaguou a toalha e, na bacia, a água era de um marrom sujo. Uma camisola e lençóis limpos e ele a carregou até a cama, embalando-a em seus braços como se ela fosse um menino pequenino. A sua esposa; sua garganta entupiu-se de tristeza e raiva.

— Joan virá e ficará com você — ele disse, tocando os cabelos dela. — Eu tenho que encontrar Simon. E Luke. — Ela assentiu e rolou para o lado.



MATTHEW FOI EMBORA na semana seguinte. Ele cavalgava como um louco pela paisagem circundante à procura de seu irmão, mas de Luke não havia vestígios. Margaret jurou que não o via há semanas quando

Matthew apareceu à sua porta, mas ele podia ver que ela estava mentindo, com o pescoço manchado de vermelho.

Apesar das súplicas de Joan para não se colocar em risco, ele entrou em Cumnock, atravessou todos os lugares à procura de Luke, mas não havia sinal, nem sequer um cheiro dele.

— Tem certeza? — Simon ofegou, trotando atrás de Matthew em direção ao Merkat Cross Inn. — Foi realmente ele?

— Joan disse que sim.

— Mas nem mesmo Luke prejudicaria tanto uma mulher, não é?

Matthew encolheu os ombros. Eles viram Luke em uma de suas fúrias, o viram perder todo o controle. Ele se virou para olhar para Simon com desespero.

— Meu irmão, Simon! Abusando da minha esposa. E ela grávida, sofrendo e implorando para ele parar!

— Talvez ele não soubesse. Sobre o bebê, quero dizer.

— E isso é desculpa? — Matthew cuspiu na sarjeta, passando a mão no rosto. — Eu juro que se eu o encontrar, vou matá-lo.

Simon empalideceu em seu tom.

— Ele está em Edimburgo.

— E agora que você me diz? — Matthew olhou para ele por baixo de seu chapéu de abas largas.



ALEX RECUOU em silêncios e vazio. Na maior parte do tempo, evitou-os. Todos eles. Desaparecendo por horas a fio para caminhar pela floresta ou sentar-se sozinha no palheiro. As contusões se desvaneceram, mas seus olhos permaneceram afundados em seu rosto, cautelosos e sombrios, raramente encontrariam com outros antes que ela os desviasse, mãos mexendo em seu avental, suas saias.

— É minha culpa — disse ela um dia. Eles estavam sentados na sala, e Matthew fechou o livro que estava lendo e olhou para ela. Havia um conjunto tenso em sua boca, e ela puxou o cabelo para trás em uma pequena trança apertada. Não combinava com ela, o cabelo dela deveria flutuar e cair ao redor de sua face, não ser domado brutalmente.

— Claro que não é. — Seu olhar desviou para sua cintura e depois para longe.

— Você não soa como se acreditasse nisso. — Ela respirou longa e firmemente. — Eu não deveria tê-lo provocado, mas acho que não pensei. Meio que me atingiu, vê-lo ameaçando cortar o pulso de Joan.

— Oh, Senhor... — Matthew abaixou a cabeça, dilacerado pelo fato de que era seu irmão, um homem que ele poderia... não, deveria ter matado, que tinha feito isso com sua esposa. Ele estava ao lado

dela em segundos, tentou pegar suas mãos em punhos. — Diga-me, não lide com isso sozinha, moça.

— Eu não consigo. — Ela se soltou e fugiu da sala, e atrás dela Matthew afundou o rosto em suas mãos e gemeu. Como ele poderia ajudá-la, ajudar os dois, se ela não permitisse?

Ele tentou. Deus sabe que ele tentou falar com ela, obter uma descrição da noite dela, mas cada vez que ele tentou, Alex apenas balançou a cabeça e escapou dele, deixando-o imaginando uma sequência de eventos após o outro, cada um deles sucessivamente mais cruel, mais degradante.

— Ela precisa de tempo — disse Joan quando ele foi até ela. — E ela está certa, não é? Você acha que ela é a culpada, pelo menos um pouco.

— Eu culpo a ele, o maldito bastardo que é.

— Sim, e ela, por não entregar o anel. — Ela suspirou e deu um tapinha no braço dele. — Não teria importado se ela tivesse feito o que ele pediu. Luke não veio para roubar o pouco de ouro que você poderia ter. Ele a machucou para machucar você. Você sabe disso, não sabe?

Isso não ajudou, ele disse a ela, provavelmente piorava tudo.

— Minha Alex, ela está tão machucada, e eu não posso ajudá-la.

Joan apertou sua mão e deu uma pequena sacudida.

— Você a ama, você realmente ama.

Matthew murmurou alguma coisa e desviou o olhar. Ele a amava? Oh, sim, ele certamente amava. É por isso que tudo isso foi como ingerir vidro moído, deixando-o rasgado e sangrando por dentro.

Ele acordou com os soluços abafados dela, seu coração quebrando em cada um desses sons baixos e desolados. A mão dele moveu-se por conta própria, acariciou suas costas, seu braço, enquanto ele fazia barulhos de silêncio, qualquer coisa para impedi-la de sofrer. E então ela estava em seus braços, sua boca estava molhada em seu pescoço, em sua boca, seu corpo inteiro exigindo que ele a amasse, a abraçasse. E ele queria, santo Deus, ele queria, seu corpo arqueando sob o toque dela, sua boca procurando a dela. Levantou-se acima dela, beijou-a e, espontaneamente, vieram as imagens do seu maldito irmão aproveitando-se de Alex, como fizera com Margaret, e tudo em Matthew murchava nessas imagens demasiado explícitas.

Com um gemido, ele caiu ao lado dela. Não era o mesmo, ele lembrou a si mesmo, não de todo o mesmo, mas não ajudou.

— Não. — Ele se afastou, desvencilhando-se dela. Ela congelou, os olhos enormes no oval pálido de seu rosto, e virou de lado, as costas rígidas como uma tábua. Matthew queria esticar a mão e puxá-la para perto, talvez beijar seu cabelo, consolá-la, mas mais do que isso... não, ele simplesmente não podia, não quando seu cérebro era invadido por

imagens desarticuladas de Luke com sua Alex.

— Quando eu chegar até você com a minha necessidade, você não vai me negar — ela sussurrou no escuro e ele podia ouvir o quanto custou a ela manter a voz firme. Matthew gemeu, torcendo o rosto para se esconder contra o linho macio e gasto do travesseiro. — Você disse que funcionava nos dois sentidos, e agora... bem, agora eu venho até você com a minha. — Ela rolou de novo, seu rosto apenas a centímetros do dele. Ele recuou e pôs a mão no ombro dela. Para atraí-la para perto? Para mantê-la longe? Ele não sabia.

— Eu não posso, moça. Não assim. Mas eu posso te abraçar. — Ele deu a ela um sorriso fraco e ergueu sua colcha para convidá-la a entrar.

— Isso não é suficiente. — Ela se levantou da cama e saiu do quarto.



— VOCÊ VAI PARAR de fazer isso? — ele disse na manhã seguinte, esfregando a mão com força em seu rosto em uma tentativa fútil de enxugar sua exaustão.

— Fazer o quê? — ela perguntou suavemente, em total contradição com a expressão em seu rosto.

— Você sabe o que eu quero dizer! Você sai da cama e depois não volta, e eu passo a noite procurando você, para ter certeza de que está segura.

Ela bateu o prato na frente dele. Eles estavam sozinhos na cozinha, Joan tendo decidido que ela precisava inspecionar o galpão de defumação.

— Bem, eu estou aqui quando você precisa de mim, não é? — Ela olhou para ele. — Há comida no seu prato quando você precisa, roupas limpas quando você precisa delas, água morna quando você precisa se lavar. Todas as suas necessidades eu me certifico que são adequadamente cuidadas, certo? E aqui estava eu, pensando que deveria funcionar nos dois sentidos. — Ela bateu a porta ao sair. Com um suspiro resignado, ele se levantou para segui-la.

Ele a encontrou onde sabia que ela estaria, nos estábulos. Enquanto ele descia a extensão do prédio em direção à baía de Samson, ouviu a voz dela, um monólogo silencioso em uma língua que ele não entendia. Ela começou quando ele apareceu em sua linha de visão e se abaixou sob o enorme pescoço de Samson para esconder seu rosto dele.

— Já faz mais de um mês, e a menos que falemos sobre isso, isso vai apodrecer, envenenando todos os aspectos do nosso relacionamento. Já está. — Ele lhe deu um sorriso torto. O que quer

que fosse que ela não estava dizendo a ele, não poderia ser pior do que ele estava imaginando.

Ela encontrou o olhar dele sobre as costas do cavalo.

— Eu não quero isso — disse ela, com os olhos tão escuros que as pupilas eram poços profundos, levemente marcados de azul.

— Nem eu. — Ele estendeu a capa para ela. — Vamos caminhar?

Eles não conversaram, apenas caminharam lado a lado, de mãos dadas. Quando Matthew os conduziu na direção do pequeno cemitério, seus dedos estavam firmemente trançados em volta dos dele. Ele parou no portão e abriu-o, tirou algumas folhas molhadas do banco e convidou-a a sentar-se.

Um sol fraco de dezembro filtrou-se através dos ramos nus da sorveira, longos dedos estendidos de sombra lançados sobre a grama desbotada. A respiração deles veio em baforadas suaves e Matthew deslizou para se sentar mais perto, pressionando sua coxa contra a dela. Ele podia senti-la relaxar, um lento abrandamento de músculos que por semanas tinham sido rígidos de medo e tristeza. Ele não forçou, apenas se sentou ao lado dela, de vez em quando varrendo o polegar em um movimento acariciador sobre as costas da mão dela.

— Eu não aguento — ele finalmente disse, em vista de seu silêncio contínuo. — Eu não posso... Eu vejo essas imagens na minha cabeça de você com ele, e eu não posso apagá-las, e eu quero... Alex, eu sinto muito!

— De mim com ele? — Sua confusão era aparente, e ele se virou para ela. Seus olhos se arregalaram. — Oh, meu Deus. Você acha que ele me estuprou?

— Não?

Alex fez um lento movimento de negação com a cabeça, e os ombros de Matthew caíram vários centímetros.

— Ele... ele estava fora de si, sabe? Ele me deu um soco e me bateu, ele me xingou, me bateu mais um pouco, e eu implorei para ele parar, mas ele simplesmente continuou falando sobre você e Margaret, e como você se sentiria agora, enquanto ele fazia com a sua esposa o que você fez com a dele, e... — Ela lançou-lhe um olhar e parou abruptamente. — Não é sua culpa.

— Sim, eu deveria estar lá para protegê-la.

— Bem, ele fez com que você não estivesse, não é? E se você voltasse, o que poderia ter feito sozinho contra seis homens? — Ela estremeceu quando o sol desapareceu atrás das nuvens que se moviam rapidamente. — Eu não acho que ele estava totalmente ciente do que estava fazendo. Além disso, ele estava bêbado.

— Isso não é desculpa.

— Não. Definitivamente não é. — A mão dela desceu para massagear seu abdômen. — Nosso bebê.

Matthew pegou as duas mãos e se ajoelhou diante dela.

— Nós vamos ter outros bebês, moça.

— Mas não como este — ela respondeu, lágrimas caindo de seus cílios.

— Não, não como este.

— Ele teria seus olhos. — Ela respirou.

— Ela teria sua boca — ele sussurrou.

Lentamente ela tombou em direção a ele, que soltou suas mãos para envolver seus braços em volta dela, mantendo-a segura contra si enquanto uma chuva de neve molhada dançava ao redor deles.

A Sra. Gordon inspecionou a cozinha, deu um rápido passeio pela casa, avaliou e inventariou as cristaleiras e despensas, depois sentou-se na única cadeira da cozinha, cruzou os braços e começou uma longa e acalorada negociação com Matthew. Meia hora depois eles estavam de acordo. A Sra. Gordon iria trabalhar para eles, substituindo a desgraçada Sra. Brodie.

Tinha sido sugestão de Alex chamá-la, insistindo mesmo quando Matthew murmurou algo sobre ela morar muito longe e ser uma parteira, mas no final ele concordou em enviar alguém para perguntar. A resposta veio em pessoa, a Sra. Gordon cavalcando em um cavalo alugado, com os braços cerrados ao redor da rédea, e agora ela se sentava perto do fogo como se sempre pertencesse a ela, seus brilhantes olhos negros estudando Alex com curiosidade aberta.

— Como vai o seu tricô? — ela perguntou, irônica.

— Progredindo — disse Alex, decidindo ignorar o riso abafado de Matthew.

— Ah, bem, isso é bom, não? — perguntou Gordon. — Você já terminou alguma coisa?

— Umm — disse Alex e apressadamente virou a conversa para a festa que fariam.



CINCO DIAS DEPOIS, Alex sentou-se com um baque no banco da cozinha e gemeu.

— Estou morta e a festa ainda nem começou.

Joan puxou mais uma torta do forno e colocou-a na mesa. Toda a cozinha cheirava a couve e repolho, havia tortas por toda parte, e bolos de groselha, pão, pernis de cordeiro defumado e uma enorme quantidade de coisas que tremiam em geleia. Alex pretendia se manter bem longe delas. A Sra. Gordon e Joan sentaram-se ao lado dela e, em silêncio, estudaram os alimentos empilhados diante delas.

— Acabamos — disse Joan, observando os frutos de seu trabalho.

— Espero sinceramente que sim — disse Alex —, isso deveria alimentar um exército.

Joan riu e se espreguiçou, apertando os nós dos dedos na curva das

costas.

— É melhor comer alguma coisa antes, a menos que você queira lutar mais tarde.

Algumas horas depois, Matthew estava na entrada do celeiro para receber seus convidados e inquilinos, dando tapas nas costas de homens, curvando-se para as mulheres. Alex ficou ao lado dele, sorrindo para o que para ela parecia uma fila interminável de pessoas desconhecidas. Pela primeira vez, foi Matthew quem foi o anfitrião da dança de Hogmanay, e ela pôde ver que ele estava nervoso, enxugando as mãos pelo tecido fino de seus novos calções, feitos por sua esposa orgulhosa, nada menos.

Havia muita cerveja e sidra, e não demorou muito para que um espírito geral de alegria se instalasse na multidão, aumentado ainda mais por toda a comida. Era como assistir a um enxame de gafanhotos bíblicos. Em um momento os pratos estavam transbordando, no minuto seguinte, sobraram migalhas.

A Sra. Gordon se apressou em perguntar se Alex queria que ela reabastecesse os pratos.

— Nós temos alguma coisa sobrando?

— Oh, sim. — A Sra. Gordon sorriu. — Mas eles não querem mais comida, querem uísque.

— Eu nunca teria adivinhado — Alex disse, pensando que, em alguns aspectos, as coisas eram praticamente as mesmas, não importa em que século você esteja.

Depois das primeiras danças, ela não viu Matthew, a não ser em vislumbres. Ele dançou e riu, tão obviamente em seu ambiente, com seu pessoal, que fez com que Alex se sentisse ainda mais sozinha. Ela era trazida de volta rapidamente pelo modo como ele se misturava para permanecer ligado a ela, que não conhecia as danças, ficava excluída das piadas e do zumbido da conversa por sotaques que se ampliavam à medida que a noite ia passando. Mas ela sorriu e riu, dançou com todos que pediram, bebeu muita sidra e riu um pouco mais, antes que o esforço de tudo isso se tornasse demais e ela se acomodasse em um canto escuro para assistir.

— Todo mundo quer um pedaço dele — disse Simon, materializando-se com duas canecas cheias de vinho nas mãos. Alex assentiu, seus olhos acompanhando Matthew na pista de dança. Ele estava corado pelo esforço, dançando apenas de camisa e calça e, enquanto ela observava, ele ergueu sua parceira loira em um arco alto, suas saias largas caindo para revelar meias de seda rosa. Essa foi a terceira vez que ele dançou com aquela garota em particular.

— Quem é ela? — Ela nunca tinha visto a mulher antes, tinha certeza, e não conseguia se lembrar dela ter vindo com seus primos Graham. Mas talvez ela tivesse vindo.

— Ela? Ah, essa é a Sarah. Eles foram namorados uma vez, antes...
— Simon se interrompeu e olhou para Alex com diversão. — Ela é casada, sim? E não passou de uma fantasia de infância.

— Eu suponho que ele deve ter tido uma série de namoradas, sendo o filho mais velho do mestre.

Simon considerou isso e sorriu.

— Ele não teve sorte com as moças, Matthew. Sempre era eu que elas queriam. — Ele expandiu seu considerável peito e se preparou, parecendo muito presunçoso.

Alex riu e o empurrou.

— Claro; você deve ter tido todas elas sobre você.

Simon piscou e se levantou, estendendo a mão para ela.

— Você não acredita em mim, eu posso dizer. Deixe-me mostrar-lhe, querida boa irmã. — Ele a arrastou para dançar, e Alex descobriu, para seu espanto, que não só ele era de longe o melhor dançarino ali, mas estava certo. Enquanto ele dançava e pulava e girava em torno dela, ele foi seguido por muitos, muitos olhos femininos.



ERA QUASE MEIA-NOITE, ou pelo menos ela achava que era, e Alex pegou sua capa de onde estava jogada em um banco e saiu para o ar frio da noite. Ela sabia exatamente para onde estava indo, correndo pelo jardim e por cima dos prados de água, com os olhos fixos na colina nua que se erguia diante dela.

A noite estava clara, com uma meia lua pendendo como uma fatia de limão no céu, e as estrelas se espalhavam em campos cintilantes ao redor. Ela ouviu o latido distante de um cachorro, o farfalhar das coisas que ela assustou enquanto caminhava pela floresta, e de trás vinha o som de violinos e música.

Alex parou por um instante para olhar para o solar espalhado abaixo; velas nas janelas, um quadrado mudo de luz que se derramava da porta aberta do celeiro e formas sombrias que, mesmo a essa distância, se moviam instáveis sobre os pés. Ela se perguntou brevemente se um deles poderia ser Matthew, mas depois voltou para o morro. Ela tinha um compromisso para manter.

Todo dia ela estava pensando neles, em Isaac e John, mas principalmente em Magnus. O Ano Novo tinha sido dele e dela, porque Mercedes odiava essa marcação do tempo e se trancava em seu estúdio para pintar, recusando-se a participar de qualquer festa. Então Magnus e Alex cozinhavam e passavam as horas contando até meia-noite, falando sobre o ano que tinha sido. Ela se perguntou se ele estaria sozinho este ano, ou se ele estaria com John, mas no fundo sabia que estaria tão sozinho quanto ela se sentia o dia todo.

Todas as vésperas de Ano Novo terminaram da mesma maneira; eles saíam para o jardim e olhavam para o céu, procurando pela Estrela do Norte. Mesmo quando o céu estava nublado, eles ainda saíam e vasculhavam os céus. E no toque da meia-noite Magnus brindava a estrela, visível ou não, e sorria para sua filha.

— *Skål, lilla hjärtat* — ele diria e ela responderia em sueco também.

— *Skål, pappa.*

Alex alcançou seu ponto mais alto e esticou a cabeça para olhar o tapete de estrelas. Como diamantes, pequenos pontos de gelo cintilante em um mar escuro. Ela localizou a Estrela do Norte, fechou os olhos e fingiu: na mão dela, uma taça de champanhe, ao lado do pai, e da porta aberta atrás deles, transmitia luz elétrica e calor. Em sua cabeça, seu pai estendeu os braços e ela entrou neles e sabia que estava segura, porque ele nunca deixaria ninguém machucá-la novamente, ninguém em absoluto.

— Então, de quem você mais sente falta esta noite? — A voz grave de Matthew a fez pular, mas ela permaneceu de pé onde estava, tremendo de frio. Ele foi até ela e colocou uma das mãos quentes contra sua bochecha fria. — Quais são as coisas de que você mais precisa hoje à noite no Hogmanay?

— Preciso ou sinto falta?

— Ambos.

Ela olhou para o céu novamente.

— Sinto muita falta dele.

— Quem? John?

Ela sorriu.

— Magnus. É dele que mais sinto falta. — Ela se sentiu envergonhada de dizer aquilo, afinal, não deveria estar sentindo mais falta de Isaac? — E eu odeio que ele esteja tão sozinho, sem mim.

— Mas ele tem Isaac.

— Sim, ele tem Isaac. Um menino de três anos.

— Um filho de seu sangue, moça.

Ela gostou disso; e de qualquer maneira, John também estaria lá para Magnus, e Diane também. Uma pontada de ciúmes se espalhou dentro dela. Magnus sempre gostou de Diane. Muito, na opinião de Alex.

O braço de Matthew deslizou pela cintura dela e a aproximou. Ela descansou a orelha acima do coração dele, ouvindo a batida forte e firme. Ele escorria em seu ouvido, fluía através de seu cérebro e abaixo de sua espinha, o pulso dele reverberando através dela. Ela esfregou a bochecha contra o casaco dele e sua mão subiu para acariciar sua cabeça.

— Então — disse ela, limpando a garganta. — Em resposta à sua

pergunta; eu sinto falta de todos eles às vezes, mas há apenas uma pessoa de quem eu realmente preciso e quero, e é você, Sr. Graham. — Ela riu de si mesma; patético, Alex Lind, totalmente patético. Mas verdade.



SUA MULHER ESTAVA PARTINDO seu coração, refletiu, todo ele latejando de alegria por seu último comentário. Ele tinha que lhe dar algo de volta, e ergueu o rosto dela para longe do peito dele para vê-la.

— É um ano novo — ele disse —, e eu estou aqui com uma mulher que nunca deveria ter conhecido. — Alex balançou a cabeça em concordância. Não, ela não deveria estar ali, mas estava.

Matthew fechou os olhos e arrancou as seguintes palavras do seu coração.

— Eu amo você, Alexandra Ruth; eu te amo muito, muito, muito. — E, por favor, Deus, não deixe que ela me machuque como a outra, não me deixe conhecer essa dor novamente, agora que eu me deparei com ela. Ele abriu os olhos para encontrá-la olhando para ele.

— Eu preciso de você — disse ela. — Eu preciso de você agora.

Ele segurou a mão dela por todo o caminho de volta. Ele segurou-a e isso o chameçou, sua pele queimando na dele e deixando-o sem fôlego. Ele ignorou os foliões no pátio, exceto por um aceno peremptório, e então eles estavam lá dentro, e ele a seguiu escada acima, as mãos já sob as saias.

Seu pênis se contorceu de irritação: tome-a agora, nas escadas. Tome-a no chão, basta tomá-la, porra, antes que eu arrebeste as costuras! Então ele o fez, e ela estava tão ansiosa quanto ele, empurrando-se quente contra ele, e ele pensou que iria morrer, pelo menos um pouco, mas não morreu. Ela ficou de joelhos na frente dele e ele tomou-a como uma besta no cio.

Matthew levantou-se e ajudou-a a subir, e ele ainda estava se contorcendo e excitado, e se perguntou se era toda a cerveja que deixava seu pênis ainda de pé. Eles quase caíram em seu quarto de dormir. Ele fechou a porta do quarto e encostou-se à madeira fresca, ofegando enquanto a observava.

— Dispa-se — ele disse asperamente. — Dispa-se e venha aqui, venha até mim. — Ele se atrapalhou com suas roupas, rasgou sua camisa e casaco, e caiu sobre a cama com suas meias. Ele não se importou. Ele só precisava... e lá estava ela, sob ele, sobre ele, em todo lugar, e ele precisava... oh Deus, ele precisava... e ela também.



EM SEU JARDIM, Magnus recebeu 2003 em silêncio. Ele ergueu o copo para o céu sem nuvens, com uma meia-lua pendurada entre as estrelas nebulosas e brindou sua filha perdida.

— *Skål, lilla hjärtat* — disse ele, e em sua cabeça ele a viu entrar em seus braços, esperando.

— *Skål, Pappa* — ele a ouviu sussurrar, e um arrepio percorreu sua espinha. Ela estava viva, ele disse a si mesmo, viva e bem, em outro tempo e outro lugar.

Era um dia do começo de março, os arbustos começavam a mostrar uma promessa de verde, e as azeleiras pendiam decoradas com caudas amarelas. No momento, Alex estava alheia a tudo isso; para as folhas do salgueiro, para os estranhos brancos e azuis das primeiras anêmonas, para o alegre chilrear dos pássaros. Ela estava muito cansada, muito molhada e zangada demais, franzindo o cenho na direção de onde uma Rosie chorosa havia desaparecido momentos antes.

— Muito obrigada. — TPM, ela decidiu, e voltou para o enorme caldeirão de lavar roupa. Para realmente estragar seu dia, logo depois começou a chover, uma chuva suave que encharcava cada pedaço de roupa de secagem nos varais.

— Certo — ela disse com raiva. — É isso aí.

Seu humor negro aumentou quando Simon entrou no pátio algumas horas depois do jantar, acompanhado pelo ministro Crombie.

— Matthew está nos campos — disse ela. — Mas se você quiser, eu posso mandar Gavin ir buscá-lo

— Não, não — disse o ministro —, estamos apenas de passagem.

— O velho senhor Williams faleceu essa noite. — Simon apontou o polegar na direção vaga do vizinho mais próximo. — Então aqui vamos nós.

— Sim, apoio espiritual e legal de mãos dadas. — O ministro Crombie sorriu e sentou-se à mesa quando ela ofereceu, atacando seu pão e cerveja com entusiasmo.

— Luke está de volta — Simon disse quando se levantaram para sair.

— Aqui? — Alex gritou, tendo que se sentar quando todo o sangue foi drenado de sua cabeça.

— Em Cumnock. — O ministro Crombie lançou-lhe um olhar e franziu as sobrancelhas em um feroz olhar furioso. — Você deve registrar queixa, para que ele... — Ele balançou a cabeça; ele tinha visto Alex uma semana depois de ela ter perdido a criança.

— É melhor Matthew não aparecer diante de um magistrado — Simon lembrou a ele. — Ainda que para prestar queixa, é um risco desnecessário quando você é um condenado fugitivo. Ele não virá aqui — continuou ele, dirigindo-se a Alex. — Até mesmo Luke Graham tem

um pouco de vergonha básica nele.

— Você acha? — Alex respondeu com certa dúvida, mas ficou aliviada mesmo assim.



MATTHEW ESTAVA CANSADO até os ossos quando conduziu os bois dos campos. Depois de meses de lassidão no inverno, seu corpo protestou pelo ritmo punitivo que ele mantinha nas últimas semanas, e havia várias outras semanas chegando, se ele quisesse completar o arado e plantio antes que o período de partos das ovelhas começasse para valer. Ele fez uma careta e afrouxou o aperto congelado nas rédeas de couro.

— Aqui — disse ele a Gavin. — Esfregue-os.

Gavin parecia atormentado.

— Eu devia o estar ordenhando. Rosie não está aqui e as vacas estão ficando inquietas.

Matthew olhou para as bancas de vacas e franziu a testa.

— Onde está Ewan?

Gavin mexeu os pés.

— Eu não sei, talvez ele seja doente?

Matthew duvidava muito. Ewan parecia ter uma boa saúde pela manhã, mas estava cansado demais e com frio para se importar.

— Pegue as vacas então — disse ele a Gavin —, e eu cuidarei disso.

A cozinha estava às escuras quando ele entrou. A Sra. Gordon fora visitar seu irmão por alguns dias, e no que dizia respeito às refeições tudo ficou mais simples, embora Alex estivesse fazendo um esforço. Agora irritava-o encontrar o fogo da lareira baixo, e Alex em nenhum lugar por perto.

— Alex? — Seu estômago roncou, e ele encontrou uma maçã de inverno enrugada e mordeu. — Alex? — Muito mais alto agora, ele queria ser alimentado. Ele subiu as escadas e entrou no quarto. Ela estava dormindo na cama apenas com suas anáguas e vestes, com as saias úmidas no chão. Ele a sacudiu para acordá-la. — Você não cozinhou?

— Aparentemente não — disse ela, tentando se enterrar de volta na cama. — Eu tenho certeza de que você vai conseguir, certo?

— Estou cansado, voltei de um dia nos campos e quero algo para comer.

— Entre, ligue para um serviço de entrega de pizza, o que for. Apenas não me incomode.

— Alex! Você vai sair da cama e me fazer algo para comer?

— Por quê? Certamente você pode fritar alguma coisa. Ou peça a

Rosie. Eu estou exausta. Olha, mal posso levantar meus braços. — Ela acenou com um braço em sua direção.

— Rosie não está aqui. — Matthew afundou na cama.

— Ela não está? — Alex lutou para se sentar. — Ela saiu do meio da lavanderia, chorando. Talvez ela esteja doente ou algo assim.

Matthew fez um som incrédulo.

— Ela e Ewan. Por favor, me dê algo para comer? Eu tenho que me lavar. — Ele bocejou e olhou para suas mãos sujas e calções. Ele bocejou novamente, balançando com o esforço de permanecer em pé. Ela deu-lhe um longo olhar e com um pequeno suspiro saiu da cama.

— Eu vou trazer água quente — ela disse, beijando sua têmpora. — E então ovos e torradas. Ok?

— Ok — ele concordou e começou a se despir.

— Simon esteve aqui mais cedo — disse ela mais tarde. — Eles passaram por aqui a caminho da Williams Place.

— Ah — Matthew assentiu. — Samuel me disse que o velho Williams morreu.

— Ele disse que Luke está de volta.

— Sim, eu soube.

Ela saiu da cama para mover a bandeja. Andou até a pequena janela, esforçou-se para abri-la e se pendurou nos cotovelos, olhando para a noite. O ar estava rico com os aromas da primavera, do solo recém-transformado, da chuva, mas ela não estava registrando nada disso.

— Alex? — Ele se materializou ao lado dela. — Ele não vai te machucar novamente. — Ele a empurrou de volta para a cama e colocou suas colchas no lugar antes de deslizar para se juntar a ela.

— Estou mais preocupado que você faça algo estúpido como desafiá-lo para um duelo ou algo assim.

— Oh, você está? E você não acha que eu ganharia?

Ela se apoiou para olhá-lo.

— Eu não tenho ideia, mas Luke Graham não me parece um homem que luta justo, então eu não quero que você faça algo precipitado, ok?

— Eu não vou — ele prometeu, e eles começaram a discutir outras coisas. Eles faziam muito aquilo, longas horas passadas no escuro, mãos preguiçosamente viajando umas sobre as outras enquanto falavam sobre qualquer coisa e sobre tudo.

— Eu nunca falei tanto com ninguém antes — Alex refletiu enquanto se aproximava dele. Matthew se colocou em volta dela com um estrondo satisfeito.

— Eu gosto de falar com você — disse ele à sua nuca. — Eu gosto de ter você tão perto, sabendo que posso contar-lhe todos os meus pensamentos. — Ele acariciou seus seios, encaixando-a contra ele. —

Você não falava assim com John?

Não. As noites com John estavam tão cheias de outras coisas; trabalho e e-mails em seus respectivos laptops, tarefas domésticas e o pressuposto de que sempre haveria tempo para conversar; mais tarde.

— Você sente falta dele?

— Às vezes. Você se importa?

— Não.

Alex riu e virou-se para abraçá-lo mais perto.

— Mentiroso. Não há concorrência, ok? E você sabe disso, não sabe? — Ela tocou o cabelo dele e descansou a mão por um instante contra sua bochecha.

— Sim. — Ele sorriu. — Eu sei.



ROSIE REAPARECEU DE MANHÃ, enlameada e com os olhos vermelhos. Matthew deu uma olhada para ela e amaldiçoou em voz baixa.

— Diga-me. — Não havia como desobedecer com esse tom, então Rosie ficou na frente dele e chorou quando admitiu que estava grávida.

— Você foi idiota — disse ele maliciosamente, ignorando o olhar surpreso de Alex. — Você pelo menos conhece o pai? — Rosie torceu as mãos com força no avental. Seu pai ia matá-la, soluçou.

Matthew gemeu.

— Oh, misericordioso Senhor; ele é casado.

Ela assentiu com tristeza.

— Quem?

Rosie tentou evitar seus olhos.

— Quem? — ele repetiu, mas ele já sabia. Ewan, o bastardo. E agora ele correu de volta para casa, para esposa e filhos, deixando a moça para se defender sozinha. Ele mordeu o lábio, listando mentalmente maridos em potencial para a moça. — Nós vamos ter que encontrar um homem — disse ele, apertando a ponte do nariz. — Você não pode ficar aqui solteira.

Rosie escondeu o rosto no avental e chorou ainda mais.

— Claro que ela pode — disse Alex. — Nós não podemos simplesmente jogá-la fora se ela estiver grávida, podemos?

Matthew deu a ela um olhar sombrio.

— Eu vou encontrar um marido para ela. Isso não é uma questão para você se intrometer. — Ele saiu da sala.

Alex alcançou-o a meio caminho do estábulo.

— Por que ela não pode ficar? Quem se importaria?

— Eu me importaria — disse Matthew. — Ela não pode ter um filho solteira.

Alex fez um som exasperado.

— Isso acontece o tempo todo.

— Sim, mas não com o meu povo. — Ele caminhou pelo estábulo em direção a seus bois em um ritmo que a fez correr para se manter a par.

— E que tipo de marido você vai encontrar? Quem vai querer se casar com ela nessas circunstâncias?

— Um homem não casado. — Ele já estava ocupado com os animais, cantando para eles enquanto os encilhava.

— Talvez ela ame Ewan, talvez odeie esse homem que você vai encontrar para ela.

— Ela deveria ter pensado nisso antes de se deitar com um homem casado. — Ele fez uma cara de desgosto. — Se o rapaz fosse solteiro, então ele seria forçado a fazer o certo por ela, mas Ewan é casado, e ela sabia disso. Não só uma vadia, mas também uma adúltera.

— Mas ela não pôde evitar, ela se apaixonou.

— Ela não deveria ter feito isso — ele insistiu. — E isso reflete em nós, em você, que tenha acontecido.

Alex deu-lhe um olhar confuso.

— Seu pai a mandou descer para servir na casa grande. Ele estava esperando que ela permanecesse intocada.

— Mas como posso ser responsável?

Matthew deu um suspiro frustrado.

— Você é a dona da casa. É você quem deve garantir a moral de seus servos. — Ele suspirou e tentou explicar. — Sou responsável pelo bem-estar do meu pessoal e, como minha esposa, você também é. Cabe a nós ficar no lugar dos pais de Rosie, e temos sido negligentes em não ver e parar isso antes de ir tão longe.

— Oh. — Alex não parecia excessivamente entusiasmada com este novo papel como uma guardiã moral. — Então agora o que acontece? Você a força a se casar, mesmo que ela não queira? Não há outra coisa que possamos fazer?

— Não. — Ele franziu a testa para ela. Não tinha tempo para aquela discussão. Ele pegou as rédeas e começou a levar os bois para a porta.

— Pobre Rosie.

Matthew ficou mais ofendido.

— O que você pensa de mim? Que eu propositadamente vou encontrar um marido para ela que vai espancá-la ou machucá-la?

— Claro que não, mas se casar assim ... e se o marido não gostar da criança?

Matthew revirou os olhos.

— Ele vai ser bom para o menino.

— Como você sabe, não é dele, é? Então, como ele pode amá-lo?

Matthew sorriu, apesar de sua irritação.

— E você pergunta isso? — Levou alguns momentos para ela entender, mas quando ela o fez, corou.

— Isso foi muito indiscreto.

— Foi? Eu estava com o objetivo de apontar que um homem pode amar uma criança que não é dele. Como você disse, John amava Isaac.

— Ama Isaac.

— Vai amar Isaac — ele corrigiu e a deixou de pé junto ao estábulo, sua mente já em outro lugar.



DOIS DIAS DEPOIS, Matthew apareceu no jantar com um homem que Alex reconheceu como um dos seus inquilinos. Rosie soltou um gritinho ao vê-lo e saiu correndo da cozinha no exato momento em que os dois homens entraram.

Alex o estudou enquanto colocava um prato na frente dele. Ele parecia velho. O cabelo dele estava riscado de cinza, o rosto forrado e, pela forma de sua boca, Alex podia apostar que faltavam dentes, uma suspeita confirmada quando ele deu uma saudação com os lábios pressionados.

— Este é Robbie — disse Matthew. — Ele é o inquilino da cabana logo depois do riacho. — Alex reuniu uma imagem em sua cabeça. Um pequeno jardim bem cuidado, uma enorme macieira e uma pequena casa de pedra cinza que era relativamente bem conservada.

— Como vai o senhor? — ela disse, servindo cerveja aos dois homens.

— Robbie é viúvo há cinco anos — disse Matthew —, e me ocorreu que talvez ele precise de uma nova esposa.

Jovem o suficiente para ser sua filha, velho sujo. Alex deu a Matthew um olhar de desaprovação. Se isso era fazer o melhor que podia por Rosie, então ela podia ter pena da menina.

— Quantos anos o senhor tem? — ela perguntou, ignorando o olhar de advertência de Matthew. Robbie terminou de mastigar e engoliu antes de responder.

— Trinta e Oito, eu acho. Ou talvez quarenta anos?

Alex quase derrubou o jarro. Matthew tinha quase vinte e nove anos e esse homem parecia ter sido seu pai idoso!

— Tem filhos?

Robbie sacudiu a cabeça.

— Você sabe que ela está grávida — Alex pressionou, fazendo Matthew estremecer com sua franqueza. Robbie assentiu com a cabeça, seu olhar em seu prato empilhado. Ele conseguiu mais pontos por comer os vegetais.

Matthew foi buscar Rosie, voltando alguns minutos depois com uma Rosie recém-lavada, cabelos penteados e trançados sob o gorro engomado. Ela apertou as mãos à sua frente e fez uma reverência a Robbie, que se levantou e fez uma reverência, e Matthew agarrou o braço de Alex e a levou para fora da cozinha.

— Eles não precisam de nós lá, falam mais facilmente sem companhia.

— E se ela disser não? — Alex disse, tendo grandes problemas de visualizar a pequena Rosie na cama com Robbie.

— Ela não vai, é um bom negócio. E ela ainda pode trabalhar aqui na casa grande, pelo menos até o bebê chegar.

— Mas... — Alex balançou a cabeça. — Ela não pode se casar com ele! Olhe para ele!

Matthew deu a ela um olhar condescendente.

— É assim que você avalia as pessoas? Se a aparência deles não te agradar, você os considera indignos?

— Não, claro que não, mas se ela se casar com ele, vai ter que, você sabe... — Ela fez um gesto explícito com as mãos.

— Sim, suponho que vai. Um homem tem direito à sua esposa, e Robbie deve ter sentido falta de alguém para aquecê-lo nos últimos anos.

— E o que ele fará se ela não quiser? Forçá-la? Bater nela?

Matthew se virou para olhá-la e havia um brilho divertido em seus olhos.

— Ele fará como eu, quando você esquece seus deveres de esposa. Ele vai insistir.

Aconteceu de vez em quando, ela fingindo que não queria e dizendo não, porque aqueles tempos eram muito bons, ele forte e exigente, ela totalmente arrebatada.

— É diferente — disse ela. — Eu te amo.

— E talvez com o tempo ela aprenda a amá-lo, pelo menos um pouco.

Para surpresa de Alex, Rosie parecia contente com o marido arranjado. Quando Alex se ofereceu para interceder com Matthew, se Rosie quisesse, ela apenas piscou. Questionar a decisão do mestre?

— Bem, ele não é Deus, é? — Alex disse, fazendo Rosie ficar boquiaberta.

— O mestre sabe o que é melhor — disse Rosie —, e devo fazer o que ele diz. Como devem todos sob seus cuidados. — Incluindo sua esposa, estava implícito.

Alex escolheu não continuar a discussão, mas passou a maior parte da noite a digerindo.

— Matthew? — Alex se virou para ele na cama.

— Mmm?

— Que direitos eu tenho? Como sua esposa, eu quero dizer.

Ele sorriu e se aproximou mais.

— Você é minha, Alex, minha para cuidar e manter, minha para amar, minha para procriar. Se você se comportar mal sou eu que devo te punir, se alguém errar eu te defenderei. Mas direitos? Você não tem direitos, não como um homem. Nenhuma mulher tem, a menos que seja viúva e permaneça solteira. Você pertence a mim, Alex, você toda, todos os seus bens mundanos a mim.

Ele abriu um olho e sorriu ainda mais, no que ela supôs ser uma expressão espantada em seu rosto.

— Mas você é afortunada — ele disse e beijou sua testa. — Pois há uma coisa que você possui e que eu não posso tirar de você, nem viver sem: meu coração.

— Huh. — Não era muito reconfortante quando você tinha deixado de ser humano para ser patrimônio. Ou talvez fosse.



EDIMBURGO, Perth, Inverness e agora Glasgow. Hector observou o que o rodeava, absorvendo ainda outra cidadezinha triste, cheia de casas cinzentas, ruas sujas e fumaça ácida.

— Não há muito para ver — disse ele ao ministro Weir.

— Para ver? — O ministro deu-lhe um olhar vazio.

— É muito pequeno. — Hector desmontou e entregou as rédeas a um dos capangas do ministro.

— Maior que Inverness — o ministro Weir respondeu, com um encolher de ombros.

— Qualquer coisa é maior que Inverness — resmungou Hector. Pelo menos não estava chovendo, e logo essa maldita turnê terminaria. Ele olhou o ministro com desagrado; meses com o pequeno pregador não o agradaram exatamente, na verdade, ao contrário.

Entediado, um homem que enriqueceu a si mesmo através de uma combinação de extorsão e intimidação, Weir havia encurralado Hector em uma noite em Edimburgo e sugeriu que trabalhassem juntos ou então ele se veria obrigado a informar às autoridades que Hector era um papista e um espião. Quando Hector riu, o homenzinho afundara aqueles olhos de porquinho nele e disse a Hector que ele, o ministro Weir, poderia tornar a vida extremamente desconfortável para ele. Na verdade, ele poderia torná-la insuportável, um período de dias, um ano, sentado e esquecido em uma cela úmida e totalmente escura. E, acrescentou alegremente o ministro, Hector podia ser um renomado caçador de bruxas, mas ele, o ministro Weir, tinha a fama de extirpar subversivos papistas e vê-los enforcados.

Hector reconheceu uma ameaça genuína quando a ouviu. Como

não tinha vontade de apodrecer na escuridão, passara os últimos meses perambulando pela Escócia, na esteira de um entusiasmado Weir, ouvindo intermináveis discursos sobre o mal do papismo, com descrições vívidas dos tormentos no inferno que aguardavam qualquer um católico infeliz o suficiente para morrer. Os discursos faziam a cabeça de Heitor doer, esses monólogos confusos que sempre terminavam com o ministro declarando sua disposição de morrer por suas crenças, caso alguma vez fosse necessário. Não era muito provável; esse homenzinho se retrataria, abandonaria seus amigos, sua esposa, sua mãe e até seus filhos para salvar sua própria pele. É preciso ser um para conhecer um, Hector ri. Bem; ele teria colocado um limite para seus filhos, pelo menos ele esperava que sim.

— Três — disse o ministro Weir, interrompendo os pensamentos de Hector.

— Ah, abertamente? — perguntou Hector, calculando sua parte dos lucros potenciais.

— Não, não, meu querido Hector. Uma visita discreta, uma oportunidade para eles fazerem... eh... emendarem, e quando eles chegarem, nós estaremos a caminho.

— Um dia alguém vai pagar para ver — alertou Hector.

— Como eles podem? Eu tenho você, um comprovado caçador de bruxas, para me apoiar.

Hector teve que concordar que era uma pequena farsa excelente. Acuse e permita-se ser comprado, ao mesmo tempo em que pinga ameaças veladas quanto às consequências de ser levado ao tribunal em acusações de feitiçaria.

— Mais cedo ou mais tarde — Hector começou, mas Weir acenou para ele em silêncio.

— Eu sou um homem do Kirk — ele disse, e o dizia com bastante frequência. — De quem você acha que a palavra será mais importante? Além disso, eles são certamente culpados de alguma coisa.

— Todos nós somos — disse Hector.

— Não eu — respondeu o ministro complacentemente. — Eu estou apenas arrancando pecadores.

A única coisa divertida em tudo isso era que o merdinha estava totalmente inconsciente de sua própria hipocrisia.

Hector estava na metade da High Street quando ele parou. Mercedes! Ali! Suas narinas se abriram, ele fechou os olhos e abriu a boca como se estivesse tentando inalar sua presença. Mas não; ele provou o ar com cuidado. Ela estava ali, ele podia sentir isso, deixando para trás uma impressão efêmera de que ela estava na esquina, mas foi há muitos anos desde que ela andou por aquelas ruas.

— *Bruja!* Bruxa. — Ele foi inundado por uma raiva ardente para

machucar alguém e fazê-lo em breve.

— O quê? — perguntou o ministro Weir. Por um momento Hector se afundou no agradável devaneio de desabafar toda essa raiva contra o ministro, estripá-lo ali na hora, mas não teve dúvidas de que os dois homens nas costas de Weir o espancariam até desfalecer e o arrastariam acorrentado para a prisão mais próxima. Hector alisou o casaco e deu um sorriso sem graça.

— Nada — disse ele.

Matthew ficou em paz quando eles saíram do culto. Alex deslizou a mão por baixo do braço dele e apertou.

— Devia fazer um longo tempo.

— Sim, muito tempo.

Simon bufou e deu um tapinha no ombro de Matthew.

— Você não viu, então? Metade da congregação estava esperando que você gerasse chifres, terrível fugitivo que é. — Matthew franziu a testa para o cunhado, e Joan se interpôs entre eles.

— Você está exagerando, Simon. Sim, eles estavam olhando, mas mais para a esposa dele.

— Esposas dele — Simon corrigiu, e Matthew parou. — Margaret estava lá — disse Simon —, sentada mais para trás. Você deveria ter visto os olhos das velhas galinhas quando voaram de Margaret para Alex e voltaram.

Alex fez um som de nojo. Ela podia imaginar os comentários, os suspiros reprimidos de como elas eram parecidas e a avaliação cuidadosa quando compararam a número um com a número dois. Margaret ganhou fácil, pelo menos quando chegou ao departamento de aparências.

— Ela levou o filho com ela? — Alex disse, pegando o olhar que voou entre Simon e Joan. Eles também o viram, a impressionante semelhança entre o menino e o homem que o deserdou formalmente.

— Eu acho que não — Joan respondeu alegremente. — Mas realmente não olhei.

Matthew olhou de um para o outro e estreitou os olhos para Alex.

— O quê? — ela perguntou, tentando parecer confusa.

— Há algo aqui que você não está dizendo — disse ele, e ela odiava que pudesse sentir o sangue correr para manchar suas bochechas. Senhorita Transparente, essa era ela.

— Eu não tenho ideia do que você está falando.

— Humph! Você vai me dizer mais tarde — ele disse em voz baixa, e ela pôde notar que ele não aceitaria um não como resposta.

— E Luke? — Matthew perguntou a Simon. — Ele está aqui também?

— Não que eu saiba, dizem que foi para Glasgow.

Matthew deu a Simon um olhar penetrante.

— Mesmo? Por que mais Margaret estaria aqui? — Ele colocou a mão no braço de Simon. — Você me diria, não diria? Afinal, tenho assuntos para resolver com ele.

— Oh, é claro — disse Simon, antes de atravessar a rua com Joan a reboque para cumprimentar um conhecido. Matthew murmurou algo muito sujo.

— Você me prometeu que não faria nada estúpido — disse Alex. — Não vale a pena, ok?

Ela agarrou o braço dele, lançou um olhar por cima do ombro. Não gostava de estar ali, estava preocupada que a qualquer momento os homens aparecessem para arrastar Matthew para fora, por ser um fugitivo. Ela disse isso, mas Matthew apenas deu de ombros, lembrando-a de que o reino no momento tinha preocupações muito mais graves do que o paradeiro de um monarquista fugitivo.

— Parece que o chão se abriu e nós temos defensores do rei rastejando para fora de cada fenda — ele disse. Nem ajudou o fato de o Parlamento e o Exército estarem em desacordo, acrescentou, em constantes brigas internas, deixando o país à deriva.

— Não em todo lugar — disse ela.

— Não, mas aqui na Escócia a maioria é a favor do rei agora. — Ele torceu a boca em um sorriso irônico e curvou-se. — Eu posso precisar melhorar minhas boas maneiras para quando me pedirem para receber o título de cavaleiro devido ao grande infortúnio que sofreu em nome do rei. — Seu rosto escureceu como sempre acontecia quando ele recordava seus dias na prisão. — Homens livres devem governar a si mesmos, não ouvirem o que fazer de um homem com cachos até a cintura.

Tendo se assegurado de que não havia soldados em nenhum lugar perto, Alex voltou sua atenção para os arredores, olhando com interesse para as pequenas lojas, todas fechadas, já que era domingo, e a maioria delas tinha pesadas persianas horizontais. Ela parou na metade da rua principal. *O quê? Não, não poderia ser!* Ela deu um passo mais perto da pequena janela suja do tecelão da cidade, e se ela não estivesse se segurando em Matthew, ela provavelmente teria caído.

— Caramba! — Ela olhou para uma pintura muito familiar. Em turbilhões verdes e azuis, ela capturou seus olhos, turbilhões de tinta que acenaram e sussurraram, incitando-a a se aproximar, se inclinando e procurando aquele ponto de luz ofuscante que existia no fim daquele túnel ondulante de ultramar e turquesa.

Ela sabia, antes mesmo de procurar pelo M, rabiscado, que isso era feito pela mão de Mercedes. Não; isso era demais. Seu cérebro doía com o esforço de tentar entender; uma pintura, da sua mãe, ali. Mas Mercedes estava com ela, com Magnus, então como?

Ela colocou a mão no vidro grosso. Mercedes. Mas quando? Apenas o pensamento de encontrar com sua mãe ali, onde ela não deveria estar, deu-lhe uma erupção cutânea. *Não seja ridícula; como ela pode estar aqui? Ela ateou fogo a si mesma, pelo amor de Deus!* Não muito reconfortante, realmente. Ela apertou os olhos; a tinta parecia rachada e seus ombros caíram. Ela não esteve ali recentemente, pelo menos.

— Alex? — A voz de Matthew a fez pular. — Qual é o problema?

Ela apontou para a pintura. Suas cordas vocais entraram em greve. Ela tossiu.

— Minha mãe, ela pintou isso.

Ele soltou a mão dela como se estivesse em brasa, e olhou dela para a pintura e de volta.

— Mas...

— Eu sei: como? — Oh, Deus, era verdade; a mãe dela era definitivamente uma bruxa, como explicar isso? Ela deu uma olhada nele. Ele estava olhando para a pintura, boca frouxa, olhos vidrados. Alex deu uma pequena sacudida na mão dele. Ele não reagiu, balançando-se em seus pés.

— Matthew? — Ela puxou mais forte. Ele se esquivou, desviou o olhar da pintura e fechou a mão com força em torno da dela. Ai!

— Eu preciso tê-la — disse ela. Ele balançou sua cabeça. Ela mexeu os dedos contra o aperto dele. — Eu tenho que pegá-la. Eu acho que deveria queimar. — Ela espiou a pintura; definitivamente queimar. Olharam um para o outro, ele acenou com a cabeça uma vez e virou-se para que Alex corresse atrás de Joan e Simon.



— CERTO — disse Matthew enquanto se preparavam para o jantar. — Conte-me.

— Contar o quê? — Ela ficou séria, olhos azuis focados nele, fazendo-o reprimir um pequeno sorriso.

— Alex... — ele advertiu. — Eu vi, sim? Há algo que vocês três estão escondendo de mim.

— Pergunte a Simon.

Matthew sacudiu a cabeça.

— Estou perguntando a você, minha esposa, e espero que você responda.

Alex sentou-se no banquinho e ocupou-se com o cabelo dela. Ele descansou os ombros contra a parede, cruzou os braços sobre o peito e esperou. Nenhum deles estava indo a lugar algum até que ela dissesse a ele.

— Você viu Ian ultimamente? — ela perguntou, fazendo-o olhar para ela intrigado. Ian? Por que ele o teria visto? Ela exalou e fixou o

coque no lugar com um grampo. — Ele se parece com você — disse ela, lançando-lhe um olhar sob os cílios. Ele estava muito quieto enquanto tentava assimilar o que ela estava dizendo. Então ele riu.

— Bem, isso não é tão estranho. Eu sou tio dele, afinal.

Alex deu uma rápida sacudida de cabeça.

— Eu não acho que você é, e acho que eles sabem. Os dois.

Matthew piscou. Mas não, certamente nem mesmo eles iriam enganá-lo sobre seu filho. E Margaret não iria querer que seu filho seja protegido, que recebesse sua herança? Ele fez um movimento negativo com a cabeça.

— Não — disse ele.

— Eles são amantes há anos. E há apenas uma criança. A criança concebida enquanto ela estava casada com você. Estranho, não é?

Matthew pegou o casaco e pegou os sapatos ao lado da cama.

— Aonde você está indo? — Alex colocou a mão em seu braço.

— Eu vou descobrir a verdade — disse ele com os dentes cerrados.
— Mesmo que eu tenha que arrancar isso dela.

— Não! — Alex ficou entre ele e a porta. — Você não vê? Já é tarde demais. Você o deserdou, não é?

Ele a empurrou para o lado.

— Se ele é meu, então eu quero saber.



— ABRA A PORTA! — Matthew bateu nas pesadas tábuas de carvalho.

— Abra a porta, porra!

— O que você quer? — A porta foi aberta para revelar um Luke meio vestido, com Margaret pairando no fundo.

Matthew se lançou para ela.

— É verdade? Ele é meu? — O braço de Luke o impediu de chegar até ela. — Ele é? — gritou Matthew, e agora o menino também estava lá, e Matthew sabia, apenas olhando para ele, que Alex estava-lhe contando a verdade. — Sua maldita puta mentirosa — ele sussurrou, cuspiendo na direção de Margaret. — Você pode apodrecer no inferno, ouviu?

Margaret empalideceu, afastando-se dele, e Matthew empurrou Luke contra a parede, com a intenção de chegar até ela. Uma dor surda cortou seu braço, ele foi empurrado para o lado e se virou para ver Luke levantar a faca mais uma vez.

No último momento, Matthew evitou a faca. Ele torceu a mão do irmão e a faca caiu no chão. Luke aparou um soco, afundou o punho direito no intestino desprotegido de Matthew, e Matthew usou o cotovelo para mandar seu irmão cambaleando para trás, uma das mãos batendo nos olhos. Matthew veio depois, toda a raiva reprimida

de anos transbordando. Ele ia... sim, seu irmão iria finalmente pagar por dias, meses, anos de humilhação e desespero.

Seu braço esquerdo ficou inutilizado, mas ele não percebeu, usando os pés e um braço bom para afastar Luke. Ele tropeçou, foi chutado e socado, fechou a mão no calção de Luke e conseguiu puxá-lo para baixo com ele. Ele rolou, por um momento estava no topo e então Luke bateu em seu braço esquerdo e Matthew quase desmaiou. Luke resistiu como um cavalo ininterrupto e Matthew foi jogado para o lado.

— Ele é meu! — Luke ofegou. — Ele é meu, seu maldito! Eu gerei Ian, ouviu?

— Você mente! Ela mente! — O punho de Matthew se conectou ao o nariz de Luke com uma crise satisfatória. Ele bateu de novo, e Luke balançou, o sangue escorrendo de seu lábio. Houve uma explosão em sua cabeça, e Matthew ficou atordoado, todo ele nadando de dor. Um segundo golpe caiu em seu braço ferido, e Matthew ofegou. Ele ergueu o braço bom para impedir o golpe seguinte, conseguiu desviá-lo de seu rosto e viu Luke levantar a pedra novamente, sabia que o próximo golpe iria matá-lo, e havia Margaret, jogando-se sobre ele.

— Não, Luke — ela implorou. — Não, por favor, não. — Vagamente Matthew percebeu que ela estava chorando, sua voz tremendo quando ela implorou para Luke parar. Em algum lugar na parte de trás de sua cabeça, ocorreu-lhe que talvez ela estivesse arrependida pelo que tinha feito a ele. Isso fez a esperança explodir em sua barriga até que ele lembrou que não a queria mais, ele a tinha, a outra, aquela cujo nome ele não conseguia lembrar em seu estado atual.

Luke fez um som de nojo, jogou a pedra para longe e se afastou. A visão de Matthew estava embaçada, ele nem conseguia levantar o braço mutilado, mas pelo menos estava vivo, por mais que estivesse sangrando e doendo.

— Sejam os honestos você e eu — disse Margaret, levantando-se de novo. — Eu salvei sua vida hoje à noite. A que custo para mim e para o meu homem, eu não sei.



— VOCÊ NÃO DEVERIA TER DITO a ele. — Simon deu outra volta ao redor da sala. — Não é seguro para ele andar sozinho. E agora que ele está irritado, bem...

— Eu gosto de como você me dá palavras de conforto — disse Alex —, mas o que eu iria fazer? Mentir para ele?

— Você não precisava contar a ele! — Simon passou a mão pelo cabelo fino, fazendo-o ficar em pé.

— Ele teria descoberto em algum momento. Ele teria encontrado o garoto mais cedo ou mais tarde. — Ela lançou um olhar preocupado pela janela. Já era noite e ele tinha saído há horas. — Eu vou procurá-lo.

— Você não pode sair sozinha. Ele me esfolaria se eu a deixasse ir. Alex olhou com raiva para Simon.

— Como exatamente você pretende me parar? — ela perguntou, indo para a porta.

Simon suspirou, murmurou um Deus me ajude e vestiu o casaco.

— Nós vamos juntos. Mas você deve ficar comigo.

Alex assentiu, divertida, apesar de sua preocupação. Se chegasse a uma crise, provavelmente seria ela defendendo-o, não o contrário.

Estava escuro lá fora; tão escuro quanto em maio, cheio de sombras estranhas e cinzas, rangidos e formas espalhadas do que ela sabia serem ratos. Simon parecia ter algum tipo de ideia de qual direção seguir e conduziu-a através de uma multidão de becos e pequenas ruas fedorentas. Ela reconheceu a igreja e apressou-se em continuar enquanto eles se aproximavam.

— Matthew! — Simon gritou. — Matthew, você está aí? — Eles caminharam mais para dentro, e Alex viu algo no chão. Uma mão se contraiu e por um momento ela se convenceu de que era o último movimento que ele faria, mas depois gemeu.



MATTHEW OUVIU a voz dela e sentiu as mãos dela em seu corpo, mãos pequenas e fortes que tentavam levantá-lo na posição vertical. Sua cabeça recuou, e ele teve a visão mais estranha de sua esposa pendurada de cabeça para baixo no céu. Ele gemeu novamente e virou a cabeça para vomitar, grato por alguém estar segurando-o. Simon e... Alex. Sim, esse era o nome dela, ela era sua Alex. Mas Margaret o salvara, e o cabelo negro dela fazia cócegas no rosto dele, tão suave e brilhante quanto ele se lembrava.

Ele tentou protestar quando eles o levantaram, porque doía muito, mas já estava sendo meio carregado, meio arrastado. Ele arquejou quando escorregou de um aperto suado para bater no chão.

— Desculpe, desculpe, desculpe — alguém murmurou, e ele estava no ar novamente, ouvindo a respiração pesada de quem quer que fosse que estava movendo-o. Ele foi abaixado para se deitar, seus membros foram erguidos de um lado para o outro, e algo quente e úmido se moveu sobre seu corpo, fazendo-o gritar às vezes. A luz fraca das velas era uma agonia para os olhos dele, e cada toque fazia sua pele gritar. Ele tentou falar, mas seu lábio estava partido e sua língua era uma esponja inútil em sua boca. Alex, ela era Alex, e ele era Matthew

Graham, e... tudo sumiu em delicioso e calmante breu.



ELE ACORDOU e encontrou Alex sentada ao seu lado. Ela estava dormindo, a cabeça apoiada contra a parede. Ele se virou para ver a janela, notando com surpresa que era crepúsculo. Ele moveu suas pernas, braços e mãos, enviando faíscas de dor através de seus músculos mutilados. Seu braço esquerdo era um fogo latejante e ele respirou alto quando mudou de posição. Alex acordou com um sobressalto.

— Oi, como você está se sentindo?

Ele engoliu algumas vezes para lubrificar sua garganta.

— Mal — ele rangeu —, tudo dói.

— O que aconteceu? — ela perguntou um pouco depois. — Quem fez isto com você?

— Luke, foi o Luke.

— Ele está aqui?

Matthew achou desnecessário responder.

— Simon disse que eu não deveria ter contado a você — disse ela.

Matthew fechou os olhos. Não, ela não deveria. Teria sido melhor nunca considerar que havia a possibilidade de Ian ser seu filho. Possibilidade? Ele teve sua resposta no rosto branco de Margaret, na maneira como seus olhos se lançaram para o menino.

— Eu não queria que você encontrasse com ele e de repente visse o que todo mundo já tinha visto há anos — ela continuou, parecendo hesitante.

— Eu não, eu nunca teria olhado para ele por tempo suficiente para ver isso.

— Mas é melhor saber, certo?

Não, não era; algumas verdades eram apenas espinhos em sua carne, um sofrimento desnecessário. Uma vez ele teve um filho, e agora ele não tinha mais. Ian; meu pequenino Ian... Ele fechou os olhos e fingiu dormir.

De manhã, acordaram com estrondosas batidas na porta, e Simon, confuso e protestante, foi empurrado para o lado por um grupo de soldados determinados que subiram as escadas correndo.

Eles ignoraram os pedidos acalorados de Alex para que não movessem um homem ferido e simplesmente tiraram Matthew de sua cama e o arrastaram escada abaixo, informando a Simon que eles estavam levando seu prisioneiro para enfrentar a corte.

— Ele vai ser enforcado antes do pôr do sol — disse o tenente com um sorriso satisfeito. — Mas o nosso comandante concedeu-lhe o direito de ser ouvido. Talvez você devesse estar lá. Ele não parece ter

muito a dizer por si mesmo.

Ele inclinou-se na direção de Alex antes de seguir seu prisioneiro atado e atordado para a rua.

Simon salvou a vida de Matthew naquele dia. Em seu melhor casaco, com o cabelo alisado, ele alinhou argumento após argumento na defesa de seu amigo, que foi mantido em pé apenas devido aos dois soldados que o apoiavam. Matthew não estava lá; ele estava deitado de costas em seu lugar secreto, um campo gramado perto de casa, e acima dele o céu se espalhava em um azul pálido e lavado. Ele balançou em seus pés e se perguntou por que seu braço doía, e quando eles o levaram para trancá-lo durante a noite, tudo o que ele sentiu foi alívio ao poder se deitar.



— VOCÊ SABE que ele não é um monarquista! — Simon olhou para o Capitão Leslie. — Você sabe que foi uma acusação forjada da última vez.

O capitão Leslie desviou o olhar, desconfortável sob o olhar penetrante de Simon.

— Ele foi condenado ao enforcamento por atividades traidoras. — Isso era desagradável para ele; transportando um homem ferido de seu leito de enfermo sob as acusações sussurradas de que ele, capitão Leslie, estava permitindo que um inimigo da Commonwealth se libertasse. Fez mal a seu estômago ver o homem aturdido e febril que ficou piscando de maneira ausente durante a maior parte do processo.

— Sim, ele foi, e tudo por causa de seu irmão e suas mentiras. É Luke Graham o inimigo da Commonwealth, não Matthew.

Thomas Leslie deu de ombros para indicar que os assuntos estavam fora de suas mãos. Simon apertou os lábios e o seguiu pela sala. Leslie recuou para trás de sua mesa. Ele brincou com a trança decorativa em seu casaco amarelo e evitou encontrar os olhos de Simon. Simon colocou a mão com força na mesa.

— Ele lutou pela Commonwealth! — ele gritou. — Por quatro anos ele lutou com a cavalaria.

Leslie deu-lhe um olhar frio e reorganizou as pilhas de despachos.

— As pessoas são conhecidas por mudar de lado. Acontece o tempo todo. — Como ele mesmo; em sua juventude, um admirador do príncipe Rupert, bem, ele ainda era, mas agora um homem convicto

da Commonwealth.

— Sua sentença foi comutada para a prisão — disse Simon.

— Sim, mas ele escapou.

Simon jogou os braços para o ar.

— E por que isto? Pode ter algo a ver com o irmão subornando os guardas para maltratá-lo? Mas não, claro que não, como podemos ousar proferir o pensamento blasfemo de que até mesmo os homens da Commonwealth estão abertos a propinas, desde os oficiais da corte até os guardas?

O capitão Leslie franziu a testa e foi até a porta.

— Continuaremos com isso amanhã.

— E você jura pela sua honra que ele vai acordar vivo e bem amanhã? — O comentário amargo de Simon fez com que Leslie estacasse.

— Por que você temeria pela vida dele, aqui?

Simon riu sem humor.

— Isso não tem nada a ver com Matthew ser um monarquista, todos que o conhecem podem confirmar que ele não é. Isso é sobre Luke e sua determinação de ter Hillview para si mesmo.

Leslie levantou-se.

— Eu lhe dou minha palavra. Ele vive a noite.

— Tenho certeza de que será um conforto para sua esposa perturbada — Simon disse e saiu da sala.



NA MANHÃ SEGUINTE, o capitão Leslie encontrou seu escritório lotado. Simon Melville deve ter feito suas rondas até tarde da noite, e apareceu com várias testemunhas para defender a posição de Matthew como pró Commonwealth. O ministro Crombie estava tão vociferante quanto Simon em sua insistência de que tinham armado para Matthew, pedindo acaloradamente um novo julgamento, e no final o capitão Leslie cedeu.

Aquela não era uma época para ser vista como rígida demais, com Londres em reviravolta depois que o Exército havia destituído o novo Protetor, aquele filho incompetente de um grande pai, de seu cargo há apenas quinze dias. O mensageiro havia cavalgado há dois dias, sacudindo a cabeça ante a agitação ansiosa no país. Ninguém queria um retorno à guerra, mas como as coisas estavam agora, poderia muito bem ser que o falecido Protetor, que descansasse em paz, veria sua herança dilacerada em outra disputa sangrenta.

Matthew estava pálido, mas consciente, quando o trouxeram. Eles o haviam acorrentado e, mesmo do outro lado da sala, as marcas vermelhas ao redor dos pulsos lacerados eram visíveis.

— Você me deu sua palavra de que ele não sofreria nenhum mal — disse Simon.

— Ele é um traidor condenado — Leslie respondeu, alisando o longo cabelo grisalho.

— Não, ele não é — disse o ministro Crombie. — Você não acabou de concordar com um novo julgamento?

Leslie considerou aqueles dois escoceses obstinados com desagrado. Uma pequena cobra de mesquinhez ergueu a cabeça dentro dele e lançou um olhar desinteressado para Matthew.

— Ele fica preso.

— Eu quero vê-lo — disse Alex —, eu tenho que vê-lo.

Simon sacudiu a cabeça.

— Eu não sei se isso é sensato.

— Mas o braço dele! Eu tenho que ter certeza de que ele está se curando corretamente! — Para que ele pudesse andar inteiro e saudável sob o laço do carrasco. O gosto acre da bÍlis lavou sua boca.

— Eu não acho que ele quer que você o veja assim — disse Simon.

Ela se afastou e apertou os braços ao redor de si mesma.

— Mas e se ele for condenado à força? Tudo vai ser culpa minha.

Nas últimas noites ela não dormiu, girando como um frango na cama, imaginando um fim pior do que o outro para ele, seu homem. Ele iria ser enforcado; ela morreria. *Boom*, simples assim.

— Não, não é sua culpa — disse Joan. — É culpa do Luke. Foi ele que o denunciou.

Alex se sentou no chão, seus dedos traçando os raios de sol que se infiltravam através das venezianas entreabertas.

— É minha culpa — disse ela, empurrando as palavras através de sua boca seca. — Se eu não tivesse dito a ele sobre Ian, ele não teria ido encontrar Margaret, e então Luke não saberia que ele estava aqui.

Joan se ajoelhou ao lado dela.

— Ele já sabia. Margaret teria dito a ele quando voltasse da igreja.

Alex mordeu o lábio trêmulo e balançou a cabeça.

— Eu não acho que ela o faria, pelo bem de ambos. — Ela se levantou e virou os olhos suplicantes para Simon. — Eu tenho que vê-lo. Por favor.



O CAPITÃO LESLIE PROTESTOU A PRINCÍPIO, mas finalmente concordou com uma visita da esposa de Graham. Alex entregou a cesta à sentinela, odiou ver aqueles dedos sujos revirando os alimentos cuidadosamente preparados e a camisa limpa que trouxera para Matthew. Com um aceno de cabeça, a sentinela permitiu sua entrada, e Alex segurou com força a sua cesta enquanto atravessava o pátio nos

calcanhares de outro soldado, este não muito mais que um menino.

Ela manteve o olhar fixo nas pedras, fechando as orelhas para os assobios apreciativos de um grupo de soldados que vagavam pelo pátio. A cabeça dela se sacudiu quando alguém gritou, procurando Matthew por perto, mas seus ombros caíram quando ela percebeu que não era ele, era uma pessoa desconhecida, e pelo que podia ver ele não estava gritando por causa de tortura ou açoitamento, mas, sim, devido à inspeção de sua perna ferida.

— Terá que sair — o menino disse por cima do ombro. — Mas ele não quer que eles o cortem.

— Eu posso imaginar — disse Alex.

Alex parou na porta e esperou que ele lhe perguntasse. O homem sentado encolhido na paleta de palha à sua frente era um estranho, seu rosto sombreado pela falta de sono expressava medo. Fez sinal para ela entrar, mas quando ela se aproximou, ele levantou a mão apressadamente, as correntes tinindo. Ela afogou uma exclamação de surpresa em uma tosse. Simon não tinha pensado em dizer a ela que eles o colocariam em grilhões. Eles estavam segurando-o como um animal; um balde em um canto, palha para dormir e... seu olhar foi para o ferro em volta de seus pulsos e tornozelos.

— Eu não quero que você chegue muito perto. Estou fedendo — disse ele.

Ela lutou para limpar o rosto de decepção, até conseguiu um sorriso.

— Eu não me importo e quero ver como está o seu braço.

— Meu braço está se curando. Você não precisa se preocupar.

— Eu não preciso me preocupar? — Ela balançou a cabeça. — É claro que eu me preocupo, seu desgraçado! — Ela foi até ele, com as mãos duras em volta do rosto, um beijo apressado em sua boca. — E eu não me importo se você fede, ok? — O que era verdade. Ele fedia. Muito. Ela estudou as algemas de ferro e inclinou-se para colocar os lábios contra a pele avermelhada em torno de seus grilhões. Ela se levantou e tirou o cabelo da testa dele. — Você está bem? De verdade? — Falando sobre perguntas desnecessárias...

Matthew escondeu o rosto contra a barriga dela e exalou quando ela colocou os braços ao redor dele.

— Não, na verdade não.

Antes de sair, ele colocou a mão no braço dela.

— Você comprou a pintura?

— A pintura? Que pintura? Oh... — Um arrepio percorreu-a. — Eu esqueci, nestes últimos dias, bem, eu tive outras coisas para pensar.

Sua boca se curvou em um sorriso fraco.

— Sim; eu também.

— Eu posso imaginar — disse ela, e só tinha que alisar seu cabelo,

beijar sua bochecha.

— Você disse que tinha que comprar.

— Ela meio que me chama — ela murmurou.

— Eu... bem, eu não gosto disso. Faz minhas entranhas revirarem.

Eu não quero que você olhe para ela, ouviu?

— Eu não vou.

— Se você comprar, você vai queimar, como disse que faria.

— Sim, eu a queimo.



ELES ARRASTARAM o processo por mais de quatro dias, mas no final o capitão Leslie concluiu que o primeiro julgamento tinha sido um aparente erro judiciário. Na ausência contínua da testemunha chave naquele julgamento, Luke Graham, e em vista dos múltiplos depoimentos sobre o apoio inabalável de Matthew Graham à causa da Commonwealth, ele não pôde deixar de notar que Matthew Graham havia sido injustamente acusado e deveria ser absolvido de quaisquer acusações feitas contra ele.

Uma vez que as correntes foram retiradas, ele pediu desculpas, esperando que o Sr. Graham não guardasse rancor contra ele, pois estava apenas cumprindo seu dever. Matthew se curvou e garantiu que não, claro que não. Mas ele segurou as mãos às costas com os punhos cerrados, as unhas afundando nas palmas das mãos.

No momento em que ele estava fora, ele se virou para Simon.

— Onde ele está?

— Quem? — Simon disse.

Matthew sacudiu a cabeça.

— Não, Simon, não desta vez. Eu sei que você o trancou em algum lugar, senão ele teria se apresentado. Você me levará até lá. Agora.

Simon encontrou seus olhos e com um pequeno suspiro concordou.



— LEVANTE-SE. — Matthew cortou as cordas e colocou seu irmão de pé. Depois de mais de uma semana trancado nos estábulos abandonados, Luke estava uma bagunça fedorenta, mas apesar de seu estado enlameado ele se endireitou, zombando de Matthew e Simon. Quaisquer que fossem suas outras falhas, não faltava coragem a Luke.

— Precisa de ajuda, não é? Com medo de que eu te faça desmaiar?

Em resposta, Matthew bateu com o punho no rosto do irmão. Luke cambaleou, mas voltou lutando. Mas, desta vez, Matthew tinha dois bons braços e, além disso, estava alimentado por uma raiva gelada,

um soco selvagem após o outro, levando Luke de volta a um canto.

— Por Ian — ele cuspiu quando pousou um golpe bem dirigido. — Meu filho, não o seu.

Luke aprou, abaixou-se.

— Meu — ele ofegou. — Margaret jura que ele é meu.

— Então ela mente — Simon disse —, mas ela faz muito isso.

— Tome isso de volta! — Com um grito, Luke se lançou na direção de Simon, foi levantado com força pelo punho de Matthew em seu intestino. — Agh — Luke gemeu, todo o ar escapando dele.

— Isso é por Alex — disse Matthew. Repetidamente, ele acertou Luke no estômago, ficando de pé para assistir ao seu irmão rastejar de quatro. — E pelo bebê.

— O bebê? — Luke olhou para ele, limpando a boca sangrando. — Que bebê? — ele gemeu, agarrando seu diafragma.

— O que Alex perdeu.

Por um instante, Luke congelou, uma expressão de vergonha aguda piscando sobre suas feições.

— Ela perdeu? — Ele estava de volta em seus pés. — Eu juro que não sabia.

— Isso faz alguma diferença? — Matthew disse. — Você não a teria espancado se soubesse? — Dois olhos verdes brilhantes encontraram os seus. Olhos zangados e felinos.

— Eu... — Luke desviou o olhar. — Provavelmente não.

Matthew ficou tão surpreso com a honestidade dessa resposta que abaixou a guarda e Luke aproveitou a oportunidade para dar um soco forte no queixo de Matthew. Mas antes que ele pudesse chegar à porta, Matthew agarrou-o e empurrou-o para pousar no chão.

— As espadas — disse ele a Simon.

— Matthew — Simon disse —, isso não é inteligente. É malvisto, você sabe.

— Me dê as malditas espadas!

Simon entregou-lhe duas espadas e foi para o mais longe possível.

— Então, irmão, você sabe como usar uma dessas? — Matthew certamente sabia, quatro anos em guerra fizeram dele um excelente espadachim.

Luke acenou com a cabeça e, quando Matthew lhe lançou uma, pegou-a pelo punho.

— Um duelo?

— Um duelo? Eu acho que não. Mais como desforra. — Matthew ficou à vontade, e Luke lambeu os lábios.

— Medo? — Matthew zombou. — Desconfortável quando você tem que me olhar nos olhos, em vez de ter outros fazendo o seu trabalho sujo?

Luke amaldiçoou e se lançou.

Eles eram bem pareados em tamanho e alcance, e por um tempo Luke limitou o seu, compensando a falta de experiência e habilidade com puro desespero. Em um ponto Luke conseguiu arrancar Matthew com sua espada, um sorriso triunfante se espalhando por seu rosto.

Esse foi o único sangue que Luke derramou e, nos minutos seguintes, Matthew decorou os braços de seu irmão e seu torso com uma série de cortes. Desesperado e encurralado, Luke atacou. Matthew se esquivou, bateu em sua mão com a lâmina, fazendo com que Luke soltasse a espada, e alguns momentos depois acabou, com um sangrento e trêmulo Luke parado na ponta dos pés enquanto a lâmina de Matthew descansava contra a pele descoberta de sua garganta.

— Eu poderia matar você — disse Matthew. — Eu deveria te matar; ou castrar você. O que vai ser? — Ele inclinou a lâmina para cima, pressionando com força suficiente para machucar a pele. Sua mão tremeu; tão fácil, um corte decisivo e Luke não existiria mais. Ele estava vagamente ciente de Simon pairando no fundo, mas a atenção de Matthew estava focada na borda afiada de sua espada e como ela pressionava contra a palpitante jugular de Luke.

— Por favor... — Luke resmungou — por favor. — O espaço fechado encheu com o cheiro azedo de urina.

Matthew franziu o nariz e puxou a lâmina para o lado, deixando um rasgo sangrento raso em seu rastro.

— Vá, irmãozinho — disse ele com desdém. — Vá antes que eu mude de ideia.

Luke fugiu.

— Eu te odeio, Matthew Graham — ele gritou quando estava em segurança fora do alcance. — Eu te odeio, você ouviu?



— ... e agora ele está a meio caminho de Edimburgo — resumiu Matthew muito mais tarde.

— Oh — disse Alex. — E Margaret?

— Margaret? Bem, suponho que ela ainda esteja aqui. Ela não estava andando com ele.

— Ela não pode, não é? — Joan disse. — Ela tem seu filho.

— Meu filho — disparou Matthew e saiu do quarto. Alex fez menção de se levantar e ir atrás dele, mas Simon acenou para ela.

— Eu vou, pelo menos posso oferecer o conforto de uísque e companhia masculina silenciosa. — Ele piscou para ela. — Às vezes, isso é tudo que um homem precisa ou quer.

“Aqui. — Simon encheu o copo de estanho de Matthew, derramou um pouco mais em sua xícara e sentou-se. — Você deveria tê-lo matado.”

— Sim. Mas ele é meu irmão.

— Não por muito tempo, se Luke tiver seus desejos se tornando realidade.

Matthew tomou outro gole de uísque. O calor viajou por suas entranhas, acalmando a raiva sinuosa que apenas o pensamento de Luke inspirava.

— Por que, Simon? Por que ele me odeia tanto?

Simon encolheu os ombros.

— Luke é um homem difícil de compreender. E só Deus sabe que histórias fantásticas Margaret disse a ele quando voltou, mas eu não acho que eles te pintaram em uma luz lisonjeira. — Ele fez uma pausa e varreu os restos em seu copo. — Eu suspeito que Luke pense que você forçou Margaret a se casar, forçou-se a ela, e por isso ele nunca vai te perdoar. — Simon pigarreou e se esticou para a garrafa de pedra. — Quase vazia — ele disse indistintamente, reabastecendo a xícara de Matthew. — Você tem que despejá-la. Ela não pode ficar na casa de campo, não depois disso.

— Não é culpa dela — disse Matthew.

— São suas mentiras que estão por trás de tudo. — Simon nivelou um olhar perspicaz para ele. — O que é que você quer com ela?

— Nada! É só... Às vezes eu, bem, gostaria de deixar meus fantasmas descansarem em paz. Nem sempre vê-la rindo de mim na minha cabeça.

E enquanto Margaret permanecesse em Hillview, ele poderia esperar pelo ocasional vislumbre do menino.

— Você quer se deitar com ela? — Simon parecia surpreso.

— Não! Eu não sei o que quero. Eu gostaria que ela implorasse que eu voltasse para ela.

— E você voltaria?

— Não — disse Matthew —, mas eu gostaria que ela pedisse para que eu pudesse dizer isso a ela.

Alex ainda estava acordada quando Matthew entrou no quarto deles. Ele esperava que ela não estivesse, não querendo falar com ela enquanto sua mente zumbia com imagens de si mesmo e de uma Margaret penitente. Ele corou de vergonha; em sua cama estava sua esposa, e ele tinha a cabeça cheia de imagens daquela outra esposa, aquela que esmagou seu coração. E salvou sua vida, pois se ela não tivesse se jogado sobre ele naquele domingo, quase quinze dias atrás, ele estaria morto. Ele se deu conta de que Alex estava ali e se viu encarando dois olhos azuis glaciais.

— Então, você quer? — ela exigiu.

— Quero o quê?

— Você quer dormir com ela? Você sabe, para colocar seus fantasmas em repouso.

Ele considerou mentir para ela, ou mesmo fingir que não tinha ideia do que ela estava falando, mas algum senso de autopreservação fez com que ele decidisse lhe contar a verdade, o melhor que podia.

— Às vezes. — Ele ignorou seu palavreado colorido e foi se sentar ao lado dela. — Eu não a amo, mas não me importaria com a oportunidade de humilhá-la como ela fez comigo, rir dela enquanto ela implora para que eu... bem, você sabe. — Ele lançou lhe um rápido olhar. Até agora a verdade não havia caído bem. — Não é nada que eu faria.

— Mas você pensa sobre isso, você e ela juntos?

— E você não? Você às vezes não pensa nele, no John, desse jeito?

— Ele esperava que ela não pensasse, que ele tivesse conseguido apagar seu antecessor inteiramente de seu coração e mente.

— E se eu pensasse, como isso faria você se sentir?

— Eu odiaria. — Ele encarou os olhos dela. — Você pensa?

Ela balançou a cabeça veementemente.

— Eu penso nele, mas nunca assim.

— Oh.

— Mas você pensa.

Ele encolheu os ombros. O que ele poderia dizer?

Ela virou as costas para ele, os ombros rígidos de reprovação. Matthew deu um tapinha no quadril dela e ela deu um tapa na mão dele. Ele suspirou, levantou-se para se despir e olhou para a forma imóvel dela, tão imóvel que tinha certeza de que ela estava prendendo a respiração. Por um momento ele pensou em deixá-la dormir. No final, ele decidiu que não.

— Eu te amo — disse ele quando ela rolou para encará-lo. — Só você. Você sabe disso.

— Hã.

Ele teve que batalhar para aquilo naquela noite. Difícil. Felizmente, ele era persistente e criativo.



— SÉRIO? — O nariz do ministro Weir se contraiu.

— Bem, eu não tenho certeza — disse Luke Graham —, mas eu acho isso... coincidência. — Ele enxugou o rosto inchado e machucado e franziu o cenho.

— Como assim? — perguntou Hector em seu canto. Ele estava fazendo um esforço para ficar fora da luz, para manter seu corpo envelhecido escondido, em particular depois de ver o choque indisfarçado no rosto de Luke Graham quando ele o cumprimentou. Ele olhou para a mão e a fechou com firmeza ao redor da caneca de barro. Velho, mas ainda forte, mesmo que suspeitasse ser apenas uma

questão de tempo antes que o que acontecesse com sua casca externa começasse a atacar músculos e tendões também.

— O homem disse, como ele e seus amigos tentaram roubar um homem e uma mulher no pântano. E a mulher... — Luke sacudiu a cabeça. — Ela é estranha, a esposa do meu irmão, e ela não é daqui. Quem sabe o que ela pode ser? — Ele levantou a mão para esfregar a crosta estreita que decorava sua garganta.

— Uma estrangeira — o ministro Weir assentiu.

Hector lançou lhe um olhar irritado. O homem tinha grandes problemas com a xenofobia.

— Isso em si não é necessariamente uma indicação de algo sinistro, esta estalagem está cheia de estrangeiros.

— Marinheiros, é de se esperar aqui em Leith. — Luke continuou com sua incrível história sobre uma mulher em longos calções azuis e os dois ladrões que ela havia chutado até a morte.

— Eu... — Luke parou, torceu a boca em um sorriso triste. — Bem, acho que temo pelo meu irmão. E se a mulher dele e essa mulher forem a mesma?

O inferno que você teme por ele, Hector zombou.

— Claro que sim — disse o ministro Weir, acariciando a mão do jovem em um gesto paternal.

— Eu vou fazer valer a pena. — Luke apanhou uma bolsa de veludo. — E ainda mais se ela for enforcada.

O ministro Weir lançou lhe um olhar severo.

— Você acha que sou motivado por ouro?

Hector engasgou com a cerveja.

— Claro que não — disse Luke —, veja isso como contribuição para suas despesas, nem mais nem menos.

— Hmm. — O ministro Weir pegou a bolsa quando Luke a atirou para ele. — Eu vou investigar, mas ajudaria se pudéssemos encontrar a testemunha.

— Sim, não é muito difícil, eu acho. O homem é um bêbado, balbucia sua história para quem quer que o satisfaça com uísque suficiente. — Luke tirou algumas moedas e as jogou na mesa. — Por toda Lanark — ele acrescentou antes de se desculpar, murmurando alguma coisa sobre precisar encontrar o capitão de seu navio.

— Ora, ora — disse o ministro Weir, esfregando as mãos. — Isso não é emocionante? Uma assassina, nada menos, talvez até uma bruxa.

— Sim. — Muito excitante, emocionante o suficiente para que as mãos de Hector estivessem se contorcendo. O ministro Weir sorriu maliciosamente para Hector.

— Interessante o suficiente para eu convencê-lo a vir junto?

— Absolutamente; afinal, com que frequência alguém expõe um

assassino? — Finalmente, pensou, escondendo o sorriso na caneca, finalmente teria o prazer de conhecer Alex Lind cara a cara.

Foi uma volta tranquila para casa, Matthew submerso em seus próprios pensamentos. Alex suspirou. Nos últimos dias, o único assunto da conversa fora Ian, Matthew mantendo um intenso debate com Simon sobre como ele deveria reclamar os direitos sobre seu filho.

Simon tinha sido categórico. O documento de divórcio e a subsequente renúncia do menino seriam difíceis de reverter. Além disso, ele havia apontado em uma voz tão baixa que Alex não deveria ouvi-lo, como a nova esposa de Matthew se sentiria em relação a Ian ir morar com ele? Com eles?

Uma pergunta muito boa, Sr. Melville, uma pergunta que o Sr. Graham talvez devesse ter levantado com sua esposa primeiro. De qualquer forma; ela podia simpatizar com seus sentimentos, e apenas o pensamento de uma criança crescendo sob os cuidados de Luke a fez estremecer.

— Se você o quisesse de volta, eu faria o meu melhor para recebê-lo — disse Alex, sorrindo para seu olhar surpreso. Ela puxou sua égua para mais perto. — Não sou só eu que sou transparente, às vezes — disse ela, estendendo a mão para acariciar sua perna.

— Você acha que eu deveria tentar?

Alex refletiu sobre aquilo por um longo tempo. Se ela fosse honesta, ficaria desconfortável com o filho dele em casa, particularmente um filho arrancado dos únicos pais que ele conhecera. Matthew ainda estava esperando por uma resposta, seus olhos repousando nela com um olhar que ela não conseguia interpretar.

— Eu acho que seria cruel para a mãe. — Ela puxou a rédea, esperando até que ele se virou e parou Samson. — Eu não teria nenhum problema com Ian morando com a gente, mas eu nunca aceitaria ter Margaret lá. Nunca. — Definitivamente não depois do que ela ouviu na outra noite, toda aquela porcaria sobre querer que Margaret implorasse para que ele a aceitasse de volta. Sua performance intensa na cama naquela noite tinha aliviado alguns dos seus ciúmes, mas a maior parte ainda estava muito viva e atuante.

Um leve rubor manchou as bochechas de Matthew.

— Meu filho deveria crescer comigo.

— Seu filho não te considera pai dele. Ele te odiaria por arrancá-lo

da mãe. Seria devastador para os dois.

— Talvez eu deva deixá-los ficar na casa de campo, então posso vê-lo de vez em quando.

— Não. Ela vai embora. — Ela esporou o cavalo e deixou Matthew no meio da estrada.



UMA VEZ EM CASA, Alex cuidou do descarregamento, espantando Matthew para inspecionar seus campos ou ir arranjar o que fazer. E por que não checar os bois?

— Os bois? — Ele olhou para onde as duas bestas plácidas estavam pastando no prado mais próximo. Mas ele parecia contente o suficiente para deixar a descompactação, deixando sacolas e cestas ao lado da porta antes de levar os cavalos para o estábulo. Alex esperou até que ele estivesse fora de vista antes de cavar em uma das bolsas. Bem no fundo, escondida sob os pedaços de tecido, estava a pintura de Mercedes, embrulhada em aniagem.

Ela acariciou o pacote. Ela vibrava, fios de música sussurrando e vazando para fora dela. Merda! Ela se atrapalhou e a soltou. Deveria queimá-la. Queime agora, sim, queime agora. Com cuidado, ela a pegou. Tentou destruí-la em Cumnock, mas no último momento a tirou do fogo, incapaz de queimar o último vínculo tênue com a mãe.

— Bem-vinda de volta — alguém disse atrás dela. Alex deu uma saudação brilhante à Sra. Gordon, encheu os braços para esconder o pacote e correu para o andar de cima. Ela segurou a pintura embrulhada no comprimento do braço. Ela a queimaria. Sim, claro que o faria. Mas não hoje. Apressadamente enfiou-a no baú.

Elas se voltaram para suas respectivas tarefas nas próximas semanas. Alex raramente via Matthew durante o dia, e demorou algum tempo até que ela percebesse que ele a estava evitando de propósito.

Uma vez que o fez, ela começou a planejar encontros aleatórios apenas para verificar se demorava alguns minutos até que ele murmurasse algo sobre ter que cuidar de um bezerro, ou consertar os galpões de armazenagem, ou fazer alguma coisa sobre o dente solto em seu ancinho.

Ele a beijava, acariciava-a, antes de se afastar apressadamente, e ela o observava, pensativa, tentando entender o que era que ele estava escondendo dela. Não que ela não tivesse uma boa ideia.

Uma longa caminhada na floresta confirmou sua suspeita. Margaret ainda estava em casa, embora parecesse muito pouco à vontade quando viu Alex.

— O que você quer? — Margaret estava lavando o cabelo, sentada

do lado de fora, vestida de forma simples, com um xale. Mesmo com o cabelo molhado, a maldita mulher parecia deslumbrante.

— Por que você está aqui? Por que não está com seu marido em algum lugar? De preferência muito longe daqui?

— Ele está a caminho da Holanda para se encontrar com o rei.

— Não é rei ainda.

— Não, mas logo será — disse Margaret.

Ela pegou um pente e começou a desenredar o cabelo úmido, virando as costas para Alex.

Houve um som violento e Ian apareceu entre os arbustos. Ele parou quando viu Alex, um sorriso tímido aparecendo em seu rosto.

— Oi — ela disse à miniatura de Matthew.

— Mestra. — Ele inclinou-se, ambas as mãos em concha sobre algo.

— O que é isso? — ela perguntou.

— Para minha mãe — ele disse. — Olhe, mamãe.

Margaret sorriu para o filho, que abriu as mãos para soltar uma borboleta branca. Ela lançou um olhar para Alex.

— Ainda aqui?

Alex levantou as sobrancelhas.

— Esta é a minha casa, não sua. E eu quero que você saia assim que possível.



MATTHEW CHEGOU à mesa naquela noite com uma expressão ameaçadora no rosto. Ele quase não comeu, tomando grandes quantidades de cerveja, e uma vez terminada a refeição, ele disse a Alex que queria falar com ela e saiu na direção de seu escritório.

Ela foi humilhada pelo tom dele e escolheu permanecer onde estava. Se ele queria falar com ela, então poderia se sentar bem ao lado dela, não pedir sua presença em seu escritório como se ela fosse uma criança desobediente.

— Você não ouviu? — Ele soou muito frio, parado na porta. A Sra. Gordon lançou-lhe um olhar e correu para o seu próprio quarto.

— Você queria falar comigo, ou melhor, me repreender, e fez com que todos na mesa soubessem disso, não é? — Alex se levantou e foi em direção ao corredor. — Eu vou para a cama. Se você tem algo a dizer, também pode me dizer agora.

— Não é o seu lugar, nem o seu direito, dar ordens às pessoas da minha terra.

— Oh, Céus, Margaret tem contado histórias? — Ela deu um passo em direção a ele. — Mas isso significaria que você a viu.

— Claro que sim, ela veio me contar tudo em lágrimas.

— Pobre, pobre, Margaret, talvez você a tenha segurado em seus braços para acalmá-la. Aproveitou a oportunidade para acalmar esses fantasmas inquietos de vocês?

— Eu não fiz nada parecido! — Ele olhou para ela.

— Mesmo? Mas um abraço talvez, você sabe, um pequeno aperto reconfortante, não mais? — Matthew ficou todo vermelho escuro. — Sim. Foi o que pensei. É muito simples, ou ela vai ou eu. Faça a sua escolha.

Ela passou por ele e subiu as escadas, bateu a porta com força e enfiou o ferrolho no lugar.



NA MANHÃ SEGUINTE, ele a encurralou no caminho para a privada, segurou-a pelo braço e levou-a para longe da audiência curiosa que consistia em Sam, Robbie e Gavin. Ela não tinha ideia de onde ele dormiu, mas presumiu que tivesse sido em seu escritório ou no celeiro. Francamente, ela não dava a mínima.

— Você não vai me colocar para fora da minha cama, nunca mais — ele gritou para ela, os olhos dourados no início da luz do sol. — Eu nunca vou deixar minha esposa fazer isso comigo de novo.

— Pelo menos eu estava sozinha lá, não como ela, transando com seu irmão! E solte meu braço, seu idiota, você está me machucando. — Ele deu-lhe um aperto de mão e soltou, derrubando-a no chão.

— Tudo bem — ela disse enquanto se levantava. — Estou indo embora.

— Não, você não vai. — Ele a puxou para perto, envolvendo um braço duro em volta dela. — Por favor, escute.

Ela encolheu os ombros; realmente não tinha muita escolha, presa como estava ao peito dele.

— Eu dei a ela minha palavra. Eu prometi que não iria expulsá-la.

Quão emocionante. Desgraçado! E que tal discutir o assunto com ela primeiro?

— Bem, então parece que você já se decidiu, certo? Então, se me der licença, eu vou fazer as malas.

— Alex! Você está sendo injusta. Eu não posso simplesmente colocá-los para fora, para onde eles iriam?

Alex pensou nisso por um momento.

— Eu não faço ideia. Mas também não me importo. — Ela sentiu uma pontada ao dizer isso, pensando em Ian. — Ela tem um marido. Não é suficiente que ela tenha te traído, foi conivente em mandá-lo para a cadeia para ser enforcado, mas infelizmente para eles alguém decidiu ser tolerante. Ela mentiu para você sobre o seu filho, e agora você também tem que apoiá-la?

Ele a soltou e deu um passo para trás.

— Ela salvou minha vida naquela noite em Cumnock. Se não fosse por ela, Luke teria me matado.

— Ela salvou?

Ele assentiu e coçou a cabeça.

— Ela implorou para ele não me matar. E ele ouviu.

— Oh. — Toda a raiva correu para fora dela, deixando-a esgotada. Ela se sentou e Matthew seguiu o exemplo.

— Se você insiste, peço para ela ir embora, mas peço que deixe-os ficar. Não pelo bem dela, mas pelo menino.

Alex não se sentia nem um pouco generosa. Ela queria que Margaret fosse embora, queria que a lembrança viva do fato de que ela tinha sido a esposa de Matthew fosse embora. Ela exalou alto.

— Eu não gosto disso.

A boca de Matthew se curvou em um pequeno sorriso. Isso era bastante aparente, ele disse a ela, e teve que admitir que ela tinha o direito a isso. Ela olhou para ele e depois para longe.

— E se Luke aparecer? Ele vai, mais cedo ou mais tarde, e se vocês se encontrarem? — Ou se ele me encontrar ... Suas tripas se apertaram e ela fechou os olhos, apertando as pálpebras até que tudo o que viu foi vermelho brilhante.

— Eu vou dizer a ela que é um pré-requisito. Ela pode ficar aqui desde que ele fique longe.

Alex considerou aquilo um conforto duvidoso, mas deu um pequeno aceno de cabeça.

— E você, fique bem longe dela, Matthew.

Ele inclinou a cabeça em aquiescência.

Entrando na cozinha, Alex foi atacada pelos aromas de mingau e mel, ovos e pão quente. Isso a fez querer vomitar e ela se concentrou em respirar pela boca. Ela se sentou no banco ao lado de Matthew e balançou a cabeça em um não para o prato estendido. A Sra. Gordon a estudou por um momento e sorriu, os olhos escuros brilhando.

— Você está grávida.

Matthew olhou para Alex.

— Eu acho que sim, mas ainda é cedo. — Alex não queria dizer nada antes que estivesse absolutamente certa, e deu à Sra. Gordon um olhar irritado. — Eu estava planejando em dizer a ele por mim mesma. — Ela saiu da cozinha antes de começar a chorar.



— É MELHOR IR ATRÁS DELA — disse a Sra. Gordon, sorrindo para Matthew. Ele a olhou calmamente e arrancou outro pedaço de pão.

— Vai vingar. Eu vou encontrá-la depois do café da manhã. — Por

dentro, ele estava embriagado de alegria, mas surpreso por não ter notado. As últimas semanas de tensão em torno de Margaret devem tê-lo deixado despercebido, e ele notou que não tinha visto Alex nua desde que voltaram de Cumnock, não olhado atentamente.

Ele a encontrou no morro, de pé, com os braços cruzados sobre o peito, o olhar fixo nos intermináveis quilômetros de charnecas espalhados diante dela.

— De quanto tempo você está? — ele perguntou, abraçando-a por trás.

— Dois meses.

Ele contou em sua cabeça; um bebê de janeiro.

— Isso me deixa muito feliz. — Ele a virou em seus braços, brincou com seu corpete, seu vestido, e aliviou o pano até que seus seios foram descobertos. Sim, eles estavam mais pesados, e quando ele respirou neles, seus mamilos se arrepiaram, escuros contra sua pele pálida. — Eu deveria ter notado — disse ele, reorganizando suas roupas. — Mas eu vou tomar meu tempo com você hoje à noite.

— Esta noite?

Ele sorriu para sua decepção e deixou seus dedos viajarem até sua garganta e provocar seus lóbulos. Seus olhos desfocados, seus lábios entreabertos, e a beijou, um beijo longo e quente.

— Esta noite — ele repetiu quando eles interromperam o beijo para respirar. Uma carícia rápida e ele saiu, deixando-a queimando por ele. Ele gostava disso.

O que para começar tinha sido algo que fez Matthew rir e sacudir a cabeça em exasperação divertida, tornou-se algo pelo qual ele esperava ansiosamente, fosse no inverno ou no verão.

Todos os sábados, Alex insistia que eles deveriam tomar um banho, e quando Matthew e Rosie protestaram contra o trabalho envolvido em aquecer toda aquela água e encher a banheira de madeira no andar de cima, ela decidiu que o banho seria feito na cozinha, depois do jantar. No inverno, ela acendia velas e espalhava as toalhas de linho para aquecer na frente do fogo, depois lavava os membros de Matthew de uma maneira que cobria os dois com espuma de sabão antes de terminar.

Mas aquela era uma noite de verão, e ele a viu descendo o caminho em direção à pequena piscina turbulenta. Ele não precisava estar lá para saber que ela começaria encontrando um ramo de salgueiro e limpando os dentes. E então ela iria... Ele correu para terminar suas tarefas, passou as mãos pelo cabelo e saiu atrás dela.

Ele gostava de vê-la nadar. Ela era como uma lontra, graciosa e rápida, mergulhando no fundo do poço e emergindo a uma longa distância antes de virar de costas para flutuar. Ela deu uma cambalhota para trás, oferecendo-lhe uma visão interessante do seu

triângulo púbico escuro, e nadou até a margem. Ele se levantou de onde estava sentado e desceu até a beira da água.

— Oi — ela disse e apontou para o pote de sabão que colocou em uma pedra próxima. — Você vai me ajudar a lavar meu cabelo?

Ele ensaboou o cabelo dela em um chapéu de espuma branca e ajudou-a a emergir para enxaguá-lo. Então foi sua vez de lavá-lo e, de alguma forma, as coisas terminaram como costumavam acontecer, com ele apenas meio lavado, mas terrivelmente excitado. Seus seios balançaram na água quando ela se inclinou para flutuar para longe dele, sua parte inferior ancorada na dele. Ele estava de pé no fundo de cascalho e fez amor com sua esposa enquanto o crepúsculo de verão se transformava em noite, imaginando se na escuridão de seu ventre havia um filho que estava esperando para nascer.

Simon pareceu sombrio quando ele e Joan cavalgaram algumas semanas depois. Em suas mochilas de couro, ele levava cartas para Matthew e um novo livro. Matthew lidou com o livro com reverência, virando-o de um lado para o outro entre as mãos.

— O quê? Uma nova Bíblia? — Alex perguntou a Simon em voz baixa. Os Grahams eram espinhosos quando se tratava de escavar sua religião, e era um conforto para ambos, Simon e Alex, reconhecer um espírito parecido um no outro.

— Não, um livro de poemas. — Simon revirou os olhos.

Alex se iluminou. Os poucos livros da casa deixavam muito a desejar quando se tratava de leitura leve, e a ideia de ler poemas, quaisquer poemas, parecia uma mudança bem-vinda.

Simon puxou a manga de Matthew, a expressão sombria de volta em seu rosto, e os dois homens desapareceram na direção do celeiro, deixando Alex e Joan sozinhos.

— Qual é o problema? — Alex perguntou.

— Simon ouviu essa história incrível, sobre como três ladrões viram o feitiço virar contra o feiticeiro. Dois morreram, mortos por uma moça.

A garganta de Alex secou.

— Mesmo? Soa inacreditável para mim. Como uma mulher poderia, possivelmente, superar dois homens sozinha?

Sem que eles fossem sequer capazes de falar sobre o assunto, ela notou com algum orgulho.

Joan observou-a por um instante a mais antes de concordar.

— O terceiro ladrão está sob custódia do capitão Leslie. Ele vai ser enforcado, mas a sombra da força que se aproxima o tornou muito volúvel, e ele tem espalhado essa história para quem quiser ouvir. Muitos o fazem. — Joan enfiou a mão sob o braço de Alex e a guiou na direção do jardim. — É melhor que você não venha para Cumnock por um tempo.

— Eu? Mas...

— Ela era uma moça estrangeira, diz ele; uma moça com cabelos tão curtos quanto os de um rapaz e calças azuis estranhas.

Alex sacudiu as saias e deu de ombros.

A Sra. Gordon foi encontrá-la naquela tarde.

— Torta? — ela perguntou. Alex olhou para a cesta cheia de framboesas. Uma torta seria uma boa ideia.

A Sra. Gordon sentou-se ao lado dela no banco e, num gesto carinhoso, pegou a mão de Alex.

— Eu ouvi o senhor Melville falando com o mestre, sobre o ladrão e sua história, certo?

— Ridículo, não é?

A Sra. Gordon olhou para ela por um longo tempo.

— Eu espero que você as tenha queimado, aquelas suas calças estranhas.

Alex não sabia o que dizer.

— Eu não vou contar, mas a descrição que ele deu de uma moça estranha com cabelo curto e calções estranhos, bem, nós duas sabemos, não é? E então há o ferimento da faca no ombro do mestre, exatamente onde o ladrão diz que deveria estar. Então o que aconteceu?

Não havia como mentir para aqueles brilhantes olhos negros, e Alex disse a verdade, torcendo-se com vergonha pela expressão de admiração da Sra. Gordon.

— Você lutou com eles com as próprias mãos?

— Principalmente pés.

A Sra. Gordon riu.

— Você sabe, a primeira vez que te vi pensei que era uma fada. Então eu te tomei por uma cigana, mas você me deixou pagamento pelo que levou, e nenhuma fada ou cigana faria isso. — Ela olhou para Alex penetrantemente. — Mas você é muito estranha. Não sabe tricotar ou tecer, nunca abateu um cordeiro.

— Sim, eu abati! Nós fizemos isso juntas, lembra?

— Sim, e você parecia prestes a vomitar quando lhe foi dito para enxaguar as entranhas.

— Bem, você sabe, na Suécia...

A Sra. Gordon riu e sacudiu a cabeça.

— Não, moça; meu irmão é marinheiro e esteve em Gotemburgo várias vezes. Mas nunca me contou de garotas de calções e cabelos curtos. Elas parecem ser como nós, não?

Alex tentou um riso irônico.

— Gotemburgo! Isso não é realmente a Suécia. Eu venho do extremo norte distante.

— Eu não acredito em você, acho que carrega segredos que não pode compartilhar, e eu não vou insistir. Mas você deve ter cuidado, moça.

A Sra. Gordon apoiou as mãos nos joelhos e se levantou.

— Eu gosto de você, Alex Graham, e ficarei ao seu lado. — Ela deu a Alex um olhar perceptivo. — Você não teve escolha. Se não os matasse, teriam sido você e o mestre mortos.

— Mas ainda assim — Alex suspirou.

— Sim, bem; eles teriam sido enforcados em breve, de qualquer maneira, aqueles vermes. — Com isso, a Sra. Gordon saiu correndo, dizendo algo sobre encontrar alguma banha para a fatia de pão.



DOIS DIAS DEPOIS, Matthew estava a meio caminho dos estábulos quando o capitão Thomas Leslie entrou no pátio, parecendo que gostaria de estar em qualquer outro lugar menos ali. Com ele vieram quatro soldados de cavalaria, um ministro e um homem magro com um enorme chapéu. Matthew parou, notando como Alex apareceu na porta da cozinha, limpa em verde sóbrio e com uma touca de linho na cabeça.

O capitão Leslie balançou a cabeça ao vê-la e se inclinou para fora da sela para dizer alguma coisa ao ministro. Mesmo de onde ele estava, Matthew podia ouvir a resposta cáustica do pastor, segundo as linhas, de que o capitão não deveria interferir com coisas que ele não conhecia, e então o ministro saiu de seu cavalo, atravessando o pátio em direção a Matthew.

— Mestre Graham — ele disse. — Há questões que eu tenho que discutir com você a respeito de sua esposa. — Matthew levantou o braço para receber tanto o ministro quanto o capitão.

— Olá — acrescentou Matthew, acenando na direção do homem desconhecido, que por algum motivo estava usando um manto comprido, luvas e um colar de renda antiquado que conseguiu cobrir a maior parte de sua face inferior.

— Este é o Sr. Olivares — o capitão Leslie apresentou. — Ele está acompanhando o ministro Weir.

Com o canto do olho, Matthew viu Alex dar um passo para trás. Ele lutou para manter seu rosto sem expressão, enquanto no interior estava agitado com perguntas. Hector Olivares, ali? Para qual propósito?

— Mestra — disse Olivares, inclinando-se na direção de uma pálida Alex que conseguiu sacudir-lhe uma reverência, antes de se achatar na parede para permitir que entrasse.

— Ele é um caçador de bruxas — disse Leslie — muito requisitado. Ele e o mestre Weir foram chamados para investigar um incidente infeliz em Lanark, quando chegaram ao ladrão desgraçado de uma estalagem. O idiota estava se condenando com cada palavra bêbada

que pronunciava. — Ele franziu a testa para um ponto em seu casaco cinza.

— Ah — Matthew assentiu, tentando soar imperturbável. Caçador de bruxas; fazia seus intestinos se contorcerem.

— Além disso — disse o capitão Leslie — parece haver alguma verdade em sua história desequilibrada. Um dos meus homens... — Ele acenou na direção de seus soldados montados. — ... insiste ter visto uma mulher em calções estranhos um ano atrás.

— Sêrio? — Matthew encolheu os ombros.

A hora que se aproximava era extremamente desconfortável. O ministro Weir dirigiu-se apenas a Matthew e Hector Olivares retirou-se para ficar em um canto, com os estranhos olhos de joia que perfuravam Alex. Matthew franziu a testa, não muito certo do que fazer. Alex se aproximou dele, cruzou as mãos na frente dela e baixou o olhar para o chão, mas de vez em quando ele via os cílios tremularem enquanto ela espiava na direção de Olivares. E Olivares, Deus o amaldiçoe, continuou a encarar Alex de uma forma que fazia Matthew ferver por dentro.

— Mas por quê? — perguntou o ministro Weir, olhando para Alex como se ela fosse uma vaca. — Por que você se casou com uma garota estranha?

— Eu te disse. Eu a encontrei na charneca, perturbada. Eu deveria deixá-la lá sozinha?

— E o pai dela, ele está morto?

Matthew viu a armadilha no tempo; diga sim e eles devem mostrar a eles onde ele foi enterrado.

— Eu não sei, nem minha esposa. Ela não tem nenhuma lembrança. Em um momento ela estava andando atrás de seu pai, no dia seguinte acordou muito queimada, pai e cavalo se foram.

A boca de Olivares se contorceu em um sorriso irônico.

— Hmm — disse o ministro Weir —, e ela é da Suécia?

Matthew assentiu.

O ministro Weir enrugou o nariz como se tivesse cheiro de algo desagradável e se inclinou para Matthew.

— Ela é da fé certa?

Matthew se endireitou, bem ciente de como sua altura intimidava homens tão pequenos quanto o ministro.

— Eu sou um homem da fé, ministro Weir. Você acha que eu arriscaria que meus filhos não fossem educados corretamente?

O homenzinho parecia desconcertado e murmurou um pedido de desculpas.

Depois de uma pequena conferência entre o ministro e Olivares, o ministro assentiu algumas vezes, alisou o casaco escuro e limpou a garganta.

— Bem — disse o ministro Weir. — É melhor você andar com a gente.

— Por quê? — perguntou Matthew.

O ministro Weir lançou lhe um olhar penetrante.

— Temos um homem na cadeia que diz que viu uma mulher matar seus dois companheiros há quase um ano, uma mulher estrangeira, assim como sua esposa.

Matthew riu.

— E você acredita nele? Alguma mulher que conheça poderia superar dois homens sozinha?

O ministro Weir insistiu, apesar dos protestos de Matthew de que sua esposa não havia feito algo assim, e, finalmente, Matthew saiu para selar Samson, dando a Alex um olhar de apoio ao sair.

Ela estava tendo problemas em ficar em pé. O bandoleiro a reconheceria? E se ele o fizesse, sua palavra contaria mais do que a dela? Quando saiu da casa, Hector se empurrou para dentro dela, com os olhos muito próximos.

— Assustada?

— Por que eu deveria estar? — ela disse rigidamente. — Eu nunca fiz nada de errado.

— Oh, eu estaria, se fosse você. — Ele a cheirou. — Você cheira como uma bruxa, Alex Lind. E eu sou o caçador de bruxas, lembra? — Ela se afastou dele, mas ele veio atrás. — Eu aposto que você vai gritar, todas elas gritam quando nós as torturamos. — Ele riu e inclinou-se para permitir que ela o precedesse.

Alex atravessou o pátio com força de vontade. Ela até conseguiu sorrir para o Capitão Leslie quando ele ofereceu suas mãos para impulsioná-la para o cavalo, mas uma vez nas costas de Samson ela caiu contra Matthew, observando como o Ministro Weir e Olivares estavam amontoados juntos, o ministro olhando repetidamente para ela.

— Oh, Deus.

O braço de Matthew veio em volta dela como um suporte de apoio.

— É ele, não é?

— Eu acho que sim, e eu não gosto dessa coisa de caçador de bruxas. Ele acabou de me dizer que eu cheirava a bruxa. Isso me assusta muito.

— Mmm — ele respirou.



ASSIM QUE DEIXARAM Hillview para trás, antes de Hector subir até o ministro, uma conversa silenciosa brotou entre eles, envolvendo muitos olhares na direção de Alex, que recuou contra o peito de

Matthew. O ministro disse alguma coisa, os dois homens compartilharam uma risadinha, e Matthew decidiu ali que bastava.

— É comum? — ele perguntou em uma voz carregada.

— Comum? O que é comum? — o ministro disse, parecendo irritado.

— Ministros da Kirk consorciar com papistas.

— Papistas? — o Ministro Weir guinchou. — O que você está falando?

— Ele — disse Matthew, apontando para Hector. Cada cabeça, exceto a de Alex, girou para encarar Hector, que se mexia em sua sela.

— Hector? — Weir riu. — Você deve estar enganado, Sr. Graham. Hector é um caçador de bruxas de grande reputação.

Matthew levantou as sobrancelhas.

— Mesmo? Isso é muito estranho, já que o prendemos como espião na última vez que ele esteve aqui.

— Um espião? — O capitão Leslie olhou para o homenzinho de cima a baixo, observando o chapéu de abas largas e o manto envolvente.

— Absolutamente — disse Matthew —, ele é espanhol. E fez tantas perguntas que nós o enviamos acorrentado a Edimburgo como um espião real e um papista.

— Eu não tinha ideia — disse o ministro Weir com uma voz chocada. Matthew quase sorriu. Aquele homem pequenino era um mentiroso muito incompetente.

Matthew adotou um ar grave e assentiu repetidamente.

— Não, porque se tivesse, o teria denunciado.

— É claro. — O ministro Weir olhou para Hector como se esperasse que a qualquer momento os chifres se projetassem de sua testa.

— Bobagem — disse Hector bruscamente. — Tudo isso é um absurdo. É apenas uma tentativa de me desacreditar.

Matthew olhou Olivares de cima a baixo.

— Você é definitivamente um espanhol e um papista. Todos os espanhóis o são, em geral.

— Prove! — Hector fez uma careta para Matthew.

— Nós podemos catequizar você. Será fácil para o ministro Weir aqui verificar se você é da fé ou não, e tenho certeza de que o ministro Crombie terá prazer em ajudar, assim como eu e, sem dúvida, o capitão também. — Matthew sorriu para ambos de maneira maliciosa.



O MINISTRO WEIR ficou com a cor da roupa suja, um amarelo doentio tingido de cinza. Ele sentou-se em linha reta na sela e pregou seus

olhos em Hector.

— Bem? Você é? Um papista? — Ele se encolheu quando Hector chegou tão perto que suas coxas se esmagaram uma contra a outra, e um pequeno som lhe escapou quando Hector o agarrou pelo braço, efetivamente colocando o ministro entre ele e os outros.

— Você sabe que eu sou — disse Hector em voz baixa. — Afinal, foi assim que você me chantageou para participar de sua pequena fraude. — Ele torceu os dedos com força no braço do ministro. — Conserte isso, conserte-o ou eu lhes contarei tudo. — Ele se levantou em seus estribos, a ameaça escorria de cada centímetro quadrado dele.

— Um papista! — gritou o ministro Weir. — Oh, meu Deus, o Sr. Graham está certo! Olha, ele me ameaça! Prendam-no! Mate-o no local, se for necessário!

— O quê? Seu merdinha duas caras! — Hector se virou para os outros. — Este ministro não é exatamente o que ele... — Como se por acaso, o ministro Weir caiu contra ele, quase desmontando os dois.

— Um papista, um papista! Santo Deus, ele pretende me matar! Faça alguma coisa, capitão Leslie!

Hector abriu a boca para dizer alguma coisa, o ministro gritou como se estivesse em agonia, e o capitão esporeou a montaria em direção a ele, sombreado por dois de seus homens.

— Eu não tentaria nada tolo — disse Hector, puxando sua espada. O soldado que estava mais próximo dele atacou, Hector girou o cavalo, enfiou a espada na lateral do infeliz e atijou a égua.

— Continue! Atrás dele! — O capitão Leslie acenou com a mão na direção do rapidamente encolhido Hector e virou-se para franzir a testa para o ministro. — Você não suspeitou?

— Se eu tivesse suspeitado, eu o teria entregado às autoridades imediatamente. — O homenzinho balançou a cabeça. — Terrível ... sem dúvida ele planejava me matar enquanto eu dormia.

— Sim — disse o capitão Leslie —, embora me pareça que ele já deve ter tido muitas oportunidades de fazê-lo. — Ele franziu a testa enquanto estudava o ministro.

Matthew chamou sua atenção, assentiu. Sim, havia um cheiro de algo podre em tudo isso. Não que isso o preocupasse muito, não agora, com Hector Olivares, não mais do que uma mancha decrescente no horizonte.

— Suponho que isso significa que podemos voltar para casa — disse Matthew.

O Ministro Weir fez uma careta para ele.

— Supõe? O que o espião papista tem a ver com os dois homens assassinados? — Ele puxou o manto ao redor dele, recuperando sua dignidade aos trancos e barrancos.

— Bem, eu pensei...

— Você pensou errado!

Matthew suspirou e colocou Alex mais perto dele.

— Vai ficar tudo bem — ele sussurrou. — Sua palavra contará mais do que a de um trapaceiro bêbado, e sabemos que não havia outras testemunhas.

— Você acha? — Alex relaxou um pouco. — Pelo menos você se livrou de Hector Olivares. Por enquanto — ela ponderou.

Simon estava esperando por eles quando entraram em Cumnock.

— Há uma nova testemunha — ele disse enquanto ajudava Alex a descer. Ele inclinou a cabeça na direção de uma figura encapuzada parada. Alex e Matthew ficaram olhando quando a Sra. Gordon piscou para eles por baixo do capuz. — Gavin a trouxe. No momento em que ela viu o ministro descendo a estrada, ela partiu.

Uma vez no tribunal improvisado, o ministro Weir esfregou as mãos, aparentemente recuperado do incidente com Hector. Ele permitiu que seu olhar descansasse por um instante na plateia antes de olhar Alex de cima a baixo em silêncio. Um longo silêncio. Se ele esperava que ela ficasse nervosa, estava muito enganado. Alex colou um sorriso insípido no rosto, meio que enroscando uma tampa em uma lata cheia de vermes peludos, os vermes em questão sendo suas entranhas.

— Você! — o ministro gritou, apontando para um dos soldados, e o homem pulou.

— Eu?

— Sim, você. Você é Isaiah Smith, não é?

— Sim, senhor, eu sou. — O soldado se endireitou.

Merda; não ele de novo. Alex estudou os dedos dos pés.

— Bem? É ela?

— Ela? — Smith parecia desorientado.

O ministro Weir suspirou, alisou as volumosas mangas e aproximou-se do soldado.

— Esta é a mulher que você viu no pântano? A mulher com calças?

— Eu não saberia dizer — disse Smith depois de ter olhado para Alex. — Eu nunca a vi corretamente, estava escuro. E quando eu fui atrás dela, eu vi principalmente... hum... bem, sua bunda, com perdão da palavra. Muito confortáveis, aquelas calças. — Um riso voou pelo cômodo, fazendo o ministro franzir o cenho.

— Mas era uma mulher que você viu?

— Oh, sim, eu reconheço uma boa bunda feminina. — Smith mordeu o lábio por alguns instantes. — Agora, se eu pudesse ver a bunda da madame, então talvez...

— Smith! — Capitão Leslie berrou, antecipando Matthew, que estava de pé, um brilho perigoso em seus olhos.

— Eu só estava dizendo... — Smith murmurou.

— E o cabelo dela? Estava longo ou curto?

Smith franziu a sobrancelha.

— Descoberto, estava descoberto e curto.

— Ela estava sozinha?

Smith franziu o cenho.

— Não. Se ela estivesse sozinha, eu a teria vencido. Ela estava com um homem.

— Hmm — disse o ministro, olhando para Matthew. — E o homem, você o reconheceria?

— Não. Eu estava olhando principalmente para...

— Sim, sim, nós sabemos. — O ministro acenou para ele em silêncio. — Bem — disse ele ao capitão Leslie —, a descrição do seu homem corresponde à de nossa outra testemunha: um homem e uma mulher, e a mulher em roupas estranhas. As mulheres usam calças na Suécia? — Ele se virou para encarar Alex, que deu um passo para trás.

— Não — disse ela, franzindo o nariz para suas exalações azedas. — Mas usam na Turquia e na China, de acordo com o que eu soube.

O ministro franziu a testa, bateu palmas e um homem foi arrastado para o quarto. Alex lutou para manter a calma, as mãos relaxadas onde descansavam contra as saias, o rosto abaixado.

— Ele está sóbrio? — o ministro exigiu dos guardas.

— Tanto quanto possível — o mais velho dos guardas respondeu.

— Então, é ela? — Weir perguntou, acenando com a mão na direção de Alex.

O homem olhou para Alex. Seus cabelos estavam em uma confusão emaranhada, e mesmo à distância de alguns metros, Alex teve a nítida impressão de que ele estava rastejando de piolhos.

— Eu não sei — disse o homem.

— Então você não sabe se a Sra. Matthew Graham é a mulher que você viu — Ministro Weir pressionou.

O prisioneiro ficou mais ereto ao som do nome e olhou em sua direção.

— Pode ser. Eu não consigo ver o rosto dela.

— Mostre seu rosto, mulher — disse o ministro Weir —, e tire o chapéu, para que ele possa ver seu cabelo.

— Acho que não — interrompeu Matthew. — Minha esposa não desnuda o cabelo em público, ministro Weir, não ao seu pedido. — Matthew sorriu para Alex. — Deixe-o ver seu rosto, moça. — Ela levantou o queixo. O prisioneiro olhou e deu um passo para trás.

— É ela — ele guinchou, e a sala explodiu.

— Você comete perjúrio — a Sra. Gordon gritou, apontando para o prisioneiro. — Tudo o que você disse sobre ver uma mulher matar seus dois companheiros, quem acreditaria em você? Você é um

assassino, um estuprador e um ladrão imundo!

— Não sou assassino! — o homem gritou de volta sobre os gritos de ordem do capitão Leslie. A Sra. Gordon esperou até que a plateia se acalmasse.

— Se este homem... — Ela apontou para o ministro Weir. — ... se ele não tivesse deixado escapar que era a Sra. Matthew Graham, você a reconheceria, então?

O capitão Leslie acenou com a cabeça, dando ao ministro Weir um olhar julgador. Apesar da situação, Alex ficou um pouco divertida com a maneira como o ministro empalideceu sob o escrutínio do capitão. O capitão Leslie se inclinou para o prisioneiro.

— Responda, homem!

— Eu não sei, mas sei que vi uma mulher matar meus amigos.

A Sra. Gordon bufou.

— Você está embriagado, Tom Wilson. Você está alucinado desde que era um moleque em Lanark. Uma mulher matou dois homens crescidos! — Houve um sussurro de concordância na sala e a Sra. Gordon expandiu seu opulento peito. — Eu vi você, Tom. Você desceu da charneca sozinho em uma tarde de agosto e suas mãos estavam ensanguentadas.

Tom sacudiu a cabeça e olhou para as mãos.

— Não, eu não os matei. Não eu, eu apenas esfaqueei o homem. Era a mulher. — Ele olhou para Alex e apontou o dedo em sua direção. — Era ela! Ela os matou!

— Humph! — a Sra. Gordon expressou. — Eu vi o que vi, sim? Você, Tom, não ela.

— Não! Eu não!

O capitão Leslie se levantou e pediu aos guardas que levassem o prisioneiro embora.

— Isso é inadequado, um bandoleiro lançando críticas sobre o caráter de uma mulher casada, sem nenhuma prova além de suas próprias divagações.

O ministro Weir fez um gesto de protesto, mas com um olhar gelado do capitão apeou na cadeira.

— E pelo que a senhora Gordon nos disse, é bem possível que ele próprio seja o assassino de seus antigos companheiros e, nesse caso, tenha prestado um serviço a todos nós. — O capitão Leslie fez uma reverência para Alex. — Minhas desculpas, senhora, por uma experiência desnecessariamente angustiante.

— Desculpas aceitas — disse ela e fez uma reverência, extremamente orgulhosa de si mesma por não ter caído de bunda enquanto o fazia.

Leslie apertou a mão no braço do ministro Weir, que estava se afastando na direção da porta.

— Uma palavra, ministro.

— Sim — concordou Matthew —, uma palavra. Ou duas.

Juntos, eles acompanharam o ministro, protestando para fora da sala, e entraram no escritório de Leslie.

O homenzinho, antes tão arrogante, murchava sob a inspeção de Matthew.

— Você tem alguma explicação a dar — disse Matthew.

— Sim — disse Simon. — Uma armação muito elegante. Deixar escapar um nome e fazer com que ele a identificasse.

— Eu não fiz nada disso! Não foi feito maliciosamente, foi apenas um lapso de língua.

O capitão Leslie fez um som irônico.

— Você é um homem experiente de igreja e tribunal, ministro. Eu não acredito em você, e saberia agora mesmo quem te preparou para isso e por quê.

O ministro Weir fechou a boca, fazendo-o parecer um sapo repulsivo. Ele evitou os três pares de olhos, concentrando-se em guardar seus papéis em sua bolsa de couro.

— Certamente você não está pensando em ir embora. — Matthew se aproximou do homem menor, fechando as mãos em torno de um desejo urgente de dar um tapa no desgraçado.

O ministro Weir se encolheu, uma pequena língua pontiaguda se projetando para molhar os lábios.

— Eu sou um homem do Kirk, é melhor você não me machucar.

— Machucá-lo? Você é um homem nojento, se escondendo atrás das saias do seu escritório quando lhe convém. — Matthew abaixou o rosto para encarar Weir nos olhos. — Eu não sei qual era o seu jogo, mas a intenção era roubar minha esposa. E eu, Ministro Weir, não aceito isso. Então, ou você nos diz tudo o que sabe, ou precisará olhar constantemente por cima dos seus ombros pelos poucos dias de vida que lhe restam.

Ele ignorou o protesto do capitão Leslie diante da ameaça e apoiou o ministro em um canto.



— FOI LUKE? — Alex olhou de Simon para Matthew e de volta novamente.

— Sim — Simon disse —, ele levou o celerado até lá, dizendo que você apareceu do nada, e o quão rápido você se casou com Matthew, tudo para ganhar a proteção de seu nome. — Bebeu da caneca e limpou a espuma do lábio antes de continuar. — E ele então adicionou algumas reviravoltas. Como o fato de você ser pagã, não ser daqui, e que você poderia ter enfeitado seu pobre irmão, e como ele estava

preocupado que pudesse matá-lo enquanto dormia.

— Oh. — Alex tomou um grande gole de sidra.

A Sra. Gordon mordeu a torta e estudou-a com desconfiança antes de dar outra mordida.

— Aquele homem não é o que parece — disse ela —, por fora bela viola, por dentro, pão bolorento.

— Você o conhece? — perguntou Matthew.

A Sra. Gordon sacudiu a cabeça.

— Não. Mas eu sou uma boa julgadora de caráter. — Ela olhou para Alex e sorriu.

— E Hector Olivares? — Alex perguntou. — Eles o pegaram?

— Não — Simon disse — E agora é tarde demais. Ele foi para o pântano.

Alex chegou mais perto de Matthew.

— Ele não vai voltar — disse o estalajadeiro. — Muito arriscado. Ele apregoeou e cuspiu, perdendo-se na contemplação do glóbulo viscoso que agora decorava seu piso. — Um caçador de bruxas! Superstição absurda!

— Absolutamente — Alex disse, agradavelmente surpresa com essa reação bastante moderna.



— SUA PALAVRA TERIA SIDO SUFICIENTE? — Alex perguntou a Matthew muito mais tarde. Estavam sozinhos em seu pequeno quarto na estalagem, uma vela gordurosa se espalhando, mas uma luz fraca, uma coisa boa, pois significava que Alex podia ignorar o chão sujo, os dosséis da cama mofados e a janela suja. Pelo menos os lençóis estavam limpos, cheirando a tomilho.

— Vamos apenas dizer que foi sorte a Sra. Gordon ter se apresentado.

Alex engoliu em seco.

— Ela mentiu por mim e agora ele será enforcado, certo?

— Ele iria ser enforcado de qualquer maneira. — Ele se sentou ao lado dela na cama. — Eu nunca deixaria que eles te machucassem, eles teriam que me matar primeiro.

— Que romântico — ela bufou.

Matthew riu, enfiou a mão na bolsa e estendeu uma pequena torção de pano para ela.

— Aqui.

— O que é isso?

— É algo que você deveria ter tido há muito tempo — disse ele, afastando um cacho da bochecha dela. — Você não vai abrir?

Ela o fez, e um pesado anel de ouro caiu em sua mão. Uma pedra

escura brilhava à luz das velas.

— É o seu anel de casamento — disse ele e enfiou o anel em seu dedo. — Cor de safira, como seus olhos.

Ela estendeu a mão para admirá-lo e colocou a mão sobre o coração dele.

— Obrigada, eu nunca vou tirá-lo.

— Como deveria ser — ele respondeu ríspidamente e beijou o nariz dela.

Ela acordou e sabia que era hoje, e não tinha certeza se deveria deixar sua cama segura, talvez ela pudesse ficar ali, fingir que estava doente ou algo assim. Covarde. Com um suspiro abafado, ela se levantou, inspecionando-se à luz clara da manhã. Ela beliscou sua cintura, deslizou as mãos para baixo para pesar suas nádegas, suas coxas; não mais tão musculosas quanto antes. Bem difícil; não era como se ela pudesse encontrar uma academia em qualquer lugar por perto, era?

Lentamente, suas mãos percorreram a barriga, já visivelmente redonda com a criança. Muito redonda; ela provavelmente deveria diminuir as porções que comia. Sua pele era de um tom leitoso, exceto mãos, pés e antebraços. Seu cabelo caía em cachos até os ombros, dando a ela uma aparência mais suave. Ela passou a língua sobre os dentes; ainda inteiros. Ela se vestiu devagar; anáguas, saia, blusa e corpete. Um ano atrás, eles eram estranhos, hoje ela se sentia despida em qualquer coisa menos que isso. As pessoas se habituam mesmo a tudo, hein? Ela torceu o cabelo em um coque bem arrumado, colocou o chapéu sobre eles e sorriu para seu reflexo. A Sra. Matthew Graham sorriu de volta, mas aqui e ali Alex Lind ainda vivia. Graças a Deus por isso! Ela soprou um beijo e desceu as escadas.

Durante todo o café da manhã e suas tarefas matinais, imagens de seus perdidos povoaram seu cérebro. Com o passar dos meses, aquela vida antiga adquirira uma qualidade onírica, e era apenas ocasionalmente que seus pensamentos se voltavam para ela, uma imagem repentina de Magnus ou John aparecendo e desaparecendo em sua cabeça. Isaac ela não conseguia visualizar, não além de um contorno nebuloso dominado por dois olhos escuros.

Hoje, porém, a cabeça dela estava cheia deles, todos os três. Ela tentou imaginar como seria ser levada de volta ao seu próprio tempo, pular em seu conversível vermelho, virar a chave e continuar seu caminho como se esse ano todo não tivesse acontecido. Ela precisou se sentar; isso significava perdê-lo, o homem que atualmente conduzia Samson pelo pátio. Ela inalou e colocou a mão em seu estômago, acariciando a protuberância que era seu bebê. Seu bebê. Aquela era sua época, agora, era onde ela deveria estar. Com ele.

MATTHEW ESTAVA EMENDANDO buracos na cerca e ela se sentou em um balde virado, com as mãos apertadas ao redor dos joelhos. O dia todo ela andou atrás dele, e estava começando a irritar seus nervos. Com o canto do olho ele a estudou, notando o quão apreensiva ela estava olhando o céu e deixou seu olhar seguir o dela. Nada; uma tarde de verão nublado com a promessa de uma tempestade no fim da tarde.

— Você não deveria estar ajudando? — ele perguntou com uma ponta de desaprovação, indicando o quintal onde os varais haviam sido esticados de árvore em árvore. A Sra. Gordon e Rosie tinham feito isso o dia todo, e ele se perguntou por que ela não estava lá, em vez de conversar com ele sobre isso e aquilo enquanto o seguia para os campos e vice-versa.

Ela não respondeu, olhando para o céu nublado, e parecia tão assustada que o fez sorrir. Uma curta chuva de verão e alguns trovões, com certeza ela não tinha medo disso. Ele parou no meio do próximo golpe de machado e se virou para ela. Então ele olhou para o céu e voltou para ela novamente.

— É hoje.

Ela assentiu e apertou os dedos em suas saias.

— Mas você não pode pensar... não. — Ele balançou a cabeça. — Isso não vai acontecer novamente.

— Como você sabe?

Matthew caiu no chão na frente dela e colocou as mãos em suas coxas.

— Não vai; seu lugar é aqui, comigo. É por isso que você tem sido uma sombra extra hoje.

Ela se inclinou para frente, descansando a testa contra a dele.

— Eu pensei que se você estivesse perto, então talvez pudesse me agarrar e me segurar, se algo acontecesse.

Ele a estudou por um longo tempo, e então se levantou e pegou a mão dela, partindo para o topo da colina. Começara a chover, um tamborilar suave ondulando através das copas das árvores. Alex ficou para trás, mas Matthew a arrastou até que eles ficaram descobertos abaixo do céu, roncando. Ele soltou o cinto, enrolou-o nos pulsos e ergueu o rosto para o céu.

— Se você tentar levá-la, eu vou te deter — ele assegurou a qualquer poder que habitasse as nuvens — , eu vou te parar ou morrer.

No caminho de volta, ele a beijou. Beijou-a como se fosse a primeira vez, provando-a, explorando-a, suas mãos unidas presas entre eles. Ele se afastou e escutou sua respiração longa e ofegante. Ele a

beijou novamente, enterrou o nariz no cabelo dela e inalou seu cheiro. Ele queria que ela sentisse o cheiro dele, não, o fedor dele, como ela tinha feito na primeira vez, a vez que ele a tomou na nascente da montanha. E ele queria embalá-la como se ela fosse uma criança frágil, mas queria montá-la e arremeter nela até que ela se fundisse com ele, permanentemente fundida. Em seus olhos, ele viu que ela também queria, ali, agora, apesar da chuva que caía, apesar do fato de que a noite ainda era leve e qualquer um poderia vê-los.

— Mais tarde. — Ele soltou o cinto, acariciou sua bochecha e se afastou sob as árvores.



ELES NÃO FALARAM. Ele apenas se levantou e apagou as velas, inclinando a cabeça na direção das escadas. Ele segurou a porta para ela, ajudou-a com seus anéis e sentou-se na cama para observar enquanto ela tirava as roupas. Ela estava começando a mostrar uma protuberância logo acima do osso púbico, e o pensamento de seu filho dentro dela aumentava seu desejo.

Ele sentou-se quando ela o despiu, ajudando-a quando ela precisava, mas de resto permanecia imóvel. Seu toque, a pressão suave de seus seios contra seu peito, a sensação de cócegas que seu cabelo deixou para trás quando ela se ajoelhou entre suas coxas, tudo por causa de uma fenda no véu do tempo, uma ligeira mudança de destino que a deixou cair de seu mundo no dele.

Ela recostou-se em sua insistência silenciosa, se arqueou contra sua boca, seus dedos, uma rajada de ar escapando quando ele entrou nela. Eles balançaram juntos, devagar a princípio, mas logo as pernas dela subiram para se envolverem em torno de seus quadris, suas mãos puxaram sua cintura, suas costas. Matthew se pressionou mais fundo, mais forte, mais rápido, e abaixo dele Alex era um calor envolvente, uma força sinuosa que o impelia a empurrar, a cavalgá-la.

Por favor Matthew, por favor.

Assim que ela gozou ele a beijou, engolindo suas exclamações guturais, e então foi sua boca colada à dele quando ele explodiu dentro dela. Seu corpo pesava sobre o dela, e entre eles, protegido por ambos, estava o filho deles.

— Foi bom? — Ele sorriu para ela e torceu um cacho desordenado em torno de seu dedo antes de rolar de costas. Ela deitou-se com os cabelos desgrenhados, o peito ainda ofegante e um leve brilho de suor na barriga e nas pernas.

— Sempre é. — Ela se esticou como um gato, beijou-o em seu pescoço. — Eu te amo.

— E eu amo você, minha Alex. Minha mulher, meu coração.

DEPOIS DO JANTAR no dia seguinte, Alex foi encontrar Matthew, carregando uma garrafa de cerveja. Ele a viu chegando e levantou a mão em um aceno antes de voltar para sua emenda, não parando até que ela beijou sua nuca. Ela estendeu a garrafa para ele e ele bebeu, sentando-se contra o caule liso de uma sorsveira. Ela se sentou ao lado dele e encostou a cabeça no seu ombro com um suspiro de satisfação, enfiando a mão na dele. Ficaram sentados assim por algum tempo.

— Vou dar um passeio — disse ela. — Quer vir?

Matthew sacudiu a cabeça.

— Eu preciso fazer isso hoje.

— Oh. — Depois de alguns minutos ela encolheu os ombros e ficou de pé. — Vejo você no jantar.

Ele não respondeu, mas levantou o machado em um pequeno aceno.

Alex levou seu tempo. Estava um dia lindo, uma pausa em uma série de semanas de trabalho duro. Aquela coisa de fazendeiro era bem pesada, refletiu, e julho era uma sucessão interminável de dias longos e exaustivos, com agosto até agora não sendo muito melhor. Ela franziu a testa; pelo menos a agenda ocupada atual estava mantendo Matthew em casa, não em Cumnock, para discutir os méritos da Commonwealth contra o rei.

Isso a preocupava, esta posição aberta contra o rei e pela República. Não apenas em palavras, mas também em roupas, Matthew estava expondo suas opiniões, favorecendo os marrons e os cinzas com colares limpos e simples e calções estreitos. Enquanto o país inteiro se deslocava para receber seu potencial rei de braços abertos e roupas berrantes, Matthew Graham foi para o outro lado, distanciando-se da ostentação e dos babados. Não que Alex se importasse, ainda encontrando o espetáculo de homens ostentando faixas enormes ao redor de suas cinturas e enormes quantidades de renda no pescoço e pulsos um pouco efeminados. Mas agora, com o Parlamento em frangalhos, ele deveria ser mais circunspecto em expressar seus pontos de vista. Talvez manter a discrição que ela esperava que ele tivesse, dadas suas experiências na prisão. Em vez disso, ele parecia encontrar um prazer quase perverso em expressar seus pensamentos em voz alta.

— Já é tarde demais — dissera Alex há alguns dias. — A Commonwealth está morta e nas asas está Charles Stuart, esperando para ser rei.

— Mais uma razão para alguém se manifestar, para que todos não sejam esquecidos, de modo que este novo rei tenha em mente que não governa sozinho, mas com o Parlamento.

Alex não respondeu. Ela tinha ideias muito vagas sobre o que

aconteceria, mas suspeitava que a opinião do Parlamento sobre as coisas seria severamente diminuída.

Tudo isso estava em sua mente quando ela desceu a encosta íngreme que levava do topo da colina até o moinho. Ela parou em uma pequena clareira para recuperar o fôlego, passou alguns minutos agradáveis sentada em uma pedra, o rosto erguido para o sol.

Ela estava em um humor suave quando se levantou, um estado de espírito que mudou drasticamente quando se virou para encontrar-se olho no olho com seu cunhado. Alex voou para trás, suas mãos se espalharam pela frente dela. Sua respiração raspou seu caminho para cima e para baixo em sua garganta enquanto ela o estudava, lembrando muito vividamente a noite há menos de um ano, quando ele matou seu outro filho.

— E eis que nos encontramos novamente. — Luke era uma figura imponente, vestido de um azul profundo e uma faixa da cor de seu cabelo de fogo, complementada por botas de salto alto. Seu olhar fixo em sua barriga, e por um instante Alex pensou que podia ver a vergonha em seus olhos. Por um instante apenas, e então o rosto dele endureceu. Ele deu alguns passos em sua direção e ela emitiu um som de latido. Um movimento rápido e ele a pegou pelo braço, puxando-a para ele quando tudo o que ela queria era correr, gritando por ajuda. Ela engoliu em seco, tentando lubrificar sua garganta. Dedos rígidos em seus olhos, dê uma joelhada em suas bolas, caia à sua direita e use o peso do corpo para virá-lo. Ela ficou tensa em preparação, mas ele sentiu isso, torcendo o braço às suas costas.

— Solte-me! — O que saiu como um grito alto e esganiçado. — Saia daqui antes que Matthew te encontre. — Muito melhor; mais controlada, menos assustada.

Ele a soltou e recuou. Seus olhos cintilaram um verde pálido, permanecendo em seu estômago.

— Essa criança ameaça a herança do meu filho.

— Você não tem um filho. Matthew tem um filho que você roubou dele, mas você não tem um. Incapaz de gerar, hein? — Ela se arrependeu das palavras no momento em que saíram de sua boca e recuou. Ela tropeçou, caiu no chão, mas estava de joelhos e rastejou o mais rápido que pôde, quando a mão dele pousou no ombro dela e a puxou para encará-lo.

— Puta! Você vai pagar por isso.

Foi quando Matthew o atingiu por trás.

— Tire as mãos da minha esposa! — Desta vez ele ia destruir aquela serpente em forma de homem, cortá-lo em pedaços. Luke fez barulhos sufocantes, seus dedos rasgando o estrangulamento ao redor de seu pescoço. Matthew puxou sua adaga, e os olhos de Luke se arregalaram quando a lâmina cortou seus calções, expondo suas partes

pu dendas ao ar de agosto. Oh, sim, ele não gostava muito, quando era ele sendo atacado. Maldito bastardo; hoje ele pagaria. Luke gritou, chutou e se agitou. Tudo em vão.

Matthew o derrubou no chão, sentou-se nele e agarrou os testículos de Luke em um aperto brutal, pressionando-os até que a pele parecia prestes a explodir. Luke convulsionou sob ele, estava implorando, chorando, suas unhas cavando nas costas de Matthew, mas Matthew não estava com vontade de ouvir.

— Matthew! — A voz de Alex mal penetrou a raiva que atingiu o cérebro de Matthew. Ele puxou a lâmina da faca sobre a pele descoberta. — Não, Matthew, você não pode! — Uma linha fina de sangue brotou e Luke gritou, um pedido sem palavras por ajuda.

— Sim, eu posso — disse Matthew, e Alex se jogou para frente.

— Não! Por favor, não!

Matthew sacudiu-a e dirigiu-se ao irmão.

— Eu te avisei, eu te deixei da última vez que nos encontramos, não? Mas desta vez... — Ele ergueu o irmão incoerente e balbuciante para ficar em pé. — Parece que minha esposa deseja que você mantenha suas bolas, por mais inúteis que sejam. Eu vou, no entanto, ter meu sangue. — E com isso ele cortou o nariz de Luke e o empurrou para longe.

— Oh, Deus! — Alex ofegou.

Luke se queixou, contorcendo-se como um verme viciado.

— Levante-se — disse Matthew bruscamente. — Levante-se ou vou fazer mais mal a você.

Luke cambaleou na vertical, uma das mãos no rosto sangrando, a outra tentando segurar as calças juntas.

— Saia das minhas terras, e se eu pegar você de novo, vou te matar. — Matthew empurrou Luke na direção da floresta. — Vá.

— Meu nariz — Luke gemeu entre lágrimas e sangue.

— Vá! — Matthew gritou para ele, e Luke tropeçou para longe.

— Ele nunca vai te perdoar — Alex gaguejou, olhando para as mãos ensanguentadas de Matthew.

— Eu posso viver com isso. Eu também não o perdoei.

— Ele vai te matar.

— Ele vai tentar. — A fúria ofuscante estava retrocedendo, e sua mão segurando a faca estava tremendo. Ele apertou ainda mais o cabo e abaixou-se para limpar a lâmina. — Eu não posso matá-lo, ele é meu irmão.

Alex começou a rir, um som horrível que o fez querer cobrir as orelhas. Ela caiu no chão e as risadas se tornaram lágrimas.

— Não espere que ele lhe mostre qualquer piedade — disse Alex. — Ele moverá o céu e a terra para destruir você pelo que acabou de fazer com ele.



LEVOU um tempo para que Matthew recuperasse alguma aparência de controle. Ele trabalhou até que seu braço tremeu, e só quando a luz se foi deu o dia por encerrado. Ele ouviu Alex descer a colina atrás dele, sentiu-a de pé ao lado para vê-lo dirigir seu machado com frenesi sobre os postes de aveleira, mas ele fingiu que não, não tinha certeza do que dizer a ela.

Ela estava certa; Luke nunca o perdoaria, e enquanto uma parte dele estava exultante por finalmente ter feito seu irmão pagar, outra parte estremeceu de vergonha pelo que fez. Não que Luke não merecesse, aquele bastardo, mas em um único movimento de corte, Matthew cortou qualquer laço de sangue que ainda pudesse haver entre eles. Ele suspirou, ergueu o machado por cima do ombro e foi em busca de sua esposa.

Ele a encontrou nos estábulos, sentada na palha com o colo cheio de gatinhos choramingando. Quando ela levantou o rosto para ele, ele viu que ela estava chorando.

— Ah, moça, não há necessidade de chorar, sim? Ele não vai nos machucar, eu não vou deixar.

Isso só a fez chorar ainda mais, longos soluços enquanto ele silenciava e repetia que ele os manteria seguros de alguma forma. Ela balançou a cabeça.

— Não é isso. — Ela limpou o nariz com a manga. — Bem, é isso também, mas não só.

— Então por quê? — Ele a levantou para se sentar de joelhos.

Ela esfregou o rosto contra os pelos de sua barba e suspirou.

— Eu estava pensando em Isaac. Eu nunca o quis, me resenti com esse estranho que tinha sido impingido a mim por um homem que eu odiava e temia. — Ela pegou a mão de Matthew e colocou-a em sua barriga. — Hoje nosso filho se mexeu dentro de mim e eu pude senti-lo, e fiquei tão feliz em saber que estava lá, vivo e seguro. — Ela exalou suavemente. — Eu nunca percebi quando Isaac se tornou uma pessoa real dentro de mim. Eu não o amava, não naquela época. Você acha que ele sabia?

Matthew beijou sua orelha. Ele não sabia o que dizer.

— Você parece uma pera. — Simon sorriu para Alex de seu cavalo. — Uma pera gigante.

— O senhor brinca com a morte, Sr. Melville — disse Alex, imitando uma garganta cortada.

— Eu estava me referindo à cor do seu vestido, não à forma do seu corpo. — Ele desmontou e correu para ajudar Joan, antes de se virar para cumprimentar Matthew. — O Ministro Crombie estava perguntando por você, ele se perguntou quando você estaria em Cumnock de novo. Eu disse a ele que ainda levaria algumas semanas.

Matthew assentiu. Ele se esticou e examinou suas terras; onde quer que ele se virasse, via o trabalho chamando por ele. Havia trilhas para fazer, telhados para consertar, campos para serem cultivados e... Ele suspirou, amassando a nádega esquerda. Não haveria descanso, não por muitas semanas.

Alex estava trabalhando tão duro ultimamente, voltando para dentro com as mãos sujas e as bochechas avermelhadas depois de mais um dia na horta. Ele deu uma olhada em sua esposa, definitivamente como uma pera em seu verde suave. Agora em seu sexto mês de gravidez, ela estava florescendo, com um apetite constante não só pela comida, mas por ele. Ele intensificou seu olhar, satisfeito em ver suas orelhas ficarem rosadas.

— O capitão Leslie foi chamado de volta com o general Monck — disse Simon sobre o prato de couve e carne de porco. — Dizem que o general está pensando em ir para o sul, e o ministro Crombie aconselha que você seja cuidadoso. Sentimentos Reais estão em alta, e então há todo esse assunto com Luke.

Matthew se mexeu na cadeira, compartilhou um rápido olhar com Alex. Seu caro irmão Luke preocupava-o muito mais do que ele queria admitir. Ele deveria tê-lo matado, pensou sombriamente, sem cortar um pedaço do nariz.

— Ele está dizendo a quem quiser ouvir como vai fazer você pagar — continuou Simon —, e temo que não seja uma ameaça vazia.

Matthew franziu a testa e inclinou a cabeça na direção de Alex. Simon corou. Ele limpou a garganta e virou a discussão para a política, compartilhando as pequenas novidades que tinha sobre o que estava acontecendo em Edimburgo e Londres.

— Ouvi dizer que o general Monck foi abordado por mensageiros de Charles Stuart — disse Matthew. Apesar de ter sido preso pelo seu

apoio à causa monárquica, o general Monck provou ser um governador capaz da Escócia, um firme adepto dos princípios da Commonwealth. Se ele estivesse ouvindo as agruras do rei, então seria apenas uma questão de tempo. Bem, ele sabia que era, mas ainda esperava que Alex estivesse errada.

— Enviaram-lhe para longe — Simon sentou-se e avaliou Matthew.

— Ninguém quer guerra. E a menos que um líder forte da Commonwealth se materialize em breve...

— Poderia ser o general.

— Acho que não; se ele desejasse tal poder, já o teria tomado. Não. Temo que em breve veremos a Commonwealth voltar a ser um reino.

— Infelizmente — Matthew murmurou. — Charles terá aprendido a lição, você não acha? Não se intrometer na fé dos homens nem forçar uma igreja comum a todos nós?

Simon encolheu os ombros e desviou o olhar.

Um pequeno frisson de inquietação agitou a espinha de Matthew; este futuro rei não era amigo do Presbitério em particular, não depois daqueles longos meses que ele passou como um prisioneiro virtual dos Covenanters, rei da Escócia apenas no nome, o que não era um bom presságio para homens como Matthew.

— Acho que ele aprendeu a lição de subterfúgio — disse Simon. — Aço dentro de uma luva de veludo, e aí daqueles em quem Charles Stuart decidir se vingar. Todos aqueles que votaram a favor da execução do rei devem passar noites inquietas.

Matthew mudou a conversa para outros assuntos.



— EU ENCONTREI Margaret no outro dia — disse Joan, deixando a costura de lado. Elas estavam sozinhas no salão, e Simon e Matthew decidiram que a noite seria mais bem aproveitada revisando as contas de Matthew e, em geral, deixando seus assuntos em ordem. De vez em quando, o som do riso emanava do pequeno escritório, fazendo com que Alex desconfiasse de que mais atenção fosse dedicada ao uísque do que aos assuntos em questão.

— Oh. — Alex não estava tão interessada. Margaret tinha feito uma cena enorme sobre o nariz de Luke, compreensivelmente, mas foi lembrada por Matthew de que ela violou as condições de seu contrato, permitindo que Luke ficasse. No dia seguinte ela tinha ido embora, esperançosamente para sempre.

— E Luke. — Joan balançou a cabeça. — Foi horrível.

— Eu sei, ele tem o mesmo efeito em mim — Alex murmurou.

— Seu nariz, Alex; foi-se!

— Eu te disse, não é?

— Como Matthew pôde fazer isso? Desfigurar alguém, marcá-lo como um criminoso comum.

Alex franziu a testa.

— Há desfigurações e desfigurações; espero que você não considere Luke uma vítima inocente.

— Não, claro que não, mas ainda assim... — Joan suspirou. — Ele era um rapaz tão bonito.

Alex escolheu não comentar. Ela enfiou as agulhas de tricô no novelo de lã e saiu da sala.



— É SÓ QUE ... ela foi muito crítica, sabe? — Alex disse na manhã seguinte. Matthew grunhiu; se Joan tivesse alguma coisa a dizer sobre Luke, ela deveria ir até ele, não até Alex. Como era, a pequena alteração tinha envenenado o resto da noite, com Alex se retirando para a cama muito mais cedo do que normalmente faria. Ele cheirou as meias e franziu o nariz; muito desgaste, ele precisava de um par limpo. Ele abriu a tampa do baú, quase desaparecendo.

— O que você está procurando? — Alex perguntou.

— Meu ... — Ele ficou em silêncio, as mãos fechando em um objeto embrulhado de serapilheira.

— Seu o quê?

Ele não respondeu, em vez disso, endireitou-se e virou-se para ela, segurando o quadro na mão.

— Eu pensei que você o tivesse queimado.

— Eu também. Bem, não, eu não acho que queimei, mas eu esqueci completamente. — Ela corou um pouco sob o olhar dele. — Talvez eu não tenha esquecido, a princípio — ela admitiu em seu silêncio contínuo. — Mas depois sim. Com tudo o mais acontecendo na minha vida, eu nem pensei nele.

— Hmm. — Matthew não estava convencido.

— Bem, tudo bem; talvez eu tenha pensado nisso, mas...

— Mmhm. — Ele fechou a tampa do baú e colocou o pacote nele, não querendo segurar esse objeto por mais tempo do que o necessário. — Mas você vai queimar agora.

Alex encolheu um sim.

— Mas... bem, antes de fazê-lo, gostaria de olhar para ele mais uma vez, e não quero fazer isso sozinha.

— Por quê? — Matthew não tinha vontade de ver a pintura novamente em sua vida, todo ele rastejando quando se lembrou daquele quadrado azul.

— Eu não sei. Apenas sinto que deveria.

— Eu acho que você deve queimá-lo sem ser visto — disse ele, mas

se resignou a fazer o que ela queria. — Não aqui — ele latiu quando ela fez como se fosse desembrulhar. — Lá fora.

Eles estavam bem longe da casa antes que Matthew lhe dissesse para parar. Ela se ajoelhou e desdobrou a aniagem, e com cada dobra, o medo de Matthew cresceu. A pintura murmurou, um sussurro sedutor que se transformou em um clamor dentro de sua cabeça, um imperativo para que ele se inclinasse para frente e olhasse, afundando-se no mar exaltadamente executado.

Alex murmurou algo que soou como uma maldição e recuou, batendo a cabeça com força contra sua clavícula. Matthew a agarrou com urgência, fechando os olhos contra o puxão sugestivo exercido pela pintura. Ele respirou pelo nariz, lutando contra as ondas de náusea, e as gotas de suor que se formaram. Suas mãos tremiam quando ele segurou Alex com força ao redor de sua cintura.

— Nós queimamos isso. — Isso era magia. Magia má e ímpia. Ele bateu, encontrou uma pedra e passou pela pintura. Uma vez, duas vezes, e tudo o que restou foi uma bagunça estragada. Ele a enfiou na serapilheira e ficou de pé. — Agora.

A imagem pediu a ele para realinhá-la e olhá-la, por favor, olhe. Ele orou. Repetidamente, ele murmurou a mesma oração curta, qualquer coisa que afogasse essa súplica silenciosa. Alex pegou sua mão, eles tropeçaram de volta para o quintal. Quando ameaçou entrar, ela balançou a cabeça.

— Não — ela disse, — não lá dentro. Tem que ser queimado aqui, ao ar livre de Deus. — Ela pegou o pacote dele, e ele correu para dentro para encontrar uma vela, da mesma maneira que rapidamente saiu de volta.

Ela se moveu para se sentar no banco ao ar livre, e em seu colo a pintura massacrada estava descoberta, seus dedos acariciando seus lados. Ela balançou, fez uma tentativa desajeitada de encaixar as peças.

— Não!

Ela começou à voz dele e levantou os olhos desfocados em sua direção.

— Alex, não, solte-a, sim? — Ele chegou até ela, ajoelhou-se para tirar o quadro dela. Ele teve que soltá-lo. O cone morreu em uma rajada de vento.

Desta vez, Matthew não se arriscou, levando o pacote com ele enquanto voltava para a cozinha para pegar outro toco de vela. Uma vez fora, ele foi para a área isolada atrás da privada, com Alex o seguindo.

Todo ele se contorcia com o desejo de dar uma última olhada, uma olhada final. Uma respiração profunda, mais uma oração, e ele colocou o pacote em chamas. Fumaça se desenrolava da serapilheira e

subia escura contra o céu. Ele cheirou quando a tinta começou a queimar, tingindo o ar com aromas de óleo e especiarias; açafão e cardamomo, noz-moscada e gengibre e o cheiro pungente de alecrim ao sol. De repente, gritou, um lamento alto e misterioso que encheu o ar. E então se foi, pequenos pedaços de cinza flutuando no ar quando enquanto o fogo se extinguia.

— O que foi isso? — Simon perguntou, fazendo os dois pularem quando ele colocou a cabeça para fora do banheiro.

— Hmm? Oh, o som, você quer dizer. — Matthew encolheu os ombros. — Eu não sei bem; uma ave, talvez?

— Um pássaro? Parecia um gato esfolado.

— Então talvez fosse. — Matthew pegou Alex pela mão e levou-a para dentro.

— Você queimou!

Alex deu um pulo, girando para encarar Hector Olivares.

— Queimei o quê?

— A pintura. Sua puta estúpida, o que você fez? Olhe para mim! — Ele tirou o chapéu e Alex inalou ruidosamente.

Ela só o viu brevemente, naquela tarde, no começo de julho, mas desde então as coisas tinham piorado para o homem à sua frente. Os últimos meses tinham tirado alguns quilos de uma estrutura já magra, e sua pele se converteu em algo parecido a uma pele de elefante, colecionando bolsas enrugadas sob seus olhos e queixo. Havia lesões no que ela podia ver de seus braços, mãos, pescoço, feridas abertas que vazavam sangue e pus. E ele fedia; um fedor enjoativo de lixo apodrecendo.

— O que aconteceu com você? — Alex disse, surpresa ao sentir pena, em vez de medo.

— A idade; ela te alcança em algum momento. — Ele deu um passo na direção dela e apoiou suas costas contra a parede de pedra que cercava os pastos mais altos. Ela tentou contorná-lo, mas ele agarrou-a pelos braços e bateu-a na parede irregular.

— Solte.

— Ou o quê? Você acha que pode lutar comigo só porque tem uma faixa preta ou duas? Pense novamente.

Como se para sublinhar suas palavras, ele bateu-a na parede novamente, desta vez com força suficiente para ela ofegar.

— Você tem alguma ideia? Você pode imaginar o que é estar preso em um corpo que está caindo aos pedaços e ter negada a chance de morrer?

Alex sacudiu a cabeça, lambeu seus lábios. Ele ergueu uma das mãos dessecadas.

— Vê? Um esqueleto ambulante, e ainda vivo. E é tudo culpa dela, é tudo culpa da amaldiçoada Mercedes. E agora você, *você*, destruiu minha última chance de voltar para casa, para o meu tempo, minha *Sevilha*! — Suas mãos se fecharam em volta do pescoço de Alex, sacudindo-a como um gato balança um rato.

— Aagh — Alex resmungou, tentando tirar os dedos dele de cima dela.

— Eu a odeio! Ela roubou minha vida de mim, aquela bruxa! *¡Te odio, Mercedes, te odio!*

Os dedos de Hector afundaram ainda mais na pele de Alex, e tudo que ela podia ouvir era o som de seu sangue, o pulsar atrás de suas têmporas.

Ele vai me matar, oh, meu Deus, ele vai me estrangular até a morte! Seu braço se agitou, ela lutou, viu enormes círculos pretos se elevarem diante dela. Dê-lhe uma joelhada... sim... tente... sem ar, sem força. Ela arranhou a bochecha dele, tentou puxar o ar. Seu rosto estava muito perto. Ela ia morrer. O bebê dela! Matthew... sua visão encolheu para um estreito funil. E então a pressão se foi, e Alex caiu no chão, sugando o ar através de sua boca, seu nariz.

Ela levantou o rosto. Hector estava de pé, afastando-se de Matthew. A mão dele foi para a sua espada e onde antes Matthew estava avançando, ancinho na mão, agora ele estava recuando, desviando de uma enxurrada de golpes. Alex plantou um pé no chão, outro, e levantou-se para ficar de pé.

Diante dela, Hector e Matthew estavam engajados em uma batalha silenciosa e mortal, por mais inexperiente que Alex fosse quando se tratava de luta com espadas, ela podia ver que Hector era um mestre nisso. Gracioso e rápido, ele empurrou e recuou, pulou e dançou para longe, e a cada golpe o cabo de madeira do ancinho perdia em solidez, rasgando em uma defesa ineficaz.

Ela deveria fazer alguma coisa. Alex deu um passo hesitante na direção deles, levantou as saias em preparação. Fazer o quê? Ela estava tonta e atordoada, seus membros descoordenados. Chutá-lo; sim, chute este maldito Hector antes que ele a machuque. Muito tarde. Um impulso bem direcionado e o ancinho voou da mão de Matthew. Hector diminuiu seus movimentos, seus lábios se curvaram em um sorriso de escárnio.

— Você vai morrer — disse ele a Matthew.

— Sim; mas não hoje. — Os olhos de Matthew nunca deixaram a espada ensanguentada presa com confiança por Hector.

— Oh, eu acho que é hoje. — Hector se moveu rapidamente.

Alex ofegou, esperando ver Matthew espetado naquela espada flamejante. Mas Matthew levantou-se na ponta dos pés e, em vez de recuar, saltou para Hector. Ele assobiou quando a espada cortou seu flanco, mas conseguiu apertar a mão no pulso de Hector. Era como ver alguém agarrar um tigre pelo rabo. Um perigoso tigre que chutava, socava e mordia.

Com uma chave inglesa, Hector soltou a mão dele. Tudo parecia estar acontecendo em câmera lenta. A espada ergueu-se no ar, os dedos de Hector apertados ao redor do cabo e, em seguida, desceu, assobiando pelo ar. Matthew se jogou para o lado, mas ela o ouviu exclamar e sabia que a espada, no mínimo, o havia cortado.

A espada subiu novamente, Matthew chutou Hector no joelho. Não

o suficiente para jogar Hector no chão, mas o suficiente para ele perder o equilíbrio. Abraçando suas pernas, Matthew trouxe Hector para baixo, usando seu peso para prender o homem ao chão.

Hector gritou-lhe ao ouvido. Matthew recuou e bateu com o punho no rosto do homem menor. Hector se sacudiu e ficou imóvel. Matthew se levantou, chutou a espada para fora do alcance e virou-se para Alex.

— Você está bem?

Se ela estava bem? E ele? Ele estava sangrando de cortes em seus braços, suas mãos, o lado de sua camisa estava molhado de sangue. Ela assentiu, conseguiu atravessar os poucos metros que os separavam.

Ela tentou falar, as mãos voando sobre ele.

— Não tente falar. — Matthew passou um dedo sobre o colarinho da pele dolorida e ardente que circulava seu pescoço. Ela se encolheu, engoliu em seco. Se ele não tivesse chegado quando o fez, ela já estaria morta agora. Ela descansou o rosto contra o peito dele por um instante. Caloroso. Vivo.

De novo ela tentou, franzindo as sobrancelhas. Ela se virou para onde Hector estava gemendo de volta à vida.

— Ele disse que eu queimei — ela finalmente enunciou. Jesus, como doía!

— Queimou o quê?

As mãos de Alex cobriram sua barriga, como se assegurando a si mesma que o bebê ainda estava seguro.

— A pintura.

— Nós queimamos.

Alex deu-lhe um olhar irritado.

— Co...? — ela resmungou. Ela engoliu, tentou novamente. — Como ele sabe?

— Eu ouvi o grito — disse Hector, fazendo-os saltar. Alex para longe dele, Matthew para mais ou menos sobre ele.

— Você estava bisbilhotando na minha terra?

Hector acenou com a mão para ele, como você faria com uma mosca enervante.

— Não. Eu estava na charneca. — Hector tentou se sentar, foi impedido pelo aperto de Matthew em seu pescoço.

— Não se mova — disse Matthew. — Não me provoque a matar você.

Hector riu.

— Você não pode me matar.

— Você quer que eu tente? — Matthew soou como se ele realmente quisesse. Ela não estava prestes a impedi-lo.

— Faça o seu melhor — disse Hector, oferecendo-lhe o pescoço.

Matthew pareceu surpreso.

As sobranceiras de Hector ergueram-se desdenhosamente.

— Tal hesitação pode custar-lhe a sua vida. — Ele sacou uma pequena adaga de sua bota. De maneira firme, a mão de Matthew se fechou ao redor de Hector e a faca caiu na grama.

— Chega disso — disse Matthew, levantando Hector para ficar de pé. — Eu vou acusá-lo de tentativa de homicídio.

— Mesmo? E o que você acha que vai acontecer quando eu lhes disser que você é casado com uma mulher nascida trezentos anos no futuro? — Hector se inclinou para Matthew, olhos como gelo. — Ela vai pra fogueira, Matthew Graham, queimar como seu avô, como sua tia, como sua mãe deveria ter queimado todos aqueles anos atrás em Sevilha! — Ele gargalhou, o som foi interrompido quando a mão de Matthew se fechou ao redor do pescoço magro.

— Queimar? Por que eles queimaram? — Sua voz a surpreendeu, uma rouquidão sussurrada que dificilmente transportava os poucos metros entre eles. Matthew soltou Hector, permitindo que ele vomitasse e tossisse.

Hector enxugou os olhos molhados e sentou-se.

— Por quê? Eles eram inimigos da Santa Igreja. — Ele ergueu o lábio em um pequeno sorriso de escárnio. — Eu aposto que você não sabia disso, né? Assim como você não sabia que sua maldita mãe era uma bruxa.

Alex tentou entender o que ele estava dizendo. Sua família, queimando até a morte? Mas não, coisas assim não aconteciam... ela se interrompeu. Não aconteciam? Acontecia o tempo todo no aqui e agora.

— Eu não pretendia — disse Hector, deslizando para se sentar na grama. — Uma bela bagunça, tudo isso.

— O que quer dizer? — Alex tentou pegar seus olhos, mas ele desviou o olhar.

— Deixa pra lá. E de qualquer maneira, o que eu deveria fazer? Eu teria sido enforcado! E eles eram hereges, falsos convertidos. Eles mereciam queimar, os dois! Sim, eles mereciam, eles mereciam. Eu só estava fazendo o meu trabalho.

— Seu trabalho? — Alex estava muito confusa; o que ele era, algum tipo de inquisidor?

Ele gemeu, agarrando-se a si mesmo.

— Dolores, *perdóname*, Dolores.

— Perdoar você por quê? — Alex disse.

Hector não parecia ter ouvido, murmurando alguma coisa em espanhol, uma divagação incoerente onde a única coisa que conseguia distinguir era o nome da tia, junto com uma declaração sussurrada de que ele, Hector, a amara uma vez, antes de tudo desmoronar.

— O que você fez com ela? — Alex exigiu.

— Não é da sua conta — ele rosnou, voltando a ficar em guarda. Ele fez uma careta para ela, os olhos tão frios que ela se encolheu. — Tudo isso é culpa da Mercedes. Bruxa maldita! Primeiro ela me tira do meu tempo, e então ela me amaldiçoa com a vida eterna, a menos que eu consiga voltar. *Bruja!*

— Minha mãe? — Alex balançou a cabeça em negação muda.

— Bem, ela mesma, ok? E tudo porque eu era um bom servo de minha rainha, *Reina Isabel*, e minha igreja.

O quê? Não, ela deve ter ouvido mal.

— Isabel? Como em Isabel e Fernando?

Hector assentiu, a boca se contorcendo em um sorriso torto.

— Mas isso foi há séculos! — Seu cérebro simplesmente não queria lidar com isso. Muita informação. Informação impossível. Sua mãe era da Sevilha medieval? Sua família era herege? Não, esqueça isso, coloque tudo em uma gaveta marcada como ESQUECER.

— E a pintura é importante por quê? — perguntou Matthew.

— Um portal, um dos túneis do tempo de Mercedes — respondeu Hector.

Alex estremeceu. Graças a Deus eles queimaram!

— E todos eles levam a Sevilha? — Matthew soou impressionantemente prosaico.

— Não, infelizmente. Você cai em direção ao que vê neles. — Hector olhou para Alex. — Eu vi o meu Diego, não vi? É porque ele estava aqui, não é? Ele estava aqui por sua causa!

— Eu? — Alex disse.

— Eu o enviei para encontrá-la. — Ele estreitou os olhos. — Ele conseguiu? Encontrou você, quero dizer?

Alex assentiu.

— Ele está morto.

— Eu sei. — Hector lançou lhe um olhar negro. — Sua culpa.

— Minha culpa? — Ela estava ficando cansada de ser culpada por toda essa bagunça. — Como pode ser minha culpa que você envie alguém para me assediar? E quanto a Ángel? E o que ele fez comigo? É minha culpa também? — Ela se inclinou para ele. — Bem, é isso? — Ela estava inundada de raiva, não queria nada mais do que rasgá-lo.

— Ángel agiu fora de suas instruções. — Hector se afastou dela.

— Sério? — Alex veio depois. — Por que eu não acredito nisso?

Matthew a agarrou pela cintura, e ela estava feliz por ele tê-lo feito, precisava de suas mãos para impedi-la de fazer algo inaceitável, como chutar esse bastardo na boca e vê-lo cuspir dentes por todo o lugar.

— Bem, ele se afastou, ok? — disse Hector.

— Você está mentindo, eu posso ver em seus olhos.

Hector inclinou a cabeça em um pequeno arco zombeteiro.

— Tantas fotografias explícitas de você, e todas e cada uma delas eu mandei para sua maldita mãe bruxa. — Hector riu. — Eu não acho que ela gostou muito delas, não é?

— Bastardo! — ela cuspiu, o que só o fez engatar os ombros.

— Eu deveria ter apenas a agarrado, uma vez que eu sabia onde encontrá-la. Não jogar aquela complicada caça ao tesouro, por mais divertido que fosse. — Hector franziu a testa para Alex.

— Como?

— Como o quê?

— Mercedes desapareceu lá embaixo. Como ela fez isso? Ela tinha uma pintura com ela?

Alex sacudiu a cabeça e recuou.

— Você não tem que dizer a ele — disse Matthew, olhando para os destroços de cabelos brancos diante deles com óbvia antipatia. — Não depois do que ele fez com você.

— Oh, sim, você tem! — disse Hector, ficando de pé. — Eu mereço saber, ouviu?

— Você não merece nada! — Matthew disse.

— Se você não me disser, eu vou dizer a todos que ela é uma bruxa! — Hector se abaixou sob o braço de Matthew, bateu um cotovelo no lado sangrento de Matthew, e lá estava ele, a poucos centímetros do rosto de Alex. — Uma bruxa, você ouviu? Uma bruxa do caralho! Você sabe o que eles fazem com as bruxas aqui e agora?

Ele riu, o riso se tornando um grasnido quando Matthew o jogou na parede de pedra.

— Você vai morrer antes de fazer isso — disse Matthew.

— O que você não entende, seu idiota? Você não pode me matar! Eu não posso morrer, porra!

— Ela queimou — Alex interrompeu. — Ela ateou fogo a si mesma e, de repente, se foi. — Ela cruzou os braços sobre o peito.

— O quê? — Hector olhou para ela.

Alex engoliu em seco repetidamente.

— Ela só... eu não sei. Primeiro ela estava em chamas, e depois *poof*, desapareceu.

— Ela fez *poof*? — Hector jogou a cabeça para trás e riu, um som áspero que fez os cabelos ao longo dos braços de Alex se erguerem em alarme.

— E Ángel? — ele perguntou uma vez que se acalmou.

— Ela segurou-o nos braços — saiu em um fraco sussurro.

— Oh. — Hector encolheu os ombros, indicando que ele realmente não se importava. — Deve ter doído.

— Eu suponho que sim — Alex concordou, afastando a memória do rosto contorcido de Ángel, sua boca aberta em um grito silencioso.

— Mas talvez funcione — disse Hector.

Alex não fazia ideia; ela não queria falar sobre isso.

— Autossacrifício — Hector murmurou, assentindo para si mesmo.

— Queimar junto com Dolores. Que inteligente! Você vai ficar e assistir?

— O quê? — Alex tinha problemas para permanecer na posição vertical. — Você vai atear fogo em si mesmo? Mas você vai morrer!

— O que é exatamente o que eu quero.

— Matthew! Impeça-o, tranque-o em algum lugar!

— Por favor — Hector suplicou —, por favor, me ajude a morrer.

— Seus olhos voaram para Alex, para Matthew, brilhantes pedras preciosas de desespero.

Matthew assentiu uma vez.

— Não podemos fazer isso! — Alex tinha problemas para respirar, andar, falar. Na beira do pântano, Hector empilhando arbustos e galhos numa pilha alta. — Eu não posso deixá-lo fazer isso! É suicídio.

— E ela não queria ver uma pessoa queimando até a morte novamente. Uma vez tinha sido o suficiente, muito obrigada.

Matthew continuou com o que estava fazendo, descarregou mais uma braçada na pilha.

— É pecado matar a si mesmo, é pecado!

— Amaldiçoar alguém para que eles não possam morrer também é um pecado — disse Matthew, com uma ponta de condenação em seu tom.

— Oh, Deus. — Os joelhos de Alex cederam e ela se sentou. Matthew se ajoelhou diante dela, alisou o cabelo para trás.

— O homem não pode continuar vivendo para sempre. Olhe para ele, está apodrecendo vivo.

Alex espiou onde Hector estava aplicando os toques finais em sua fogueira.

— Mas e se ele não morrer? E se ele estiver certo sobre não ser capaz de morrer, não importa como, e ele se incendeia e queima e queima e...

— Ele está disposto a tentar.

— Por que não atirar em si mesmo? Ou cortar seus pulsos? Se enforcar?

— Eu acredito que ele tentou tudo isso.

— Você acha? — Alex queria vomitar. O que sua mãe fez, como ela poderia ter condenado alguém a essa existência errante? — Talvez ela não fosse boa — ela sussurrou em seu ouvido —, porque como você pode amaldiçoar alguém assim, não importa o quão maldoso ele seja?

— Você não sabe por que ela fez isso, e eu não acho que ele vai dizer a verdade, não é?

ELES ficaram de mãos dadas e observaram Hector entrar em sua pira em chamas. No último momento, sua coragem pareceu falhar, os olhos adquirindo um brilho de medo, mas depois de várias respirações profundas, ele se endireitou, alinhou os ombros e caminhou para o fogo. Alex rastejou para os braços de Matthew, recusando-se a assistir enquanto as chamas subiam cada vez mais alto.

Hector não emitiu som algum, e Matthew ficou olhando boquiaberto enquanto a forma de fogo se dissolvia diante dele, deixando nada além de um emaranhado de cabelos chamuscados em seu rastro. Não havia vestígios de nada humano nas brasas fumegantes. Nem um único osso, nem um botão derretido, nem mesmo aquele depósito de carne oleosa e meio queimada que geralmente seria encontrada em volta de uma estaca.

— Ele se foi em fumaça — disse Matthew, entre espantado e francamente aterrorizado.

— Ele se foi? — Alex ainda tinha os olhos esmagados juntos.

— Sim, moça; ele se foi.

— Nós nunca falaremos sobre isso — disse ele para Alex mais tarde.

— Nunca — ela concordou. E eles nunca o fizeram.

Apesar de ser tão desajeitada quanto uma baleia, Alex lutou até a colina na véspera de Ano Novo para brindar a Magnus, e então voltou para o celeiro onde a festa estava em pleno andamento. Ela dançou mais cedo na noite, mas os giros e curvas selvagens fizeram o bebê afundar para pressionar seu osso pélvico, então ela se sentou de lado e assistiu, sorrindo para as pessoas que pararam para dar uma palavra com a esposa grávida do mestre.

O próprio mestre estava bastante bêbado e seguiu seu caminho com dificuldade para se sentar aos pés de Alex. Durante toda a noite, ele estivera de olho no modo como seus seios pareciam à beira de transbordar o confinamento de seu modesto corpete, notando com orgulho possessivo que muitos outros homens davam à sua esposa radiante olhares apreciativos.

O tamanho combinava com ela, ao passo que nunca combinara com Margaret. Um leve arrepio de culpa subiu por sua espinha quando se perguntou onde estariam Margaret e Ian, mas afastou o pensamento; eles não eram de sua responsabilidade, não mais. Ele inclinou a cabeça contra a perna de Alex e sua mão desceu para alisar seu longo cabelo de volta ao lugar.

— Ele estava lá, então?

Alex fez um som exasperado.

— Claro que ele não estava. Mas eu... eu acho que só quero que ele saiba que penso nele, que espero que ele esteja bem. Ele, John e Isaac. Meio bobo, dado que estou muito antes de eles terem nascido.

— Ela suspirou e olhou para onde Simon estava se exibindo com Joan corada de tanto rir enquanto ele a balançava de um lado para o outro.

— Às vezes me pergunto se eles me reconheceriam, acho que devo ter mudado muito.

Ele sorriu; sim, ela mudara, ele disse a ela, e em particular em seu estado atual.

— Não assim — disse ela. — Eu mudei como pessoa?

Ele inclinou a cabeça para olhar para ela.

— Você é uma boa esposa — brincou ele —, obediente e submissa, você cuida do seu marido e das necessidades dele. — Ele riu da carranca em seu rosto. — Eu nunca tenho que punir você...

— Tente, senhor, e eu vou ter suas bolas sob minhas unhas.

Ele não duvidava disso, ele assegurou, protegendo suas partes em falso horror.

— Não, Alex — ele disse seriamente. — Você não mudou; não onde importa. Você ainda é aquela garota mágica que caiu do céu e pousou aos meus pés, e não há um dia em que eu não agradeça ao bom Deus por isso. — Ele se pôs de joelhos na frente dela. — Você foi enviada para cá porque Ele sabia que eu precisava de você. E talvez Ele soubesse que você precisava de mim.

Ela embalou a cabeça dele tão bem quanto pôde, e deu um beijo no topo.

— Oh, Deus, eu preciso. Eu preciso de você o tempo todo.

— Insaciável — ele zombou suspirando, fazendo-a rir. Ele colocou a mão em sua barriga e sorriu para as batidas de resposta. — Vai ser logo.

Alex sorriu para ele.

— Eu aposto que o parto dela vai ser primeiro.

Matthew fez um pequeno barulho no fundo da garganta. Sua melhor égua e sua esposa, pescoço a pescoço... Ele sinceramente esperava que elas não entrassem em trabalho de parto ao mesmo tempo, pois entre Mare e Alex ele ficaria dividido, no primeiro caso sendo necessário, no segundo sendo esperado que ficasse por perto. Alex até o queria no quarto, mas ele e a Sra. Gordon ficaram tão escandalizados com isso, que ela concordou em não levantar a questão novamente, desde que ele promettesse que estaria sentado do lado de fora.

Matthew beijou seu filho através das camadas de tecido e pele que o cobriam e levantou-se.

— Dance comigo. — Ele estendeu as mãos para ela.

— Eu não posso dançar — disse ela, levantando-se para ficar ao lado dele. — Eu mal posso me mover.

— Eu vou ser gentil com você. — Ele a levou para o meio da pista de dança, onde ela se arrastou pelo local enquanto ele dançava e girava em torno dela. Perto do fim, ele apenas ficou de pé e segurou-a, uma ilha de silêncio no mar de pessoas que os rodeavam.



TRÊS SEMANAS DEPOIS, tanto o potro quanto o bebê anunciaram sua intenção de entrar no mundo, mais ou menos na mesma época. Alex enxotou Matthew apressadamente na direção dos estábulos e, nas primeiras horas, achou uma experiência bastante agradável. Mesmo quando a intensidade aumentava, ela estava mais fascinada do que com medo, consciente de cada respiração que dava, a cada passo que atravessava a sala. De jeito nenhum como ela se lembrava, mas ela

tinha sido drogada quando Isaac nasceu, aterrorizada com o pensamento de que ela logo estaria cara a cara com o filho do homem que... enfim.

Cinco horas depois, e não foi muito divertido.

— Quanto tempo mais? — Ela ofegou. Ela estava envolta em suor, as pernas tremendo com a tensão das últimas contrações.

— Não muito — a Sra. Gordon a acalmou —, não muito mesmo. — Ela ajudou Alex a sentar-se reta no banco do nascimento.

— Epidural — Alex murmurou sob sua respiração. — Ou uma cesariana planejada. — A Sra. Gordon deu-lhe um olhar estranho e Alex sorriu fracamente. — Devaneios.

E então ela foi varrida por uma, duas, três — Jesus, quantas foram? — contrações enormes. Ela estava sobrecarregada por uma necessidade urgente de ir ao banheiro, algo pendurado entre as pernas, ela pressionou com toda a força, e acabou.

A Sra. Gordon entregou-lhe o bebê; ensanguentado, coberto de gosma branca, cara de vermelho mosqueado e olhos apertados, e Alex nunca tinha visto nada tão adorável em sua vida.



QUANDO MATTHEW finalmente teve a entrada permitida, tudo o que pôde ver foi ela, encostando-se em travesseiros novos em uma roupa limpa e bordada, o cabelo escovado para enquadrar sua cabeça. Seu rosto estava curvado em silenciosa adoração para a criança que mamava em seus seios, e Matthew sentiu seus joelhos enfraquecerem tão abruptamente com a alegria que se precipitou através dele que teria caído, se a Sra. Gordon não o tivesse agarrado.

— Um filho, um filho bonzinho e saudável. E grande em todo lugar. Deve ter puxado o pai, não? — Ela riu e empurrou-o para a cama. — Vá em frente, Rosie vai lhe trazer algo para comer mais tarde.

— Você quer olhar para ele? — Alex parecia tímida.

Matthew não confiava em si mesmo para falar, então apenas assentiu. Alex soltou a criança do mamilo e desdobrou os cobertores ao redor dele.

— Ela está certa — disse Matthew, um dedo pairando sobre a genitália escura. — Ele é grande ali.

— Como o pai — Alex murmurou. — Acho que parece maior logo após o nascimento. Tem a ver com hormônios ou algo assim.

— Hormônios?

Alex acenou com a mão para ele.

— Eu explicarei outra hora. Agora meu cérebro é um mingau. — Ela embrulhou o menino, alisando o cobertor apertado ao redor do

corpinho.

— Aqui, venha. Sente-se ao meu lado e segure-o.

Matthew ficou mudo com o filho nos braços. Alex sorriu e esticou um dedo para acariciar suavemente sua cabeça.

— Ele é perfeito, não é?

Matthew esfregou o rosto com a mão livre e assentiu.

— Sim. — Ele respirou.

— Como vamos chamá-lo?

— Mark, Mark Magnus.

— Mark Magnus — ela sussurrou para o bebê —, bem-vindo ao mundo, jovem mestre Graham.



— DA PRÓXIMA VEZ eu quero que você esteja lá — disse ela contra o peito de Matthew. Mark dormia profundamente em seu berço, e o fogo na lareira era uma pilha de brasas brilhantes, jogando a sala inteira em uma fraca luz avermelhada que cintilava em seu cabelo.

— Mmhm — ele prevaricou.

— Eu preciso de você lá, e acho que haverá mais alguns.

Oh, sim, Matthew sorriu, aproximando-a ainda mais. Cinco, talvez até sete.

— Bem, a menos que desistamos de sexo completamente, mas isso não está nos planos, está? — ela disse.

Ele assegurou-lhe que definitivamente não, e então ele só teve que sair da cama para olhar seu filho recém-nascido novamente.

— Ele parece um sapo pequenino — disse ele, arrastando um dedo pela pequena espinha. Alex foi para o lado dele, as mãos dela segurando o braço dele.

— Um sapo muito peludo. — Um choque de cabelo escuro ficou como um halo em volta do pequeno crânio. — De seu pai — disse ela —, o cabelo e a semelhança com um sapo. Ah, e o enorme... você sabe. — Ela riu quando ele a beijou, riu quando ele a arrastou para levá-la de volta para a cama, gemendo teatralmente sob seu fardo. Mas quando ele colocou a cabeça entre os seios dela e agradeceu por seu filho, ela não riu. Ela chorou.



— PRONTO. — Alex sorriu para o bebê, alisou a blusa e entregou-o ao seu orgulhoso pai, que mais ou menos saía da cozinha, o filho preso ao peito.

— Torto — a Sra. Gordon murmurou por trás dela. — Marque

minhas palavras, o rapaz vai crescer todo torto com você deixando-o despenteado. — Ela estava dizendo isso durante o último mês ou mais, e como sempre Alex apenas deu de ombros antes de se sentar para terminar sua refeição interrompida.

— Está tudo bem agora? — ela perguntou, recebendo um olhar perplexo em resposta. — Para... você sabe.

— Está sentindo falta? — A Sra. Gordon riu alto e, em seguida, inclinou-se para acariciar sua mão. — Sim, são cinco semanas, não?

— Quase seis — Alex corrigiu, fazendo a Sra. Gordon sorrir. — Você... hum... é isso, bem, eu deveria, ou ele... — Alex tropeçou nas palavras.

— Você não acha que ele quer?

Alex sabia que ele queria, mas até agora ele não tentou tocá-la assim, e ela não tinha certeza se ele estava esperando por ela para dar o primeiro passo.

A Sra. Gordon deu-lhe um olhar divertido.

— Se você quiser, então você tem que deixá-lo saber, não?

Alex ficou surpresa com essa abordagem muito moderna, e ficou ainda mais surpresa quando a Sra. Gordon confidenciou que a maioria das mulheres, em sua experiência considerável, era tão calorosa quanto seus maridos, e que não havia nada de errado nisso.

Naquela noite, Alex carregou seu filho alimentado até o berço e o colocou lá, acariciando o pequeno preguiçoso. Ela se sentou na penteadeira primitiva e soltou o cabelo, demorando muito para escová-lo. No espelho, ela podia ver o marido. Nu, ele estava deitado de lado, olhos dourados à luz das velas. Ela permaneceu no banquinho e deixou os cachos caírem de um ombro, o tecido macio e sedoso deslizando pelo braço dela.

— Tire tudo.

Ela obedeceu, e quando os olhos dele encontraram os dela no espelho, havia um comando neles que fez seu interior se contrair. Ela caminhou até a cama e sentou-se. Lentamente ele traçou seus seios, sua barriga. Ele deitou a cabeça entre as pernas dela, esfregando as bochechas não barbeadas com força contra o interior de suas coxas. Ele a beijou lá, enviando ondas de choque e cócegas através de seu corpo, todo o caminho desde seus dedos curvados até suas bochechas quentes.

— Eu senti sua falta — disse ela, o que o fez rir.

— Eu tenho estado aqui o tempo todo. — Seus dedos estavam se movendo em círculos provocantes que a fizeram arfar, um som áspero e exigente.

— Mas não assim. — Ela arrastou uma unha até o pênis dele, sentiu-o estremecer em resposta, e quando seus dedos se fecharam em torno dele, ele inalou em voz alta.

— Não, não assim. Mas agora estou de volta.

Por um instante de lampejo, doeu, um esforço de membranas que se tornara desacostumado a isso. Ele notou, e se manteve imóvel, esperando até que ela levantou seus quadris em direção a ele antes que ele começasse a se mover. Fazia muito tempo e, como consequência, foi rápido demais. Alex riu e deu um tapinha nas nádegas nuas dele.

— Isso é tudo?

— Por agora. — Ele se levantou em seus braços e sorriu para ela.

— Mas se você me der um minuto ou dois, tenho certeza de que recuperarei o suficiente para fazer você gritar.

— Gritar? Eu não grito!

— Sim, você grita, mas eu não me importo. Eu acho isso bastante doce.

— Huh. — Alex fingiu estar ofendida. Ele riu, inclinou a cabeça para acariciar seu pescoço, o ponto sensível logo abaixo da orelha.

— Você quer que eu faça você gritar? — ele murmurou contra sua pele.

— Eu não grito.

Mas muito depois ela admitiu que sim, gritava. Às vezes.

Era maio e, depois de meses de trabalho árduo, Matthew decidira que ele e Alex haviam ganhado alguns dias de lassidão com Simon e Joan em Cumnock. Não que Alex estivesse tão impressionada, resmungando que Cumnock não era sua ideia de uma fuga de férias. Mas onde seu humor melhorava a cada dia que passava em Cumnock, Matthew se deteriorou. Alex suspirou, claramente irritada por sua dor. Ela disse a ele, não foi?

— É diferente ouvir você dizer do que ver isso acontecer. — Ele fez uma careta. — Eles estão todos caindo em seus pés na pressa de receber a majestade no retorno ao seu trono. — Ele colocou um braço em torno de sua esposa e puxou-a para perto o suficiente para que ele pudesse espiar seu filho, dormindo em seu xale.

— Isso não é verdade — ela disse —, a maioria das pessoas está aliviada, não mais. — Ele grunhiu, mas admitiu que ela estava certa. Cumnock não era um foco de fervor monarquista, e agora que Luke viajara para o sul, levando consigo a maioria de seus vociferantes companheiros, a pequena cidade mercantil voltara a ser o que sempre fora: sonolenta e mais preocupada com Kirk e negócios do que com o que se passava na longínqua Londres.

— Você acha que ele vai voltar? — Alex perguntou, aparentemente tendo percebido o seu pensamento.

— Luke? Não, acho que é muito improvável. Ele tem uma vida para construir para si mesmo na corte real. — Ele se espreguiçou, aliviado por seu irmão ter saído de sua vida, esperançosamente para sempre.

— Alguns dias, não mais — Simon disse uma noite depois do jantar.

— Sim — concordou Matthew morosamente. Qualquer dia, agora, o rei pousaria, retornando para assumir sua coroa a convite expresso do Parlamento.

— Você deve admitir que foi habilmente tratado. — Simon serviu a ambos um pouco de uísque.

— Sim — disse Matthew. — É o general Monck. Foi ele, sem dúvida, que fez Charles escrever a Declaração.

Doía muito a ele reconhecer que um homem que ele considerara devotado à causa da Commonwealth era o arquiteto de sua destruição,

desde que dissolvera o Parlamento Rump e convocara uma nova eleição no início do ano de nosso Senhor 1660, a esta pequena obra de arte final, a Declaração de Breda, na qual Charles Stuart prometeu ser indulgente com todos os antigos apoiantes do Parlamento.

— Talvez tenha sido melhor assim. Uma restauração pacífica é preferível, não é? — Simon disse.

— Você acha? Eu pessoalmente acho que não deveria haver rei, restaurado ou não — disse Matthew.

— A alternativa teria sido a guerra, e isso teria sido pior em todos os aspectos.

— Sim — concordou Matthew, mas sem verdadeiro entusiasmo.

— Isso realmente não vai mudar as coisas, vai? — Alex perguntou.

— Não aqui. O rei terá muito para ocupá-lo nas partes do sul de seu reino — disse Simon —, e por mais que seu avô fosse escocês, duvido que Charles Stuart tenha algum carinho especial por este nosso canto da terra. Severa, úmida e suja, ele achou, e muito cheia de Covenanters para o seu gosto.

— Sim, vai — discordou Matthew. — Tudo muda. Estamos de volta a um mundo onde a palavra de um homem conta para mais do que o resto, um mundo onde sangue e nascimento carregam mais peso do que habilidade e compromisso. — Ele sorriu torto. — Mas além disso, você está certo; nada vai mudar. — Ele ficou de pé e saiu da sala.



— SAUDADE DE CASA? — Alex brincou na manhã seguinte. Matthew grunhiu e voltou a inspecionar perímetros e arreios. Apenas depois que ele repetidamente testou as ancas do cesto permitiu que Alex colocasse Mark nele, resmungando para Gavin que ele o esfolaria se não garantisse que o menino viajasse com segurança por todo o caminho de volta para casa. Gavin deu-lhe um aceno de cabeça, parecendo um pouco descontente depois de ter sido arrancado de um sono muito necessário.

Eles estavam na encruzilhada com a estrada Lanark quando Alex pediu a Matthew para parar.

— Qual é o problema? — Matthew se segurou em Samson.

— Eu não tenho certeza, eu me sinto estranha. — Ela deixou o cavalo e foi sentar-se à sombra do enorme cruzamento de carvalho. — Talvez seja o calor.

Estava quente, fora de época, e ela puxou com irritação seu corpete de lã. Ela estava se sentindo nauseada, e sua cabeça estava marcada pela dor, fazendo redemoinhos vermelhos dançarem diante de seus olhos.

— Eu acho que preciso me sentar aqui um pouco — disse ela e desfez o chapéu, agitando-o para criar uma brisa refrescante. Matthew a estudou com alguma preocupação e foi falar com Gavin.

— Eu disse a ele para ir na frente — disse ele uma vez que ele voltou a se sentar ao lado dela.

— Mmm. — Tudo nela estava coçando, suor estava saindo nos lugares mais incomuns, e ela lambeu os lábios, surpresa ao encontrá-los tão secos. Ela inspirou. Havia um fedor estranho no ar, uma nota acre que lembrava as algas que apodreciam sob o sol escaldante.

— Você está muito pálida. — Matthew ajudou-a a sentar-se contra o tronco.

— Eu me sinto pálida e com sede.

Retirou um frasco de sidra de um dos alforjes e sentou-se em silêncio, compartilhando-o.

— Melhor?

— Um pouco — ela mentiu. Suas pálpebras pesavam uma tonelada. Um cochilo, um pequeno cochilo e depois ela se sentiria muito melhor. Ela mal registrou quando Matthew a colocou no chão, seu casaco enrolado em um travesseiro improvisado sob a cabeça.

Quando acordou alguns minutos depois, estava sozinha. Uma rápida varredura de seus arredores indicava que Matthew havia conduzido Samson para pastar ao longo da orla e, se ela apertasse os olhos, poderia distinguir a forma geral de seu marido, a alguns metros de distância entre os arbustos. Ela precisava fazer xixi, e com um esforço se ergueu, parecendo um balanço antes de recuperar o equilíbrio.

Deus, estava quente! O céu anteriormente claro era agora um cinza arroxeadado ameaçador, as nuvens pesadas iluminadas por dentro por relâmpagos distantes. A encruzilhada; algo estava acontecendo, faixas brilhantes de verdes e azuis sobrepondo o cenário atrás. Ela franziu a testa, dominada por uma sensação perturbadora de reconhecimento.

Os fios de azul e verde dançavam ao redor de seus pés, uma rachadura se abriu na estrada, derramando luz branca brilhante. Os sinos de alarme soaram em sua cabeça, enormes alertas vermelhos gritaram para ela correr, fugir, mas seu olhar estava preso naquele funil de luz, e ela deu um passo cambaleante em direção a ele.

Ela olhou para a queda sem fundo, e havia carros, motos e uma cabine telefônica vermelha brilhante, e em seus ouvidos o ruído latejava; buzinas, freios estridentes e trechos de música de vários canais de rádio. Casa. Ela piscou para os rostos familiares que nadavam à sua frente; John, Magnus em seu jardim, Isaac. Mais um passo e ela estaria lá, com eles, e uma onda quente de saudade passou por ela. Casa — a palavra borbulhou em seu sangue.

Um sussurro encheu sua cabeça, um suave sopro sedutor dizendo

que era hora de deixar tudo aquilo para trás e voltar para onde ela pertencia. Sim, claro. Vá para casa, vá para casa. Abaixo dela, a estrada começava a se agitar, e havia uma sensação de repuxo em torno de seus pés, suas panturrilhas, uma força insistente a empurrando para aquele abismo que se abria.

Seu pé bateu em uma pedra e o clarão de dor rasgou as promessas sussurradas de casa, uma vida em conforto moderno. Casa? Não! Essa não era sua casa, não mais!

Ela gritou. Matthew, ela gritou, mas não havia sons, sua língua era um pedaço não-cooperativo de couro inchado em uma boca tão seca que parecia que ela estava comendo areia. Seu coração trovejou, e ela tentou recuar, mas estava presa àquele pântano de cores, toda a estrada girava em torno dela, atraindo-a para a luz pulsante no centro da encruzilhada.

— Não! — Com um esforço sobre-humano, ela se soltou, aterrissando na sua frente. Ela agarrou as mãos na terra da estrada, ancorando-se desesperadamente no aqui e agora. Ela foi arrastada para trás, as pontas dos dedos e unhas rasgadas em pedaços sobre o cascalho e o cascalho do leito da estrada, e as pernas... Jesus! Estavam sendo tiradas dela.

— Matthew — ela sussurrou. Ele deve tê-la ouvido, porque lá veio ele, voando em direção a ela com as calças ainda desfeitas. Suas mãos se fecharam em torno de seus braços e ele puxou. Doeu tanto que Alex não podia chorar, ela não conseguia nem respirar. Oh, Deus; ela ia morrer, esticada até que se partisse como um elástico entre esse momento e aquele.



MATTHEW SE JOGOU PARA TRÁS, Alex um peso morto inconsciente em seus braços. Era como tentar puxar uma truta do tamanho de um cavalo, com Alex sendo o infeliz anão preso entre eles. Ele inalou. Um campo abrasador parecia entupir seus pulmões, e ele engasgou com o fedor de enxofre que permeava o ar. Ele escorregou, aterrissou de costas, e agora ambos estavam se aproximando daquele buraco de luz ofuscante. Um salto golpeou a pedra, o outro encontrou firmeza contra um monte de grama, e Matthew rugiu com esforço.

Polegada por polegada, ele os arrastou para longe do precipício. Seus ombros estavam em chamas, ele não podia mais sentir seus braços, suas mãos. Ele rangeu os dentes, rezou, chamando por Deus para ajudá-lo. Não houve resposta, e Matthew lutou sozinho, recusando-se a entregar sua esposa à boca faminta que se agarrava a seus pés.

Ar assobiava dentro e fora de seu nariz, o suor escorria de suas

sobrancelhas, suas coxas estavam começando a ceder, e ele ainda segurava. Um fraco arrANHAR e seus pés não estavam mais pendurados no vazio. Um suspiro, e havia um quintal entre os dedos dos pés e a queda.

— Você não vai tê-la — disse ele com os dentes cerrados. — Nunca vou deixá-la ir.

Como se em resposta, um vento repentino surgiu. A chuva enchia o ar e o dia anteriormente tão quente esfriava. O abismo se fechou com um som distinto e agudo. Depois de alguns roncoss sem entusiasmo, a cobertura de nuvens se afastou, deixando em seu rastro ar fresco.

Ele não se atreveu a soltá-la, ainda não, não ali, tão perto de onde recentemente tudo tinha sido cores agitadas e luz brilhante. Ele puxou os dois para a sombra do carvalho, e uma vez lá, ele soltou as mãos de seus braços. Alex descansou como uma boneca de pano velha e houve um momento eterno quando ele pensou que ela estava morta, mas então ela gemeu.



— ALEX?

Ela virou o rosto para o som da voz dele. Ela era uma enorme contusão e quando se esforçou para se sentar, sua boca se encheu com o gosto de sangue.

— Alex, você está bem?

Ela passou os braços com força ao redor do pescoço dele, feliz por sentir os braços dele ao redor dela, ouvir o batimento de seu coração sob o ouvido dela. Ele acariciou a cabeça dela e ela caiu contra ele.

— Foi embora?

— Sim — ele sussurrou em seu cabelo. — Sim, Alex, acabou.

Ela tossiu algumas vezes, lambeu os lábios sujos e se sentou.

— Você viu alguma coisa?

Ele assentiu com os olhos enormes no rosto pálido.

— Carros, sim? Assim como você os descreveu. E havia muito barulho... — Ele a abraçou com força, sem perceber quando ela estremeceu, e enterrou o rosto no cabelo dela. — Eu pensei que ia perder você.

— Eu também — ela disse e começou a chorar.

— Você pode ficar de pé? — ele perguntou depois de um tempo. Ela tentou, mas suas pernas... ela levantou as saias e ofegou; hematomas cobriam suas panturrilhas, suas coxas e um de seus joelhos inchava como se estivesse torcido. Seus dedos pareciam ter sido enfiados em um triturador, e onde Matthew a agarrou havia duas impressões perfeitas de suas mãos.

Ele gemeu ao vê-la, passou as mãos levemente sobre seus membros

lacerados em uma tentativa fútil de acalmar e curar. Ela deu-lhe um sorriso fraco, assegurou-lhe que não era tão ruim. Além disso, ele também parecia bastante desgastado, com as pernas e os braços quase tão machucados quanto os dela. Ele se olhou surpreso, estudou suas roupas sujas, seu rosto sujo e olhou para onde Samson ainda estava pastando.

— Nós caímos do cavalo — disse ele —, a cilha cedeu, suas saias ficaram presas no estribo e nos arrastaram.

Isso soava bastante plausível, Alex decidiu, dando um passo cuidadoso em direção ao cavalo.

— Era como as pinturas — Alex disse uma vez que eles estavam de volta em Samson. — Você sabe, como a que nós destruímos.

— Um portal, foi como Olivares chamou.

Alex recostou-se contra ele.

— Uma enorme quantidade de portais, em seu estúdio, havia centenas dessas pinturas verdes e azuis.

Em que diabos Mercedes estava pensando, para desarrumar nossa casa com portas em potencial através do tempo?

— Talvez nem todos eles funcionassem.

— Ou talvez ela estivesse apenas pintando para lembrar. Você sabe; como foi cair no tempo. — Arrepios percorreram sua perna, suas costas, e ela cerrou os punhos com força, concentrando-se na dor que fluía de seus dedos rasgados. — Encruzilhada — ela disse, olhando para a perfeita bifurcação —, de alguma forma, tem a ver com encruzilhadas.

— Sim; encruzilhadas exatas como essa e a da primavera em que nos conhecemos.

Ela assentiu. No futuro, ela iria ficar bem longe delas.

— Bom — disse ele, apertando o braço em volta da cintura dela.



A SRA. Gordon escutou em silêncio a descrição de Matthew do acidente, deu uma pequena volta para espiar a cintura, ergueu as duas sobrelhas, esperou, esperou mais um pouco e depois, com um pequeno suspiro, desistiu.

— Só para você saber, eu não acredito em uma palavra — ela disse enquanto colocava as mãos de Alex para mergulhar em uma bacia de água perfumada.

— Eu não esperava que você acreditasse. — Alex deu-lhe um sorriso fraco.

— Hmph! — a Sra. Gordon disse, mas o estado geral de Alex, seu aparente esgotamento e suas pobres e laceradas mãos a fizeram se abster de mais questionamentos. Em vez disso, produzia ligaduras e

pinças de linho e, durante a hora seguinte, extraiu grãos de areia das mãos e axilas de Alex. Doeu muito, e Alex continuou enchendo sua xícara de estanho com uísque.

Assim que terminou, a Sra. Gordon recostou-se.

— Nas pernas há principalmente contusões, e o joelho vai se curar em seu próprio tempo. Mas com as mãos você deve tomar cuidado, sim?

Alex arrotou, deu uma risadinha e acenou com as mãos enfaixadas na direção de Matthew.

— O Retorno da Múmia — disse ela e riu novamente.

— Ela está bêbada — a Sra. Gordon suspirou. — Leve-a para a cama e certifique-se de que ela ficará lá.



— DEVE TER SIDO terrível para os que você deixou para trás — disse Matthew muito mais tarde. — Nunca saber. Se você tivesse sido engolida pela estrada e eu não estivesse lá, como eu poderia saber? — Ele balançou a cabeça. — Se você estivesse morta... bem, então eu teria um lugar para ir quando precisasse de você por perto, assim como faço com a mãe, mas desaparecer inexplicavelmente... — Ele deu a ela um olhar angustiado. — Você acha que eles sabem? — ele disse, levantando um Mark em coma de seu aperto desajeitado.

Alex recostou-se no estrado da cama, esperou até ele voltar a se sentar ao lado dela.

— Não, claro que não; não é exatamente a primeira opção que vem à mente, é? — Ela apoiou a cabeça no ombro sólido dele e inalou seu calor, a maneira como ele cheirava a suor salgado, de terra, sempre de terra e água, de sol, e de vegetação. Ele acariciou sua nuca, segurando-a contra seu peito.

— Nosso Senhor te deu para mim, Alex, e eu não vou deixar que te leve de volta.

Ela riu e mordeu-o através de sua camisa, movendo-se para tirar alguma pressão de seu joelho latejante.

— É bom saber. — Ela levantou o rosto para ele. — Se... — Ela limpou a garganta e tentou novamente. — Se algo assim acontecer, você sabe, certo? Você sabe que lutei o mais forte que pude, que não queria, porque nunca quero deixar você, Matthew Graham. Não até o dia em que eu morrer de verdade. — Ela viu um brilho nos olhos dele e se acomodou contra ele. — E isso, meu senhor, vai ser por anos e anos a partir de agora. Então é melhor você se acostumar comigo por aqui

Ele soltou um riso instável no cabelo dela e assentiu.

MATTHEW ACORDOU no meio da noite e, em seu peito, seu coração batia contra suas costelas. Tão perto! Ele se sentou na cama para verificar se ela estava deitada ao lado dele, que ela era real. Sua trança se soltou, liberando todos aqueles cachos de vários tons para fluir sobre os travesseiros. Ele tocou o cabelo dela, traçou as sobrancelhas, a boca, e ela se contorceu, mas não acordou.

Ele beijou sua bochecha e aspirou seu perfume, enchendo seus pulmões com sua essência. Ele se colou a ela, seu longo corpo se moldando como uma casca externa ao redor dela, e ainda assim ela não estava perto o suficiente. Sua mão deslizou para envolver seu seio, ele pressionou seus lábios contra o ponto em seu pescoço, onde seu pulso bateu de forma tão reconfortante, e lentamente a câibra em torno de seu coração diminuiu.

Alex se aproximou ainda mais dele.

— Matthew? — ela murmurou, e ele não tinha certeza se ela estava acordada ou sonhando. — Matthew?

— Estou aqui, estou sempre aqui, meu coração.

Com um pequeno suspiro, Alex relaxou de volta ao sono profundo. Ela ainda estava ali, com ele. Nada mais importava, absolutamente nada.

Nota Histórica

Eu sempre achei o período de quase dez anos quando a Inglaterra, Escócia e Irlanda foram governadas por Cromwell fascinante. Inicialmente, esse fascínio surgiu da ideia de Cabeças Redondas e Cavaliers se enfrentando em batalhas honrosas, mas sangrentas, mas ao longo dos anos são as ideias subjacentes, o conceito de homens livres se governando sob o olho de Argus de um Deus severo que permanentemente captou meu interesse.

Embora eu acredite que Cromwell tenha agido com a melhor das intenções, acho que é importante notar que ele alienou muitos de seus seguidores mais fiéis e sensatos quando fez com que Charles I fosse executado. Como consequência desse ato e da Guerra Civil, muitos dos homens mais capazes da Inglaterra fugiram para o exterior, deixando o país nas mãos de um governo temente a Deus e bastante brutal. Não ajudou quando Cromwell decidiu ficar sem o Parlamento, coletando todo o poder para si mesmo.

A Guerra Civil na Inglaterra não teria sido ganha sem o exército escocês. Liderados por homens endurecidos pela batalha, que aprenderam a arte da guerra moderna de Gustavus Adolphus, essa força bem disciplinada causou estragos nos arrojadados exércitos monarquistas, mas por um preço. O exército escocês lutou pela Aliança, pelo direito de manter Kirk, um kirk que não reconhecia nenhum poder soberano, além do de Deus. Também acreditava na Escócia como um estado separado, e quando Charles I foi decapitado, enviando ondas de choque através da aristocracia escocesa, os lordes escoceses decidiram coroar Charles II como seu rei, rompendo assim a aliança com Cromwell. No início da década de 1650, Cromwell teve que se esforçar e esmagar esses novatos escoceses, agora com seu próprio exército remodelado em seus calcanhares.

Todos os acima mencionados formaram Matthew Graham. Criado um Covenanter por seu pai devoto, tendo passado anos lutando pelo exército da Commonwealth, ele era um homem de fortes crenças, um membro orgulhoso do Kirk escocês e um homem com pouco respeito por reis e tal. Portanto, não é de se admirar que Matthew tenha sentido que o General Monck traiu a Commonwealth ao projetar a

restauração de Charles Stuart. No entanto, deve ser lembrado que Monck fez ao seu país e ao seu povo um grande favor na negociação de uma (mais ou menos) Restauração sem derramamento de sangue.

Para as pessoas na Escócia Lowland, a Restauração era um problema em potencial. Foram os Covenanters que capturaram Charles I tantos anos atrás e o entregaram a Cromwell, foram as crenças de Covenanter que influenciaram a política da Commonwealth, e houve agitação geral na área, em particular, como já sabido, Charles II não tinha a menor consideração pelo escocês Kirk. A disputa religiosa que foi desencadeada como consequência da Restauração é o tema do terceiro livro da série, *O Filho Pródigo*.

Alguns de vocês podem ter levantado uma sobrancelha, surpresos com o fato de que Matthew era divorciado, mas na Escócia o divórcio por motivo de adultério fora permitido desde o ano da reforma, 1560.

Tomei liberdades com duas coisas: duvido seriamente que um salgueiro crescesse até o tamanho e a altura descritos na charneca e, até onde sei, as vitrines das lojas não foram inventadas no século XVII. Mas, ei, isso é uma obra de ficção, afinal, as pessoas não viajam trezentos anos de volta no tempo. Ou viajam?